

UFRJ



Universidade Federal
do Rio de Janeiro

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE - UFRJ

TESE DE DOUTORADO

TEMA:

**ÉTICA E SHAKESPEARE: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM
PARA O ENSINO MÉDIO**

LUZIA CUNHA CRUZ

Rio de Janeiro
Setembro de 2018

LUZIA CUNHA CRUZ

Ética e Shakespeare: Uma Proposta de Aprendizagem para o Ensino Médio

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como um dos pré-requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Rio de Janeiro
Setembro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

CUNHA CRUZ, LUZIA
C957? ÉTICA E SHAKESPEARE: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM
PARA O ENSINO MÉDIO / LUZIA CUNHA CRUZ. -- Rio de
Janeiro, 2018.
265 f.

Orientadora: MARIA JUDITH SUCUPIRA DA COSTA LINS.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós
Graduação em Educação, 2018.

1. Ética e as obras Shakespearianas no Ensino
Médio. 2. Dignidade da Pessoa do Aluno. 3. Valor do
Aluno na Educação. 4. Virtudes Aristotélicas e
Tragédias de Shakespeare. I. SUCUPIRA DA COSTA
LINS, MARIA JUDITH, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Tese intitulada "Ética e Shakespeare: Uma Proposta de Aprendizagem para o Ensino Médio"

Doutorando(a): Luzia Cunha Cruz

Orientador(a) : Profa. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins (UFRJ)

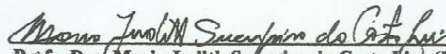
E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

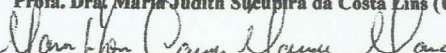
DOUTOR EM EDUCAÇÃO

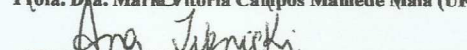
Rio de Janeiro, 05 de setembro de 2018.

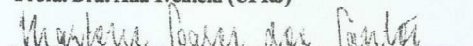
Banca Examinadora:

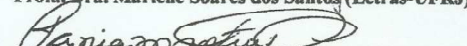
Presidente:


Profa. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins (UFRJ)


Profa. Dra. Maria Vitoria Campos Mamede Maia (UFRJ)


Profa. Dra. Ana Ivenicki (UFRJ)


Profa. Dra. Marlene Soares dos Santos (Letras-UFRJ)


Profa. Dra. Tânia Martins Santos (Letras-UFRJ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à pessoa preciosa de cada educando que me motivou e inspirou a escrever a presente tese.

AGRADECIMENTOS

Começo meu agradecimento expressando minha total gratidão a Deus: Alfa e Omega de toda a minha vida. N'Ele encontrei a força necessária para sempre caminhar, ainda que em momentos turbulentos. No começo Ele me despertou, no meio me sustentou e no fim me ofertou o ímpeto necessário para eu não desistir. Diante de tantas leituras feitas ao longo desta tese, confirmei aquilo que eu já acreditava: a espiritualidade é algo que não pode ser tirado da existência humana. Ter fé é confiar naquilo que é aparentemente impossível! Nesta perspectiva, mergulhada no mistério da fé, agradeço a intercessão de Jesus e Maria na concretização desse trabalho acadêmico.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins, a dedicação constante em cada encontro semanal de orientação, bem como os atendimentos extras por telefone. O meu débito lhe será eterno! Sem o seu auxílio não seria capaz de desenvolver essa tese na qual tive a oportunidade de conhecer filósofos imprescindíveis quando se trata do ensino da educação voltada para a formação ética. A *constância* e a *responsabilidade* foram as virtudes que mais me marcaram nos momentos de sua orientação. Estar ao seu lado é crescer um pouco mais a cada dia como pessoa humana. Sua incansável disponibilidade e alegria em orientar foram essenciais para que eu continuasse firme nos trilhos educacionais. Ao se pensar em educação com foco na pessoa voltada a uma formação ética, seu nome não pode ser esquecido. SUCUPIRA LINS é um exemplo de educadora comprometida com a formação integral de cada aluno. Obrigada pelas riquezas compartilhadas comigo para o meu crescimento pessoal e profissional!

Agradeço imensamente a cada membro de minha família, que, direta ou indiretamente, ajudou na concretização desse trabalho. Agradeço, em especial, a minha mãezinha, Juracy Cunha Cruz, que com sua preocupação de mãe sempre me lembrava do momento de parar para me alimentar quando ficava absorvida nas leituras acadêmicas. A ela também devo o exemplo de organização e de buscar fazer tudo com o máximo de perfeição. Agradeço ao meu paizinho, Leopoldo Cruz (*in memoriam*), que me ensinou o valor do comprometimento com aquilo que se faz e o respeito ao outro. Agradeço ao meu querido irmão Paulo Roberto Cruz (*in memoriam*) que me ofereceu a oportunidade de aprender a língua inglesa e sempre acreditar em minha capacidade intelectual. Agradeço a minha querida tia Herondina do Nascimento e Silva, exemplo da Virtude da Perseverança e Amor, que aos 94 anos afirma amar cada minuto de vida que DEUS a oferece, a vivendo com intensa alegria. Agradeço a minha irmã Maria de Fátima Cruz que com o seu questionamento acerca da natureza, objetivo e finalidade daquilo que eu escrevia, me trouxe possibilidades para novas reflexões. Também sinto-me grata, inclusive, pela alimentação feita com pouco sal para mim que ela detestava, mas assim fazia por amor, enquanto eu jazia submergida em minhas reflexões acadêmicas. Agradeço ao meu irmão Pedro Cunha Cruz o incessante e extraordinário incentivo intelectual e a preocupação constante com o meu horário de repouso noturno.

Agradeço a todos os amigos e parentes que compreenderam, ainda que com dificuldade, a minha ausência necessária para a conclusão desse trabalho acadêmico.

Minha mais terna saudade e gratidão a Teresinha Maria da Imaculada Conceição O.C.D. (*in memoriam*) pelo seu profundo zelo maternal e inestimável exemplo de virtude.

Meus mais profundos e sinceros agradecimentos a Jacinta Turolo Garcia A.S.C.J., primeira doutora na filosofia de Edith Stein no Brasil e fiel promotora de sua obra, pela amizade dedicada e singular exemplo filosófico e educacional voltado para o valor da pessoa humana.

Agradeço à amiga irmã Sandra Tavares no auxílio da pesquisa bibliográfica para a escrita da tese, além de suas orações e constante preocupação com o meu desgaste físico e mental. Agradeço ao amigo Paulo César Velloso, cuja presença foi muito valiosa diante dos desafios pelos quais passei durante todo esse período de intensa elaboração intelectual. Agradeço à amiga Verônica de Oliveira o incentivo constante e a alegria espontânea ao tomar ciência de minha classificação para o referido curso.

Agradeço a essa universidade e todo o seu corpo docente, além da direção e administração que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse os meus objetivos. Agradeço à CAPES, cujo apoio institucional foi indispensável para a concretização deste Doutorado, por meio da bolsa de estudo. Agradeço a Solange Rosa de Araújo, secretária geral do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, a disponibilidade e o carinho constantes em atender as minhas solicitações sempre com muita paciência e alegria. O que parecia tão difícil para mim, era-lhe resolvido de forma fácil e dedicada em poucos minutos. Agradeço também a todos os funcionários da secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação pelo atendimento contínuo ao longo dos anos de estudo. Agradeço a todos os funcionários da limpeza geral da UFRJ pelo carinho, respeito para com a minha pessoa e dedicação com que desempenham as suas funções. Em especial agradeço a Silvânia, senhora Hortência e Henrique.

Agradeço a todos os docentes do Curso de Doutorado da UFRJ dos quais tive a honra de ser discente. Com cada um aprendi algo novo. Minha profunda gratidão às professoras Maria Judith Sucupira da Costa Lins, Ana Ivenick, Maria Vitória Mamede Maia e Mônica dos Santos. Cada conhecimento foi apreendido com muito respeito a todas vocês! Agradeço a todos os membros desta banca por terem aceitado o convite para avaliar esta pesquisa de tese e contribuir com profícuas considerações. Às professoras Ana Ivenick e Maria Vitória Mamede agradeço as valiosas contribuições nas etapas anteriores até chegar a etapa da banca final. Ainda as agradeço pela imensa compreensão e carinho nos momentos difíceis que enfrentei no término dessa tese. À professora Marlene Soares dos Santos agradeço todo o meu encanto por Shakespeare e suas valiosíssimas considerações ao longo da minha caminhada acadêmica. Sua profunda e intensa paixão shakespeariana, fruto de toda uma vida, fez de mim sua perene e constante discípula e admiradora. Expresso ainda minha profunda gratidão pelo seu zelo nas correções feitas de toda escrita shakespeariana. À professora Tânia Martins Santos agradeço a alegria contagiante com que aceitou o convite para participar de minha banca de doutorado. Às professoras Lucia Regina Goulart Vilarinho e Celeste Azulay Kelman agradeço por terem aceitado participar como suplentes da banca dessa tese.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa sobre Ética na Educação (GPEE) pelas valiosas contribuições ao longo do curso. Em especial destaco a incansável ajuda da minha amiga Bruna Rodrigues Cardoso, sempre pronta a me socorrer com muita alegria e zelo. A Glaucya Lino agradeço a paciência de ter me ensinado a fazer uma tabela no computador e as dicas valiosas para a sua formatação. Agradeço a Marta Teixeira do Amaral Montes, pelas longas orientações

por telefone, mostrando-me o passos a passo para colocar o Projeto de Pesquisa na Plataforma Brasil. Agradeço a Carla Cristina Silveira de Souza e a Talita Adão Perini de Oliveira a ajuda fundamental na apresentação do Projeto de Pesquisa para o Comitê de Ética. A Monique Maiques agradeço a disponibilidade em atender meus telefonemas a todo momento com muita paciência. Agradeço aos demais colegas da UFRJ cujos nomes não se fazem aqui elencados, mas que de algum modo me ajudaram nessa caminhada acadêmica.

Agradeço ao Colégio Estadual Professora Luiza Marinho, na pessoa da Diretora adjunta Hermínia Lúcia Ladeira Lopes Giranda, ao aceite, autorização e incentivo do meu projeto de pesquisa neste local. Agradeço igualmente a nova direção: Ronald Martins, Claudia Fragoso e Ana Paula do Espírito Santo por permitir-me dar continuidade e concluir a minha investigação acadêmica. Agradeço a minha ex-diretora Maria Claudia Chantre Costa Cardoso por acreditar no “Projeto Shakespeare” quando ele era ainda só e “unicamente” um sonho...

Agradeço a minha amiga Tânia Martins a revisão cuidadosa da presente tese, bem como o seu carinho e zelo profissional. Se erros aparecerem ao longo da tese, coloco-os sob a minha responsabilidade.

Agradeço ao meu querido amigo Telmo de Aragão Vargas pelo carinho e pela imensurável paciência para me ensinar o óbvio, que para mim era o impossível, da computação.

Agradeço ainda a todas as pessoas cujos nomes não aparecem aqui nessa lista de agradecimento, mas de alguma maneira, quer pelo sim ou pelo não dado a mim, me ensinaram que a vida é um mar aberto para o nosso enriquecimento diário, quando se busca viver seguindo os ditames das virtudes.

Agradeço à querida professora Márcia Maria Veiga de Abreu pelo carinho e profunda dedicação com que fez o resumo, em francês, de minha tese.

Agradeço a atenção e a disponibilidade de Everton Martins Ramos Batista, que com seu exemplo de pessoa que se preocupa com pessoas, me auxiliou, por meio de seus profícuos diálogos, na conclusão de algumas ideias sobre a pessoa de cada um de meus alunos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a cada um de meus alunos e ex-alunos, pessoas preciosas sem as quais esta tese não teria sido escrita, em particular ao brilhante e dedicado ex-aluno Gabriel Silveira, que a enriqueceu com suas valiosas e inestimáveis observações.

“Estudamos o problema ardente de nossos dias, o problema social? Queima ele também em nós? Ou esperamos que outros encontrem uma solução qualquer, ou que o caos venha a cair sobre a nossa cabeça? Se fossemos realmente dignas do título de universitárias, seria esse o nosso comportamento? Não devemos procurar dar a nossa ajuda na prática e na teoria? Na teoria, estudando, acima de tudo, as causas, os ambientes sociais, buscando encontrar soluções. Na prática, com a caridade, isto é, com gestos concretos de bondade, realizados por um amor superior. As estradas são múltiplas, como múltiplas são as necessidades. Não devemos nos fechar em nós mesmas, mas buscar o contato com a massa, como fermento, com suas necessidades físicas e espirituais (...)”

(Edith Stein)

RESUMO

O Ensino/aprendizagem de Ética é condição necessária para o respeito ao aluno, pela pessoa que, de fato, é. A questão central da tese é a colaboração do professor na construção da vivência ética de jovens do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro. O problema está na possibilidade do Ensino/Aprendizagem de Ética a esses alunos por meio da leitura de obras shakespearianas. Essa é uma questão diante dos desafios de ensinar alunos da rede pública de Ensino. Partimos da proposição de ser possível o Ensino/Aprendizagem de Ética para adolescentes da Rede Pública de Ensino, valendo-se das obras de William Shakespeare (1564-1616). Encontramos em Mounier (1974,1963, 1958), Stein (1989) e Hildebrand (2017,2009,1953) o suporte para pensar o outro como pessoa. A motivação desse estudo voltado à pessoa partiu da indagação dos alunos em uma aula de inglês ao questionarem a professora regente: “Professora, a senhora pensa que está ensinando para quem? Nós somos alunos de colégio público e a gente mal entende a nossa língua e a senhora acredita que a gente vai aprender algo tão elevado como este tal de Shakespeare? Isso só funciona no colégio dos ricos.” As duas obras filosóficas capitais usadas ao longo da tese para dar suporte ao Ensino/Aprendizagem de Ética foram: *Ética a Nicômacos* (ARISTÓTELES, Sec,IV A.C,2001) e *Política* (1997). Ampliando o suporte filosófico, foi utilizada a obra:*Depois da Virtude*,(MACINTYRE,2001) e completando ainda este suporte usamos a contribuição de Sucupira Lins (2016). A preocupação de ambos os autores é a apresentação das virtudes como sustento para a educação ética/moral. Tomando como referência fundamental Aristóteles,o filósofo contemporâneo MacIntyre (2001) elaborou uma obra, na qual é apresentada sua inquietação com a questão da virtude. Por seu turno, Sucupira Lins oferece uma perspectiva educacional da ética.A análise pedagógico/educacional usou principalmente as obras de Ausubel(1980), Bruner (1978) e Piaget (1973).Dessa forma,buscou-se fundamentar o processo de ensino/aprendizagem como proposta nessa tese. A metodologia da pesquisa teve como base o Método de Pesquisa Ação com Maior Comprometimento (SUCUPIRA LINS, 2015),no qual o pesquisador/educador assume um compromisso com o pesquisando/educando de forma integral.Nesta perspectiva, a intervenção do pesquisador é fundamental, pois sem essa não se pode falar em Educação. Ainda visando fundamentar a pesquisa, utilizamos os escritos de Sucupira Lins (2016, 2014 a 2014b,2013 a e 2013 b, 2008, 2007b), Arendt (2011 a, 2011b e 1989) e Habermas (2002, 1987). As virtudes mais trabalhadas foram: Amizade, Coragem, Honestidade e Justiça. A aprendizagem do aluno no que tange à prática da ética/moral ocorreu a partir de dois textos de Shakespeare: *Hamlet* e *Otelo*. Oito oficinas foram trabalhadas em sala de aula. Observou-se a compreensão e a vivência das Virtudes entre os adolescentes. Os dados coletados nas oficinas, bem como de dois questionários (inicial e final), foram analisados segundo Bardin (2011). Os resultados da pesquisa mostram que: a) é possível o ensino/aprendizagem de Ética por meio das peças shakespearianas; b) a intervenção do educador é condição necessária para o bom resultado no ensino/aprendizagem das Virtudes; c) as Virtudes deixaram de ser “bagulho”, segundo as falas dos alunos em sala de aula, quando assumiram significado na vida de cada um deles; d) a mudança de comportamento dos jovens da pesquisa foi percebida entre eles; e) os alunos reconheceram as Virtudes como algo a ser seguido; e, f) o ganho final foi a descoberta dos adolescentes que assumir comportamento ético diante do outro é encontrar a chave para viver em sociedade sem exclusões, na qual o outro é respeitado por ser uma pessoa de valor. A tese oferece, a partir da originalidade da pesquisa, uma proposta para professores.

Palavras chave: Pessoa; Ética; Virtude; Shakespeare; Ensino Médio; Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

Learning/Teaching Ethics is a necessary condition to respect the student taking into account the person s/he is in fact. The core point of this thesis is the educator's collaboration with the construction of teenagers' Ethical behavior. They attend a public school in Rio de Janeiro city. The problem is the possibility of Learning/Teaching Ethics through Shakespeare's plays. This resides in a question that challenges in Public High Schools. We began with the hypothesis that Ethics education is possible for Public High School students through the plays of William Shakespeare (1564-1616). Mounier (1974, 1963, 1958), Stein (1989) and von Hildebrand (2017, 2009, 1953) are the theoretical foundation to consider the Other as a person. The motivation for the present study was risen by a student's question in an English class: Madam, who do you think you are teaching? We are public school students, we can barely speak our own language well and you think we will learn such a difficult subject as this Shakespeare? It may work in rich schools." The main philosophical works selected for this research were: Aristotle's *Nicomachean Ethics* (2001) and *Politics* (1997). Besides these, we have also chosen *After Virtue* (MACINTYRE, 2001). The contribution of Sucupira Lins (2016) was also important here. Both authors are concerned with morals as supports for ethical/moral education. Based on Aristotle, the contemporary philosopher MacIntyre (2001) has built an original work on the virtues and Sucupira Lins offers an educational perspective on Ethics. The pedagogical/educational analysis was based mainly on Ausubel (1980), Bruner (1978) and Piaget (1973). The methodological approach was based on *Action Research Method with Greater Commitment*, which is known as the Sucupira-Lins Method (SUCUPIRA LINS, 2015). This method requires that the researcher should be totally committed to the students. In this perspective the intervention of the researcher is necessary without which one cannot speak of Education. Works by Sucupira Lins (2016, 2014 a, 2014 b, 2013 a, 2013 b, 2008, 2007 b), Arendt (2011a, 2011 b , 1989) and Habermas' (2002, 1987) were also important. Friendship, Courage, Honesty and Justice were the selected virtues for this research. Students' learning regarding the practice of ethics/morals was possible through the use of two texts by Shakespeare: *Hamlet* and *Othello*. There were eight workshops in the classroom. The understanding and experience of the virtues were observed among the students. Based on the collected data from the workshops and two questionnaires (at the beginning and at the end of the research), we have proceeded according to Bardin's (2011) analysis of contents. Results have indicated that a) it is possible to teach/learn ethics through Shakespeare's plays, b) the teacher's intervention is a necessary condition for good results in teaching/learning virtues, c) virtues were no longer considered 'garbage' according to the students when they became conscious of their meaning in the life of each one of them, d) the change in the students' behavior was visible; e) the students recognized that virtues are worth to be followed and f) the last but not least learning adolescents discovered that ethical behavior shows they know how to live in society without exclusions in which the Other is respected for being a valuable person. This dissertation offers, due to the originality of its research, a proposal for teachers.

Key Words: Person; Ethics; Virtues, Shakespeare; High School; Teaching / Learning

RÉSUMÉ

L'enseignement/apprentissage de l'Éthique est condition nécessaire pour le respect à l'élève, pour la personne qu'il est en réalité. La question centrale de la thèse est la collaboration du professeur dans la construction pratique de l'éthique des jeunes de l'Enseignement Moyen du Réseau Public de Rio de Janeiro. Le problème consiste dans la possibilité de l'Enseignement/Apprentissage de l'Éthique aux élèves, à travers la lecture des oeuvres de Shakespeare. C'est une question devant les défis d'enseigner dans le réseau public. Nous partons du propos d' être possible l'Enseignement/Apprentissage de l'Éthique pour les adolescents du Réseau Public, en utilisant des oeuvres de Shakespeare. Nous trouvons chez Mounier (1974), chez Stein (1989) et chez Hildebrand (2017) le support pour penser à l'autre comme une personne. La motivation de cette étude-là, tournée vers la personne, est partie de la question posée par des élèves, pendant une classe d'anglais, au professeur-regent: "Professeur, vous pensez être en train d' enseigner à qui? Nous sommes élèves d'une école publique, nous avons des problèmes avec notre langue maternelle et vous croyez qu'on va apprendre quelque chose, de si élevé, tel quel ce Shakespeare? Cela fonctionne seulement dans le collège des riches". Les deux ouvrages philosophiques principales utilisées, tout au long de la thèse, comme support à l'Enseignement/Apprentissage de l'Éthique ont été: *Éthique à Nicomaque*, (ARISTOTE) et *Politique* (1997). En amplifiant le support philosophique l'oeuvre *Après la vertu* (MACINTYRE, 2001) a été utilisée et complétant encore ce support-là, nous avons utilisé la contribution de Sucupira Lins (2016). La préoccupation des deux auteurs consiste em la présentation des vertus comme soutien de l'éducation éthique/morale. Ayant comme référence fondamentale Aristote, le philosophe contemporain MacIntyre (2001) a élaboré une oeuvre où il présente son inquiétude par rapport à la question de la vertu. À son tour, Sucupira Lins offre une perspective éducative de l'éthique. L'analyse pédagogique/éducative a utilisé surtout les oeuvres d'Ausubel (1980), de Bruner (1978), de Piaget (1973). À ce point, on a cherché à baser le procédé l'enseignement/apprentissage comme proposé dans cette thèse. La méthode de la recherche a eu comme base la Méthode de Recherche Action avec un plus Grand Engagement (SUCUPIRA LINS, 2015) où le chercheur/éducateur se compromet avec celui qui est l'objet de la recherche de façon intégrale. Selon ce point-de-vue, l'intervention du chercheur est fondamentale, sans laquelle on ne peut pas parler d'Éducation. Ayant en vue baser la recherche, nous utilisons les écrits de Sucupira Lins (2016), Arendt (2011), Habermas (2002). Les vertus, les plus travaillées, ont été: Amitié, Courage, Honnêteté et Justice. L'Apprentissage, quant'à la pratique de l'éthique/morale a eu lieu à partir de deux textes de Shakespeare: *Hamlet* et *Othello*. Huit ateliers ont été travaillés en classe. On a observé la compréhension et la mise en pratique des vertus, par les adolescents. Les données réunies dans les ateliers aussi bien que les deux questionnaires (initial et final) ont été analysés selon Bardin (2011). Les résultats de la recherche montrent que: a) l'enseignement/apprentissage de l'Éthique, à travers des pièces de Shakespeare, est possible; b) l'intervention de l'éducateur est condition nécessaire pour la réussite de l'enseignement/apprentissage des vertus; c) les vertus ne sont plus "des ordures", comme disaient les élèves à l'école, quand ils ont assumé la signification dans leur vie; le changement de comportement des jeunes de la recherche a été aperçu dans leur milieu; e) les élèves ont reconnu les vertus, comme quelque chose à être suivie; f) le gain final a été, du côté des adolescents, le fait d'assumer un comportement éthique devant l'autre, comme clé pour vivre em société, sans exclusions, où chacun est respecté pour sa valeur comme personne. La these offre, à partir de l'originalité de sa recherche, une proposition aux professeurs. Mots-clés: Personne; Éthique; Vertu; Shakespeare; EnseignementMoyen; Enseignement/Apprentissage.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1- Problema	16
1.2 – Justificativa	21
1.3 – Objetivo Geral	30
1.3.1 – Objetivos Específicos	31
1.4 – Hipótese	31
1.5 – Fundamentação Teórica.....	31
1.6 – Metodologia	32
2. A DIGNIDADE DE CADA SUJEITO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE	37
2.1 – A Fenomenologia e a Percepção do Outro no Processo Educacional	41
2.2 – EU-TU: Um Encontro Necessário na Vivencia Ética Centrada na Pessoa	45
2.3 – A Narrativa Histórica de cada Aluno como Pessoa para o Ensino/Aprendizagem de Ética	52
3. A PERCEPÇÃO DO OUTRO NA COOPERAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	72
3.1 – Contexto Escolar: Local Privilegiado para a Cooperação e Percepção do Outro	74
3.2 – A Cooperação e a Prática de Virtudes	79
3.3 – Percepção e Cooperação como Caminhos Possíveis no Entendimento Mútuo.....	86
3.4 – A Responsabilidade na Vivência Ética de Jovens do Ensino Médio	87
4. AS VIRTUDES ARISTOTÉLICAS NAS OBRAS SHAKESPEARIANAS	95
4.1 - As Peças Shakespearianas: um Caminho Possível para Vivenciar as Virtudes.....	99
4.2 – As Virtudes da Amizade, Coragem, Justiça e Honestidade nas Obras <i>Otelo</i> e <i>Hamlet</i> ...	102
4.3 – Shakespeare e sua Contribuição para o Ensino/Aprendizagem de Ética para Alunos do Ensino Médio e a Aprendizagem Significativa	109
5. A PESQUISA	126
5.1 – Processo de Coleta de Dados.....	128
5.2 – Análise do Material Obtido	131

6. CONCLUSÃO	162
6.1 – Reflexões Finais e Recomendações	169
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
8. APÊNDICES	181
9. ANEXOS	185

SIGLAS USADAS

1. *E.N - Ética a Nicômaco*
2. SIC – Segundo informação colhida
3. CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
4. ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação

1. INTRODUÇÃO

O ensino/aprendizagem da ética tem despertado interesse e preocupação de profissionais de diferentes áreas. Assim, por exemplo, o filósofo escocês MacIntyre afirma que a “ética mostra-nos que forma e estilo de vida são necessários para se alcançar a felicidade”(MACINTYRE,2011,p.57). Trata-se de um assunto capital em Educação e de grande importância para uma pesquisa de doutorado visto que o foco da mesma repousa na luta por incluir os excluídos por meio de um processo de conscientização no qual seja possível reconhecer que “as diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder.” (CANDAUI, 2011, p.246). Ao mesmo tempo não se pode perder de vista o fato de que a diversidade está inserida na história da humanidade e assim precisa ser respeitada corroborando na construção de pessoas melhores por vivenciarem a Ética (SUCUPIRA LINS, 2007).

1.1- O Problema

A presente tese partiu de uma longa observação sobre o comportamento ético de alunos do Ensino Médio da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Atuando como educadora na rede pública Estadual do Rio de Janeiro, percebo que, ao longo dos anos, os alunos estão chegando à escola cada vez mais desmotivados. Diante de tal realidade, minha motivação inicial foi apresentar aos alunos pequenos excertos, em inglês, da obra *Ética a Nicômacos*, de Aristóteles (384-322 a.C). Assim, comecei a perceber que depois de explorarmos o conteúdo sistêmico dos fragmentos apresentados para estudos, os alunos se mostravam muito interessados no momento do debate sobre o conteúdo semântico dos textos. Por vezes, os alunos abriam uma discussão tão profícua, sobre a Virtude da Amizade, por exemplo, que era difícil fazê-los entender que a aula terminara. Na posição de educadora espero ver cada educando diante de um encontro harmonioso na *polis* educacional objetivando atingir o respeito necessário entre cada indivíduo, bem como na sociedade na qual estão inseridos. Nesta medida, entendemos Ética como aquele algo fundamental presente na vida cultural de

um povo (SUCUPIRA LINS, 2007) e que precisa sempre ser vivenciada a cada novo olhar para o outro dentro de uma dada sociedade, acolhendo diferenças como riqueza vital nas relações humanas.

Nessa dimensão, como professora e educadora, busquei desenvolver uma pesquisa a qual ofertasse oportunidade para o Ensino/Aprendizagem de Ética com alunos de inglês em uma escola de Ensino Médio da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro. Chamei tal estudo de “Projeto Shakespeare”. Essa ideia tomou força quando, em uma aula de inglês, esbocei para os alunos a possibilidade de trabalharmos uma obra do Bardo¹. Diante de tal colocação foi possível escutar várias indagações dos educandos. Duas delas chamaram mais fortemente a minha atenção. Uso os símbolos A1 e A2 para designar os questionamentos de dois alunos.

A.1. “Professora, a senhora pensa que está ensinando para quem?”

“Nós somos alunos de colégio público e a gente mal entende a nossa língua e a senhora acredita que a gente vai aprender algo tão elevado como este tal de Shakespeare? Isso só funciona no colégio dos ricos”

A.2. “Professora, por que a senhora perde tempo com a gente?”

Não temos capacidade para estas coisas, pois somos alunos de escola pública. A senhora ainda não entendeu isto?”

Tais indagações conduziram meu pensamento à autora Maria Firmina dos Reis (1825-1917), quando afirma em sua obra *Úrsula* o seu sentir-se inferior face aos desafios de seu tempo:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de meus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2004, p.13)

Parece que a não consciência de ser um sujeito com dignidade marca uma forte diferença entre os envolvidos na práxis comunitária, visto que quando não se tem a vivência do “quem sou eu”, uma pessoa integral, não é possível reconhecer a própria dignidade. Dar continuidade à caminhada existencial como uma pessoa humana consciente de que traz em si muitas riquezas é fundamental para que se possa compartilhar com os demais sujeitos da história a construção de uma sociedade, cômicos de que, como ressalta Dewey (1964,p.149) “cada um de nós é membro de grupos sociais; e como estes não têm existência à parte dos

¹ Bardo - Como Shakespeare ficou conhecido. O termo Bardo é uma referência aos antigos poetas ,cantores e contadores de história da Europa, os quais viajavam por estas terras, levando suas histórias colhidas dos mais diversos lugares.

“eus” que os compõem, não pode haver interesse social eficaz a menos que haja, ao mesmo tempo, inteligente respeito pelo nosso próprio bem-estar e desenvolvimento.” Esta é uma observação indispensável ao bom desempenho das relações sociais que se concretiza no encontro de diferentes “eus” e “tus”. Atenta ao ensino/aprendizagem de ética, observei que era possível ler as obras de Shakespeare com os alunos do Ensino Médio levando-os a refletir sobre as atitudes éticas e as virtudes de alguns de seus personagens, partindo do princípio de que “qualquer assunto pode ser ensinado com eficiência, de alguma forma intelectualmente honesta”(BRUNER, 1978, p.31). Assim, resolvi formular pressupostos e criar um protótipo para se ensinar ética, utilizando-se das peças shakespearianas, que são estudadas pelos alunos aliadas à prática de aula, como pesquisa de doutoramento. Como ressaltam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1997. v.8), as questões sobre Ética devem se fazer presentes em todos os conteúdos curriculares do Ensino Médio, o que é denominado Tema Transversal.

Cabe, neste primeiro momento, deixar claro que conduzir cada aluno para a autonomia é fundamental. Tal autonomia só é alcançada quando se é livre para se tomar decisões, valendo-se de postura ética. Concordamos com Sucupira Lins (2010, p.6) ao afirmar que “é a partir da liberdade que o homem age conforme a lei natural que sustenta toda a humanidade e deste modo preserva a convivência harmônica da sociedade”. Quando se busca promover a emancipação de alunos para atuarem como seres racionais na vida real, se está preparando cidadãos para agirem na sociedade de forma comprometida, respeitando sua própria biografia bem como a dos demais sujeitos no ambiente onde ele estiver incluído, pois, conforme o pensamento habermasiano:

assumir de forma responsável uma biografia significa primeiramente, obter clareza acerca do que cada um de nós queremos ser e a partir deste ponto vislumbrar os passos das próprias interações como se fossem depósitos das ações de um autor responsável (imputável), isto é, de um sujeito que agiu no campo de uma relação auto-refletida (HABERMAS,1987, p. 99).

Neste sentido, trabalhar a questão do Tema Transversal Ética é de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno em sua totalidade. Uma vez se conhecendo em sua individualidade como sujeito ético, o aluno poderá melhor participar na vida dos demais sujeitos ao seu redor visto que o ‘eu’ deve ao “outro” o mesmo respeito, como um entre

todas as pessoas que merecem um tratamento justo enquanto indivíduos inconfundíveis' (HABERMAS, 2002. p.19). Essa realidade só pode ser alcançada se os sujeitos forem, de fato, virtuosos.

Acrescentar uma abordagem shakespeariana ao enfoque do ensino/aprendizagem de ética para alunos de Ensino Médio que estão estudando inglês atende aos propósitos dos PCNs, bem como promove a dignidade dos atores sociais menos favorecidos pela sociedade. Soma-se a isto, o fato de que tal abordagem aparece como elemento motivador para o aluno do Ensino Médio: isto pelo fato de ele, como adolescente, buscar constantemente a novidade em sua vida. Tendo o aluno motivado, poder-se-á melhor trabalhar os conteúdos necessários para a aprendizagem da língua inglesa e da ética. O ensino/aprendizagem de ética proporciona a construção da cidadania e o melhor desenvolvimento dos alunos em outras disciplinas, trazendo benefícios a toda comunidade escolar. Assim, tal como ocorre com as crianças, devem ser apresentados aos jovens “os parâmetros éticos que regem a vida pessoal não por um dever rígido, mas por uma construção de valores”. (SUCUPIRA LINS, 2009, p.121) os quais sustentarão cada pessoa diante dos desafios da vida sem se valer do totalitarismo, posto que neste o sujeito não é livre. Ademais, como lembra Mounier (1974, p.116) “a liberdade do homem é a liberdade de uma pessoa, desta pessoa, assim constituída e situada em si própria, no mundo e perante os valores”. Essa liberdade é consequência de uma construção ética.

A Reorientação Curricular – Língua Estrangeira (BRASIL 2006, p.17), destaca que se deve “aprender uma língua para fazer algo com ela na vida social: ler uma página na Internet, ler um manual, ler uma matéria em um jornal etc.” E assim, é-nos dado, por extensão, um terreno fértil para se estudar e praticar o ensino/aprendizagem da ética por uma interação que se dá entre sujeitos, tendo como fonte motivadora peças shakespearianas. Neste sentido, os alunos, juntamente, com o aprendizado de uma língua estrangeira assumirão o aprender ético para fazer algo na vida de pelo menos um “Eu” e um “Tu”, como destaca Buber (2001). Assim, multiplicar-se-ão os “nós”, configurando o desenvolvimento de pessoas empenhadas no crescimento humano mútuo.

Já não é mais possível deixar os alunos do Ensino Médio da Rede Pública excluídos e abandonados, face à não observância de suas capacidades e potencialidades cognitivas, diante de uma falsa ideia de que estão interagindo com o mundo quando, na realidade, são

“abandonados à rede de TV por satélites ou a cabo, sem qualquer pretensão de simetria entre os dois lados da tela, o seu quinhão é a pura e simples observação. E o que é que eles observam?” (BAUMAN, 1999, p.61). A resposta mais acertada parece ser: tudo e nada paradoxalmente posto que estáticos ficam diante do que lhes é imposto, pois sua conduta não se pauta no critério de livre escolha, mas antes “escolhem ser o que fazem deles”. (KNELLER, 1984, p.86) É diante de tal desafio que esta pesquisa lança luz sobre a importância do Ensino/Aprendizagem de Ética para o Ensino Médio entre pessoas racionais que merecem respeito.

Segundo o pensamento de Arendt (2000, p.243) “nossa esperança está pendente sempre do novo que cada geração produz”. Por isso é oportuno apresentar esta nova proposta de ensino/aprendizagem de ética por meio de algo inovador: a leitura de algumas das peças shakespearianas no Ensino Médio da Rede Pública do Rio de Janeiro. Nesta medida, buscou-se formar pessoas que saibam agir eticamente nos mundos privado e público por já serem autônomas, uma vez que “o discernimento feito pela pessoa, inteiramente autônoma e responsável, constituirá a base de seu pensar e de seu agir moral. Toda decisão ética ganha significado somente se nascer de uma pessoa livre e não coagida por formas arbitrárias de poder” (SUCUPIRA LINS, 2007, p.37). Esta visão acompanha o fato de que é função de cada educador cuidar daquilo que pretende ensinar a seus alunos, propondo conteúdo o qual tenha significado. É oportuno lembrar as palavras de Ausubel (1980) ao afirmar que

quanto à natureza do assunto, esta deve ser suficientemente não arbitrária e não aleatória, de modo a permitir o estabelecimento de uma relação não arbitrária e substantiva com ideias correspondentemente relevantes localizadas no domínio da capacidade intelectual humana (ideia correspondentemente relevante que pelo menos alguns seres humanos são capazes de aprender se a eles é dada a oportunidade para que tal ocorra) (AUSUBEL, 1980, p.36).

Por conseguinte, acreditamos que a presente pesquisa contribuiu para o preenchimento de algumas lacunas necessárias para o Ensino/Aprendizagem de Ética voltado para o Ensino Médio. Valendo-se da valorização de cada ser humano dentro do universo de pessoas empenhadas eticamente, temos cidadãos comprometidos com os demais sujeitos da sociedade. Neste sentido, faz-se mister as palavras de Sucupira Lins (2007 a, p.77) ao destacar: “É preciso que os alunos aprendam as virtudes por meio de práticas progressivas que os levem à compreensão do valor moral em suas vidas”. Assim, conscientes de tal

realidade, cada aluno se empenha na construção de um mundo mais justo por ser este constituído de pessoas envolvidos pelas práticas dos valores éticos.

1.2- Justificativa

O que vemos diante de nós no âmbito escolar atual no Brasil de hoje é um cenário marcado pela ausência de vivência ética em que alunos agridem professores e colegas, degradam o local que é da escola, não mais sabem respeitar limites no contexto escolar e outros ambientes, pois falta-lhes, como ressalta Sucupira Lins (2013), o agir ético. Este para ser alcançado requer um sujeito capaz de discernir e fazer escolhas conscientes. É pertinente destacar as palavras de Sucupira Lins (2013, p.94) ao dizer que “o agir ético é uma escolha a partir de critérios e que exige do sujeito que decide uma tomada de consciência para então poder assumir exatamente quais são as consequências”. Toda esta desestrutura no espaço escolar se dá quase que diariamente diante de cada um de nós: sujeitos sociais do mundo. Analisando a questão, constatamos que as relações humanas estão quebradas por carência do agir ético dos envolvidos nas *práxis* social e educacional. E sem uma perspectiva ética não existe ordem e não a possuindo, as relações humanas se enfraquecem e os que tentam sobreviver a este caos clamam por justiça. Seguindo tal raciocínio, é válido destacar a ideia de MacIntyre ao afirmar que:

a justiça exige que todo cidadão desfrute, ao máximo possível, de oportunidades iguais de desenvolver seus talentos e suas outras potencialidades. Mas, entre os pré-requisitos para a existência de tais oportunidades iguais, figuram acesso igualitário aos cuidados médicos e à educação. (MACINTYRE, 2001, p.23).

É oportuno acentuar que por meio de ações justas se constroem as bases para a afirmação de uma sociedade ética a qual se configura no encontro, inevitável, com o outro que busca ser tratado com respeito. Sob esta ótica, vale sublinhar o pensamento de Arendt ao dizer que:

sempre que a igualdade se torna um fato social, sem nenhum padrão de sua mensuração ou análise explicativa, há pouquíssimas chances de que se torne princípio regulador de organização política, na qual pessoas têm direitos iguais, mesmo que difiram entre si em outros aspectos; há muitas chances, porém de ela ser aceita como qualidade inata de todo indivíduo, que é “normal” se for como todos os outros, e “anormal” se for diferente. (ARENDR, 1989, p.76).

Proporcionar oportunidade aos tomados como “normais” bem como “anormais” faz grande diferença quando o *telos* é incluir a todos sem deixar ninguém de fora no processo de

Ensino/Aprendizagem de ética. Além do que, não podemos perder de vista que incluir o cidadão subjaz reconhecer a dignidade que nele habita, do contrário estaremos excluindo sujeitos ao negar sua humanidade.

Por isso, introduzir o tema ética para alunos da disciplina de Inglês no Ensino Médio da Rede Pública do Rio de Janeiro por meio das peças de Shakespeare é um grande desafio educacional. Esta provocação levou a prática ética aos envolvidos na dinâmica escolar ao mesmo tempo em que promoveu a motivação e o interesse por toda comunidade educacional, conforme já destacado anteriormente. Sendo a escola o local que acolhe todos os alunos, como direito de fato, por mais agitados, revoltados e sem perspectivas que os mesmos possam ser, é lá que eles se defrontam com o “outro” com o qual terá, necessariamente, que conviver. E por qual motivo não se relacionar de forma empática?

É no processo empático no qual o “outro” se encontra diante do sujeito que emerge um “nós” na riqueza desta incomensurável união (STEIN, 1989). Além disso, segundo as ideias de Arendt, é possível contemplar na escola a alteridade, sendo “ela, sem dúvida, aspecto importante da pluralidade, a razão pela qual todas as nossas definições são distinções, pela qual não podemos dizer o que uma coisa é sem distingui-la de outra.”(ARENDRT,2011,p.220). Com esta intenção é que se pode falar em ensino/aprendizagem de ética entre alunos que carregam suas diferenças as quais, longe de serem problemas, enriquecem o encontro, buscando confirmar que pessoas são elas mesmas enquanto mergulhadas na beleza da alteridade. É nesta medida que se pode sustentar que no respeito pela identidade de cada pessoa se cumpre o ato educativo. Assim, o ser humano vai pouco a pouco se despiando de sua natureza animal e se firmando como um ser humano agasalhado por características específicas pelas quais ele é identificado como tal (SUCUPIRA LINS, 2007 a). Reconhecer isto é tomar ciência de que ensinamos seres humanos capazes de acolher uma formação integral.

Propor uma perspectiva de aprendizagem de ética cujo meio instrumental são obras clássicas consideradas até então apenas para o entendimento das camadas privilegiadas é, sem dúvida, algo de muita relevância. Relevância esta que foi concretizada na igualdade de acesso às informações a alunos que se sentiram mais valorizados, ao tomarem consciência de que podem dialogar com outros agentes da *práxis* social sobre questões que até então pareciam ser apenas atributo de uma única classe de indivíduos, como revelada na fala do aluno de uma escola pública do Rio de Janeiro logo no início da apresentação contida na introdução da

presente tese. Assim, esta é a proposta de superar o isolamento dos alunos da rede pública de ensino oferecendo a eles mais uma opção de formação, visando mostrar que o encontro de diferentes culturas é algo capaz de aperfeiçoar as relações humanas, uma vez que ser diferente é um componente fundamental para riqueza da humanidade, devendo ser, portanto, respeitada (SUCUPIRA LINS, 2007 b).

Diante de uma exclusão social, dar oportunidade para alunos nomeados por carentes cognitivamente, de terem acesso a um ensino de outros conteúdos curriculares fez toda diferença. Dessa forma, por que não aproveitar a virtude da amizade como nos ensina Hamlet para com o seu amigo Horácio em *Hamlet*? Ou *O Mercador de Veneza* ao mostrar a bela e sadia amizade entre Antonio e Bassânio? Ou Benedict em *Muito Barulho Por Nada* que prefere acreditar em uma mulher e praticar a virtude da Justiça a agir de forma não virtuosa? Ou a Honestidade e Coragem de Paulina em *O Conto do Inverno* ao enfrentar Leontes (Rei da Sicília) para defender a virtuosa Hermione? E o que não dizer da prática da virtude da Coragem de Emília ao testemunhar a verdade proclamando a inocência de Desdêmona, sua senhora, em *Otelo*?

Viver em harmonia é algo almejado por todas as pessoas como nos lembra Aristóteles (Sec. IV,a.C), em *Ética a Nicômaco*, ao empenhar-se no estudo da busca da felicidade na *polis*. Ao envolver a Educação propriamente falando, essa questão provoca preocupação maior. Daí a inquietude com cada sujeito que guarda em si cada pessoa humana que “sendo inacabada, precisa passar por um processo contínuo de educação que a leva a prosseguir em sua tarefa de aperfeiçoamento” (SUCUPIRA LINS,2014,p.129). Tal aprimoramento ofereceu a oportunidade para que cada aluno reconhecesse os seus colegas de turma como uma pessoa.

É por meio da educação que os relacionamentos humanos se dão e estudá-los do ponto de vista ético é indispensável. Pensar o encontro de um “Eu” e um “Tu” sem um mínimo ato educativo é reduzi-los à condição de animais irracionais. Além disso, “negar o homem é, na realidade, rebaixá-lo, humilhá-lo, diminuí-lo: é, em suma, impor-lhe a diferença sem identidade possível (consigo mesmo)” (ARISTÓTELES,2000, p.XXXVII).

Portanto, o que permite uma relação harmoniosa em uma dada sociedade é, sem dúvida, a conduta ética de cada ser humano. Consequentemente, pesquisar o tema proposto nesta tese é de importância basilar, pois são os alunos do Ensino Médio que, em breve, estarão em uma

Universidade e/ou no mercado de trabalho, que colocarão em prática na sociedade as ações éticas que eles aprenderam na escola por meio de atitudes virtuosas. Além disso, como sujeitos de uma história que são, os alunos tomarão consciência de que a pessoa inserida no mundo filosofa e ao fazê-lo busca indagar sobre si e o mundo do qual faz parte (SUCUPIRA LINS, 2013).

Destarte, criar e fazer da proposta apresentada nesta tese uma realidade é algo indispensável visto que

fazer é criar, inventar é encontrar. Dar forma é descobrir. Ao realizar eu descubro. Eu conduzo a forma para o mundo do isso. A obra criada é uma coisa entre coisas, experienciável e descritível como uma soma de qualidades. Porém, aquele que contempla com receptividade ela pode amiúde tornar-se presente em pessoa (BUBER, 2001, p.12).

Visando tornar possível como realidade concreta dentro de uma comunidade de sujeitos racionais, capazes de vivenciar valores éticos, é, que esta proposta de pesquisa se justifica como necessária, haja vista que

valores são manifestações concretas de princípios fundamentais considerados como de relevância para a vida do indivíduo e da comunidade social. Referem-se precisamente a tudo que ocupa um lugar de importância na vida individual e social e devem orientar o pensamento e o comportamento de cada pessoa de modo que haja respeito nos dois sentidos, tanto em relação a cada indivíduo como para com a sociedade.(SUCUPIRA LINS, 1999, p.101)

Diante disso, cabe ao educador despertar no aluno a consciência de que valores precisam ser respeitados independentemente de circunstâncias sociais, visto que, como cidadão emancipado, cada educando necessita contribuir para o desenvolvimento global dos demais sujeitos da história que estão ao seu redor no seio de uma dada sociedade. Neste sentido, vale lembrar que a capacidade de aprimoramento de cada cidadão estará na dependência da interação sujeito/meio a qual inevitavelmente promoverá o surgimento de necessidades e condições geradoras de desequilíbrio. (SUCUPIRA LINS, 2001). É por meio desse desequilíbrio, necessário para a reconstrução de diálogos entre os sujeitos, que é possível chegar ao equilíbrio de forma cooperativa (PIAGET,1973) buscando uma interação profícua entre os alunos.

O estudo da ética no Ensino Médio enfoca, de forma mais plena, os valores nela contidos, uma vez que solidifica o que deveria ter sido vivenciado e ensinado pelo aluno desde a sua infância. Os adolescentes apresentaram dificuldades de relacionamento, inicialmente, em sala de aula com os demais colegas, posto que ainda não conseguiam enxergar a beleza de viver virtuosamente. Ensinar ética tendo como pressuposto as leituras

das peças shakespearianas orienta o aluno, já mais amadurecido, para o entendimento e vivência da ética presentes nos currículos escolares.

Objetivando apontar a originalidade da presente tese, realizamos um estudo de levantamento do tema sobre o assunto. A busca feita no banco de teses e dissertações da CAPES com as palavras: Shakespeare, educação, Ética, valores não revelou nenhum trabalho que contempla o tema abordado nesta tese. Sendo assim, a Plataforma Capes encaminhou a pesquisa para a Plataforma Sucupira no período de 2013 a 2016. Nesta, foram encontrados 298 registros sobre Shakespeare, mas apenas quatro dissertações relacionados à ética e educação, a saber:

Busca na CAPES

1ª BUSCA: Shakespeare, educação, Ética, valores - período 2013 a 2016

Ano	Autor	Título	Universidade	Resumo
2010	OLIVEIRA, Maria Eunice de	Teatro na Escola e Caminhos de Desenvolvimento Humano: Processo Afetivo-cognitivo de adolescentes	Universidade Federal do Paraná	A presente dissertação visa, em um primeiro momento, apontar a importância do estudo da arte, valendo-se da montagem e apresentação de uma obra shakespeariana: <i>Romeu e Julieta</i> por alunos da 7ª série de uma escola pública de Curitiba. Em um segundo momento busca apresentar a dimensão afetiva, cognitiva, social e motora dos envolvidos como elementos de valor para o desenvolvimento humano. Observa-se, na proposta desta dissertação, uma preocupação com o desenvolvimento do ser humano, mas não em um aprofundamento na formação integral de sujeitos, por meio do ensino/aprendizagem das virtudes. Nesta medida, a proposta do projeto apresentada mantém sua originalidade.
2004	JUNIOR, Antonio Veríssimo dos Santos	Shakespeare e a reinvenção da escola ou a escola e a reinvenção de Shakespeare	Universidade Federal Fluminense.	A dissertação procura, partindo de experiência vivenciada por alunos de uma Escola Municipal, apresentar aos alunos as formas teatrais, por meio de experiências vivenciadas no contexto cultural de cada aluno. Mais uma vez fica claro o distanciamento da proposta aqui apresentada com aquela do presente projeto de pesquisa
2003	SOUZA, Petronio Pereira de.	O Teatro como experiência pedagógica – O Ensino Fundamental e Médio.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Nesta, há uma preocupação exclusiva com o entendimento das etapas teatrais sem, contudo olhar para a questão do ensino/aprendizagem de ética
1998	ARAÚJO, José Savio Oliveira de.	Teatro e Educação: uma Visão de área a partir de práticas de Ensino.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	O autor busca fazer um paralelo entre teatro e educação, mas não contempla questões sobre virtudes.

É oportuno destacar que embora a Plataforma Sucupira aponte o período 2013-2016, para a realização da busca, os registros apresentados não estão compreendidos neste destacado.

As quatro dissertações de mestrado acima apresentadas, embora falem sobre educação, visão pedagógica, ensino médio e prática de ensino, não trabalham sobre o estudo das peças de Shakespeare como instrumento para o Ensino/aprendizagem de Ética. Tal fato corrobora para firmar esta como original e inovadora.

2ª BUSCA: Em outra busca, usando agora não mais o léxico Shakespeare, mas sim shakespeariano aparecem trinta e seis registros, mas nenhum relacionado à ética e educação.

3ª BUSCA: Partindo para os periódicos da CAPES com a entrada Shakespeare aparecem setenta (70) registros, mas apenas seis (6) tangenciam alguns dos elementos da proposta apresentada na tese aqui desenvolvida sendo cinco (5) artigos e um livro como é possível observar a seguir:

Ano	Autor	Título	Universidade	Resumo
2006	Beatriz Pinheiro Arraes	Shakespeare para jovens leitores: algumas reflexões acerca de tradução e adaptação	Universidade Estadual de Maringá	Este artigo está muito longe da proposta apresentada no presente projeto de tese, uma vez que sua preocupação é trabalhar as traduções dos textos shakespearianos bem como fazer um levantamento das variadas adaptações com base nas obras de William Shakespeare
2016	Valdomiro Polidório e Márcia Alves Vieira	Leitura de Macbeth nas aulas de Língua Inglesa no ensino médio: uma experiência em sala de aula	Universidade Estadual do Maranhão	A proposta deste artigo é a de colocar os alunos em contato com a obra do bardo levando-os ao interesse por sua biografia.
2012	Valdomiro Polidório	Hamlet, Macbeth, Otelo e Rei Lear o Ensino de Línguas nas escolas: uma abordagem metodológica	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Este artigo busca apresentar a construção cênica valendo-se das peças de Shakespeare sem uma preocupação na formação do educando.
2006	Daniela Bordolon e Maria Tereza Amodeo	De Sherlock Homes a Shakespeare: um caminho a ser descoberto: projeto de ensino de literatura: o leitor como foco, o professor como mediador	PUC- Rio Grande do Sul	Este artigo visa apresentar a questão da obra literária partindo de uma leitura não canônica, o gênero policial, para chegar à leitura canônica com as obras shakespearianas sem nenhum diálogo com a questão da formação do aluno.
2011	Gisele Rodrigues Ribeiro	Otelo e a pluralidade cultural na sala de aula	Universidade de São Paulo	Este artigo repousa atenção para as questões da diversidade cultural sem um olhar para a formação de um sujeito ético por meio do ensino/aprendizagem das virtudes.

Livro encontrado na 3ª busca

Ano	Autor	Título	Universidade	Resumo
2007	Nuno Pinto Ribeiro	Artigo: <i>Espaços de leitura e planos de representação em William Shakespeare: breves considerações em torno de uma experiência de ensino. In: O Teatro na Universidade- Ensaio e Projecto da Universidade do Porto.</i>	Universidade do Porto	No referido artigo, inserido no livro: <i>Teatro do Mundo- O Teatro na Universidade- Ensaio e Projecto</i> da Universidade do Porto, o autor apresenta o texto dramático como um gênero literário com foco na análise e interpretação por meio da página escrita para discentes de disciplinas universitárias como, por exemplo, Ciência da Literatura sem repousar atenção para a questão da formação integral da pessoa.

4ª Busca: Ainda visando novos resultados, foi feita uma consulta nos periódicos da Anped no período compreendido entre 2013 e 2017. Nestes foram realizadas pesquisas para as palavras: Shakespeare e Ética, Shakespeare e Valores, Shakespeare e Virtudes, mas nenhum resultado foi encontrado.

5ª Busca: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações no período compreendido entre 2013 - 2017. O resultado das pesquisas foram:

1. A sua busca - **Ética E Shakespeare, Valores E Shakespeare** - não corresponde a nenhum registro;
2. A sua busca - (**Título: Ética E Shakespeare, Valores E Shakespeare E Todos os campos: Shakespeare E Virtudes**) – não corresponde a nenhum registro.
3. A sua busca - (**Título:Ética E Shakespeare, Valores E Shakespeare**) - não corresponde a nenhum registro.
4. A sua busca - **Shakespeare E Ética, Shakespeare E Virtude Ensino Médio, Shakespeare E Valores e Ensino Médio** - não corresponde a nenhum registro.

Diante das pesquisas realizadas é possível constatar, mais uma vez, a originalidade deste trabalho.

1.3 - O objetivo geral que encaminha a presente pesquisa é:

Produzir um protótipo, partindo dos resultados da presente tese, de modo que seja possível concretizar o Ensino/Aprendizagem de Ética como Tema Transversal para alunos de inglês do Ensino Médio das escolas públicas utilizando-se das obras de Shakespeare, bem como elaborar material pedagógico que viabilize mais um caminho para ensino/aprendizagem do Tema Transversal Ética. Para isso caracterizamos como possível o ensino/aprendizagem de ética por meio da leitura e estudo de peças shakespearianas para alunos das classes populares do Ensino Médio da rede pública do Rio de Janeiro.

1.3.1 - No que diz respeito aos objetivos específicos, o foco é:

1. Colaborar com cada aluno no entendimento das leituras das obras de Shakespeare levando-os a refletir sobre Educação Moral por meio das virtudes apresentadas pelos personagens das obras trabalhadas.

2. Descrever o desenvolvimento da moral mediante os debates realizados pelos grupos de alunos em sala de aula.

3. Identificar o aprendizado das virtudes ensinadas por meio da leitura das peças pelos alunos mediante os debates realizados em sala de aula.

1.4 - Hipótese

A partir do que foi exposto, a hipótese que sustenta a presente tese é:

O estudo de peças shakespearianas promove o ensino/aprendizagem de Ética para alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro.

1.5 – Fundamentação Teórica

As duas obras filosóficas capitais usadas ao longo da pesquisa para dar suporte ao ensino/aprendizagem de ética foram: *Ética a Nicômacos* (2001) e *Política* (1997), Aristóteles (Séc. IV. a.C). Visando dar continuidade ao suporte filosófico da tese, foi utilizada a obra substancial: *Depois da Virtude*, (MACINTYRE, 2001) e completando ainda este suporte teremos a contribuição apresentada em *Educação Moral na perspectiva de A. MacIntyre*, (SUCUPIRA LINS, 2007) visto que a preocupação de ambos os autores se volta para a proposta da apresentação das virtudes como sustento para educação ética/moral. Tomando como referência fundamental Aristóteles, o filósofo contemporâneo MacIntyre (2001) elaborou uma obra, sem dúvida, crucial na qual é apresentada a sua inquietação com a questão da virtude. Por seu turno, SUCUPIRA LINS (2007) organiza uma obra visando a prática educacional do ensino/aprendizado de ética.

Habermas (2002, 1987, 1990) e Arendt (2011, 2000) constituíram o apoio sociológico desta tese, uma vez que trabalhamos com indivíduos os quais estão inseridos em uma sociedade, e, como o próprio Habermas aponta: “Inserção significa que tal ordem política se mantém aberta para equiparar os discriminados e para incluir os marginalizados, sem confiná-los na uniformidade da comunidade homogênea de um povo.” (HABERMAS, 2000, p. 159). Também Arendt reforça esta ideia ao afirmar que “todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos, mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens.”(ARENDT, 2011. p. 26). A citada filósofa destaca que “a educação tornou-se um instrumento da política, e a própria política foi concebida como uma forma de educação.”(ARENDT, 2000, p.225). Tal ideia é fundamental para a formação integral dos sujeitos.

Vimos, assim, que estudar os autores mencionados nesse referencial teórico muito contribuiu para o desenvolvimento adequado sobre ensino/aprendizagem de ética. Todos os membros de uma dada comunidade escolar precisam ter por meta compartilhar a ideia de igualdade, visto que por meio dela a individualidade de cada aluno será valorizada. Este conhecimento promove a autonomia, isto é, a capacidade de tomar decisões acertadas dos alunos relacionada ao estudo da ética tomando consciência de que “para fazerem um uso adequado de sua autonomia, garantida através de direitos políticos, os cidadãos têm que ser suficientemente independentes na configuração de sua vida privada, assegurada simetricamente.” (HABERMAS,2003, p.155). É na simetria de seus direitos perante ao outro que cada aluno revelará o seu caráter ético.

A análise pedagógico/educacional foi contemplada, valendo-se, não exclusivamente, mas, principalmente, das perspectivas apresentadas nas obras de: Ausubel (1980), Piaget (1973), Bruner (1978). Dessa forma, buscou-se fundamentar o processo de ensino/aprendizagem como proposta na presente tese.

1.6 - Metodologia

A presente tese valeu-se de uma abordagem qualitativa, tendo como suporte o Método de Pesquisa Sucupira Lins (SUCUPIRA LINS, 2015). Partindo de estudos sobre a metodologia usada por Barbier (1985, 2007), Sucupira Lins (2015) volta-se,

primeiramente, para as questões educacionais pondo em evidência “necessidades de transformação interior da pessoa e desenvolvimento desta em plenitude”. (SUCUPIRA LINS, 2015). O Método de Pesquisa Ação proposta por Barbier retrata uma preocupação antropológica dos sujeitos envolvidos na pesquisa sem voltar-se às questões que envolvem Educação. Este ponto é de extrema relevância na distinção dos dois Métodos. Sucupira Lins (2015) oferece um passo mais alargado ao indicar como proposta indivíduos comprometidos, em todo processo interacional com uma pesquisa-ação. Uma vez que, o método proposto tem por característica:

exigir um maior comprometimento do pesquisador, tem afinidade com problemas educacionais, principalmente correspondentes à formação da personalidade, construção da compreensão, desenvolvimento da afetividade, estabelecimento da socialização, descoberta de habilidades, padrões de comportamento, hierarquia de escala de valores e tantos outros que têm como premissa central a formação da pessoa humana. (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 59)

Assim, essa é uma pesquisa qualitativa seguindo a Metodologia de Pesquisa Ação com Maior Comprometimento na qual o pesquisador/educador assume um compromisso com o pesquisando/educando de forma integral. Nesta perspectiva, a intervenção do pesquisador é fundamental; aliás, sem essa (intervenção) não é possível falar em Educação na medida em que

a intervenção educativa do pesquisador visando o bem do pesquisando, pretendendo que as crianças e adolescentes alcancem cada vez mais a perfeição enquanto ser humano, na certeza de que esta não existe de modo absoluto, mas segundo critérios filosóficos e socioculturais. (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 54)

Isto consolidará a finalidade substancial da prática educativa.

Reconhecemos a importância de escutar o outro como fonte capital para o bom relacionamento entre pesquisador e pesquisando como pessoas dignas que merecem respeito. Dessa forma, é oportuno esclarecer que o Método SUCUPIRA LINS foi adotado nesta metodologia com o olhar bem atento à pessoa a qual se faz presente em cada educando. Nesta medida, o educador precisa lidar com a realidade de que “um homem mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como homem” (MOUNIER, 1974, p.78). Permitir tal realidade é reconhecer a dignidade de cada pessoa. É esta a grande descoberta, com um dado a mais: dar oportunidade para que cada educando seja, de fato, um ser humano consciente e ético.

Dessa forma, o Método SUCUPIRA LINS norteou o suporte metodológico da presente tese uma vez que

não se pode simplesmente observar, anotar, perguntar e coletar respostas e comparar com tudo o que foi visto e ouvido, sem que durante toda essa atividade se tenha participado ativamente na formação da personalidade total do sujeito, ou seja, é preciso que se esteja comprometido inteiramente com a sua formação ética (SUCUPIRA LINS, 2015, p. 62).

Comprometer-se com a pessoa do aluno é essencial quando se tem por objetivo colaborar na construção de pessoas responsáveis diante da vida. O comprometimento ético do pesquisador em sua prática de pesquisa promove no pesquisando igual compromisso.

As virtudes mais trabalhadas na presente tese foram: Amizade, Coragem, Honestidade e Justiça. Amizade – Para Aristóteles esta virtude é indispensável na vida de cada pessoa humana:

A amizade não é somente necessária; ela também é nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter amigos: além disso, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas” (E.N. VIII 1, 1155 a).

Coragem – Platão define-a como “a opinião reta e conforme a lei sobre o que se deve e sobre o que não se deve temer.” (*República*. IV, 430 b). Para Aristóteles, “a pessoa corajosa sente e age de acordo como o mérito das circunstâncias e como manda a razão, e a finalidade de cada atividade é a conformidade com a disposição moral correspondente” (E.N. III 1115b,7). Isto significa dizer que o corajoso é aquele cuja inclinação não é nem temerária nem medrosa. É a virtude da Coragem que mantém a Ética entre os sujeitos.

A virtude da Honestidade apresenta uma importância basilar na relação com outras virtudes e os outros sujeitos da história, posto que a pessoa honesta é aquela que honra a si e ao outro no exercício de cada virtude aristotélica. Esta virtude {honestidade} é-nos desvelada na obra *Ética a Nicômaco* de modo implícito, partindo da origem etimológica do léxico a qual tem origem na língua latina “honos” significando o que é honroso e digno. Ora, em uma relação de amizade, por exemplo, faz-se necessário o agir honesto, pois “as pessoas também não poderão manter amizade umas com as outras ou ser realmente amigas enquanto cada uma das partes não houver

demonstrado à outra que é digna da amizade e não lhe tiver conquistado a confiança' (ARISTÓTELES, *E.N.* VIII, 1156 b).

A virtude da Justiça é destacada por Aristóteles, como “a disposição da alma graças à qual as pessoas se dispõem a fazer o que é justo, a agir justamente e a desejar o que é justo.” (ARISTÓTELE, *E.N.*V1,1129a). O mesmo autor ainda afirma que “os atos justos ocorrem entre pessoas que participam das coisas boas em si mesmas” (Idem, 1137 b). As pessoas ao praticarem atos justos buscam oferecer ao outro aquilo que almejam para elas. Percebemos assim que uma virtude, de certo modo, capacita o sujeito a vivenciar as outras virtudes necessárias para o entendimento harmonioso entre os diferentes “Eus” e “Tus” da Humanidade.

Nesta medida, o Tema Transversal Ética foi introduzido, partindo da perspectiva da virtude da amizade, pois, além de ser uma virtude que o aluno já cultivava em seu relacionamento com o outro, é considerada fundamental: “É necessário que seja nosso amigo aquele que se regozija com as coisas boas e se entristece com as nossas amarguras.”(ARISTÓTELES, *Retórica*,II,1381a,4). Ademais, no período da adolescência é possível trabalhar, com maior precisão, as práticas colaborativas as quais intensificam a virtude da amizade, haja vista que o equilíbrio cooperativo é fundamental para a saúde de belas amizades, especialmente o equilíbrio resultante “das trocas cooperativas de pensamento” (PIAGET. 1973, p.190) as quais intensificam o vínculo de amizade.

Nesta tese, objetivando estabelecer como possível o ensino/aprendizagem da ética para alunos do Ensino Médio da Rede Pública, de acordo com o estudo de peças shakespearianas, foi analisado a aprendizagem do aluno no que tange à prática sobre ética/moral a partir de dois textos de Shakespeare, a saber: *Hamlet* e *Otelo*. Partindo desse ponto considerou-se o fato de como o educando se desenvolveu sobre esta questão com base nas leituras dos excertos shakespearianos os quais contemplassem as virtudes apresentadas em diferentes obras do dramaturgo inglês. Cabe destacar que, muito embora as peças *Hamlet* e *Otelo* tenham sido usadas como fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa de tese, não significa dizer que cotejos com outras obras do dramaturgo inglês não foram apresentados pela pesquisadora para os alunos, visando um maior enriquecimento do estudo proposto.

Por meio das leituras das peças shakespearianas e trabalhando os excertos das peças que ressaltam as virtudes dos personagens, foi possível criar o ambiente propício para a observação e posterior realização do ensino/aprendizagem da Ética.

A pesquisa foi feita com os alunos de uma turma do terceiro ano do Ensino Médio da Rede Estadual do Rio de Janeiro na disciplina língua inglesa. Os alunos fizeram a leitura de duas obras de Shakespeare divididas nos bimestres do ano letivo. Há 39 alunos na turma, sendo 21 meninas e 18 meninos. Em um primeiro momento, os alunos fizeram a leitura de cada ato da peça trabalhado em sala de aula em uma data estabelecida pela pesquisadora. Nesta fase, a turma foi dividida em grupos, normalmente cinco grupos acompanhando o número de atos das peças. Os alunos destacaram as virtudes e os vícios de cada personagem. Em um segundo momento, foi solicitada a apresentação da leitura da obra, ressaltando sempre a questão ética presente na mesma. Na terceira etapa da leitura foi feita uma discussão final, ajustando-se os pontos mais relevantes para a prática da ética.

Cabe ressaltar que a pesquisadora realizou oito atividades de oficina com a turma pesquisada objetivando, acompanhar os resultados, por etapas, das propostas apresentadas para cada oficina. A escola escolhida está alocada na zona norte, subúrbio, do Rio de Janeiro. O motivo da escolha deu-se pelo fato de a pesquisadora trabalhar na instituição de ensino do desenvolvimento da proposta de pesquisa. Tendo em vista o desenvolvimento da tese voltar-se para Pesquisa Ação, a escola escolhida se justifica. Dessa forma, foi possível observar os resultados do Tema Transversal Ética como proposta na pesquisa. É oportuno ressaltar que, em nenhum momento, ocorreu prejuízo para os alunos no que se refere ao ensino aprendizagem da disciplina língua inglesa para os educandos. A pesquisadora/professora da turma dividiu os tempos de aula, de modo a cumprir as exigências acadêmicas como regente da turma. Além do mais, pesquisadora e pesquisados acordaram sobre a possibilidade de os alunos não saírem da sala na hora do intervalo, objetivando o bom andamento da proposta apresentada. Os instrumentos de pesquisa foram: observação, entrevistas com alunos, questionário contendo perguntas direcionadas às questões éticas dentro da perspectiva de cada peça trabalhada. O material obtido foi trabalhado com inferências e categorias, entradas destacadas, tabulação conforme a proposta de Bardin (2011). A triangulação ocorre

entre referências bibliográficas, respostas dos questionários e os dados obtidos com os alunos.

Mediante os dados alcançados, a pesquisadora organizará um projeto piloto solicitando a corroboração de outros profissionais do campo de ensino, que poderá ser aplicado em outras instituições educacionais, possibilitando a revisão e a atualização de um Ensino/Aprendizagem de Ética inovador e funcional.

1- A DIGNIDADE DE CADA SUJEITO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

A questão sobre a dignidade do ser humano vem sendo discutida ao longo dos anos. Falar em dignidade é assumir um sujeito como pessoa livre. Definimos dignidade humana como “valor particular máximo, supremo, de conteúdo moral e espiritual intangível que tem todo o homem considerado como ser racional e livre” (SACCONI, 2010, p.682). É nesse sentido que a pessoa precisa ser contemplada.

Diferentes autores destacam a necessidade de se reconhecer a dignidade do outro como primordial para a concretização da vida humana em sociedade diante de uma comunidade de pessoas racionais, dentre os quais destacaremos alguns, Kant (1964), por exemplo, em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, já salientara tal importância ao afirmar que o homem não pode ser usado como um meio, pois o homem é em si mesmo um fim. Nessa medida, o filósofo ressalta a relevância da dignidade presente em todas as pessoas a qual deve ser respeitada. Maritain (1973), discordando da ideia kantiana, observa que Kant nega, na realidade, a pessoa quando em sua forma natural, não vê o homem como um ser dependente, mas tão somente um agente autônomo perfeito. O idealismo de Kant coloca a pessoa em um plano de perfeição que é criticado por Maritain ao mostrar a necessidade de se entender a dignidade humana no plano real. Arendt (2011), a moderna filósofa da política, mostra que o totalitarismo não concebe o sujeito como ser humano, uma vez que só lhe cabem deveres sem possibilidades de exercer seus direitos, sendo, desse modo, negada a existência da dignidade do sujeito. Von Hildebrand (2009,p.17), ao ensinar sobre o interesse que devemos ter pela pessoa como alguém preciosa, expressa o valor da dignidade de cada um.

Essa dignidade encontra maior força na vivência relacional. Buber (2001) e Stein (1989) afirmam a importância do reconhecimento do outro como fonte de valor, posto que, reconhecer no outro um outro eu, com a mesma dignidade, é antes de tudo saber previamente que se está diante de uma pessoa digna MacIntyre (2001).

Reconhecer a dignidade do sujeito na história da humanidade assume relevância maior quando o trazemos para o contexto escolar hodierno das escolas, principalmente as públicas. É possível encontrarmos, na escola, alunos excluídos por serem diferentes, quer seja em sua peculiaridade social, cognitiva e emocional. Nessa medida, é importante trabalhar entre os alunos, o valor de cada pessoa nas escolas porque estas atualmente são obrigadas a acolher todas as pessoas que a procuram (BRASIL, MEC, 2015). Por isso, entender a realidade dos diferentes sujeitos que se colocam diante do educador é indispensável. É por meio das peculiaridades individuais que aprendemos a respeitar a opacidade necessária da pessoa (MOUNIER, 1974) que está frente a nós. Tal opacidade guarda a essência de cada pessoa a qual a torna única, ainda que diante de muitos outros sujeitos.

Diante dessa premissa, como nos lembra Schelling (1993, p.129), “é somente o entendimento que dá forma ao que está oculto neste fundo e nele contido como mera potencialidade, e o eleva a acto”. Dessa forma, o educador pode colaborar para que cada educando faça um produtivo percurso educacional. Nessa medida, a pessoa tem a capacidade de se aperfeiçoar a cada instante de sua existência, pois é apta a transformar o que tem em potência em ato.

Assim, sustentamos que reconhecer a dignidade do outro é igualmente saber que o outro é especial em sua natureza humana a qual está sempre aberta para passar da “potência ao ato” (AQUINO, 2005) em cada movimento feito no mundo onde se encontra. Cada pessoa, qualquer que seja, pertencente à humanidade, é única e ao mesmo tempo igual a todas as demais como afirma incisivamente von Hildebrand (2009) ao dizer que é condição ver o outro como uma pessoa preciosa. Diante de uma situação qualquer que tira o ser humano da dimensão de preciosidade perde-se o sentido da dignidade.

Uma vez que se tenha percorrido o caminho que promove o reconhecimento de uma pessoa humana plena de dignidade, é possível abrir-se para o vivenciar ético em uma sala de aula, posto que, partindo de tal premissa, já teremos pessoas que se olham como

pessoas que se reconhecem humanas e não objetos. Pois, para experienciar as virtudes faz-se necessário reconhecer a dignidade que habita em cada pessoa. Falar em pessoa humana não é considerá-la em um único aspecto, mas antes contemplá-la de forma integral, haja vista que “há na pessoa humana características próprias a serem descobertas e efetivadas pelo fato desta não ser determinada por instintos” (SUCUPIRA LINS, 2014, p 128-129). Falar de um ser humano integral subjaz a existência de uma educação igualmente integral a qual “se caracteriza pelo respeito à Pessoa Humana em todas as suas dimensões de modo que haja um pleno desenvolvimento destas para que o sujeito se torne ativo cidadão no meio onde está inserido” (SUCUPIRA LINS, 2014, p.131). É nessa dimensão que se pode devolver à sociedade pessoas comprometidas com o outro. Tal comprometimento leva, necessariamente, à realidade do reconhecimento do outro como um “outro eu” e por isso rico em suas diferenças.

A despeito das diferenças, a pessoa merece respeito por quem é, como afirmam von Hildebrand (2017), Sucupira Lins (2015) e MacIntyre, (2001). Nesse sentido, a liberdade de cada ser humano é valiosa, pois é por meio dela que a pessoa pode ser reconhecida como um ser humano apto a agir no mundo.

É compreendendo a estrutura de um sujeito integral que chegamos a entender o outro respeitando a sua alteridade. Entende-se por Educação Integral o “processo que visa o aperfeiçoamento do educando em todos os seus aspectos, de modo que se pode observar a Educação cognitiva, sociocultural, afetiva, física e moral” (SUCUPIRA LINS, 2014, p. 127). Conseqüentemente, ao falarmos de uma pessoa com formação integral subjaz a ideia de que essa tenha se consolidado nos valores. Nesta medida, é de capital importância reconhecer a pessoa como alguém com dignidade, cujo valor enquanto pessoa humana é imensurável. Cada aluno, no interior do seu ser, é alguém diferenciado. Em um dado contexto escolar, devemos perceber o aluno de um modo integral, rico em suas particularidades, único enquanto pessoa irrepitível. Esta, aliás, é a marca que permite o reconhecimento do fato de ser o Eu diferente do Outro.

A existência de sujeitos, que em sua essência não são iguais, enriquece a história humana. Quando se reconhece a dignidade do outro que é pertencente à mesma humanidade que o eu, como um valor fundamental, é possível se viver em harmonia em sala de aula, por exemplo, como em quaisquer outros ambientes. O aperfeiçoamento do ser

humano responsável, comprometido com o meio social a que pertence, é uma das finalidades da Educação Integral. A partir desta perspectiva de comprometimento com o outro, é necessário assumir que responsabilidade significa estarem todos envolvidos em uma *práxis* social na qual os sujeitos se organizam (HABERMAS, 1984) e chegam a acordos éticos que promovem o valor incontestável da pessoa humana. Nesse sentido, cada pessoa precisa assumir a consciência de si mesmo de modo a viver o bem comum. É nesta perspectiva que o sujeito vai, pouco a pouco, revelando ao outro sua dignidade como pessoa. Cada pessoa é o ponto de partida sobre o qual se constrói a si mesmo de modo a se tornar consciente e autônoma. Guiada pela consciência de ser alguém capaz de conduzir sua própria vida, a pessoa age no mundo apta para transformá-lo para si e para o outro. Nessa existência vai se consolidar o que Mounier explica:

Existir, é assim assumir uma direcção completamente diferente daquela para onde me arrasta o movimento cioso do desejo, é assim algo de profundamente diferente de nos limitarmos a viver apenas a vida, a minha vida. (...) A pessoa é um movimento para a ultrapassar no que ela é e no que ela não é ((MOUNIER, 1963, p. 103 - 104).

No enfoque acima, compreender o que ocorre, efetivamente, na história existencial dos sujeitos, torna-se dever dos educadores que buscam reconhecer a dignidade de seus educandos como condição necessária para um ensino/aprendizagem que valorize a pessoa em seu aspecto integral (VON HILDEBRAND, 2014, SUCUPIRA LINS, 2014). Para isso, o educador precisa entender o aluno em sua totalidade. A partir dessa atitude, o professor estará sempre motivando seus alunos, isto é, preparando-os para assumir decisões conscientes, respeitando a cultura de cada sujeito. Sobre esta questão Ivenicki (2018) destaca algo basilar ao afirmar que o olhar multicultural é imprescindível nas relações escolares.

Não nos esqueçamos de que educadores e educandos estão inseridos em uma cultura. Mondin destaca o papel imprescindível da cultura na história do ser humano ao explicar que:

A cultura não é uma roupa que se vista ou se dispa ao próprio prazer, não é qualquer coisa acidental ou secundária, mas é um elemento constitutivo da essência do homem, ela faz parte da natureza humana. Sem cultura não é possível existir nem a pessoa individualmente, nem o grupo social (MONDIN, 1998, p. 15).

Reconhecer que o outro vivencia a sua cultura e se constrói a partir dos fatos desta e respeitá-la é identificar que estamos diante de uma pessoa. Cada pessoa torna o universo

mais dinâmico por ser ela diferente. Esta constatação é indispensável quando se busca viver eticamente, o que exige o respeito à diferença.

2.1- A Fenomenologia e a Percepção do Outro no Processo Educacional

O relacionamento entre educador e educando se estabelece pela percepção da existência recíproca do outro. Seguindo o verbete Percepção apresentado no Dicionário de Filosofia de Abbagnano, encontramos as seguintes definições para o termo:

1) significado geral – percepção designa qualquer atividade cognoscitiva em geral; 2) significado mais restrito – ato ou função cognoscitiva à qual se apresenta um objeto real; 3) um significado específico ou técnico – designa uma operação determinada do homem em suas relações com o ambiente (ABBAGNANO, 2000, p.753).

Esta última definição será seguida ao longo desta tese, haja vista ser ela a interpretação dos estímulos (ABBAGNANO,2000). Entende-se percepção principalmente a partir das perspectivas do grupo que constitui a denominada Gestalt. A fenomenologia muito tem a aproveitar dos conceitos apresentados pelos psicólogos Koffka (1955) e Köhler (1968), por exemplo. Partindo da ideia de que perceber o outro é, em síntese, acompanhar o seu movimento existencial como uma pessoa no mundo, interpretando suas ações, (BELLO, 2004) é crucial a atenção do educador para a pessoa do educando o qual necessita das orientações daquele para o seu desenvolvimento integral como ser humano (SUCUPIRA LINS, 2014).

Esta premissa explica o fato de que o ato perceptivo entre os dois agentes educacionais ocorre de diferentes maneiras. Há, na educação, uma relação assimétrica necessária, para que o processo ensino/aprendizagem se efetive. Isso ocorre porque, como afirma Sucupira:

a dialética da educação se realiza particularmente no ato pedagógico, no qual se confrontam educador e educando, mestre e discípulo, numa relação necessariamente assimétrica. Mas por ser dialética, esta relação não se faz no sentido único do educador para o educando (SUCUPIRA, 1980, p.29)

Percebe-se, assim, a importância da discussão entre educador e educando para o progresso educacional dos dois agentes no caminho de uma aprendizagem comprometida com todo o percurso pedagógico. Nessa perspectiva,

O educando se contrapõe ao educador que deve tender a anular-se para fazer o educando chegar a ser si mesmo assumindo a direção de sua existência segundo valores que lhe não são impostos, mas propostos, e por ele mesmo atualizados, pois que a atualização dos valores é sempre obra de um sujeito (*Id. Ibid.*).

Assumir como verdadeira essa perspectiva é produzir, de modo satisfatório, a formação integral do educando (SUCUPIRA LINS, 2013). É possível reconhecer que essa formação prepara o aluno em direção a uma prática de cooperação. Cabe ressaltar que, em uma relação de cooperação, a assimetria é desfeita, uma vez que educador e educando se encontram em um mesmo nível de entendimento colaborativo como pessoas que se integram (PIAGET, 1973). O estudioso resalta, também, a importância do trabalho cooperativo para o melhor desempenho das diferentes atividades recíprocas entre os sujeitos. Destaca ainda que “a forma de equilíbrio atingida pela troca nada mais é do que um sistema de correspondência simples ou de reciprocidades, isto é, um “agrupamento”, englobando os que são elaborados pelos parceiros mesmos” (*Id. Ibid.*, p.193). Sendo o trabalho desenvolvido por cada sujeito comprometido no processo de equilíbrio, não é possível destacar a autoridade de um sobre o outro, mas a construção de um trabalho efetivamente em conjunto, revelando a simetria entre seus membros.

É interessante observar nas relações humanas as alternâncias de autoridade legítima, assimetria e simetria que se estabelecem em diferentes ações realizadas por um *alter* e *ego*, pelo menos, dentro de um determinado contexto. Voltando à questão sobre o vínculo educador - educando constatamos, como já foi destacado acima, que tal associação só é profícua se for sustentada em uma convivência assimétrica baseada na justiça. Quando os agentes educacionais desempenham uma tarefa, compreendendo cada um o que fala ou julga, a assimetria cede lugar à simetria, pois não há mais a figura daquele que se destaca mais quanto a este ou aquele assunto. A partir dessa compreensão, os sujeitos se encontram na busca pelo entendimento mútuo.

Um olhar atento à necessidade do outro deve ser a preocupação fundamental do ser humano envolvido no contexto educacional. Nesse sentido, é preciso entender, seguindo o pensamento de Maritain, segundo o qual:

a educação deve ter em mira o grupo social e o papel que o homem nêle desempenha. Formar o homem para uma vida de cooperação útil e normal na comunidade, ou orientar o desenvolvimento da pessoa humana na esfera social,

despertando e fortificando seus sentimentos de liberdade, obrigação e responsabilidade, constitui objetivo essencial (MARITAIN, 1959, p.33-34).

Vemos assim, a impossibilidade de se acolher o outro sem passar pelo processo da percepção, já explicado acima. Essa percepção é intencional, quando se olha o aluno em uma dimensão alargada, descobrindo as suas riquezas, como ser humano dotado de potencialidades. Essa compreensão auxilia a interação entre o educador e o educando. Tal interação fenomenológica tem por objetivo a excelência da natureza humana. Para que isso aconteça, é preciso atentar para a realidade de estarmos face ao outro que merece respeito por sua dignidade.

A interação entre educador e educando aprofunda-se na medida em que o processo continua. Pequenas histórias vivenciadas pelo educando precisam ser respeitadas, pois é por meio delas que a (re)construção de uma pessoa se torna possível. Nesse foco, é válido o pensamento de Köhler ao afirmar que:

os traços das experiências passadas não constituem um contínuo indiferente nem um mosaico de fatos locais independentes, e, sim que devem ser organizados de maneira que se pareçam com a organização dos processos originais. Com essa organização, participam dos processos de reestruturação (KÖHLER, 1968, p.147).

É seguindo a compreensão de que o outro é alguém apto a se reconstruir a cada momento, a fim de se tornar uma pessoa habilitada a viver virtuosamente, que o ser humano precisa se organizar na comunidade na qual se insere. Os encontros pessoais promovem mútua riqueza sobre a pessoa do outro porque os sujeitos se modificam; em outras palavras, o ser humano se renova ao refletir sobre o seu agir. Mariás (s/d) analisa a plasticidade da vida humana que permite a abertura para algo novo. O conceito de plasticidade em educação é central na perspectiva de Dewey (1958), que destaca a contínua renovação do sujeito. Cabe, portanto, ao educador observar se esse novo se constitui um valor ou não para o educando. Em um processo perceptivo, a educação deve ocorrer respeitando a realidade de que “cada pessoa humana tem necessidade dos outros: para vir ao mundo, para crescer, para nutrir-se, para educar-se, para programar-se a si mesma e para realizar seu próprio projeto de humanidade” (MONDIN, 1998, p. 27). Entende-se, pois, que esse projeto só ganha sentido quando seus participantes se entendem como pessoas livres, entendendo-se a liberdade como a expressão da pessoa em seu máximo significado.

É capital a compreensão do educador cômico de que a “flexibilidade é a essência de uma boa educação, mas dentro dos limites de um projeto respaldado pela responsabilidade” (HIRST,1974, p.111). Esta ideia indica que é possível marcar o vínculo existente entre liberdade e responsabilidade para que o sujeito possa se desenvolver na qualidade de pessoa.

Diante da compreensão do que seja uma boa educação, podemos dizer que perceber um educando é cuidar de seu pleno desenvolvimento na qualidade de um ser humano consciente. Destarte, na posição de educador,

precisamos ser muito mais exigentes em reconhecer as necessidades dos alunos nos diferentes estágios de seu desenvolvimento se quisermos que eles se tornem seres humanos plenamente moral tanto no sentido racional como no autônomo (HIRST, 1974, p.107).

Isso significa dizer que o professor está preparando sujeitos para atuarem na vida, dando sentido a sua existência e aos dos demais sujeitos de uma dada sociedade.

Nesta perspectiva, o olhar do educador sobre o educando não pode estar alicerçado no prisma de que o aluno seja apenas mais um a compor sua turma, pois se faz necessário entender a riqueza existencial presente em cada percepção individual, isto é, o olhar singular para os diferentes alunos. Quando isto se concretiza, damos um passo a mais na dimensão do conhecimento do sujeito: a reflexão que leva ao verdadeiro conhecimento. É este o ponto crucial, posto que refletir sobre o educando é ter consciência de que ele existe como uma pessoa. Nessa medida, a visão fenomenológica dos sujeitos ajuda a melhor conhecer o outro e, “ao abranger o estudo de todas as vivências, tem de incluir o estudo dos objectos das vivências, porque as vivências são *intencionais*, nelas é essencial a referência a um objeto” (MARÍAS, s/d, p.54). A intencionalidade é indispensável ao educador em seu relacionamento como pessoa que respeita a pessoa do educando.

Quando percebemos e refletimos sobre o educando, descobrimos, respeitando sempre a sua vontade de querer ou não compartilhar sua narrativa histórica, algumas das razões de suas atitudes dentro de uma sala de aula. Sentindo-se valorizado por descobrir ser capaz de compreender o universo no qual vive por meio do esforço em viver eticamente a cada encontro com os objetos do mundo que lhe são apresentados, o educando se desenvolve.

Nesse momento, a atuação do educador é fulcral, uma vez que lhe cabe preparar o aluno para que possa, tendo atingido a capacidade de discernir, lançar luz sobre o que ainda surgirá em sua vida como a “inquieta borboleta” do poema de Sucupira Lins.

Não é nascida a flor
e voa por ali
inquieta borboleta
adivinhandos perfumes
entre um e outro querer.
(SUCUPIRA LINS, 1998, p.60)

Seguindo a argumentação apresentada acima, podemos dizer que a valoração de algo não está na dependência do nosso gosto e desejo (MARÍAS, s/d), mas antes na consciência daquilo que se precisa fazer para o bem do educando. Entendemos o sentido do termo valoração segundo o pensamento de Marías (s/d) ao afirmar que “valoração é o acto geral da consciência que valora, ou estima, o objeto;” (MARÍAS, s/d, p.67). Nessa compreensão, a valorização do educando pode indicar o melhor caminho para que ele consiga, de fato, voar, acompanhando os movimentos da “inquieta borboleta” na busca de sentir-se capaz de enfrentar desafios, uma vez ciente de que o educador estará ao seu lado para orientá-lo quando precisar.

2.2-EU-TU: Um Encontro Necessário na Vivência Ética Centrada na Pessoa

O comportamento moral nasce do encontro de um Eu e um Tu. De tal premissa parte toda fundamentação de ser um sujeito moral. Não há moral de pessoa isolada. Moral é harmonia social para o bem comum. Esse dado é muito importante quando se busca a promoção do agir ético de alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino. Isso porque, para o adolescente, em especial, o encontro com o outro constitui algo muito importante e mesmo diante da tecnologia oferecida aos jovens, eles sentem a necessidade de estar perto de outros jovens, ainda que muitas vezes cada um compartilhando de sua tecnologia, como por exemplo, o celular.

O filósofo francês E. Mounier (1958), em sua obra *Sombras de Mêdo sôbre o Século XX*, destaca os grandes desafios enfrentados pelo ser humano diante das novas tecnologias que surgiram no início desse século. Há uma inquietação: não só as tecnologias são

consideradas banais, como os sujeitos da história da humanidade, que produzem as próprias tecnologias, por isso estamos diante de um cenário no qual o sujeito esquece que é o ponto central da vida.

O não reconhecimento de que todo Eu é uma pessoa e tem diante de si também uma pessoa, ou seja, um outro Eu, é o que chama a atenção de alguns filósofos, em especial aqueles voltados para a Filosofia da Educação, tais como Sucupira Lins (2007, 2009, 2016), Teixeira (2000), Oliveira (1998), Sellés (1998), Mondin (1998), Padilha (1995), Sucupira (1980), Mounier (1974) e Maritain (1959, 1973). Em se tratando de Filosofia da Educação, qual é sua finalidade em um século no qual prevalece a *desordem moral* como marca predominante nas situações concretas da vida atual? (MACINTYRE, 2001). O referido filósofo escocês sugere a prática da virtude para vencer esse problema, indagando: Como viver uma vida virtuosa nesse contexto?

Face ao desafio da construção de uma ordem moral, a prática ética propõe-se a auxiliar o ser humano a descobrir que é uma pessoa dotada de capacidade de julgamentos e discernir ações boas das más. É por meio da vivência das virtudes que a pessoa toma consciência, de modo pleno, de quem é. O que é a pessoa? Responde Mounier (1974, p.77): “a pessoa é aquilo que não pode ser repetido.” Esta simples resposta leva a uma grande responsabilidade, pois, se cada um dos sujeitos da história da humanidade é uma pessoa única e irrepetível, o valor de cada um é imensurável (SUCUPIRA LINS (2016, 2007), MOUNIER (1974). Isto significa dizer que cada pessoa é muito preciosa (VON HILDEBRAND, 2009). Nesta medida, necessita ser respeitada como tal, independentemente dos atributos que a cercam.

Pensar a pessoa é uma reflexão filosófica instigante na qual o outro precisa ser visto como importante sujeito da história. Este sujeito que faz história é antes de tudo uma pessoa responsável, racional e ética. Padilha corrobora tal raciocínio ao indagar:

Mas, afinal, quem é o homem, este centro de irradiação de energias de variado peso e consistência? A questão se situa no cerne do ser humano, uma vez que se adentra na esfera a um tempo misteriosa e relevante da pessoa. Cuidamos que possivelmente não haja conceito nuclear como o de pessoa, pois dele flui todo um sistema de normas de comportamento individual e social (PADILHA, 1995, p.40).

Este questionamento é central na medida em que leva o aluno a refletir sobre o fato de que o homem é um sujeito histórico firmado na realidade de uma pessoa. Tratar essa

pessoa com respeito é acreditar em sua potencialidade, visto que acreditar é ter confiança de que é possível trilhar caminhos éticos com um Tu, somente na medida em que se justificam suas ações por meio de atitudes racionais, haja vista que “a justificação racional da vida virtuosa dentro da comunidade da *polis* é válida somente para aqueles os quais já participam quase que plenamente daquela vida” (MACINTYRE, 1988, p.110). Desta maneira, viver virtuosamente é o caminho para o *telos* que apresenta como possibilidade mudar o rumo de uma história da humanidade quando há a preocupação com o outro.

Diferentemente dos seres inferiores, o ser humano é capaz de se ultrapassar, fazendo o caminho da potência ao ato (AQUINO, 2005). Nessa perspectiva, o sujeito, que almeja ser uma pessoa de excelência, precisa ter como exigência a prática das virtudes. Tal condição é atingida com maior discernimento quando se entende o propósito de uma vida ética. Os alunos envolvidos na pesquisa da presente tese parecem ter compreendido bem essa tarefa. Vejamos:

O que nos torna humanos são as nossas virtudes e o caráter que construímos ao longo de toda a vida. Ser humano é saber respeitar as diferenças, ajudar ao próximo, saber seus direitos e deveres. É saber que não existe só você no mundo e suas propriedades, é saber viver em consenso com milhares de pessoas. O humano é aquele que sabe aceitar e também sabe se impor. É saber dividir o pouco que tem, com aqueles que precisam. É viver em harmonia com milhares de pessoas que você não conhece, apenas pelo bom (SIC) estar de todos. (...) Ser humano é cometer vários erros, entretanto, aprender com cada um deles e querer ser melhor com eles, não é querer ser perfeito, mas querer ser uma pessoa cada dia melhor sem precisar diminuir os outros e sim ajudar todos a serem melhores também.

No nosso (SIC) analise a forma de agir, pensar, falar e expressar vai variando nos tornando diferentes um dos outros, alguns de nós temos “facilidades” de seguir as regras da vida aprendendo uma virtude diferente de cada vez como por exemplo o AMOR, sem ele a vida seria sem graça, sem cor, o que realmente nos torna humanos é a capacidade de compreender e ser compreendido. De ser ensinado e ensinar com esses simples sentimentos o que sem ele as metades das ações do ser humano não seriam feitas. O que nos torna humanos e não animais; total capacidade de discernir o certo e o errado, a nossa ética sendo influenciada pelo meio onde vivemos ou não, a solidariedade, o conceito básico daquilo tudo o que nos separa de sermos apenas animais irracionais (SIC).

(Alfazema, Tamareira, Tulipa, Magnólia, Bardana, Flor de Lotus, Margarida - Oficina 3)

Esse trecho revela a dimensão do entendimento dos alunos do Ensino Médio sobre a importância das virtudes para um relacionamento humano ético entre Eu e Tu.

É o agir ético que auxilia o sujeito a sair da escuridão de uma falsa existência a qual o deixa a cada minuto mais dependente da ação do outro para agir no mundo com a característica que lhe é própria: liberdade (MARITAIN, 1953). O agir ético apresenta uma

segunda finalidade: assistir à pessoa na descoberta de seu verdadeiro papel no mundo pela capacidade de julgar as suas próprias ações. Nesse ponto, é válido voltarmos à reflexão levantada no início do capítulo dois em que se destaca a importância da percepção no processo educacional à qual é imprescindível se ater a um propósito. Padilha reforça essa ideia quanto ao fim da educação, ao dizer que “o fim da educação é a formação do homem ético” (PADILHA, 1995, p.35). O sujeito precisa aprender a ser ético, posto que ninguém nasce ético. (ARISTÓTELES, (2001), SELLES, (1998), SUCUPIRA LINS (2007). Valendo-se dessa concepção, o encontro Eu-Tu ganha força, em especial no contexto escolar, na vida de cada pessoa que colabora no desenvolvimento de cidadãos éticos. Nessa dimensão, a afirmação das alunas mostra o entendimento da questão:

Quando somos virtuosos fica bem mais visível para as pessoas ao nosso redor, e com isso, conseguimos influenciar essas pessoas a serem virtuosas também, até mesmo nas atitudes mais simples, conseguimos influenciar os outros a serem virtuosos porque a beleza de nossas atitudes acaba sendo visível a olho nu, e todos querem ser bonitos não só por fora, mas também por dentro; como Desdêmona que era uma pessoa virtuosa e todos se encantavam por ela, é o que acontece, pessoas virtuosas encantam o mundo a sua volta (SIC). (Bardana, Margarida e Flor de Lotus - Oficina 05)

Assim, fica estabelecida mais uma vez pelas alunas a relevância do encontro Eu-Tu para vivência ética.

A decisão de se vivenciar a ética é o que envolve os educandos, levando-os a tomar atitudes responsáveis. O sujeito responsável é comprometido com o outro para torná-lo mais autônomo e portanto, mais livre para fazer escolhas certas. A ideia de autonomia abordada aqui segue a de Piaget (1973), segundo a qual somente a pessoa autônoma é capaz de fazer escolhas. Quando não se sabe o que se quer, vive-se a vida heterônoma eternamente, isto é, não se toma consciência de si próprio e se deixa que outros assumam as decisões. Essa realidade é preocupante, posto que o sujeito nessa condição não exerce o papel que é só dele: viver na qualidade de uma pessoa que é. Vale ressaltar a escola como o local privilegiado para o amadurecimento da prática da vida ética. Nesse mesmo ambiente é que a reflexão filosófica se inicia. Um olhar mais atento voltado para a Filosofia leva o sujeito a refletir sobre a realidade de quem ele é sobretudo nas situações em que sua humanidade é desfigurada pela *desordem* moral como já ressaltamos. (MACINTYRE, 2001).

A reflexão filosófica sobre a relação Eu-Tu, nos debates em sala de aula com os jovens do Ensino Médio, é capital para o amadurecimento ético dos alunos. Padilha mostra a importância da reflexão filosófica, ao afirmar que “quanto mais se agride o que há de humano no homem, mais nos compete preservar-lhe a humanidade. A filosofia está reservada à relevante missão de robustecer a visão humanista da vida” (PADILHA, 1995, p. 15). Nessa medida, ser livre é estar preparado, por meio da reflexão filosófica, para fazer escolhas. A escolha subjaz comprometimento quando se almeja percorrer o caminho da liberdade, visto que “a dor e o fracasso podem tornar o homem infeliz, mas não podem humilhá-lo enquanto é ele mesmo que dispõe de sua própria faculdade de agir” (WEIL, 2001, p. 109). O agir no mundo faz da pessoa um ser social que tem a capacidade de obter as formas mais nobres de relacionamento com o outro (SUCUPIRA LINS, 2007) visando um profícuo encontro de diferentes “Eus” e “Tus” na sociedade e no mundo.

Para o encontro dos sujeitos na sociedade ocorrer de modo racional é necessário o querer se abrir ao outro sem coação, cientes de que:

a liberdade não é vivenciada como um modo de ser com sua própria espécie de “virtude” e virtuosidade, mas como um dom supremo que somente o homem, dentre todas as criaturas terrenas, parece ter recebido, e cujos sinais e vestígios podemos encontrar em quase todas as suas atividades, mas que, não obstante, só se desenvolve com plenitude onde a ação tiver criado seu próprio espaço concreto onde possa, por assim dizer, sair de seu esconderijo e fazer sua aparição (ARENDRT, 2011a, p. 218).

Na medida em que o sujeito se apresenta diante do outro como pessoa torna-se cada vez mais livre, já que tem consciência de estar ao lado de um semelhante. Desse modo, os alunos entendem, com maior profundidade, a proposta de agir eticamente diante de seu colega de turma.

Nessa perspectiva, espera-se que a ação do sujeito seja rica, repleta de potencialidade com objetivos a serem atingidos. Uma ação sem finalidade é semelhante a nadar sem ter noção da importância de coordenar respiração e movimentos de braços, pernas e cabeça. Seguir a vida tendo como foco o *telos* é o que o sujeito deve buscar incessantemente como declara Teixeira:

O homem, dotado em grau mais alto do poder de observar, recordar o passado e prever, assim por analogia, as consequências do seu ato, - cria e recria o seu ambiente. Os seus instintos têm mil modos de expressão. Quase nada é fixo, assim, nem em sua natureza, nem em seu ambiente, que ele torna, dia a dia, mais formidavelmente complexo (TEIXEIRA, 2000, p. 134).

É a pessoa integral que enriquece a existência do outro pela sua presença a qual se ajusta e reajusta a cada novo encontro com o outro, valendo-se de atitudes éticas as quais harmonizam o entendimento entre as pessoas. Paradoxalmente, é o ser humano um animal vulnerável e, portanto, dependente (MACINTYRE, 2012). Tomar consciência dessa realidade é vivenciar a virtude da humildade, a qual torna o sujeito capacitado a agir no mundo de pessoas que buscam ser melhores a cada dia, tornando a vida do outro mais plena em sua humanidade. Sem tal consciência não se chega a evoluir como sujeito que almeja contribuir com o legado de um mundo justo para todos. Este pensamento se distancia da concepção de Aristóteles (2001) sobre o assunto, uma vez que para o estagirita praticar a virtude da Humildade era sinal de fraqueza, pois não leva o homem a ter êxito na vida (MACINTYRE, 2001). Destacamos a importância da Virtude da Humildade nas ações humanas, visto que por meio dela as pessoas alcançam a harmonia de uma vida feliz na sociedade na qual se insere.

O filósofo alemão J. Habermas (2002) enfatiza a importância do perceber o outro como um agente no mundo, ao falar sobre a preocupação da inclusão do outro na comunidade de indivíduos sem deixar ninguém de fora. Esse também é o ponto de vista de Padilha ao dizer que “a árvore pedagógica oferecerá a educação para todos, democrática porque universal, universal porque humana e portadora de valores” (PADILHA, 1995, p.30). Somente a pessoa é capaz de identificar atos de valores, uma vez que só ela pode perceber e refletir sobre a relação Eu-Tu.

O ambiente escolar, se eticamente conduzido, oferece as condições necessárias para a realização do aluno como ser humano de excelência. Não se pode falar em “Educação sem o conceito de homem” (PADILHA, 1995, p139), pois esta ideia é fundamental. A partir dela, é possível pensar sobre a realidade dos diferentes sujeitos do mundo.

Antes de qualquer consideração sobre a formação do sujeito, é preciso ter consciência de que sujeito se está falando. A noção do sujeito como pessoa é de importância capital quando se quer chegar ao sujeito integral. Padilha ao dizer que “a ideia de pessoa é essencial à pedagogia, porquanto todo instrumento pedagógico pressupõe a conceituação do destinatário da educação” (PADILHA, 1995, p.40), mostra a necessidade de uma formação integral. Nesse sentido, entende-se que o “desenvolvimento da pessoa implica como condição interior um despojamento de si e de seus bens que despolariza o

egocentrismo” (MOUNIER, 1974, p.91). Essa é uma questão substancial para ser trabalhada entre os jovens do Ensino Médio, visto que o egocentrismo está fortemente presente nessa fase escolar. Ao ver o colega de turma como alguém que, como ele, precisa de atenção, o aluno se abre mais facilmente à realidade do outro.

Desta forma, pode-se afirmar que o aluno se torna mais pessoa pela interação com o outro. Esta afirmação traz algumas indagações especialmente com referência aos alunos. Qual o caminho que o adolescente do século XXI no Brasil está a trilhar? Não estará o sujeito do presente século na indagação feita por Teixeira de que “O homem é um animal capaz de ser racional, mas que só muito raramente o é” (TEIXEIRA, 2000, p. 155)? Por vezes, o educando parece caminhar, esquecendo-se de que necessita ter sua raiz fincada em sua própria existência a qual o torna o ser mais elevado, pois “só ele conhece esse universo que o absorve e só ele pode transformá-lo; ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. É o que é infinitamente mais, é capaz de amar” (MOUNIER, 1974, p.43). O amor é o cerne do processo existencial e educacional porque faz a pessoa voltar para o outro (VON HILDEBRAND, 2009). O amor é uma atitude de respeito para com o outro (SELLÉS, 1998). Von Hildebrand também afirma ser “o amor uma resposta amorosa” (VON HILDEBRAND, 2009, p. 17). Contemplar o ato de educar na lógica de uma resposta amorosa é agir comprometido com uma prática educacional alicerçada em uma postura ética. Esta é a marca do sujeito envolvido com os demais sujeitos.

As respostas para as indagações levantadas no início do parágrafo acima têm por base a realidade que:

além dos mecanismos de trocas, toda sociedade apresenta um conjunto de operações gerais (poder-se-ia quase dizer de dispositivos) de conservação de valores, cujo papel é assegurar o equilíbrio não mais pelos balanços automáticos da troca espontânea, mas graças a uma série de obrigações cada vez mais precisas segundo são de ordem moral ou jurídica (PIAGET, 1973, p.138).

A capacidade do ser humano de refletir para tomada de decisões virtuosas é o ponto de chegada da pessoa e lhe permite agir no mundo o qual exige dele escolhas acertadas, ciente de que “uma sociedade que se esquece dos valores que a constituem está condenada à destruição. Cada pessoa que busca somente individualmente a sua realização está se destruindo e fragmentando o grupo” (SUCUPIRA LINS, 2010, p.5), pois uma sociedade fragmentada não é sustentada por valores éticos e não consegue ver nos sujeitos que dela fazem parte pessoas marcadas por diferenças necessárias para a organização da própria *polis*. É o que se pode compreender com a seguinte afirmativa:

A organização só é viável para as pessoas, e no campo de estruturas dum universo de pessoas. Senão, em vez de libertar o homem, faria nascer um novo estado natural, <reinado das massas>, reinado da <engrenagem> e seus dirigentes, nas mãos dos quais a pessoa fosse simples joguete (MOUNIER, 1974, p.80).

É possível afirmar que a finalidade da vivência ética por meio do encontro EU-TU, em uma comunidade, está intrinsecamente ligada à ideia de que lida com a vida, na medida em que seu elemento principal é a pessoa (WHITEHEAD 1929, SUCUPIRA 1980, SELLÉS 1998, SUCUPIRA LINS 2016, 2014, 2013, 2007). Esta ideia se apoia nas palavras de Maritain ao dizer que “se a finalidade da educação está em guiar e em ajudar o homem a atingir a sua plenitude humana, ela não pode fugir aos problemas e dificuldades da Filosofia” (MARITAIN, 1959, p.17). Como já foi salientado, a reflexão filosófica auxilia a pessoa a reconhecer mais profundamente que está diante de outra pessoa.

A completude humana impulsiona o sujeito a agir como uma pessoa ética. Logo, deve ser preocupação constante da Educação levar cada aluno à reflexão permanente de quem é, de onde veio, qual é o seu papel e o que pode fazer ao se reconhecer como ser humano. Reconhecer-se como alguém apto a fazer escolhas, é antes de tudo, firmar-se na qualidade de humano. Dewey (1964) diz que, “na ausência da possibilidade de fazerem uma verdadeira escolha, tal coisa, como reflexão sobre os objetivos e tentativa de elaborar uma teoria geral sobre os fins e o bem, pareceria regalo inútil” (DEWEY, 1964, p.29-30). Nessa perspectiva, fazer algo só por uma exigência de outrem perde a essência do ato feito. Em outras palavras, viver eticamente se concretiza no momento em que há escolhas conscientes que capacitam os sujeitos para atuarem no mundo como pessoas que buscam o bem comum.

2-3 – A Narrativa Histórica de cada Aluno como Pessoa para o Ensino/Aprendizagem de Ética

Quem é o educando que chega até aos educadores?

Esta pergunta traz em seu âmago uma profunda provocação para a reflexão de uma prática escolar comprometida com a pessoa do aluno no contexto de sua história de vida. Se o educador não consegue ver cada aluno como uma pessoa, como poderá desenvolver nele

a capacidade de se ver como sujeito responsável pelo desenvolvimento de sua história e envolvido com o outro, contemplando-o igualmente como pessoa que é?

Esta indagação leva à reflexão sobre a urgência de se voltar para um ponto basilar: a pessoa, a qual, no cenário hodierno, é simplesmente tomada por indivíduo tal qual uma abelha ou uma planta, isto é, um representante de uma espécie. Bello ajuda nessa reflexão, ao dizer que “por sujeito entende-se também, na linguagem não filosófica, os seres humanos, sendo que todos eles têm uma estrutura comum, a qual pode ser entendida como estrutura do sujeito. Interessa-me compreender quem sou eu, mas não como indivíduo” (BELLO, 2004, p.86). A autora explana a que indivíduo ela se refere para o seu desenvolvimento filosófico. No cenário escolar, diante de diferentes alunos, a compreensão de Bello deve ser também a do educador que se preocupa com a pessoa do aluno.

É seguindo a estrutura de um sujeito integral que se pode entender o caminhar do educando que se reconhece como alguém com dignidade. Essa premissa é de grande importância, pois é valendo-se dela que a pessoa pode atuar no mundo consciente de que “conhecer-se a si mesmo tal pessoa social não é porém, ocupar uma posição estática e fixa. É encontrar-se posicionado em determinado ponto numa jornada com objetivos definidos: caminhar pela vida é progredir – ou fracassar em progredir – rumo a um determinado fim.” (MACINTYRE, 2001, p. 68-69). Portanto, torna-se condição *sine qua non* cada aluno conhecer qual é o seu *telos* no deslocar de cada espaço físico no qual ele se encontra, podendo, assim, se reconhecer como uma pessoa de dignidade. Uma vez que o educando compreenda essa realidade, será igualmente capaz de identificá-la no “outro” e, dessa forma, ser tomado por um sujeito edificado o qual contribui para a edificação do “outro”. Apresentamos, a seguir, dois excertos de alunos desenvolvidos em sala de aula, mostrando o entendimento sobre o assunto.

Edificar é ajudar por meio de uma vida virtuosa sendo virtuoso, fazendo com que você veja que a virtude esta presente nas boas ações, ajudar o próximo é construir uma vida virtuosa se dedicarmos pela aquela ou aquele mesmo você não conhecendo, como por exemplo a virtude da empatia, da generosidade, da humildade e da benevolência, com a construção do outro por meio de uma vida virtuosa não só se torna virtuosa ou virtuosa como também instiga as pessoas a praticar tornando ele ou ela virtuoso, no livro de Hamlet um belo exemplo de uma pessoa edificante é o Horacio se mostrando sempre fiel ao seu amigo mesmo diante da adversidade (SIC). (Oficina 5 – Pinheiro, Palmeira e Carvalho)

A edificação é a forma mais concreta de construir no outro a idéia de transformação, passando a transmitir através de seus atos a verdadeira virtude que é notória em Otelo, que passa a edificar a vida de Desdêmona. Essa edificação

que Otelo transmite para Desdêmona é através de suas histórias e contos que passa coragem, confiança e conhecimento do mundo, então através dessas virtudes Desdêmona se apaixonou por Otelo. Portanto ao ser edificada a pessoa passa por várias mudanças em sua vida, buscando a ter a verdadeira virtude, não só de ouvir, mas por em prática suas mudanças da edificação virtuosa (SIC). (Oficina 5 - Helicônia e Orquídia)

Constatamos a preocupação desses alunos em estar atentos à pessoa do outro. Essa realidade é vital para evitar o individualismo, que é definido por Mounier (1974, p.61) como “um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa.” Sob este foco, quando o Eu não consegue se perceber como pertencente à espécie humana, cai no individualismo, o qual exalta um sujeito autossuficiente acreditando apenas em si mesmo. Nessa consciência, vive sem dar conta da necessidade da solidariedade da pessoa humana com as demais na sociedade e no mundo de sujeitos como um todo. Cruz (1997) situa-se nessa perspectiva, ao dizer que:

se a experiência da *pessoa* é portanto, por definição, algo pessoal e não generalizável, o homem, no entanto, não renuncia a observar a si mesmo e a observar seus semelhantes *ab extrínseco* e a aplicar aos resultados dessas observações os instrumentos linguísticos e lógicos que permitem identificar cada um em meio a multidão dos iguais ou em meio à variedade das coisas. (CRUZ, 1997, p.98)

Verifica-se assim, que somente se reconhecendo como único, o aluno não perde sua identidade de pessoa diante de uma multidão de pessoas. Por outro lado Mounier explica que:

nos deixamos aglomerar quando renunciamos a ser pessoas lúcidas e responsáveis; mundo da consciência sonolenta, dos instintos anônimos, das opiniões vagas, dos respeitos humanos, das relações mundanas, do ‘diz-que-diz-que’ cotidiano, do conformismo social ou político, da mediocridade moral, da multidão, das massas anônimas, das organizações irresponsáveis. Mundo sem vitalidade e desolado, onde cada pessoa renunciou provisoriamente a sê-lo, para se transformar num qualquer, não interessa quem, de qualquer forma.” (1974, p. 73-74).

Dessa forma, os sujeitos se perdem em meio a uma aglomeração de massas, sem capacidade de discernimento, deteriorando suas características de pessoa. Sentindo-se abandonados por perceberem que são massa amorfa, números, entre outras coisas, os alunos acabam por esquecer, consciente ou inconscientemente, de que o espaço escolar é um local de enriquecimento. Esse ambiente não é apenas cognitivo, mas, e, sobretudo, lugar

de florescimento do ser humano integral comprometido eticamente com a sociedade na qual seus agentes precisam progredir na promoção de um crescimento sempre contínuo. Dessa maneira, cada aluno pode contribuir para transformação de um mundo justo o qual só ganha sentido pela presença da pessoa humana. Nesta perspectiva,

Os educandos estão experimentando a passagem de um estado isolado de indivíduo para a integração social moral. Isto deve acontecer de modo que não haja perda da sua condição de sujeito único e irrepetível. Uma das perspectivas mais importantes a ser entendida, na prática educacional, é, exatamente a de que a Educação é um processo de socialização. Socialização vem sendo explicada de diferentes maneiras, segundo autores e correntes variadas, muitas vezes com tal ênfase que a pessoa em sua individualidade é esquecida. Educar significa, pois, a tarefa de harmonização entre ambas as formas de desenvolvimento, tanto o pessoal como o social. Todas duas são integradas principalmente pelo eixo da Ética. (SUCUPIRA LINS, 2007a, p.64)

Como esclarece Sucupira Lins (2007a), a pessoa do aluno precisa estar inserida na sociedade para que a Educação se viabilize, acentuando, como condição necessária, a relevância de que a individualidade da pessoa do aluno seja central, sem cair no individualismo. A individualidade de cada pessoa fornece as condições de viver em sociedade, sem nesta perder a autenticidade. É refletindo sobre a existência do outro como pessoa que nos distanciaremos da triste realidade apontada por Dellillo (2003), ao explicar que “pessoas passavam apressadas, os outros da rua, uma infinidade de anônimos, vinte e uma vidas por segundo, andando-correndo com seus rostos e pigmentos, faíscas célebres do ser. Elas estavam ali para deixar claro que não era necessário olhar para elas” (2003, p.27). Quando se deixa ser guiado pelo movimento da massa, perde-se a individualidade, pois, reconhecê-la, força a reflexão sobre a pessoa com diferenças. A pessoa é sempre um ser único e irrepetível, ainda que pareça diluída na coletividade. Olhar para coletividade é esquecer que nela há seres humanos, uma vez que na coletividade o “Eu” e o “Tu” desaparecem como pessoas conscientes de seus atos, seguindo a orientação dada por quem se julga responsável pelo grupo.

Relacionando o acima exposto com a pessoa do aluno em sala de aula, perguntamos: Por que os alunos querem se ocultar uns dos outros? O que os levam a “querer” ser esquecidos? É oportuno pensar sobre as implicações do verbo esquecer, pois esquecer o outro é ignorá-lo, rejeitá-lo, é dizer, ainda que implicitamente, que a pessoa que

se encontra diante de mim é muito insignificante. Observe-se que a ideia expressa na palavra esquecer

parece insinuar que se trata apenas de uma atitude negativa. Mas, a psicologia demonstra-nos que a negação do outro, é, desde o início, um começo de homicídio. O outro é difícil e transtornante. O comportamento infantil normal, diante de uma adaptação incômoda, visa destruir o objeto que solicita adaptação, realmente pelo ataque, ou idealmente pelo sonho, pelo devaneio, ou por essa negação interior que é o esquecimento, a indiferença ou o ódio (MOUNIER,1958,p,89).

Quando o aluno se compromete com o processo de aprendizagem, sabe que neste caminhar está o desafio da luta diária para progredir na marcha da humanidade, tendo consciência de que não é apenas mais um no mundo. Ciente de que sua história de vida é merecedora de respeito, o aluno responde positivamente à proposta da realização da vida ética. Tal qual os pesquisandos, ao afirmarem que:

O que nos torna humanos são as nossas virtudes e o caráter que construímos ao longo de toda a vida. Ser humano é saber respeitar as diferenças, ajudar ao próximo, saber seus direitos e deveres. É saber que não existe só você no mundo e suas propriedades, é saber viver em consenso com milhares de pessoas. O humano é aquele que sabe aceitar e também sabe se impor. É saber dividir o pouco que tem, com aqueles que precisam. É viver em harmonia com milhares de pessoas que você não conhece, apenas pelo bom estar de todos. O mínimo que precisamos para viver em harmonia com os outros, é respeito e ter empatia, agir de uma forma boa, mesmo que não te beneficie em nada. Ser humano é ter um bom caráter, é saber doar e receber coisas simples, boas e naturais; não é só pensar no superficial, não é só viver de aparência. Ser humano é cometer vários erros, entretanto, aprender com cada um deles e quere ser melhor com eles, não é querer ser perfeito, mas querer ser uma pessoa cada dia melhor sem precisar diminuir os outros e sim ajudar todos a serem melhores também. É fazer o bem, é saber respeitar, é ser educado, é saber ser sincero, é ter compaixão, é perdoar (SIC).

Em Hamlet e Otelo, nós temos situações que possam ser bem representadas sobre o tema proposto. (...) Nas duas obras a irracionalidade do ser humano acabou falando mais alto, sem pensar eles agiram sendo movidos pelo ódio, ciúmes, e sede de vingança. Claro que também foram influenciados por disvirtuosos (SIC).
(Oficina 3 – Alfazema, Tamareira, Tulipa, Magnólia, Bardana, Flor de Lotus e Margarida)

Parece evidente aos alunos o reconhecimento de que ser uma pessoa virtuosa é fundamental, se bem que todas as pessoas em si mesmas, ontologicamente, são igualmente merecedoras de reverência. Tal entendimento conduz a consciência de viver entre pessoas humanas. O impacto da vivência ética na vida dos alunos fez com que eles identificassem a

influência exercida sobre os personagens das peças shakespearianas por pessoas “disvirtuosas” (SIC). Este é mais um dado significativo no ensino/aprendizagem de ética para os alunos do Ensino Médio.

Ao se reconhecer como pessoa, o aluno toma ciência de que é preciosa e tem valor. Nessa compreensão, exclamações em sala de aula, como a apresentada a seguir, já não mais se justificam: “Professora, a senhora não deveria está aqui dando aula para a gente, a senhora deveria está ensinando em outro lugar para pessoas que são capazes de acompanhá-la.” (aluno da 3ª série do Ensino Médio da rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro). Essa afirmativa revelou o quão distante do reconhecimento de sua dignidade o aluno se encontrava. É um ser humano que não conseguia compreender o seu valor como pessoa humana. O conceito de valor precisa ser bem compreendido, para que se alcance o máximo de entendimento, quando nos referimos ao valor da pessoa. Usamos a seguinte definição de valor:

manifestações concretas de princípios fundamentais considerados como de relevância para a vida do indivíduo e da comunidade social. Referem-se precisamente a tudo que ocupa um lugar de importância na vida individual e social e devem orientar o pensamento e o comportamento de cada pessoa de modo que haja respeito nos dois sentidos, tanto em relação a cada indivíduo como em relação à sociedade. Valores podem ser considerados segundo algumas classificações, quanto às suas características universais e culturais. Muitas vezes se fala também em valores transcendentais e permanentes, em oposição a valores que têm sua importância, mas estão restritos a uma temporalidade e também a determinados grupos culturais (SUCUPIRA LINS, 1999, p.101).

É por meio dos valores éticos que o aluno se compromete com o seu colega de turma e com as demais pessoas, uma vez que estes orientam os sujeitos para o respeito mútuo.

Na perspectiva da indagação apresentada pelo aluno anteriormente, parece que esse não assumiu a consciência própria de sua existência, uma vez que não concebe a essência de que o torna tão pessoa quanto aquela que ele admira. Assim, ele age como se não tivesse nada para sustentá-lo, tal como uma planta sem raiz, ficando à mercê de outrem para que o posicione diante dos eventos da vida.

Cada pessoa é um ser humano que auxilia, a partir de sua própria experiência de vida virtuosa, na formação de pessoas. Estas reconhecem a necessidade de vivenciar uma experiência pessoal, rica e profícua, pautada no esforço da conquista diária no caminhar de uma vida ética. Dewey (1964, p.15) explica que o “interesse pelo esforço é, em si mesmo,

um prazer a ser alimentado, e a vida é pobre sem ele.” Partindo dessa ideia, reforçamos a importância do empenho contínuo dos educadores para que os jovens possam vivenciar as Virtudes.

Quando o jovem se percebe uma pessoa ética, um sabor de conquista nas etapas do processo de aprendizagem parece motivá-lo mais. Isso se dá pelo fato de o jovem já ter passado por um processo o qual lhe fomenta a vontade de aprender mais. Esta se vincula a uma motivação intrínseca, como destaca Bruner (1978) na qual o aluno se sente preparado para fazer escolhas. O mesmo acontece quando está diante do processo de Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 1980). Nesta medida, aquisição, retenção e generalização (SUCUPIRA LINS, 2004), que são as fases do processo de aprendizagem, assumem uma nova dinâmica na vida dos alunos do Ensino Médio que veem, no ensino/aprendizagem de ética o caminho para serem pessoas conscientes de que podem contribuir para o surgimento de um mundo repleto de sentido. Este só é atingido quando o adolescente consegue vislumbrar que é uma pessoa importante por ser quem ele é. Nessa visão, o jovem vive percebendo o seu sentido da vida e não apenas passa pela vida descomprometido consigo mesmo e com o outro como uma borboleta.

O comprometimento com o ensino/aprendizagem de Ética assumido por cada aluno ao longo da pesquisa revela o significado da aprendizagem em suas vidas como é possível verificar a seguir:

Os personagens de Shakespeare, apesar de serem fictícios, tem uma grande ligação com os defeitos e qualidades que os seres humanos têm, como a falta de caráter de Iago (sub oficial de Otelo) e Cláudio (tio de Hamlet), a inocência de Desdêmona (esposa de Otelo) e Ofélia (amada de Hamlet) e a busca por vingança de Otelo (Mouro de Veneza) e Hamlet (príncipe da Dinamarca). Conseguimos ver nas duas obras que Cláudio e Iago não foram pessoas virtuosas, foram pessoas desonestas, falsas, mentirosas e egoístas. Acharam que podiam conseguir o que queriam, mesmo que fosse de uma forma ruim e desonesta. E isso realmente acontece fora dos livros, pessoas são tomadas pela luxúria e inveja, querendo sempre ser uma mais poderosa que a outra, e acabam desviando-se do caminho certo, acabam perdendo o caráter e machucando as pessoas. Pessoas como Cláudio e Iago não conseguem ter uma vida boa, porque não são bons, não são honestos, não são justos, não tem empatia. O mundo precisa de pessoas com atitudes boas e sensatas ou sempre haverá tragédias como as dos livros (SIC).(Flor de Lotus - Oficina 07)

A virtude não faz você ser um super -herói mas sim ela te leva a entender que você pode ser um ser humano melhor se deixando ser aperfeiçoado. O ser humano tem seus erros , seja ele virtuoso ou não, trazendo uma relação de Otelo um homem virtuoso porém foi capaz de matar sua amada Desdêmona. Ser

simplesmente um ser humano e permitem lidar com sua própria natureza falha, porém ciente de seus erros. A virtude tem um grande poder de mudança em um ser humano, pois não nascemos virtuosos mais ao longo da vida aprendemos a colocar em prática continuamente (SIC). (Orquídea, Palmeira, Coqueiro e Violeta- Oficina 03)

Reconhecemos a importância da narrativa expressa pela pessoa de cada aluno que apreendeu o valor de ser guiado pelas virtudes para se tornar o intérprete de histórias de vida plenas de conteúdo valioso. Seguindo esta trajetória, o adolescente não se permite ser transformado em coisa, em um “isso” ante o sistema educacional impregnado pela *Desordem Moral* (MACINTYRE, 2001), a qual expressa a ausência de critérios diante dos desafios da vida, que são vistos emocionalmente. A pessoa passa a ser um produto, ou, seguindo a ideia de Buber (2001) um Isso sem poder exercer sua vontade. Buber (2001, p.91) esclarece que “desde que um tu se torna um Isso a amplitude universal da relação parece uma injustiça para com o mundo e sua exclusividade como uma exclusão do universo”. A concepção buberniana destacada nessa citação leva à reflexão da necessidade de contemplar o outro no que ele é em sua essência, isto é, uma pessoa preciosa (VON HILDEBRAND, 2009). Apenas a pessoa com entendimento de si própria pode transformar um Isso em um Tu comprometido com tudo o que compõe o universo no qual se encontra.

Somente quando o “Eu” tem consciência de quem ele é: uma pessoa, e mais “que o lugar que ocupa no universo de pessoas não pode ser preenchido por outro qualquer” (MOUNIER, p.92-93) é que ele então consegue identificar que é um “EU” em toda sua capacidade. Pode-se então dizer que é alguém edificado capaz de colaborar para a edificação de outras pessoas, por meio de um diálogo aberto para o entendimento na relação EU-TU (BUBER,2001), mediante a escuta das narrativas de vida seus colegas de turma.

Cada pessoa é um estrangeiro que merece ser acolhido por cada membro de uma comunidade de sujeitos capazes e livres, pois “um homem, mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como homem.” (MOUNIER, 1974, p. 78). Tal proposição é relevante para o contexto escolar, visto que nesse se encontram diferentes sujeitos para alcançar um objetivo comum. Harmonizá-los em uma sala de aula só se torna possível no momento em que o outro é visto como pessoa. Para que tal proposta se concretize, faz-se necessário viver eticamente. Nessa ótica, o aluno precisa entender que a escola não é um lugar separado da vida (FONTENELE, 2010), pois

toda prática ética aprendida na escola precisa ser vivenciada no dia a dia para produzir resultados positivos na sociedade. Como afirma Fontenele (2010, p.54): “Por meio de procedimentos educativos, o sujeito pode chegar a uma autonomia ética, proporcionando a integração social e moral desse indivíduo, afastando-o de uma postura individualista e isolada,” o que significa estar cômico de que se tem dignidade afirmando a individualidade. Fazendo uma analogia sobre tal perspectiva analisemos:

ter consciência daquela árvore é estar com ela, entre seus ramos e folhas, é, de algum modo, como dizem os hindus, e os românticos numa expressão-limite, ser aquela árvore, pulsar ao seu doce calor primaveril, crescer com ela no seu secular crescimento, brotar com alegria de seus rebentos, sempre sendo eu próprio e sempre sendo distinto (MOUNIER, 1974, p. 87).

Considerando esse aspecto, toda educação deve ser trabalhada no processo da Virtude da Constância (VON HILDEBRAND, 2017), que fortalece os propósitos de trilhar uma vida coerente e autêntica. A Constância é pressuposto geral para todo o desenvolvimento da pessoa.

Uma vez que se tenha percorrido o caminho que promove o reconhecimento de uma pessoa humana plena de dignidade, é possível abrir-se para o vivenciar ético em uma sala de aula. Partindo-se de tal premissa, teremos sujeitos que se olham como pessoas que se reconhecem humanas e não objeto. Para experienciar as virtudes, faz-se necessário reconhecer a dignidade de cada pessoa. Falar em pessoa é contemplá-la de forma integral, haja vista que “há na pessoa humana características próprias a serem descobertas e efetivadas pelo fato desta não ser determinada por instintos” (SUCUPIRA LINS, 2014. P. 128-129). Discorrer sobre um ser humano integral subjaz a existência de uma educação igualmente integral a qual “se caracteriza pelo respeito à Pessoa Humana em todas as suas dimensões de modo que haja um pleno desenvolvimento destas para que o sujeito se torne ativo cidadão no meio onde está inserido” (SUCUPIRA LINS, 2014, p.131). Essa é a perspectiva necessária para que os adolescentes do Ensino Médio, ao saírem da escola, possam levar a vivência ética a outros ambientes, desenvolvendo, assim, o autêntico papel que lhes é atribuído.

É por meio da capacidade de reconhecer-se como “outro” tu que as relações humanas se concretizam podendo, assim, revelar uma história, uma vez que só “há história porque há uma humanidade” (MOUNIER,1974 p.45). A história de vida de cada aluno

auxilia no caminhar solidário da humanidade e, assim sendo, a cada um é atribuído o valor necessário para o perpetuar da caminhada humana na história universal.

Colocar fé nas narrativas históricas dos jovens estudantes é, antes de tudo, dar crédito a atuação de cada um deles como pessoas, posto que aquilo que tem valor merece a fé de alguém (VON HILDEBRAND, 2007). Acreditar na riqueza interior de cada aluno é reconhecer sua humanidade repleta de valor. A postura ética diante da vida é primordial. Sem ela não é possível a prática de atitudes virtuosas. Mas como experimentar o ser ético, sem a visão do “outro” como aquele que detém dignidade? Quando o jovem aluno se encontra sem referência de que é uma pessoa busca uma pseudo liberdade e encontra a liberdade da indiferença, tal como explica Mounier (1974, p. 110): “liberdade de nada ser, de nada desejar, de nada fazer”. O respeito por sua história de vida é o que promove a mudança de pensamento dos jovens alunos, pois a verdadeira liberdade é guiada pela vontade educada no dizer de Maritain (1959), ao enfatizar o sentido real da liberdade.

Quando o educando não se reconhece consoante uma pessoa de dignidade, fica impossibilitado de ver no seu colega de classe igual dignidade, não conseguindo, desse modo, sair de uma visão deturpada a qual o faz prisioneiro, não como uma pessoa que, de fato, é, mas como uma coisa, um Isso, na perspectiva de Buber (2001), que se deixa manipular-se e vai aos poucos se decompondo, assumindo uma postura fragmentada diante da vida.

Mounier (1958) respalda o pensamento apresentado ao dizer:

vejo sociedades que se decompõem, que se cobrem de escândalos, como afetadas por uma enfermidade de carência, e aqueles que as denunciam mais alto são os mesmos que há mais de cem anos se tornaram os senhores dessas sociedades, semelhantes a alguns pais que se indignam com os vícios dos filhos, sem reconhecerem que são eles mesmos os primeiros responsáveis por esses vícios. Vejo nascer por toda parte esse quarto partido ao qual se atribuem os homens mais incolores: os abstencionistas, o homem comum, _ o que não é senão uma nova doença nesse corpo fatigado, o partido daqueles que já não crêem em nada, não querem mais nada, e se deixam levar pela sua boa consciência de descontentes, quando, na realidade estão abandonando o navio em pleno infortúnio (MOUNIER, 1958. p.40).

O excerto apresentado acima por Mounier (1958) descreve o quadro no qual os agentes educacionais do Ensino Médio se encontram quando não vivenciam atitudes éticas diante do mundo. A “consciência de descontentes” apontada pelo autor não é outra coisa senão a incapacidade de assumir compromissos, o que para von Hildebrand (2017) é

Virtude da Responsabilidade, sobre cujo valor na vida da pessoa discutiui com ênfase. Somos responsáveis quando temos consciência. Essa é o olhar para si próprio, o qual conduz a reflexão do ato praticado. Dessa forma, a sala de aula se configura como o local propício para se refletir sobre atitudes. Tomemos, por exemplo, um estudante que praticou a injustiça com um colega de turma; por meio da reflexão, do olhar para dentro de si, descobrirá que foi injusto e reconhecerá que errou, modificando seu comportamento.

Quando os educadores não proporcionam elementos éticos aos educandos para que possam desenvolver a capacidade de uma reflexão consciente, os alunos se perdem em uma falsa identidade, fugindo do compromisso com os outros. É urgente o reconhecimento de cada aluno como pessoa livre, se bem que dependente do outro, para ser percebido como pessoa ética. Nesse foco,

o Educador realiza a sua tarefa sempre em relação a outros. O Educador existe porque existe o Educando que é a razão de ser da Educação. O Educando é o centro de toda a ação educativa, por isto a formação do Educador deve ser calcada no conhecimento de quem é o Educando, o que se espera do Educando e o que é o dever-ser do Educando. O Educando faz surgir o processo da Educação e o conduz conforme vai se desenvolvendo, no entanto, não é capaz de fazer isto sozinho. O Educador nasce desta carência. Perguntas e respostas servirão para o encaminhamento do agir do Educador. A formação do Educador se inicia pelo que se pode conhecer sobre o Educando, tanto de forma geral, na medida em que este é um ser humano, como de forma específica, olhando-se as raízes culturais próprias do grupo onde vive este sujeito. (SUCUPIRA LINS,2008, p.404.)

É com o olhar nessa relação harmoniosa entre Educador e Educando que podemos observar a existência de um caminho no qual os agentes educacionais se edifiquem como pessoas, em busca de um mundo fecundo por ser habitado por seres humanos conscientes.

O sujeito não pode ser visto como um receptáculo das atitudes egoístas do outro. Quando se permite a concretização dessa ideia, a relação entre os sujeitos se distancia da proposta de viver eticamente no mundo. O empenho para estar a serviço das necessidades do outro constitui uma das características para enxergar o outro como pessoa. Essa é, sem dúvida, a palavra forte para o desenvolvimento de uma sociedade que respeita a humanidade.

Parece que o contexto escolar carece de um olhar mais esmerado para a existência do “outro” como pessoa na caminhada pedagógica, posto que “um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa” (MOUNIER, 1974, p.61) faz do adolescente alguém sem

perspectiva na vida. Sentindo-se sozinho, o aluno cairá no individualismo porque não consegue compartilhar suas angústias, alegrias, vitórias, fracassos; enfim, tudo aquilo que é contingência do ser pessoa. Nessa compreensão, a pessoa precisa ser considerada em sua totalidade. Como destaca Maritain (1959, p.24) “Dizer que o homem é uma pessoa é dizer que ele é mais um todo do que uma parte.” A pessoa do aluno é esse todo que precisa ser levado a sério no contexto escolar; caso contrário não acontecerá o desenvolvimento integral como ser humano.

Quando o ambiente escolar não promove a formação integral do educando, este se vê sem forças para enfrentar os desafios que lhe são apresentados. Assim, na solidão do seu “eu”, começa a romper os laços sadios que podem ser firmados na Virtude da Amizade, por exemplo, esquecendo-se de que “aquele que começa por se encerrar no eu nunca encontrará o caminho para os outros. Quando a comunicação se enfraquece ou se corrompe perco-me profundamente eu próprio: todas as loucuras são uma falha na comunicação com os outros.”(MOUNIER, 1974, p. 64). Percebemos a dependência do existir do Eu condicionado ao existir do Tu. Nesse sentido, quando os jovens escutam as narrativas de vida de seus colegas de turma, mediante postura firmada nas virtudes, revelam a importância e o zelo por seus pares. MacIntyre (2001) valoriza a narrativa pessoal como integrante da construção ética. Esse é um espaço fundamental para a vivência de muitas Virtudes entre os alunos, em especial a da Amizade.

Observamos, assim, que, ao se partir de uma amizade virtuosa, semeia-se caminhos para o incremento de outras virtudes, pois,

quando se experimentam as alegrias da verdadeira amizade, desperta-se no espírito ímpeto de generosidade. E, no fundo, é isto que todo coração humano deseja para si: substituir os altos índices de veneno de amor-próprio, que o enfraquecem, por outros índices elevados de licor do amor, que o deixam feliz.” (MALHEIRO, 2014, p. 80)

Aqui é crucial a postura do Educador, haja vista que a preocupação deste, enquanto professor, é formar a pessoa humana de maneira integral, proporcionando a cada educando condições para que ele possa, livremente, tomar decisões. É o que se pode ler abaixo:

Mas formar realmente só será possível quando o educando repetir inúmeras vezes na prática o que se aconselha, depois de ter captado racionalmente que vale a pena. Portanto, o verdadeiro aprendizado das virtudes está muito longe da imposição ou da coação. Está próximo de incentivar o próprio esforço, a renúncia

ao gosto, o vencer-se nas más inclinações, mas com uma sensação gostosa e mais profunda de verdadeira liberdade (MALHEIRO, 2012, p. 78).

É por meio da Virtude da Perseverança que um aluno é capaz de descobrir a beleza de uma amizade (ARISTÓTELES, Sec. IV a.C), substituindo queixas e incompreensões. Goto e Zampieri (2017, p. 210) explanam essa questão, dizendo que “Na vida da pessoa humana a esfera do conhecimento possui um papel essencial, já que conhecer é um contato intencional com o ser, no qual a pessoa participa do descobrimento de sua própria natureza.” O olhar para dentro de si, que caracteriza o conhecimento, abre oportunidade para que a pessoa, por meio de sua natureza, se perceba distinta dos demais sujeitos que a circulam sabendo quem ela, de fato é. A intenção de viver virtuosamente inclui o conhecimento da pessoa como um todo. Como também afirma Stein (2000, p.65) “todo conhecimento é ato de uma pessoa.” Somente a pessoa pode ter conhecimento análogo à vida pessoal daquele que conhece.

Concluindo essa linha de pensamento, Philippe (1999, p.147) ressalta que “o conhecimento efetivo nos faz entender o que é a pessoa humana, com todo respeito que lhe é devido.” Retornamos à questão inicial sobre a relevância de atentar para a biografia de cada adolescente, de modo que se possa alcançar a formação de pessoas comprometidas umas com as outras.

Portanto, urge ter consciência de que:

A familiaridade não deve ser desprezada. Ela é natural e socialmente desejada. Contudo, é incompleta, não uma realização plena do eu, mas uma potencial “expectativa de ser usada”. Se, como professor, assumo o estilo e os gestos convencionais exigidos, posso tocar apenas a superfície da vida de meus estudantes. Devo ir além da familiaridade e abrir-me para eles. Devo apresentar-me a eles sem reservas, criando a confiança de que brotam a comunhão e a verdadeira auto-realização. (KNELLER, 1983, p.90).

Nesta medida, é possível pensar em uma relação harmoniosa entre educando e educador, pautada simultaneamente em uma relação assimétrica, necessária para que o processo educativo ocorra, e rica no encontro do Eu (educando) e do Tu (educador).

SUCUPIRA LINS (2008, p.406) observa essa questão, ao destacar que “o Educador deve ultrapassar as funções de ensino, ou outras ligadas à administração e à vida escolar em geral, preocupando-se essencialmente com o Educando.” A ideia defendida nessa tese é reforçada pelas palavras da filósofa a qual coloca o Educando como elemento central e

indispensável para que a Educação ganhe sentido. Nessa medida, os agentes educacionais se reconhecem como pertencentes à humanidade e assim se entendem e se respeitam, efetivando-se com isso o processo ensino/aprendizagem.

Cada educador precisa aceitar sua responsabilidade pelo seu concidadão na relação natural entre as pessoas, pois, embora ele possa, não deve fugir do compromisso de empenhar-se para contribuir para o caminho da edificação do diferente, do outro que se concretiza na vida diária de uma sala de aula. A filósofa Arendt esclarece essa ideia, como é possível observar a seguir:

“ o educador está aqui em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade, embora não o tenha feito e ainda que secreta ou abertamente possa querer que ele fosse diferente do que é. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-las de tomar parte em sua educação.” (ARENDR, 2011 a,p. 239)

Quando o aluno é esquecido por não ser considerado, de fato, como a peça fundamental e a razão de ser de todo processo educativo (SUCUPIRA LINS, 2008), mais uma vez, o contemplamos como uma coisa e não como uma pessoa humana.

Faz-se, portanto, necessário vivenciar a realidade de que é por meio do Tu que uma pessoa torna-se Eu (BUBER, 2001), principalmente no processo pedagógico, na relação educando/educador.

A grandiosidade da aceitação de tal realidade está no reconhecer a necessidade da constatação da dignidade do Outro que permite admitir que alguém é possuidor de dignidade. Nesse sentido, a afirmativa do aluno “Professora, a senhora não deveria está aqui dando aula para gente” revela a falta de valorização do próprio adolescente que não se reconhece digno de receber um conhecimento profundo, pois julga não pertencer àquele determinado espaço social de aprendizagem.

Quando cada aluno tiver consciência, de fato, de que não é um mero indivíduo, mas uma pessoa humana, assim como cada um que ele encontra diante dele em uma relação dialogal, poderá, com toda liberdade, dizer: sou um ser humano edificado que busca construir uma sociedade e um mundo no qual habitam sujeitos éticos os quais se reconhecem pelo laço que acolhe a todos os seres humanos: a Dignidade!

Assim não haverá mais espaço para negar que aquele que caminha está ao lado de uma pessoa entendida como “aquilo que não pode ser repetido.” (MOUNIER, 1974, p. 77). Não podendo ser repetido é único e sendo único constitui-se em riqueza, um tesouro que precisa ser cuidado com comprometimento e responsabilidade, uma vez que, “se é verdade que a pessoa é, desde as suas origens, movimento para os outros, <ser para>, é verdade também que, sob um outro aspecto, nos surge caracterizada, em oposição às coisas, pelo pulsar duma vida secreta na qual incessantemente parece destilar a sua riqueza”(MOUNIER,1974, p. 81). Confirmamos, mais uma vez, que é na relação dialogal com o outro que é possível mergulhar em sua rica história de vida. Essa relação se fortalece à medida em que a opacidade do outro é preservada.

Partindo do princípio de que, como educadores, ensinamos pessoas, sujeitos abertos para uma dada sociedade e para o mundo, e estamos a contribuir para sua edificação, devemos, como explica Mounier, em sua profunda análise sobre a pessoa:

tratá-lo como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não o posso definir, nem classificar, que ele é inesgotável. Pleno de esperanças que só ele dispõe; é acreditar. Desesperar de alguém é desesperá-lo. Ao contrário, a crença que a generosidade permite é infinitamente fecunda. (MOUNIER, 1974, p.67)

Sob este olhar, é imprescindível acolher a história de vida dos educandos, pois ela serve como ponto de partida para que o aluno desperte a preocupação quanto ao *telos* de sua vida no mundo. Ao escutarmos cada história, estaremos dizendo, ainda que de modo tácito, que aquele educando é alguém de importância fulcral, pois sua narrativa contribui para a formação da história da humanidade. Entender diferentes histórias de vida é reconhecer a importância vital dessas narrativas, no entender de MacIntyre (2001) como construtores da pessoa. O referido filósofo explica:

o que sou é, fundamentalmente, o que herdei, um passado específico que está presente até certo ponto no meu presente. Descubro que faço parte de uma história e isto é o mesmo que dizer, em geral, quer eu goste ou não, quer eu reconheça ou não, que sou um dos portadores de uma tradição.” (2001, p. 372)

É, pois, acolhendo a tradição, como parte da história de vida tanto da pessoa do educador e como do educando, que se pode, com maior discernimento, reconhecer a dignidade de cada *Alter* e *Ego* em sua trajetória existencial. Trajetória esta que revela o atuar de cada sujeito ciente de que para viver, de fato, em harmonia com o “outro”, precisa abrir-se à realidade de que “cada pessoa concernida tem que poder convencer-se de que a

norma proposta é, nas circunstâncias dadas, “igualmente boa” para todos”. (HABERMAS, 1989, p. 91). A proposta apresentada pelo filósofo reforça a ideia do comprometimento que cada pessoa deve ter com o outro. Nessa perspectiva, fica evidente a importância do olhar virtuoso em cada ação da pessoa humana, a qual é sustentada pela Virtude da Justiça que ajuda no entendimento de que não é possível viver uma vida ética, sem se situar na justa medida aristotélica. Isto significa dizer: somos humanos e para vivenciarmos nossa humanidade torna-se condição sermos virtuosos. O enfoque dado por Aristóteles, ao longo de toda a sua obra *Ética a Nicômaco* é o de que somente o homem virtuoso alcança a Felicidade. São as Virtudes, como sublinha Aristóteles, que auxiliam o sujeito a se reconhecer como pessoa humana. Partindo desse ponto de vista, as Virtudes

devem ser compreendidas como as disposições que, além de nos sustentar e capacitar para alcançar os bens internos às práticas, também nos sustentam no devido tipo de busca pelo bem, capacitando-nos a superar males, os riscos, as tentações e as tensões com que nos deparamos, e que nos fornecerão um autoconhecimento cada vez maior, bem como um conhecimento do bem cada vez maior.” (MACINTYRE, 2001, p. 68-369)

Nessa perspectiva, as virtudes constituem os meios para o reconhecimento de que o ser humano precisa de outro ser humano para alcançar o bem necessário para vivenciar atitudes éticas. Deve-se preparar educandos para admitir que, efetivamente, somos animais racionais dependentes (MACINTYRE, 2012), ou seja, antes de sermos racionais, somos dependentes uns dos outros. As contingências da vida, sem dúvida, contribuem para a mudança do rumo da história de vida de muitos alunos, visto que estarão mais atentos às necessidades do outro que precisam ser consideradas. Cada educando deve, livremente, dar continuidade a sua trajetória, percebendo-se como uma pessoa apta a dizer:

eu sinto felicidade à medida em que eu compreendo, empaticamente os “outros e sinto o mesmo em relação deles para comigo. (...) Agora, de modo intuitivo, sinto o que eles sentem. Tal realidade torna-se vida em meu sentimento, além do que de um “Eu” e “Tu” ergue um “Nós” como um sujeito de um elevado nível (STEIN, 1989, p. 17).

A pessoa de elevado nível só emerge quando voltada para realidade de viver de modo comprometido com o outro do qual resultará o surgimento de um “Nós” responsável. Cabe sublinhar que tal grau só é plausível pelo fato de cada Eu e Tu reconhecer a dignidade existente nesta relação. Ademais, é válido destacar o vínculo existente entre o

reconhecimento da dignidade e o ser virtuoso. Valendo-se de tal entendimento, se estabelece a humanidade de cada pessoa. Nessa medida, Sucupira Lins (2007) auxilia nesse entendimento ao explicar que:

Em tempos de globalização, não podemos, enquanto educadores, esquecer os valores específicos de uma cultura, as marcas provenientes da vida cultural e os detalhes que são a essência definidora de cada grupo. Ressaltando-se a diversidade cultural, nós educadores também precisamos estudar os valores universais da humanidade. Não é possível enfatizar um deles em detrimento dos outros se pretendemos planejar a educação que possa realmente atender nossas expectativas e esperanças de respeito a cada pessoa e a todos. É importante entender o que é particular a um grupo de pessoas, o que lhe é próprio e definido como cultural, e ao mesmo tempo o que é concernente a todos os seres humanos e nos torna possível falar em humanidade (SUCUPIRA LINS, 2014b, p. 151).

Constatamos assim, ser necessário, na realidade escolar, que haja um olhar esmerado sobre o Educador e o Educando como pessoas humanas, uma real compreensão para que aconteça a Educação que promove a plenitude de cada um em sua unicidade. Só quando reconhecermos cada sujeito como uma pessoa humana é que poderemos, sem dúvida, ver o desenvolvimento de um mundo ético no qual sujeitos de diferentes culturas serão respeitados. Somente a pessoa valorizada como tal é capaz, apesar de sua pequenez diante do universo, de transformá-lo pela capacidade de discernimento que o distingue dos demais animais. Por isso “só ele conhece esse universo que o absorve e só ele o pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais” (MOUNIER, 1974, p. 43). Confirmamos, nas palavras do filósofo francês, a soberania do ser humano, por ser dotado da capacidade de raciocinar, diante dos fatos do mundo. Por meio da razão, a pessoa encontra a liberdade para exercer sua humanidade expressa na vontade com um ser livre. Mondin (1998, p.18) realça o valor da liberdade da pessoa, ao dizer que “a liberdade é dada ao homem para que ele possa realizar a si mesmo, seu próprio ser; porque ele realiza aquilo que a natureza apenas começou a esboçar”. A capacidade de dar continuidade ao que cada pessoa já traz consigo tem sua concretização no reto uso da liberdade. De outro modo, dizemos que a pessoa só é livre quando consegue viver virtuosamente, estando aberta à narrativa de vida dos demais sujeitos (MACINTYRE, 2001; ARENDT, 2011).

Voltando ao foco do âmbito escolar, vemos que ter consciência de ser livre prepara o aluno para enxergar o seu colega de turma como pessoa. É a liberdade, guiada pela

vontade, que leva o aluno a ajudar o outro e de querer o bem do outro, se colocando em seu lugar, em diferentes situações, objetivando chegar a um entendimento como pessoas racionais que são. Nessa dimensão, para que o processo ensino/aprendizagem, em uma dada sala de aula, ocorra de modo eficaz, é condição basilar o acolhimento empático do educador pelo educando. Utilizamos o termo Empatia, segundo a perspectiva apresentada pela filósofa alemã Edith Stein (1989). A estudiosa concebe Empatia (*Einfühlung*) como o meio pelo qual um Eu consegue compreender o Outro, bem como o seu vivido, seu sentimento e estado de ânimo. Por meio do ato empático, é possível compartilhar os medos, os pensamentos, as dores e as alegrias do outro, por exemplo.

Em um contexto escolar, essa compreensão é capital, uma vez que, por meio da descoberta de algo que já faz parte do educando, ser livre, ele assume um melhor relacionamento com os seus colegas de turma. No momento em que um Eu se abre à realidade de um Tu, seja ele quem for, o processo ensino/aprendizagem se fortalece, pois:

O outro primeiro em si (o primeiro não Eu) é o outro Eu. E isso torna possível a constituição de um domínio novo e infinito do “estranho a mim” ao qual pertencem os outros e eu mesmo”. Ele está na essência dessa constituição que se ergue a partir dos outros Eus puros de modo que aqueles que são “outros” para mim não fiquem isolados mas, que, ao contrário, se constituam na esfera que me pertence uma comunidade de Eus que existem uns com os outros e uns para os outros e que engloba a mim mesmo. Em última análise, é uma comunidade de mônadas e notadamente, uma comunidade que constitui (por sua intencionalidade constituinte comum) um único e mesmo mundo, onde encontram-se todos os homens psicofísicos objetos do mundo (HUSSERL, 2001, p.121).

O filósofo Husserl realça a ideia da importância da Empatia no relacionamento humano o qual ocorre porque há uma intencionalidade. É a intencionalidade de cada ato praticado pelos agentes educacionais, ou seja, educador-educando, que é gerada uma nova realidade vivencial entre os sujeitos. Nessa visão, entender o outro empaticamente ajudará na concretização da intencionalidade dos agentes educacionais comprometidos com a excelência de seus papéis no mundo.

Nesse enfoque, as histórias de vida de cada jovem do Ensino Médio são consideradas como de muito valor pelo educador responsável cômico de que:

A educação e o educador formam uma unidade orgânica. A educação exige um objetivo pelo qual deve orientar-se a formação do educando, e meios que possibilitem a ação sobre o educando. Como a educação é confiada a seres humanos, não são valores absolutos nem o objetivo nem os meios. Eles variam de acordo com a personalidade do educador, pois este nunca poderá realizar seu

trabalho educativo de modo neutro, isto é, abstraindo de sua visão de mundo e de sua atitude em relação ao educando. Seu pensar e seu agir são influenciados por determinadas convicções e princípios, seja eles tácitos ou expressos. Sem eles faltam-lhe, por assim dizer, o malho e a bigorna. Até poderá tornar incandescente o ferro, mas não será capaz de forjá-lo (STEIN, 1999, p.14).

A pessoa do aluno precisa receber uma formação de qualidade fundada em princípios éticos para poder atuar como agente responsável pelos demais colegas de turma. A abertura para a vivência empática é fundamental nesse processo, visto que a atitude de empatia promove a Pedagogia do Encontro (STEIN, 1989). Esse é um pressuposto indispensável quando se quer proporcionar o Ensino/Aprendizagem de Ética, partindo da narrativa histórica dos diferentes alunos que compõem uma dada sala de aula. A Pedagogia do Encontro tira o aluno do isolamento que, por vezes, o leva ao fracasso escolar, por não desenvolver as potencialidades nele existentes. Tal Pedagogia une e acolhe diferenças e pluralismos, pois valoriza, compreende, sem preconceitos, as riquezas específicas de cada indivíduo/aluno, contemplando-o em sua totalidade como elemento de crescimento mútuo uma vez que o educador faz despertar no educando aquilo que já se fazia presente nele, mas, só por meio do Encontro com o educador ele consegue reconhecer e ativar suas potencialidades.

Dentro do cenário apresentado, urge uma orientação no Encontro Educador-Educando no sentido de que se respeite, de fato, a individualidade e a personalidade de cada pessoa, capacitando-a para tomada de decisões livres. Neste sentido, não é possível pensar em uma comunidade, seja ela qual for, pautada em uma ideologia, pois esta é apresentada como se fosse algo bom, agradável e necessário, porém no seu âmago se coloca diante dos interesses dos que a propõe (BELLO, 2006). Neste caso, Stein (1999) afirma que está se formando a massa. Bello esclarece a questão ao afirmar que:

Massa significa, então, pessoas juntas sem uma forma especificamente própria. Sua forma é dada por quem consegue se ocupar dela e utilizá-la segundo um projeto. O projeto não é psíquico, mas intelectual, sendo assim, pode ser bom ou mau, mas de partida já viciado quanto à questão da moral. Alguém que utiliza a massa par um fim moral, faz algo negativo, pois **não respeita a liberdade do ser humano** (2006, p. 72 . o grifo é nosso).

Tal postura entra em contradição com todo o propósito do educar e formar integralmente o adolescente.

Stein (1999) explica, por meio do estudo da Empatia, como a pessoa e as comunidades em geral devem buscar desenvolver uma cultura do Encontro no qual prevaleça o respeito e, sobretudo, como destaca Von Hildebrand (2017) a Virtude da Reverência. Para esse filósofo, a pessoa humana é, e sempre deverá ser, o centro dessa atitude referencial e nunca “as coisas” ou “objetos” em si. Entender isso é admitir que se está diante de uma pessoa.

Educar para o respeito por meio do reconhecimento da importância da empatia é imprescindível nas relações humanas. Isto significa “ir ao encontro do outro” (STEIN, 1999) e rejeitar toda a tendência ao isolamento, ao individualismo, à indiferença e ao fechamento de si mesmo em uma visão solipsista e egocêntrica. É debruçada sobre tal pensamento que uma prática escolar deve se pautar. Nesta, a narrativa histórica dos jovens do Ensino Médio precisa ser considerada em uma relação na qual o educador seja capaz de formar o educando para a vivência das virtudes, para que se possa ver propagada uma sociedade com alto grau de excelência ética. Na busca por uma sociedade na qual prevaleça o bem comum e a felicidade daqueles que a compõem, a realidade do Encontro se coloca como o ponto de partida empático para a compreensão e abertura ao “outro eu”. Neste Encontro de duas existências e realidades distintas, o “Eu” sente que também é responsável pelo “Tu”, pois este lhe é um semelhante. Tal ato alcança um nível ético que leva os agentes educacionais a um enriquecimento interior em que ambos sozinhos não se bastam. É por isso que Solidariedade e Encontro se constroem mediante a responsabilidade de um para com o outro. Esta responsabilidade solidária será, portanto, o ponto chave para o diálogo construtivo entre pessoas e culturas em sua mais profunda diversidade, pois significa promover e valorizar a riqueza única que é o Outro, como fator de crescimento para ambos. Por meio do Ensino/aprendizagem da Ética, os conflitos são desfeitos, uma vez que a história de vida de cada aluno é respeitada. Nessa compreensão, alcança-se a harmonia, como explica também Aristóteles (1997), de viver o Encontro em uma comunidade escolar, porta voz de um novo olhar sobre a sociedade e o mundo.

3. A PERCEPÇÃO DO OUTRO NA COOPERAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Falar em cooperação é admitir imediatamente a presença do outro, haja vista que esta só se realiza mediante uma relação de pelo menos um Eu e um Tu, quer seja de forma direta quer seja indireta. Podemos cooperar com alguém, mas também podemos cooperar em algo ou para algo. Esta última ideia pode, a princípio, nos distanciar do sujeito, porém, ao cooperar em algo ou para algo estamos a fazê-lo para o benefício final de uma pessoa. Nesse sentido, o outro (aluno) precisa ser presença concreta a qual nos faz, de fato, percebê-lo como um ser humano. Como afirma Bello “a percepção é aquele algo que se dirige a um objeto físico, concreto, que está diante de mim” (2006, p.47). Assim, à medida que reconhecemos a existência do outro estamos nos abrindo para a possibilidade de um ato colaborativo, proporcionando o crescimento dos envolvidos nesta mesma prática.

Entendemos colaboração como apresentado por Piaget, sendo ela “operações efetuadas em comum ou em correspondência recíproca” (1973, p.22). Neste sentido, cooperar implica interação social com o outro o qual participa em uma dinâmica psicológica e social para que uma comunicação harmoniosa aconteça. Ainda seguindo tal linha, Habermas (1987) aborda a interação dos grupos sociais para se chegar ao entendimento por meio de ações racionais. Tais ações caminham ao encontro das ações de cooperação, uma vez que a atitude de cooperação envolve capacidade de entendimento e este passa pelo crivo da razão. Dessa forma:

O potencial racional na ação orientada para o entendimento mútuo pode ser traduzido em racionalização dos mundos de vida dos grupos sociais no sentido de que a linguagem preencha as funções de chegar ao entendimento, coordenar ações e socializar indivíduos. Por isso ela se torna a medida por meio da qual a reprodução cultural, interação social e socialização acontece (HABERMAS, 1987, p.86).

Assim, o sujeito envolvido no processo colaborativo participará de uma dinâmica de aprendizagem mútua, buscando a edificação de cada membro do quadro escolar. Quem assume uma posição solipsista pode correr riscos diante da vida. Nesta medida, é válido refletir sobre a afirmação de Jasper ao interrogar e explicar:

Qual o risco que vale a pena correr – construir com base em uma fidelidade ou permanecer soberano, isto é, sozinho? A segunda alternativa conduz seguramente à ruína; a primeira é uma aventura nobre, que pode ser bem-sucedida, embora não haja certeza disso. Nessa aventura, um dos participantes não pode alcançar êxito sem o outro (JASPER, 2006, p.61).

Essa reflexão nos coloca diante da dinâmica da vida a qual impele seus participantes a fazerem escolhas. Estas, por sua vez, devem ser assumidas por sujeitos responsáveis e capazes de atos colaborativos para que a escolha seja correta em uma circunstância específica (KNELLER, 1984), pois não se pode perder de vista que a percepção do outro é fundamental para o pleno desenvolvimento da pessoa, uma vez que, por meio dela, tomamos consciência de que não somos únicos, ainda que possamos optar, por sermos livres, pelo isolamento.

Compreender a percepção é fundamental, visto que essa capacidade exerce importante papel para atividade humana tanto na vida pessoal como relacional (LONERGAN, 1978). Diferentes formas de percepção são analisadas pelo autor, sempre enfatizando a responsabilidade da pessoa e suas características nucleares, como razão, vontade e liberdade. Desse modo, o estudioso afirma que “uma perspectiva de liberdade tem que se voltar para um estudo do intelecto e da vontade” (LONERGAN, 1978 p. 602). Todos os estudos que têm como ponto de partida a percepção e se relacionam com reflexões fenomenológicas exigem a análise da razão, da vontade e da liberdade.

Vygotsky reforça tal ideia, ao dizer que “a percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância” (VYGOTSKY, 1994, p.44). Dessa forma, identifica-se a atividade perceptiva sobre a existência de o Outro firmar-se como uma característica da humanidade.

Inserindo a perspectiva apresentada acima no contexto escolar, é possível afirmar que o aluno, ao se dar conta da realidade do “outro eu”, vai, aos poucos percebendo o valor das ações colaborativas. Dessa maneira, ele reconhece que o encontro Eu - Tu, tão fundamental na cooperação, se concretiza como relação e não como unidade (ZUBEN, 2003). Neste sentido, o educando consegue dar passos largos para um crescimento verdadeiramente humano, haja vista que ao tomar consciência, de seu papel relacional no mundo, descobre o que cada eu é diante de si, do outro e do mundo no qual se relaciona. Assim, pode-se observar que:

A consciência-de-si é reflexão a partir do ser do mundo sensível e do mundo da percepção e é, essencialmente, um retorno a partir do ser-outro. Esse ser-outro (o mundo sensível) é conservado no movimento dialético constitutivo da consciência-de-si como uma segunda diferença que se insere na primeira diferença com a qual a consciência-de-si se distingue de si mesma pela identidade reflexiva do Eu. (HEGEL, 2002, p.19).

Desse modo, partindo de uma prática reflexiva sobre a consciência de si, o educando atinge, por meio da percepção do outro, a capacidade de pensar mediante uma profunda argumentação: A existência do outro é essencial para o seu desenvolvimento integral como ser humano.

Confirmamos, dessa forma, a importância do ato colaborativo na vida de cada sujeito. Este, aliás, não consegue evoluir como pessoa sem a colaboração do outro. Tal capacidade de cooperação é fruto de uma inquietação filosófica uma vez que, “o ser humano é um ser que filosofa e nesta ação busca saber sobre si e sobre o mundo a sua volta” (SUCUPIRA LINS, 2013 a). Esta noção é crucial para o melhor desempenho das atividades de cooperação.

3.1- Contexto Escolar: Local Privilegiado para a Cooperação e Percepção do Outro

O contexto escolar possibilita um ambiente propício para o reconhecimento da existência do outro por meio da cooperação, auxiliando no equilíbrio nas relações humanas. Como afirma Piaget, “este equilíbrio, atingido pelas trocas cooperativas de pensamento, toma necessariamente a forma de um sistema de operações recíprocas e conseqüentemente de “agrupamentos” (PIAGET, 1973, p.190). Nestes agrupamentos se abrem oportunidades de reconhecer o Outro e suas necessidades, deixando possibilidades de cooperar com ele de um modo mais consciente e solidário. Neste prisma, vale ressaltar a reflexão de Todorov sobre a solidariedade:

A solidariedade no interior de um grupo significa que ajudo automaticamente todos os seus membros e que não me sinto atingido pelas necessidades daqueles que não pertencem a esse grupo. Compreendida como ajuda mútua, a solidariedade apenas amplia quantitativamente o princípio do interesse pessoal: substitui, no egoísmo, o que Primo Levi chama de *nosisme*, o egoísmo de “nós” (...) A solidariedade para com os meus implica a exclusão dos outros. Suas vítimas são, portanto, os estrangeiros, em todos os sentidos da palavra. O recém-chegado, mesmo em campo, choca-se de início com a hostilidade do grupo já constituído: hesita-se em fazer dele um beneficiário dos efeitos da solidariedade e, sem dúvida, temendo que ameace as vantagens adquiridas, é mantido no

exterior. Todos os grupos desenvolvem esse espírito corporativo para se defender das intrusões estrangeiras” (TODOROV,1995. p,95).

A questão apontada neste longo excerto é pertinente, pois oferece uma busca sobre o verdadeiro sentido da palavra solidariedade dentro de uma estrutura de um trabalho cooperativo. Nesta linha de pensamento, podemos aceitar o pensamento de Bello ao sublinhar que “claramente nós sempre reconhecemos o outro ser humano, mas podemos negar isso do ponto de vista cultural. Ou seja, outros elementos de caráter pré-concebido, interferem” (BELLO, 2004. p,159). Um exemplo de tal raciocínio é negar a capacidade intelectual dos alunos das escolas públicas quando, por exemplo, a eles não são dadas as ferramentas necessárias para o seu desenvolvimento cognitivo, pois já são pré concebidos como incapazes. Podemos assim afirmar que estamos diante de um problema cultural e moral Bello (2004). Ademais, “a tomada de posição moral depende de como considero a humanidade, do que quero da humanidade” (BELLO, 2004. p.160). Nesta medida, estamos diante de um questionamento ético.

A cooperação que auxilia para paz (o “nós” inclusivo) pode também ser aquela que promove a guerra (o “nós”exclusivo), em um sentido macro. Quando a colaboração não visa o desenvolvimento de todos os envolvidos em uma dada prática social, sem deixar ninguém de fora, não há sentido falar sobre cooperação. Assim, quando o educador não coopera com o educando, por exemplo, não o ajudando a despertar a sua potencialidade para vivenciar atitudes virtuosas dentro do contexto escolar, está promovendo uma guerra silenciosa e cruel, uma vez que está anulando a capacidade do educando de transformar a potência que ele carrega para o desenvolvimento do que é bom e belo em ato. Isto significa negar a capacidade que o educando possui, em potência, de se tornar um ser humano integral. Quando o educador não tem a percepção do outro que se encontra diante dele como uma pessoa e não mera coisa do mundo, o desenvolvimento integral do aluno fica comprometido. Para que a educação integral do educando se efetive na sala de aula, deve estar compreendida em um processo o qual vise “o aperfeiçoamento do educando em todos os seus aspectos, de modo que se pode observar a Educação cognitiva, sociocultural, afetiva, física e moral” (SUCUPIRA LINS, 2014, p.127). O espaço escolar é, sem dúvida, o local singular para o progresso da Educação Integral.

Nesta lógica, devemos perceber cada educando, como salienta Husserl em uma perspectiva fenomenológica, “como sujeito para esse mundo: sujeito que percebe o mundo, - esse mesmo mundo que eu percebo – e que tem por isso experiência de mim, como eu tenho a experiência do mundo e, nele, dos <outros>” (HUSSERL, s/d. p.117). Assim, o mundo onde está a escola exige solidariedade na qual o outro possa fazer parte, de fato, de um ato de colaboração buscando o bem comum de toda comunidade acadêmica. Essa premissa consolida-se ao admitirmos que são pessoas dependentes, tal qual ressalta o filósofo escocês MacIntyre (2012) ao analisar os seres humanos como animais racionais dependentes e vulneráveis. Também Dewey (1964) partilha de tal ideia ao afirmar que somos sujeitos eternamente dependentes e não podemos fugir de tal realidade:

Os indivíduos são interdependentes. Ninguém nasce a não ser na dependência de outros. Sem auxílio e alimento fornecidos por outros, o indivíduo pereceria miseravelmente. O material sua subsistência intelectual, assim como física, vem-lhe de outros. À medida que cresce, torna-se mais independente física e economicamente; mas desempenha sua ocupação apenas através da cooperação de outros (DEWEY, 1964, p.73).

Pensar sobre o ser humano é admitir que ele tem uma história particular situada em um mundo repleto de significado. Segundo Mounier, a história do mundo e a história do sujeito que participa do mundo caminham juntas, pois “a história tem um significado: a história do mundo, primeiramente, e em seguida a história do homem” (MOUNIER, 1958, p. 108). Esta realidade histórico-social: mundo –sujeito, sujeito- objetos do mundo, sujeito – sujeito não pode evoluir de modo ético sem a condução de atos de cooperação, pois,

Em todos os lugares em que se apresentem as relações de sujeito a objeto, e é o caso da sociologia como em outros campos, mesmo e principalmente se o sujeito é um “nós” e que o objeto é o de vários sujeitos ao mesmo tempo, o conhecimento não parte nem do sujeito nem do objeto, mas da interação indissociável entre eles, para avançar daí na dupla direção de uma exteriorização objetivante e de uma interiorização reflexiva (PIAGET, 1973, p.14).

Por conseguinte, é possível ressaltar a ideia de que a interação social entre os diferentes sujeitos e o mundo se concretiza, valendo-se de uma atitude de colaboração. Esta, contudo, deve ver em cada relação entre os sujeitos a dimensão do outro como ser único no desempenho de cada atividade realizada na sociedade. Eu e Tu conscientes de

seus papéis no mundo buscam, a cada nova experiência, o conhecimento um do outro pela compreensão do ato de co-operação. Nesta medida, a reflexão de Jasper resume a questão:

Que somos nós, que são esses olhos que estão no mundo e veem e conhecem e compreendem? Seres pensantes, somos a dimensão – única, segundo sabemos – onde aquilo que é se revela em nosso pensamento objetivo, em nossa compreensão, em nossa ação, em nossa criação, em cada forma de nossa experiência. (JASPER, 2006, p. 36)

A cooperação é uma necessidade para o desenvolvimento sadio da pessoa na sociedade e no mundo, mas aquela {cooperação} exige de cada sujeito o exercício da virtude da humildade para ser efetivada, haja vista que o indivíduo que não se reconhece dependente do outro na trajetória da vida não consegue atingir o real sentido do ato de cooperar. Como destaca Piaget, deve se buscar “uma solidariedade cooperativa” a qual “almeja beneficiar a todos os indivíduos, chamando-os para vivenciarem todas “as qualidades da pessoa socializada” (PIAGET, 1973. p.195). Para que tal socialização se concretize, faz-se necessária a vivência de atitudes éticas no processo de cooperação. Considerada nessa óptica, ela se firma como atos sociais na medida em que “são atos pelos quais uma pessoa se dirige a outras por meio de perguntas, apelos, ordens” (STEIN, 2003, p.714). É justamente de tal modo, e não de outro, que o ser humano interage com o outro no mundo. No esforço colaborativo subjazem atos sociais os quais “pressupõem um contexto prévio de entendimento entre as pessoas. As relações sociais não são atos de uma única pessoa, “mas algo que existe entre pessoas tendo pelo menos duas pessoas como portadoras” (STEIN, 2003, p.714). Isto confirma a tese de que a pessoa é um ser de relação.

Como harmonizar tantas pessoas diferentes nas escolas e, em especial adolescentes do Ensino Médio? A vida ética é a base da formação dos sujeitos. Por meio de estudos que levem à reflexão, os sujeitos descobrem a beleza do encontro com o outro o qual se concretiza no nascer de um “nós” transformado pela vivência das virtudes. Tanto o educador como o educando precisam estar conscientes de que a “Educação é um projeto simultaneamente político e filosófico, cuja compreensão não cabe exclusivamente no âmbito da racionalidade científica” (MENDES, 1998, p.60). Esta proposta requer um longo caminho a ser percorrido, posto que no contexto educacional específico da escola, os alunos não conseguem, a princípio, ver no outro um outro eu, pois veem no outro uma ameaça para a sua afirmação como pessoa que, na maioria das vezes, não sabem ainda qual é. À

medida que os alunos se desenvolvem como cidadãos conscientes de seus atos, por meio de uma educação para as virtudes descobrem que:

A negação do outro é, desde o início, um começo de homicídio. O outro é difícil e transtornante. O comportamento infantil normal, diante de uma adaptação incômoda, visa destruir o objeto que solicita a adaptação, realmente pelo ataque, ou idealmente pelo sonho, pelo devaneio, ou pela negação interior que é o esquecimento, a indiferença ou o ódio (MOUNIER, 1958, p. 89).

Somente a vida ética pode conduzir os adolescentes a respeitar o outro, não negando a existência dele como pessoa. Neste momento, é possível dizer que o aluno alcançou sua Identidade Moral. Em relação a este conceito, Sucupira Lins explica que a Identidade Moral “define uma pessoa em profundidade com referência ao domínio da ética e à consciência de si mesma” (SUCUPIRA LINS, 2009, p. 636). Dessa forma, podemos afirmar que a atuação do educador, de forma responsável e ética é essencial na escola para que o educando possa por si mesmo perceber seu desenvolvimento ético como sujeito. A estudiosa auxilia nesse entendimento ao afirmar que:

Alguém que chegue a construir a sua identidade ética sabe quem é e age de acordo com esta consciência. O educador procura acompanhar os passos desta construção, principalmente na prática pedagógica, sempre com a finalidade de permitir ao educando, por meio de sua liberdade, encontrar esta Identidade Moral. (SUCUPIRA LINS, 2009, p.636).

Essa citação sobre a construção da identidade moral do educando é valiosa porque esclarece sobre o discernimento do aluno. É este o intento da vida ética: Levar os sujeitos a refletir sobre seus atos sendo capazes de fazer escolhas acertadas para que possam vivenciar uma vida harmoniosa é fundamental (ARISTÓTELES, 2001). A figura do educador é indispensável em todo processo educacional para a promoção da emancipação ética dos alunos, pois ele “conhece, antes de mais nada, os ritmos longos, densos e para fora de cada homem” (MENDES,1998, p.60). Quando esses ritmos são acompanhados intensamente pelo educador, é possível enriquecer o crescimento da aquisição da Identidade Moral dos educandos, pois

a Identidade Moral não faz parte do patrimônio inato do sujeito, tratando-se desta forma de algo que posteriormente aparecerá. Fica difícil dizer o que será adquirido, pois na realidade será a mais íntima constituição do próprio sujeito que se afirmará como esta Identidade Moral” (SUCUPIRA LINS, 2009, p.637).

O resultado do processo da formação da Identidade Moral é importante nesse caminhar, assim como o processo em si, visto que “ é por meio do processo educativo que o indivíduo se afasta cada vez mais de sua natureza simplesmente animal e se afirma como um ser humano com as suas capacidades desenvolvidas de modo específico” (SUCUPIRALINS,2007, p.67). O resultado do processo dependerá mais do esforço do aluno em se abrir a uma nova proposta de vida ética do que do empenho do educador. Ter uma Identidade Moral é primordial para o bom desenvolvimento do aluno, é fincar o pensamento na realidade de uma pessoa concreta a qual tem conhecimento de que é finito e que as suas atitudes podem fazer a diferença no mundo.

3.2. A Cooperação e a Prática de Virtudes

A cooperação envolve atitude racional. Nesse sentido, quando há atitude de cooperação, não há espaço para comportamento emotivista, ou seja, voltado para as preferências pessoais (MACINTYRE, 2011). Ou ainda no caso de interesses próprios, o que traz a desordem moral, como por exemplo, ajudar a alguém para tirar algum proveito mais adiante de alguma situação a favor daquele que dispõe a ajudar, que é uma atitude utilitarista. O indivíduo em si tem um valor o qual não pode ser esquecido. Reconhecer o valor do outro é pensar e agir cooperativamente.

É preciso se entender que, ao agir impulsionado pelo desejo de usurpar o que é do outro, o sujeito acaba por se distanciar do real significado do ato de cooperação, porque esta requer o amadurecimento dos envolvidos no processo. Ademais, a cooperação social é uma necessidade do ser humano na medida em que o sujeito não se constrói sozinho (RUSSELL, 1961). Nesta perspectiva, as pessoas envolvidas no processo de colaboração devem se comprometer umas com as outras sabendo que:

As ações dos indivíduos uns sobre os outros em que consistem as relações sociais tendem, igualmente, no campo das trocas de pensamento, para uma forma de reciprocidade que implica a mobilidade reversível própria ao “agrupamento”: a cooperação, só é um sistema de operações efetuadas em comum, ou de co-operação (PIAGET, 1973, p. 194).

Portanto, no desenvolvimento do ato de co-operação, em atividades escolares entre os alunos é possível observar o despertar da virtude da amizade uma vez que esta exige do outro uma participação ativa no desempenho de uma ação (DEWEY, 1964). Neste sentido,

o perceber o outro como elemento primário (BELLO, 2006) é fundamental, pois nesta ação há uma relação mútua:

de tal maneira que se percebemos, percebemos que percebemos, e se pensamos, percebemos que pensamos, e se perceber que percebemos ou pensamos é perceber que existimos (pois existir foi definido como perceber ou pensar), e se perceber que existimos é em si mesmo uma das coisas agradáveis (pois a vida é boa por natureza, e perceber que o que está presente em nós é agradável), e se a vida é desejável especialmente para as pessoas boas, porque para elas a existência é boa e agradável (pois elas se alegram por terem consciência da presença nelas do que é bom em si mesmo), e se as pessoas dotadas de excelência moral se comportam em relação a si mesmas da mesma forma que em relação aos seus amigos (pois o amigo é um outro “eu”) – se tudo isto é verdade, então da mesma forma que sua própria existência é desejável para cada pessoa, assim, ou aproximadamente assim, a existência de um amigo é também desejável” (ARISTÓTELES, *E.N.*, IX, 9,1170b).

Esta extensa citação se justifica para evidenciar o quanto a questão da percepção do outro é vital para se chegar ao entendimento de que “o outro eu” é parte indispensável na condução da vida de cada sujeito da história humana. Segundo Stein (2000), podemos dizer que cada pessoa, de certa forma, é co-responsável pelas ações do outro, mas isto não significa afirmar que o “eu” tira a liberdade de ação do outro, pelo contrário tal co responsabilidade implica um modo de cooperação, significando esta:

A forma precisa das trocas entre os indivíduos, para perceber que estas interações são elas mesmas num sistema de operações, de tal forma que as atividades do sujeito se exercendo sobre os objetos, e as atividades dos sujeitos quando agem sobre outros objetos, e as atividades dos sujeitos quando agem uns com os outros se reduzem na realidade a um só e mesmo sistema de conjunto, no qual o aspecto social e o aspecto lógico são inseparáveis na forma como no conteúdo. (PIAGET, 1973, p. 103)

À medida que percebemos o outro diante de nós, encontramos a fonte para se ter acesso ao sujeito (BELLO, 2006). Este primeiro passo nos encoraja a darmos um segundo passo no conhecimento do outro: a reflexão. Nesta vemos com clareza que estamos diante de uma pessoa, posto que, ela “é uma vivência humana porque corresponde à capacidade que o ser humano tem de se dar conta do que está fazendo.” (BELLO, 2006, p.33). Fica claro que podemos assumir a responsabilidade de termos amigos, ou melhor, de escolhermos se queremos este ou aquele como amigo, depois de tomarmos consciência daquilo que fazemos por meio dos atos reflexivos, ou, na lógica de Green, devemos ir mais além, uma vez que, “A reflexão não é o suficiente; o que precisamos para entender a mente é a reflexão da reflexão” (GREEN, 2013, p.55). Ainda neste pensamento, é válida a

“reflexão da reflexão” sobre a importância do Tu na afirmação existencial do Eu. A relação Eu-Tu é tão significativa na ação de cooperação que sem ela esta não se realizaria. Buber (2001) nos ajuda a compreender tamanha dimensão ao dizer que:

O homem se torna Eu na relação com o Tu. O face a face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do eu se esclarece e aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações com o Tu, como consciência gradativa daquilo que tende para o Tu sem ser ainda o Tu. Mas, essa consciência do Eu emerge com força crescente, até que, um dado momento, a ligação se desfaz e o próprio eu se encontra, por um instante diante de si, separado, como se fosse um Tu, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações (BUBER, 2001, p.32).

Aprendemos com as palavras de Buber (2001) que a consciência da presença do outro nos prepara para uma intencionalidade: ir ao encontro do diferente, do outro eu para futuramente acolhê-lo mediante a relação de cooperação conscientes de que “a característica de intencionalidade da consciência (de ser sempre consciência de) é algo que se efetiva também na atitude natural (onde a consciência vive espontaneamente na sua ingenuidade)” (ZITKOSKI, 1994, p. 56). Podemos afirmar que perceber o outro se revela como aquele algo necessário na condução de uma vida colaborativa.

É oportuno reiterar que os jovens estudantes cultivam atos de cooperações entre eles ao buscarem o reconhecimento de suas atitudes entre os seus pares como participantes de um grupo de trabalho, por exemplo, do qual fazem parte. Nesta fase, o perceber o outro para avaliar se vale ou não a pena investir em uma nova amizade é inevitável. Destarte, o jovem aluno vai aos poucos tomando consciência de que “as imposições da amizade não são sempre agradáveis; podem, às vezes ser extremamente penosas. Mas não devemos hesitar em dizer que aquele que recusasse atender a elas, simplesmente por serem penosas, não seria verdadeiro amigo” (DEWEY, 1964, p.65). Por meio do reconhecimento perceptivo do outro, valendo-se de ações de cooperação, é possível o despertar de amizades sinceras as quais os alunos reconheçam no outro um “outro eu”. Nesta mesma linha de pensamento, segue Sucupira Lins ao destacar que:

A camaradagem entre os alunos favorece a aquisição da virtude pelo desenvolvimento das características da amizade. A amizade, verdadeiramente compreendida, se identifica pelo esforço contínuo para a realização do bem do

outro, opondo-se desta forma ao egoísmo. Na escola, muitas são as oportunidades de manifestações de amizade sincera, o que deve ser aproveitado pelos professores, e demais educadores, no processo de Educação Moral (SUCUPIRA LINS, 2007, p.77).

O conhecimento do ato de perceber o outro nos impulsiona a atos de colaboração. De mais a mais, a cooperação faz com que o aluno se sinta respeitado e igualmente respeite seu colega de classe. Como diz Piaget (1973, p.219), “O respeito é sentimento de indivíduo a indivíduo que exprime o valor atribuído”. É nesta perspectiva que os educandos devem construir diálogos profícuos cientes de que estão envolvidos “num sentimento essencialmente pessoal, isto é, que avalia uma “pessoa” como tal, bem diferenciada dos outros indivíduos e considerada como um todo único” (PIAGET, 1973, p.219). Uma vez que se atinja tal nível de compreensão, é possível reconhecer a dignidade que habita em cada sujeito da história, os quais concretizam atitudes virtuosas no desenvolvimento de ato de colaboração na sociedade da qual fazem parte.

Husserl (1992, p.27), ao destacar que “tão essencial como a actualidade da vida é igualmente a potencialidade” visto que, esta potencialidade não é uma potencialidade vazia. E não sendo vazia urge ser contemplada reconhecendo a dignidade daquele que se encontra diante de cada um de nós e “ com efeito, também este ver continua a remeter para outro ver, para a possibilidade de comprovar e de poder sempre de novo remeter para o modo de comprovação progressiva o que já se alcançou como existente” (HUSSERL1992. p. 32). Nessa trajetória, conclui-se que o sujeito é responsável pelo equilíbrio social no momento em que ele se relaciona de modo cooperativo com os outros sujeitos. Além disso, como afirma Piaget “o agrupamento” só é, pois, um sistema de substituições possíveis, seja no seio de um mesmo pensamento individual (operações da inteligência), seja de um indivíduo para o outro (cooperação social compreendida como um sistema de cooperações)” PIAGET, 1973, p.113). Assim, observamos a importância da cooperação como característica do ser humano.

O filósofo alemão J. Habermas aponta que “as morais universalistas dependem de formas de vida que sejam, de sua parte; a tal ponto “racionalizadas”, que possibilitem aplicação inteligente de discernimentos morais universais e propiciem motivações para a transformação dos discernimentos em agir moral.” (HABERMAS, 1989. p,131). Para agir moralmente, é condição *sine qua non* a capacidade para o discernimento, ou seja, o uso da

racionalidade que permite esse ato livre (MACINTYRE, 2011). Este constitui uma das características da pessoa humana (aluno) a qual se realiza na interação harmoniosa com o outro mediante atitudes de cooperação. Consequentemente, faz-se necessário o entendimento de que “o conhecimento humano é essencialmente coletivo e a vida social constitui um dos fatores essenciais da formação e do crescimento dos conhecimentos pré-científicos e científicos” (PIAGET, 1973 p.17). Essa afirmação ratifica a importância da racionalização nas relações humanas, visando um diálogo argumentativo entre todos os sujeitos cientes de que “argumentar significa respeitar certas regras, “as regras do jogo”, as que tornam o jogo leal, honesto” (BERTI,1997, p.324).

Partindo dessas reflexões, devemos retomar o contexto escolar no qual os alunos, valendo-se do conhecimento coletivo, aprendem a cooperar uns com os outros, vivenciando a virtude da honestidade em cada ato de cooperação em sala de aula. Nesta medida, “cada relação entre indivíduos (a partir de dois) acaba efetivamente por modificá-lo” (PIAGET,2013, p.221). Tomar conhecimento de tal fato é basilar, posto que o encontro entre um Eu e um Tu, quando realizado de forma virtuosa, acarreta benefícios para os envolvidos em uma atividade colaborativa, uma vez que seus participantes se reconhecem como pessoas éticas em busca do bem comum.

Não é possível pensar em vivenciar virtudes éticas sem a cooperação a qual necessariamente exige a percepção do outro para sua concretização. Sob este olhar, são válidas as palavras de Sucupira Lins, ao destacar que:

Uma pessoa sozinha não realiza a ética, nem a moral acontece na vida isolada de alguém. Ao contrário, quaisquer que sejam os conceitos que se tenha de ética e ou de moral, seja como sinônimos, hierarquizados ou opostos, somente nos relacionamentos humanos podem ser observados. As pessoas se relacionam na sociedade e é nas decisões esperadas para esses momentos que aparecem a ética e a moral (SUCUPIRA LINS, 2013, p. 94).

Logo, o sujeito isolado não se realiza como pessoa humana e igualmente não compreende que a “grandeza do homem é sempre criar sua vida. Recriar o que lhe é dado” (WEIL, 1993, p.201). Esse dado subjaz à percepção da existência de outrem o qual percebe igualmente a realidade daquele que o contempla. Sob este foco a reciprocidade se torna uma exigência uma vez que:

Nunca um indivíduo só seria capaz de conservação inteira e de reversibilidade completa, e estas são as exigências da reciprocidade que lhe permitem esta dupla conquista, por intermédio de uma linguagem comum e de uma escala comum de definições. Mas em troca a reciprocidade só é possível entre sujeitos individuais capazes de pensamento equilibrado, isto é, apto a esta conservação e a esta reversibilidade imposta pela troca. (PIAGET, 1973. p.113)

É mister destacar que o sujeito individual só se define como tal na presença do outro. As palavras de Stein elucidam bem a questão:

O eu, não é um eu individual em contraste com o “tu” e o “ele”. Mas o que afinal significa esta individualidade? Em primeiro lugar ela significa ser do próprio e não do outro.” (...) “o eu não se torna individualizado porque o outro defronta-se com ele, mas a sua individualidade, ou como preferimos dizer o seu *selfness* é colocado em relevo em contraste com a alteridade do outro (STEIN, 2000 a, p.38).

Reconhecer a existência do outro, por meio de atividades cooperativas, é corroborar para a emancipação do ser humano capaz de vivência ética, posto que ter “pensamento equilibrado” requer o reconhecimento do outro como agente ativo no desempenho de trabalhos cooperativos dentro da sociedade. Como ressalta Sucupira Lins a vivência ética se dá em:

Uma realidade concreta que é a sociedade. A inteligência e a vontade são características do ser humano, que não pode ser condicionado em suas decisões e tem o direito a sua liberdade de expressão. Isso não nos leva a abandonar condicionamentos que estão presentes na vida diária de cada um, como escovar os dentes e escrever a partir do lado esquerdo do papel em línguas ocidentais. O que se precisa ressaltar é que a dignidade humana tem que ser respeitada e ao se aprender a viver a ética, por meio do processo educativo será possível fortalecer o respeito de cada pessoa ao outro o que consolidará a dignidade humana (SUCUPIRA LINS, 2013 b, p. 103).

Este pensamento se coaduna ao de Piaget (1973), dado que cada sujeito só concretiza o viver ético em grupos nunca isolado. Neste sentido, Piaget afirma que “somente cooperando com os outros e não de outra forma é que o indivíduo elabora sua lógica” (PIAGET, 1973, p.182). É valendo-se do pensamento lógico que o sujeito alcança o entendimento sobre o outro e o mundo no qual ambos estão envolvidos para que, a partir deste ponto, consigam abrir-se para um diálogo como seres racionais os quais agem no mundo por meio de tarefas de cooperação. Quando há essa questão, há dificuldades que só

podem ser vencidas no exercício do próprio trabalho colaborativo o qual nos habilita a discutir problemas cientes de que “é nosso dever buscar discerni-los para assumir, com o máximo de esclarecimento, uma outra responsabilidade – a responsabilidade pelos objetivos que nos propomos” (JASPER, 2006, p.64). Essa é uma questão fundamental em educação.

A natureza própria do ato perceptivo nos leva ao outro como pessoa que é. Trilhando tal pensamento, podemos dizer que “a percepção vai ser resultado do dar-nos conta. Esse “dar-se conta” é a consciência de algo, por exemplo, a consciência de tocar alguma coisa” (BELLO, 2006, p. 31). No contexto escolar, necessário faz se “dar-se conta” de que o educador precisa ter consciência da existência do educando. Perceber o aluno é o primeiro passo para se trabalhar a cooperação entre educador- educando e entre educando-educando. Entretanto, não se pode permanecer nesta etapa; é preciso ir além, ou seja, refletir sobre o educando que se encontra diante do educador. A percepção do outro, como já ressaltado, é o elemento fundamental para que se possa atingir o ato reflexivo. Os animais irracionais podem ter atos perceptivos, mas não são dotados de capacidade de reflexão, uma vez que “a reflexão é uma vivência humana porque corresponde à capacidade que o ser humano tem de se dar conta do que está fazendo” (BELLO, 2006, p.33) e expressa a razão exclusiva da pessoa. Logo, só o sujeito pensante é capaz de vivenciar uma relação Eu-Tu (Educador- Educando) a qual só será ética se for comprometida por atos de cooperação. Nesta perspectiva, cada ato de cooperação passa pela reflexão, a qual nos capacita melhor entender o outro, habilitando-nos para o exercício das virtudes. Nota-se que, “não se poderia assimilar o “universal” ao coletivo se não se referindo a uma cooperação, no trabalho material ou mental, isto é, a um fator de objetividade e de reciprocidade implicando a autonomia dos parceiros” (PIAGET, 1973, p. 82). Autonomia esta que só se concretiza nos sujeitos capazes de raciocínio lógico diante dos desafios diários na vida escolar marcados pela relação Educador-Educando, Educando-Educando. Desse modo, pensar sobre a “autonomia dos parceiros”, ou mais precisamente do aluno, no cenário escolar, exige comprometimento dos Educadores que precisam auxiliar na emancipação de seus educandos para a autonomia de cada um deles. O aluno autônomo é, sem dúvida, aquele que aprendeu a vivenciar o ser ético por meio de ações colaborativas no ambiente escolar e, por isso, sente-se preparado para enfrentar os desafios da vida como

cidadão virtuoso ciente de que a percepção do outro não pode ser ignorada, pois negar o outro é negar sua própria existência.

3.3- Percepção e Cooperação como Caminhos Possíveis no Entendimento Mútuo

A responsabilidade para com o “outro eu” é crucial e deve ser exercida a cada dia, conscientes de que assumimos compromisso com o presente quando exigimos uns dos outros a construção de um futuro que aprende com o passado (GUZMÁN, 2003). Nesta perspectiva, ressaltamos a importância do aprendizado cooperativo por meio da percepção da existência do outro, partindo do legado deixado pela tradição o qual contribui para que cada sujeito caminhe no presente, abrindo possibilidade para vivenciar um futuro verdadeiramente comprometido com a espécie humana.

A questão sobre a importância da percepção do outro deve ser entendida como uma exigência para que nós, seres humanos do século XXI, passemos a ver cada pessoa do aluno como uma possibilidade para melhor nos entendermos em uma dada sociedade e no mundo.

Dessa forma, devemos contemplar mais cada ser humano que se apresenta diante de nós, pois quando “o conhecimento que se tem do homem passa a ser mais importante do que o próprio homem” (JASPER, 2006, p. 92), a possibilidade de atividades colaborativas, as quais buscam o desenvolvimento da pessoa integral, fica comprometida. Acentuamos a questão da pessoa como indispensável de estudo e de vivência escolar. Nessa compreensão, o trabalho de colaboração ajuda no entendimento sobre o valor da prática de atitudes mútuas entre os cidadãos.

Pode-se afirmar que somente mediante uma atitude relacional com o outro é que o educando se desenvolve como ser humano. As reflexões sobre a importância do entendimento da cooperação para o exercício de uma vida virtuosa na escola são necessárias aos professores. A consequência dessa conclusão no desenvolvimento dos alunos, para alcançarem uma identidade moral madura e sadia no âmbito escolar, nos orienta na busca por um mundo mais humano, construído por pessoas verdadeiramente comprometidas umas com as outras por meio da percepção do outro.

Nessa perspectiva, tem-se como possibilidade, refletir sobre o presente que queremos, valendo-nos do conhecimento obtido no passado pelo exercício das virtudes para vivenciarmos um futuro melhor, uma vez já tendo aprendido com as lições do passado. No tocante a esta compreensão é possível abrir caminhos para a reflexão sobre o desenvolvimento integral dos alunos por meio de ações colaborativas, mediante a percepção do outro, valendo-se de atitudes éticas dentro do contexto escolar. Nessa medida, lançamos as sementes na esperança de contemplarmos alunos amadurecidos moralmente e preparados para construir um mundo harmonioso, por perceber no outro a sua própria humanidade. Isto equivale a dizer: uma pessoa apta a viver eticamente no mundo, o que é, sem dúvida, uma das finalidades primordiais da Educação.

3.4 - A Responsabilidade na Vivência Ética de Jovens do Ensino Médio

A juventude é um período muito rico e fértil para a aprendizagem de ética, posto que nessa fase os adolescentes, geralmente, estão em conflito e buscam repostas para seus questionamentos (ERIKSON,1968). Encontramos terreno fecundo para os debates sobre as questões levantadas pelos alunos que os levam a refletir sobre os motivos de suas inquietações. Os problemas precisam ser clarificados para os adolescentes e devem estar fundamentados em pressupostos éticos para que produzam bons frutos. O agir ético se firma em ações concretas da vida expressa em atitudes responsáveis, isso porque, como afirma Vaz, o agir ético:

é expressão de uma vida ética na qual adquire, de um lado, a constância que lhe advém da repetição dos atos e, de outro, o dinamismo de crescimento que conduz o sujeito ético da identidade abstrata do ato isolado à *ipseidade* concreta de uma vida no Bem, que plasma progressivamente sua *personalidade ética* (VAZ, L, 2002, p. 294).

Uma pessoa integral é guiada pela prática das Virtudes. A reflexão de duas alunas na oficina cinco (5) mostra a importância da consciência do valor das Virtudes:

A virtude é necessária para que todos os indivíduos da sociedade possam viver em conjunto. É claro que não nascemos virtuosos e sim nos tornamos, mas para isso é preciso ser bondoso, justo, corajoso tudo que torna uma pessoa boa. as virtudes que possuímos podem servir como influência na vida de outras pessoas.

Se uma pessoa não está agindo com virtude, podemos influenciá-la com as nossas. Devemos apresentar as virtudes para aqueles que não as conhecem (SIC).
(Tulipa e Magnólia – Oficina5)

Observamos, na breve fala das alunas a consciência de que uma Virtude não está presente na pessoa de modo isolado como salienta Sucupira Lins (2013), valorizando esse aspecto da vida pessoal.

Julgamos oportuno, agora, tecer considerações sobre a Virtude da Responsabilidade. Algumas características dessa Virtude são essenciais para que se entenda seu real sentido na presente tese segundo o pensamento do filósofo Hildebrand (2017):

- a) A Virtude da Responsabilidade está presente na pessoa humana que “entende toda a seriedade de cada decisão e o caráter irrevogável da realidade que a provoca” (p.24). Nesse entendimento, a vida da pessoa responsável é firmada em ações repletas de maturidade, seriedade e profundidade.
- b) A pessoa responsável conhece os limites da sua sensibilidade para os valores, está ciente dos limites da sua competência” (p. 20). É alguém que pratica a Virtude da Humildade, posto que “prefere orientar-se pelo juízo claro de outra pessoa, a quem reconhece superioridade moral e maior sensibilidade para os valores” (*Id .Ibid*) a confiar em sua própria atitude insegura.
- c) A pessoa responsável inflama-se por completo “ na respeitosa ‘escuta’ do que é objetivamente justo, bom e belo, na desprendida disponibilidade para seguir sempre e em toda a parte o apelo dos valores” (p.21), constantemente consciente de suas ações.
- d) A pessoa responsável é consciente “do peso moral de seus atos”(p.22). Nessa medida, é apta a fazer atos de justiça com seriedade diante das exigências do mundo dos valores.

Essa Virtude faz-se necessária na existência de cada aluno para que viva repleto de sentido. O fulcro dessa questão surge a partir da premissa exposta na medida em que somente a pessoa responsável está apta a praticar todas as demais Virtudes (VON HILDEBRAND, 2009). O sujeito responsável compreende, com profundidade, a seriedade que se faz necessária em cada decisão tomada. Para isso é condição indispensável ser uma pessoa consciente de seus atos. Von Hildebrand (2017, p.25) destaca que “o homem verdadeiramente responsável detém-se ao ver com clareza se o assunto em questão é bom

ou mau,” para, então, tomar decisão acertada, resultante da intencionalidade moral que o permite ser livre. Este é um ponto fundamental para o desenvolvimento ético dos alunos.

É pela prática da Virtude da Responsabilidade que o aluno consegue distinguir o que é certo do que é errado. Desse modo, o aluno prepara-se para viver harmoniosamente na *polis* (ARISTÓTELES, séc, IV a, C, *E.N*) como pessoa educada. Introduzir a Virtude da Responsabilidade na vida do aluno no Ensino Médio visa prepará-lo para enfrentar, de forma consciente, desafios futuros. Como ressalta von Hildebrand (2017, p.23) “quem perde uma oportunidade única, quem não salvou alguém do perigo, já não o pode ressuscitar de entre os mortos.” Nessa ótica, o aluno que deixa passar a chance de se aperfeiçoar pela prática da vida virtuosa perde o momento do enriquecimento de sua humanidade.

Nesse sentido, é imprescindível que a Responsabilidade, como as demais Virtudes, seja aprendida. Para que tal aprendizagem ocorra, urge a presença do educador comprometido com a prática educacional. Como enfatizam Sucupira Lins & Perini, T,(2017) e Sucupira Lins (2015), a intervenção necessária do educador comprometido com o que faz e age, é fruto do senso de responsabilidade dele para com a pessoa do educando.

O sujeito responsável atua no mundo de modo consciente e tem atitudes virtuosas diante da vida e do outro como pessoa plena. A pessoa que age assim reverencia o outro que deve ser sempre valorizado, como se pode observar a seguir:

só o indivíduo reverente pode descobrir toda a magnitude e profundidade de cada homem enquanto pessoa espiritual, enquanto ser livre e responsável, o único entre os seres conhecidos que é capaz de compreender e comunicar-se como os outros seres, adotando perante as coisas uma posição cheia de sentido; o único destinado a tornar-se recipiente de bondade, pureza, fidelidade, humildade (VON HILDEBRAND, 2017, p. 7)

Nessa compreensão, podemos dizer que o aluno responsável consegue enxergar o seu colega de turma como alguém precioso (VON HILDEBRAND, 2009) entendendo que é seu semelhante dotado de valor. Ao assumir essa premissa como verdadeira, abre-se caminho para o melhor exercício da Virtude da Justiça. O cidadão responsável, mediante a consciência de seu valor reconhece a beleza presente no outro, entendendo que é seu semelhante como pontua von Hildebrand (2009).

Considerado o contexto escolar, infelizmente, o aluno começa a abandonar a perspectiva da percepção do outro, voltando-se apenas para si próprio. É preciso ver a

realidade da pessoa do aluno concretamente. A pessoa consciente sabe que mais importante do que o conhecimento que se tem de alguém, é ela mesma e não o contrário (JASPER, 2006). Essa afirmação assume importância no contexto escolar, porque o olhar dos alunos, uns para os outros, é o olhar recíproco de uma pessoa para outra pessoa. Nessa dimensão, a pessoa de cada aluno é reconhecida na grandiosidade de um ser humano completo, (SUCUPIRA LINS, 2014) ainda que inacabado, sempre em processo de aperfeiçoamento interior de seu agir no mundo.

O Eu consciente compreende a importância do seu agir no mundo de forma responsável: “não posso viver, experimentar, pensar, valorar e agir em um nenhum outro mundo que não tenha o sentido e a validade em mim e a partir de mim próprio” (HUSSERL, 1922, p. 15). Nesse foco, a vida repleta de sentido e motivação para atuar no mundo deve ter como ponto de partida o Eu responsável e somente ele é capaz de reconhecer o valor existente em sua ação para auxiliar no desenvolvimento de um Tu igualmente responsável. Entrementes, esse caminho só é possível quando a pessoa se reconhece em sua identidade inviolável, como acentua Sucupira Lins no excerto a seguir:

a identidade de uma pessoa pode ser entendida como o efeito visível de toda a sua vida psíquica, desde a mais tenra infância até aquela etapa em que se olha no interior de si mesmo, toma consciência de quem é na realidade e se verifica único diante do outro. Esta separação, que não significa isolamento, pois só será possível pela interação social, demonstra a conclusão de todo um processo de construção psíquica para no qual a prática pedagógica exerce um papel fundamental. (SUCUPIRA LINS. 2009, p. 640)

Esse enfoque é imprescindível quando se busca o desenvolvimento ético de jovens do Ensino Médio, os quais inicialmente se encontram sem o entendimento tanto da própria beleza como pessoa, como daquela existente na prática de atitudes éticas. Aos poucos os adolescentes vão entendendo que:

Todo nascimento é nascimento da escuridão para a luz; o grão deve desaparecer na terra e morrer na escuridão para que uma mais bela figura luminosa se erga e se manifeste à luz do Sol. O homem é formado no útero materno; e é somente da escuridão daquilo que não tem entendimento que desperta o pensamento luminoso (SCHELLING, 1993, p.65).

A partir do momento em que o aluno desperta para a compreensão de que é responsável por tudo o que diz e age, ele passa a iluminar seu próprio caminho, auxiliando

outros a fazê-lo. Todo esse processo é feito de forma refletida, pois como afirma von Hildebrand (1988, p.30), “o senso de responsabilidade é base indispensável de uma verdadeira vida moral. É só mediante essa atitude fundamental de maturidade que tudo ganha a sua plena seriedade, a sua profundidade verdadeira”. Podemos também entender a construção de uma Identidade Moral (SUCUPIRA LINS, 2009), na vida dos adolescentes com essa mesma base. A Identidade Moral requer a prática da Virtude da Responsabilidade para ser estabelecida, posto que:

O ser humano se exige como uma consciência individual simultaneamente à sua significação como ser que se organiza coletivamente. Todas as atividades de sua vida acontecem na tensão deste paradoxo, de modo que se torne possível uma identidade construída, a qual não lhe é oferecida nem imposta, mas algo resultante de sua ação particular e social. Quando afinal um jovem adulto se reconhece como um sujeito separado de outras coisas e de outras realidades, das outras pessoas e de outras ideias, ele se torna um ser humano em sua identidade (SUCUPIRA LINS, 2009, p.640).

Ter consciência de que se tem uma identidade é saber reconhecer que o outro é alguém diferente de mim ao mesmo tempo que é de igual valor. Esse fato leva a pessoa ao entendimento de que cada ser humano é único e irrepetível não havendo cópia de nenhuma pessoa humana (MOUNIER, 1974, SUCUPIRA LINS, 2007). O homem responsável, isto é, consciente, é aquele que se torna luz para o outro, favorecendo a caminhada por uma estrada segura, uma vez que esse sujeito vive uma vida ética ciente de que ela, como destaca Vaz, apresenta

uma estrutura objetiva na medida em que se refere primeiramente à *universalidade objetiva* do mundo ético, ou seja, do *ethos*, fundada na *universalidade objetiva* da idéia do Bem. Almejado como tal pela vontade, apreendido como Fim pela inteligência e avaliado pela Razão prática como Valor, o Bem é o invariante inteligível que permanece e se manifesta onde quer que um grupo humano, armado com seu *ethos*, surja para a cena da história em qualquer tempo e em qualquer lugar (VAZ, L, 2002, p. 332).

O eu responsável vive na certeza de que sua humanidade é o que lhe permite ser ético, não importando onde ele se faça presente. Igualmente exige que se encontre em grupos para que possa vivenciar atitudes éticas, afirmando-se como pessoa (MARITAIN, 1959). A participação no grupo é o momento concreto da vida da pessoa humana, capaz de manter a riqueza de sua individualidade e de autorreconhecimento. Tal perspectiva só é

possível pelo fato de que “a pessoa individual autêntica vive em ambientes coletivos sem perder sua individualidade” (BASEHEART, M.C, 1997). Esta é fundamental no exercício da vida ética, visto que, sem a dimensão ética, a pessoa perde sua identidade, assumindo a forma do coletivo e se descaracterizando como uma única e irrepetível. É somente nessa pessoa que podemos ver o agir ético na vida tangível.

O caminho de argumentação até aqui percorrido mostra a necessidade do educando entender e praticar a Virtude da Responsabilidade, pois sem a consciência daquilo que se faz, não há como se falar de aprendizagem educativa, a qual só ganha sentido no momento em que o senso de responsabilidade se faz presente na história de vida do aluno, seguindo as exigências de valores éticos. Nessa medida, a Virtude da Responsabilidade promove no aluno a capacidade de se guiar livremente pelos valores morais, visto que a responsabilidade exige esforço dos que a praticam. Assim, o aluno, que se esforçar para atingir uma meta educacional, está vivenciando a Virtude da Responsabilidade.

A Virtude da Responsabilidade prepara o educando para exercer seus deveres e direitos em uma vida cheia de significados. Consciente de que é um ser humano responsável, o aluno se capacita para cumprir as exigências da vida acadêmica por meio da vontade educada. O aluno compreende melhor o espaço que ocupa, ciente de que:

Compreender não significa negar os fatos chocantes, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, resistir a ela – qualquer que seja (ARENDR, 2012, p.12).

Só uma pessoa com uma vontade educada consegue enfrentar os desafios, tal como apresentados pela filósofa Arendt (2012), sem perder a profundidade do agir ético responsável.

Diante do que foi até aqui exposto, pensamos que a poesia suscita a oportunidade de algumas analogias:

REFLEXÕES PENALIZADAS

Tenho pena dos limpadores de pára-brisas
No vaievém
Sem vontade
Cansados.

Tenho pena dos títulos não negociados
No compra-vende
Sem movimento
Rejeitados.

Tenho pena dos pregos presos à parede
Sem entra-sai
Na monotonia
Parados.
(SUCUPIRA LINS, 1980. p19)

Temos pena de alunos que não conseguem distinguir vontade de desejo, pois, tais quais limpadores de para-brisas, só param pelo agir alheio, sem se verem como pessoas preciosas que são (VON HILDEBRAND, 2009). Também sentimos pena quando o educando é negociado e não valorizado no momento em que não recebe uma formação integral que considere seus aspectos moral, afetivo, cognitivo e social. Temos pena igualmente quando vemos alunos presos à ignorância a qual impede o seu agir ético diante do mundo. Ficam parados, sem ação, esperando que outros façam por eles aquilo que somente eles podem fazê-lo como pessoas: conquistar sua liberdade, pois a pessoa nasce para ser livre.

Como foi possível observar ao longo do presente tópico, Responsabilidade requer intencionalidade moral. Esta só pode ser encontrada na pessoa humana, uma vez que apenas ela possui vontade que, como já foi destacado, precisa ser educada. A vontade dos alunos em aprender as Virtudes partindo da vivência na prática escolar, levou os mesmos à reflexão sobre a importância do estudo das Virtudes. Nesse foco, recorreremos às falas dos alunos com o objetivo de mostrar a concretização da aprendizagem da Virtude da Responsabilidade, bem como das outras Virtudes, na vivência dos jovens do Ensino Médio. Vejamos:

A virtude não faz você ser um super-herói mas sim ela te leva a entender que você pode ser um ser humano melhor se deixando ser aperfeiçoado. O ser humano tem seus erros, seja ele virtuoso ou não, trazendo uma relação de Otelo um homem virtuoso porém foi capaz de matar sua amada Desdêmona. Ser simplesmente um ser humano e permitem lidar com sua própria natureza falha, porém ciente de seus erros. A virtude tem um grande poder de mudança em um ser humano, pois não nascemos virtuosos mais ao longo da vida aprendemos a colocar em prática continuamente (SIC). (Orquídea, Palmeira, Coqueiro e Violeta – oficina 03)

A afirmação dos alunos destaca a ideia do reconhecimento da relevância da prática das Virtudes e acentua a condição de se ter consciência daquilo que se faz, pois só refletindo sobre seus erros, podem chegar à harmonia de um entendimento mútuo inescusável para viver de forma ética no mundo:

Ser justo é vc ter a posição certa e correta, independente da situação, em q esteja um alguém q vc conhece ou um desconhecido. Nossa atitude tem q ser levada pela verdade, falar a vrdd por mais q aquilo te custe uma amizade ou um alguém bem querido, não se por do lado da pessoa em que temos afinidade e sim daquela que está falando a verdade e tem seu devido direito na situação (SIC). (Mimosa – oficina 04)

Na oficina quatro (04) Mimosa realça a relevância de uma vida pautada na Virtude da Verdade para concretização da Virtude da Justiça. Esta, como enfatiza Hildebrand (2017) é medular na prática das Virtudes.

Sabemos que ter uma vida ética e muito importante nos dias de hoje, pois o mundo de hoje em dia tá tão Desigual, tão sujo, mais pessoas com a moral ética pode transformar passa uma ideia nova para a sociedade, no livro de Shakespeare existem diversas virtudes, uma delas é a lealdade, lealdade nos dias de hj e muito importante pois não é em todo mundo que se pode confiar, certa vez me decepcionei com uma amiga pois contei coisas da minha vida para ela, e ela não foi leal a mim, mesmo assim eu tiver a virtude do perdão e perdoei ela, foi um aprendizado para ela e para mim amadurecemos (SIC). (Palmeira – oficina 07)

Palmeira destaca o valor da Virtude da Lealdade. Esta é fundamental no exercício da vida ética, pois por meio dessa Virtude contribuimos para manutenção de relacionamentos saudáveis na sociedade.

O amadurecimento ético da pessoa do aluno se fortalece quando encontramos educadores dispostos a prepará-lo para viver a vida dentro da dinâmica do real sentido da vida, isto é, centrada na beleza de cada encontro com o outro Eu.

É na condição de pessoa livre que o aluno pode vivenciar a Virtude da Responsabilidade e as demais Virtudes. A intencionalidade presente no agir ético do aluno em sala de aula expressa sua humanidade.

Concluímos nosso pensamento sobre a questão aqui apresentada com a reflexão de Jasper (2006, p. 36) ao indagar:

Que somos nós, que são esses olhos que estão no mundo e veem e conhecem e compreendem? Seres pensantes, somos a dimensão – única, segundo sabemos – onde aquilo que é se revela em nosso pensamento objetivo, em nossa compreensão, em nossa ação, em nossa criação, em cada forma de nossa experiência (JASPER, 1965, p.36).

Diante de tão profunda reflexão, reafirmamos que a pessoa responsável é alguém de muito valor. Essa ideia carrega em si uma profunda adesão à realidade de que assim como um Eu, o Tu é único, não há ninguém como ele. Só a pessoa humana é capaz de enriquecer o mundo com sua humanidade, pois somente a pessoa responsável pode agir de modo autêntico e livre consigo, não deixando que o outro tire dele as características que o faz ser uma pessoa humana.

4. AS VIRTUDES ARISTOTÉLICAS NAS OBRAS SHAKESPEARIANAS

Os sujeitos da história da humanidade precisam ter como condição *sine qua non* a vivência ética, pois os mesmos buscam a Felicidade, como já nos apontara Aristóteles (E.N, 2001). Desconsiderar tal fato é perder de vista o outro com o qual um “eu” precisa necessariamente conviver para se harmonizar, posto que o solipsismo e a solidão permanentes levam a pessoa a desconhecer as riquezas do outro as quais se visibilizam no encontro “eu”-“tu”. O ser humano é, por natureza, um animal dependente necessitado do encontro com o outro (MACINTYRE, 2012). Shakespeare auxilia nessa compreensão, uma vez que, por meio de suas obras, é possível constatar as mazelas humanas, ou seja, vícios, bem como atos virtuosos. Wells, confirma essa ideia ao dizer que:

Ninguém tem um dever moral de gostar de Shakespeare. Por outro lado, há muito boas razões para se admitir que seja válido permiti-lo entrar em sua vida. Ignorar

sua obra sugere uma indiferença para uma das maiores fontes de enriquecimento intelectual e espiritual. Ademais, tal postura limita o ser humano a envolver-se em muitas outras áreas da experiência humana (WELLS, 2015, prefácio).

A realidade da fragilidade humana é um fato; por isso a relação “EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não podem ser realizadas por mim nem podem ser efetivadas sem mim. “O EU se realiza na relação com o TU; é tornando Eu que digo TU” (BUBER, 2001, p.13). Nesse sentido, tal relação precisa passar pela prática das virtudes, posto que a efetivação de uma relação harmoniosa só se firma quando se vivencia atitudes éticas. Tomando ciência de que a Ética é vivida na sociedade na qual habitam diferentes “eus” e “tus” é que se pode começar o estudo e posterior Ensino/ Aprendizagem do Tema Transversal Ética. Destarte, no contexto escolar, o Ensino/Aprendizagem do Tema Transversal Ética orientará cada educando para que possa atuar na sociedade de modo pleno, isto é, com uma formação integral.

São as preferências pessoais que prevalecem na relação com o outro. Mais uma vez podemos nos indagar se isto é ético. Será que estamos a coisificar o outro, uma vez que não somos capazes de reconhecer a dignidade que nele habita? Na visão emotivista, conforme já foi destacado, o outro é sempre meio de nossas emoções prazerosas, e não o fim em si mesmo. È nesse ponto que se encontra uma premissa fundamental: O ser humano é sempre um fim em todo o processo existencial.

Reconhecer nossa miséria e inconstância, entre outros acidentes enquanto ser humano, é tomar ciência de que somos capazes de nos tornarmos pessoas melhores. Nesta medida, é fundamental agirmos como pessoas humanas e não como objetos de manipulação, servindo de meio para que outros alcancem seus fins. Portanto, a atitude emotivista anula o outro, ao se firmar por meio de atitudes manipuladoras as quais buscam apenas aprovar ações que instrumentalizam o sujeito (MACINTYRE, 2001). Essa é uma distorção da relação pessoal.

Para se vivenciar a ética, é preciso saber qual é o *telos* da pessoa e aonde se quer chegar e porque se quer. Propor um estudo cujo fim seja o Ensino/aprendizagem de Ética por meio do Tema Transversal, usando as leituras shakespearianas no Ensino Médio de escolas públicas, leva a uma valorização de cada aluno. Convém lembrar que os próprios alunos não se julgam autorizados a receber tal conteúdo por pertencerem a uma camada

social a qual não lhes permite cogitar, sequer, esta possibilidade, como eles próprios atestam, como se observa a seguir:

A3: Professora, porque a senhora não dar aulas para os alunos da zona sul, nos colégios aonde a senhora terá as respostas que nós não conseguimos dar para a senhora? (SIC)

A4: Professora: a escrita culta que estão nos livros desse Shakespeare não nos pertence. Eu até fiquei “meio que” interessado na leitura desse cara quando li um pouquinho do livro dele que é cheio de pessoas falando como um diálogo da vida real, mas logo pensei: Isto não é para mim, é algo muito elevado.” (SIC)

A5: A senhora parece não entender que lugar ocupamos na sociedade e a senhora é professora hein!

Mas há saída, há grandes possibilidades de mudanças nesta pintura para qual hoje olhamos. A solução se encontra na vivência ética para cada sujeito merecedor de uma educação integral, uma vez que esta “visa o aperfeiçoamento do educando em todos os seus aspectos, de modo que se pode observar a Educação cognitiva, sociocultural, afetiva, física e moral” (SUCUPIRA LINS, 2014, p.127). Faz-se necessário também o comprometimento do professor, pois ele é responsável pelo resultado final da prática do que ensina.

Como educadores, devemos contemplar a história de vida de cada aluno sendo colaboradores auxiliando a cada um deles na descoberta de belas histórias não importando se tristes ou alegres. Suas ricas histórias são passíveis de serem mudadas, haja vista serem pertencentes a sujeitos dotados de razão. Seguindo este pensamento, cada aluno é convidado a fazer uma reflexão de sua história de vida, ciente de que:

ser sujeito de uma narrativa que vai do nascimento à morte é ser responsável pelos atos e experiências que compõem uma vida narrável. Isto é, estar aberto para ser chamado a fornecer certo tipo de explicação do que fez ou do que lhe aconteceu, ou o que testemunhou em algum momento da vida de alguém anterior ao momento da pergunta (MACINTYRE, 2001, p.366).

A narrativa consciente permite ao sujeito que conduza sua vida ética.

Em cada narrativa de vida repousa uma identidade: “Não sou apenas responsável, sou alguém que pode sempre pedir uma explicação aos outros, que pode questionar os outros. Faço parte da história dessas outras pessoas, da mesma forma que elas fazem da minha” (MACINTYRE, 2001, p.366). Nesta medida, é preciso assumir atitudes éticas

diante do outro tal qual ele também em relação ao Eu, pois só assim um Tu e um Eu podem viver como pessoas educadas.

Heliadora (2014, p.37) diz ser “Shakespeare um autor altamente popular, que transitava bem entre o drama e a comédia e escrevia para o grande público, confiando na inteligência e na imaginação do espectador e sempre oferecendo tanto o divertimento quanto a informação”. Fazendo analogia com o contexto escolar e a proposta defendida nessa tese, mostramos aos alunos do Ensino Médio da Rede Estadual, igualmente, a popularidade de Shakespeare. Depois de terem percorrido o caminho que conduz a atitudes éticas, os educandos sabem quem são e porque estão ocupando o lugar onde estão. Veem a possibilidade não só de ler peças shakespearianas, contemplando nelas um ato cultural e agradável passatempo, mas igualmente um novo acesso para seu aperfeiçoamento como ser humano. Esse aperfeiçoamento só foi possível porque entenderam a importância de uma formação capaz de levá-los ao discernimento sobre a beleza de serem quem são. Usamos a fala dos próprios alunos para confirmar tal perspectiva:

A vida ética tem que está em pratica porque a ética e um firme propósito entre pessoas, para se viver melhor. (Orquídea – Oficina 07)

Tudo que fazemos hoje refletirá daqui a uns dez anos, para muitas pessoas e difícil ser humano, e difícil ser diferente, no livro de Otelo a Cássio foi uma pessoa justa até certo ponto, foi diferente, mais foi influenciado por te uma cabeça fraca, uma vez eu e um amigo saímos num final de semana nós deparamos com uma moça pedindo ajuda para um rapaz, logo esse rapaz ignorou a moça, eu e ele tomamos atitude e fomos ajudá-la, logo ela ficou muito agradecida e disse: "no mundo que vivemos não se pode contar com todos, todos só vêem seu individual (SIC) (Palmeira – Oficina 06)

Após a leitura do primeiro ato da obra de Shakespeare, cujo nome é Otelo, pude observar que existe diversos temas abordados que causam uma grande reflexão em minha mente. Além disso, pude ver que uma forte comparação com algumas relações do mundo real. Personagens como Iago que demonstrou uma enorme falta de virtude durante o ato, sendo falso, desonestos e tendo diversas atitudes que infelizmente condiz com várias pessoas em nossa sociedade. Posso então definir, o que falta no mundo é então, uma redução das pessoas, para que incorporem a virtude, a ética e a moral, de forma que seja essencial para o convívio. O que falta no mundo é simples e puramente amar o próximo. (SIC) (Nogueira – Oficina 01)

Nos livros vemos personagens que possuem virtudes tais quais os torna diferenciados, que poderiam ajudar no século em que vivemos Virtudes que poucas pessoas possuem no nosso dia-a-dia e precisam muito das vezes de incentivos ou até uma pessoa como "espelho" para que passem a praticá-las.) (SIC) (Mimosa – Oficina 07)

Ser uma pessoa justa é ter a honestidade como uma de suas virtudes. É ter o senso de fazer o que é certo. E no século XXI, na minha percepção, esta um pouco em falta esta virtude. As pessoas, boa parte das vezes, só pensam em si mesmas, deixando de ser pessoas justas.

Assim como podemos ver em “Otelo”, quando Iago só pensava em si mesmo. Até incriminar Cássio para que Otelo brigue com seu amigo, e começa a pensar que sua esposa estava o traindo com o mesmo, Iago fez, traindo todos a sua volta, pensando apenas em si e em conseguir o trono de ser o novo rei. Já em “Hamlet” podemos ver que Horacio era uma pessoa justa, ele sempre tenta fazer o que é certo para ele e para seu amigo Hamlet. (SIC) (Iris – Oficina 04)

A virtude da honestidade não limita os nossos caminhos, nos da liberdade de escolher e caminhar. A desonestidade nos afasta de amigos e familiares que se sentem envergonhados quando escolhemos não ser honestos. Acredito que seja difícil viver em paz sendo desonesto, pois quando somos honestos temos a verdade do nosso lado e não aceitamos mentiras e estamos longe de maldade. Assim como Iago não foi honesto com sua própria esposa Emília, usando ela para tramar contra Otelo. (SIC) (Sálvia – Oficina 08)

Foi possível observar nas assertivas dos alunos a consciência de que vivenciar as Virtudes proporciona harmonia na vida de cada pessoa. De outro modo, podemos dizer que a vida humana se realiza na prática das Virtudes, como entendido pelos adolescentes do Ensino Médio.

4.1- As Peças Shakespearianas: um Caminho Possível para Vivenciar as Virtudes

Ensinar as Virtudes para jovens do Ensino Médio, baseando-se em duas obras de William Shakespeare (1564-1616) é bastante instigante, tendo como hipótese a mudança dos alunos que se comprometem com os estudos propostos. Comprometimento é algo fundamental para o aperfeiçoamento da pessoa portadora de uma natureza que exige transformações. É por isso que a Educação tem um papel insubstituível porque “propicia às crianças e jovens o afastamento de sua natureza inicial e a aproximação cada vez maior com as formas de aperfeiçoamento humano” (SUCUPIRA LINS, 2015b, p.24). Este aperfeiçoamento humano vai se intensificando a ponto de os alunos chegarem à conclusão de que há amigos que têm interesse, como por exemplo, ficar próximo do colega para tirar proveito de sua capacidade de tirar notas altas nas provas, não estudando e querendo cola, o que não é ser amigo. Conforme Aristóteles (E.N, 2001) e expresso pelos alunos depois da leitura das peças:

A7: Ser amigo não é algo fácil, mas ter amigo também não é fácil. “Tem amizades que te levam para o fundo do poço” e outras que te levam ao topo.

A afirmação do aluno confirma que:

Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outro por si mesmos, e sim por causa de algum proveito que obtêm um do outro. O mesmo raciocínio se aplica àqueles que se amam por causa do prazer; não é por seu caráter que gostamos das pessoas espirituosas, mas porque as achamos agradáveis. Logo, as pessoas que amam as outras por interesse amam por causa do que lhes é agradável, e não porque a outra pessoa é a pessoa que amam, mas porque ela é útil ou agradável. Sendo assim, as amizades deste tipo são apenas acidentais, pois não é por ser quem ela é que a pessoa é amada, mas por proporcionar à outra algum proveito ou prazer. (ARISTÓTELES, *E.N.*, VIII 1156 a 2)

Na reflexão dos alunos emerge o amadurecimento dos mesmos para a questão ética, o que abriu caminho para mais um degrau em nossos estudos. Nesta perspectiva, os alunos também atentaram para a virtude da Bondade, afirmando que Desdêmona, ao intervir a favor de Cássio, foi muito bondosa ao se preocupar com a vida do amigo de seu marido, assumindo para ela também o cuidado com essa pessoa.

Podemos dizer que vivenciar a virtude da Amizade é algo que edifica o ser humano, uma vez que:

não é somente necessária; ela também é nobilitante, pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter muitos amigos; além disto, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas” (ARISTÓTELES, *E.N.*, VIII 1155a).

Essas foram as Virtudes encontradas na personagem Desdêmona: Bondade e Amizade. Trabalhar a Virtude da Amizade abre o caminho para que o aluno assuma as outras virtudes como possíveis de serem vivenciadas, ainda que não a viva de modo tão pleno, sobretudo no contexto escolar.

Foi possível observar a importância de se iniciar o ensino/aprendizagem das virtudes pela vivência da Virtude da Amizade entre os alunos, uma vez que, por meio desta os educandos se motivaram para conhecer as outras Virtudes.

A história criada pelos alunos na oficina 2 mostra a compreensão dos jovens sobre questão das Virtudes:

Cassiano, um menino feliz, simples, inteligente e admirável, dava valor a todas as suas coisas e seu amor pela família e amigos era incrivelmente lindo. Porém, na sua adolescência, suas qualidades fizeram com que descreditassem de seu valor.

Ele confiava em muitas pessoas no mesmo momento em que as conheciam, começou a se apegar de mais a essas novas pessoas, que no entanto, descobriu que elas faziam piadas e caçoavam afim de conseguir constrange-lo sempre. Quando ele havia desistido de acreditar nas pessoas, o garoto conheceu um rapaz que estava sempre sorrindo. No começo, o garoto começou a sentir inveja pelo rapaz que estava sempre alegre, mas ainda sim, continuou a se aproximar dele. Tempo depois, viu que estava sorrindo também, não demorou para notar que se sentia bem com seu mais novo melhor amigo, percebeu que antes estava apenas com pessoas de poucas qualidades e no lugar errado.

“ A amizade é uma relação linda entre as pessoas e sentimento transformado em ações, é sentir o carinho, é respeitar o espaço e esta sempre junto em momentos bons e ruins”

Em Hamlet o personagem principal passa por certas coisas, dificuldades que o deixam muito abatido e meio confuso, porém tem um verdadeiro amigo que o ajuda neste momento.

Já em Otelo o personagem principal acha que tem um verdadeiro amigo, porém acaba descobrindo que era uma amizade falsa e seus amigos o traiu. E é isto que significa a virtude da amizade, apoiar um ao outro em momentos bons e ruins, porém a amizade verdadeira que é muito difícil de encontrar porque muitas amizades são só por interesse (SIC). (Dália, Coqueiro, Abacateiro e Orquídea -oficina – 02)

Shakespeare, por meio de seus personagens, oferece a cada um de seus leitores a oportunidade de refletir sobre a conduta do ser humano na *polis* na qual se encontra. Neste sentido, o personagem Iago em *Otelo* é o representante de uma pessoa guiada pelo Emotivismo. Este, como explica MacIntyre (2001, p.30), é “a doutrina segundo a qual todos os juízos valorativos e, mais especificamente, todos os juízos morais não passam de expressões de preferências, expressões de sentimentos ou atitudes, na medida que são de caráter moral ou valorativo”. Iago não poupou esforços para usar inúmeras pessoas como meio para atingir o seu fim que era assumir o posto ocupado por Cássio. Disseminando o veneno de sua mente, Iago, à custa de mentiras, mortes e ódio, consegue ver seu plano cruel concretizado na morte de Otelo.

Emília, esposa de Iago, representa a virtude da Coragem, ao denunciar seu próprio marido, dizendo ter sido ele o arquiteto daquela tragédia, ainda que ciente de que tal atitude poderia custar-lhe a própria vida. A personagem tem responsabilidade e cuidado com Desdêmona, bem como por sua causa, o que filosoficamente é explicado abaixo:

Se alguém diz que cuida de uma pessoa, comunidade ou causa, mas não está disposto a correr riscos por essa pessoa, comunidade ou causa, põe em questão a sinceridade de seu cuidado ou interesse. Coragem, a capacidade de correr riscos,

tem seu papel na vida humana devido a essa ligação com o cuidado e o interesse. Não estou dizendo que seja impossível interessar-se e também ser covarde. Estou dizendo, em parte, que a pessoa que se interessa com sinceridade e não tem a capacidade de ser arriscar precisa se definir, tanto para si mesma quanto para as outras, como covarde. (MACINTYRE, 2001. p,323-324).

A ideia apresentada pelo filósofo da citação acima reforça a tese de ser Emília uma mulher que efetivamente exerceu a Virtude da Coragem, posto que correu alto risco, ao acusar seu marido por toda tragédia ocorrida na peça *Otelo*.

Pela trajetória no presente tópico, nota-se que as peças shakespearianas serviram como caminho possível para o vivenciar das Virtudes na vida de cada um dos jovens que acreditam em mudanças quando as praticam.

4.2- As Virtudes da Amizade, Coragem, Justiça e Honestidade nas Obras *Otelo* e *Hamlet*

As virtudes são os ingredientes indispensáveis para se viver harmoniosamente na sociedade. Aristóteles (*E.N*) ressaltou, como já foi destacado anteriormente, tal importância, ao afirmar que este é o caminho para alcançar a Felicidade. Philippe (1999, p.59) acentua essa dimensão ao dizer que “as virtudes não podem se confundir com a felicidade: elas são somente meios; a felicidade é da ordem do fim último”. Experimentar as Virtudes só é possível a partir do momento em que um Eu e um Tu se veem como pessoas que apresentam fragilidades e estão à mercê das contingências da vida. Nessas, o ser humano, se revela em sua plenitude, pois está diante de quem realmente é, enfrentando seus fracassos e vitórias perante a vida. No momento em que tem consciência de não conseguir responder a todas perguntas nem controlar os fatos da vida, se reconhece como alguém dependente e vulnerável (MACINTYRE, 2011).

Shakespeare, em sua paixão pelas ações humanas, entra de modo profundo na história da humanidade, como diz Heliadora, (2014, p.30): “em todas as suas peças Shakespeare explora o potencial humano que o fascina, e pelo qual cultiva curiosidade inesgotável. Nas ações dos homens Shakespeare encontra sua essência”. Esta premissa é valiosa, visto que mostra a acentuada preocupação do dramaturgo inglês com as pessoas. Assim, lembrando von Hildebrand (2009), ao dizer que cada pessoa é preciosa, vemos que

Shakespeare (1564-1616) antecipa o filósofo, ao investir na pessoa preciosa de cada um de seus personagens.

Como foi possível observar, Shakespeare revela a grandeza e a miséria presentes em cada ser humano. Em *Otelo*, existe a figura de um homem que pratica a Virtude da Coragem e da Justiça, ao enfrentar a corte de Veneza para justificar seu casamento com Desdêmona, mostrando que não tinha o que temer diante de homem algum, ao encarar perigosas batalhas com determinação, justo ao demitir Cássio, seu amigo, por estar bêbado em serviço, fazendo a justiça necessária independentemente de quem esteja envolvido. O mesmo Otelo é capaz do mais alto grau de covardia ao matar uma mulher indefesa. Desse modo, acompanhamos o auge do personagem, ao vivenciar as Virtudes e seu descrédito perante o vício da covardia. Como ressalta Santos “a queda moral de Otelo é abertamente declarada quando Ludovico no ato IV, cena 1 afirma: ‘É este o nobre Mouro Chamado Implacável?’” (SANTOS, 2009, p.199). Assim, Otelo, o homem virtuoso, “falha na hora de tomar decisão” (JATOBÁ, oficina 2) e se revela para todos leitores e espectadores como “um covarde assassino de uma mulher frágil e indefesa” (SANTOS, 2009, p.199). Dessa maneira, se apresenta a trajetória de um personagem vulnerável semelhante às pessoas reais.

Emília, personagem da mesma obra, afirma-se como exemplo da prática da Virtude da Coragem, como já foi apontado anteriormente. Ela não hesita em morrer para defender a inocente Desdêmona, a qual no ato I da obra se destaca igualmente pela Virtude da Coragem, ousando desafiar seu pai na cena 3, dizendo-lhe que assim como um dia a mãe dela deixara a casa paterna para unir-se a ele, chegara sua vez de fazer o mesmo. Desdêmona enfrenta a sociedade veneziana, casando-se e fugindo com Otelo, um negro e vai mais além, ao declarar diante do Senado que livremente escolheu Otelo para ser seu marido e senhor, como podemos conferir:

Desdemona: Meu nobre pai, percebo aqui um dever dividido. Ao senhor, devo minha vida e minha educação. Tanto uma como outra ensinam-me a respeitá-lo. O senhor é soberano em matéria de dever, e tenho sido até agora sua filha. Mas eis aqui o meu marido, e, tanto obediência quanto minha mãe mostrou ao senhor, dando preferência ao senhor e não ao próprio pai, assim, venho eu requerer meu direito de professar minha obrigação para com o Mouro, meu amo e senhor. (*Otelo*. ATO I, cena 3, p.33)

As tragédias revelam personagens vulneráveis, semelhantes às pessoas reais e, por isso, Desdêmona fragiliza-se quando é retirada de seu mundo que bem conhecia. Ao ir para Chipre, sua coragem é diminuída, o que se torna uma porta aberta para Iago entrar sem pedir licença e fazer dela o alvo fácil para dar continuidade a sua maldade.

A Virtude da Honestidade é representada por Cássio, na obra *Otelo*. Ele se coloca como um homem honesto desde o começo da peça. Cássio confirma seu respeito por Otelo e demonstra se alegrar com o casamento do amigo. Tal fato é confirmado pela atitude do próprio Cássio, ao invocar a proteção divina sobre seu general e a esposa Desdêmona.

Cássio: (...) Poderoso Jove, sê guardião de Otelo, enfuna as velas do barco de meu general com teu próprio e poderoso sopro, de modo que ele possa abençoar esta baía com seu vistoso navio, ofegar amorosamente nos braços de Desdêmona, dar novo lume a nossos espíritos apagados e trazer satisfação a toda a ilha de Chipre. (ATO 2, cena 1, p.46)

Cássio é um homem que reconhece seu erro de ter se embriagado, o que é uma das características da pessoa virtuosa. Perder a reputação é a coisa mais terrível para ele, posto que perdê-la se associa a trair seu amigo Otelo. A suposta traição, visto que Cássio é acusado, mas não trai Otelo, faz com que o elo de confiança entre os amigos seja quebrado, rompendo conseqüentemente o vínculo de amizade. Como pontua Aristóteles “as pessoas não poderão manter amizade umas com as outras ou ser realmente amigas enquanto cada uma das partes não houver demonstrado à outra que é digna de amizade e não lhe tiver conquistado a confiança” (*E.N.*, VIII 1156b). É esta confiança que o tenente Cássio busca reconquistar para ter novamente a Amizade de Otelo.

Para vivenciar a Virtude da Coragem são antes necessárias as virtudes da Amizade, Honestidade e Justiça. Nessa medida, Emília, além de corajosa, foi justa por não deixar que a morte de sua ama tivesse uma aparência de justiça. Emília foi igualmente honesta e amiga, ao assumir sua parte nos males causados a sua ama, quando da entrega do lenço de Desdêmona ao seu marido, Iago, ainda que inocentemente, e o bem que causava para o entendimento dos que estavam presentes diante da tragédia. Comte-Sponville, seguindo as pegadas de Aristóteles (2001), auxilia essa compreensão ao dizer que

o justo será aquele que não viola a lei nem os interesses legítimos de outrem, nem o direito (em geral) nem os direitos (dos particulares), em suma, aquele que só

fica com suas partes dos bens, explica Aristóteles, e com toda a sua parte dos males (COMTE-SPONVILLE, 2009, p.72).

Assumindo a premissa acima, Emília é honesta consigo para vivenciar a Virtude da Coragem, ao enfrentar seu marido que lhe pede para se calar. Diz ela:

Emília: Não posso ficar calada, não posso ficar calada! Eu, aquietar-me? Não! Falarei tão livremente como sopra o vento norte. Podem os céus e os homens e os demônios, podem eles todos, todos, sem exceção, dizer e gritar que sou mulher desonrada, e mesmo assim falarei. (Ato V, cena 2)

Como cada coisa se define por sua finalidade nobre, segundo (ARISTÓTELES, *E.N.*), Emília confirma sua nobre ação, ao vivenciar a Virtude da Coragem.

Já podemos afirmar que Shakespeare, por meio de suas peças, pode contribuir para o entendimento de adolescentes do Ensino Médio da Rede Pública sobre as Virtudes presentes no cotidiano dos estudantes. Heliodora frisa o amor de Shakespeare pela humanidade expresso em suas obras ao longo da vida do dramaturgo inglês. A especialista em Shakespeare ainda sublinha que:

Em todas as suas peças Shakespeare explora o potencial humano que o fascina, e pelo qual cultiva curiosidade inesgotável. Nas ações dos homens Shakespeare encontra sua essência, e por isso mesmo seu talento encontrou a melhor expressão na forma dramática. A riqueza do que Shakespeare tem a dizer sobre a humanidade que tanto amava aparece em centena ou milhares das falas que escreveu. Dando um passeio por suas peças, podemos encontrar exemplos do muito que a leitura de cada uma delas pode nos trazer em termos de prazer e enriquecimento (HELIODORA, 2014, p. 29-30).

Como enfatiza Heliodora (2014), Shakespeare preocupava-se com a essência das ações humanas. Somente por meio do agir das pessoas é possível dizer se elas praticam atos virtuosos ou viciosos. Os estudantes do Ensino Médio entenderam essa dimensão como veremos a seguir:

As virtudes humanas proporcionam sempre um novo impulso para nos desenvolvermos com o homem de bem. Praticando o bem, possuindo virtudes é nos tornar uma pessoa íntegra na qual tem um pensamento e caráter próprio para pensar e agir de forma correta, não transformando toda essa bondade em um vício como por exemplo na obra de Shakespeare, no livro Otelo, onde ele mata a sua esposa por acesso de amor, tornando-o vicioso. Ser simplesmente um ser humano é buscar a cada dia ser racional, melhorar nosso interior, ter uma índole na qual nos preocupamos com o próximo, sabendo ouvir, respeitar, entre outros. Nós seres humanos temos que buscar a cada dia melhorar nosso interior, para possuir virtudes e praticar o bem, como por exemplo vemos na obra de Shakespeare,

livro Hamlet, onde Horacio possuía virtudes na qual tornava ele amigo, bondoso, fiel e companheiro das pessoas (SIC) (Helicônia, Orquídea, Jasmim, Lavanda, Mimoso e Mamona – Oficina 03).

Algumas virtudes são essências para uma vida ética e outros vícios que podemos descartar, em si as obras de Shakespeare trás grandes reflexos para nossa vida, fazendo ter uma perspectiva melhor da nossa vida ética (SIC) (Jatobá – Oficina 07)

Não é possível ser feliz sendo desonesto nas ações e palavras, machucando ambos que tentam levar uma vida ética.

Na obra de Otelo, Iago não leva uma vida ética ao tentar prejudicar Cássio por inveja do seu cargo de general dado por Otelo. A desonestidade pode afastar muitas pessoas que te amam por não levar uma vida boa e brigar por motivos que se torna bobos (SIC) (Lavanda - oficina 06)

Reconhecemos, com as afirmações dos alunos, a importância do Ensino/Aprendizagem de Ética para os jovens. Por meio da prática das virtudes, os alunos tomam consciência de seu agir como pessoas humanas que são. Partindo dessa verdade, sentem-se mais confiantes para enfrentar os desafios que a cada dia a vida apresenta.

Em *Hamlet* a Virtude da Amizade é evidenciada de modo belo e sadio entre Horácio e Hamlet ao longo de toda a peça. Horácio e Hamlet querem o bem um do outro “de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas” (ARISTÓTELES, *E.N*, VIII, 1156 b). Os alunos compreendem bem a profundidade dessa Virtude. Usamos o comentário de uma das alunas para confirmar tal fato:

Horácio- sincero e leal com sua amizade com Hamlet sempre apoiando as decisões e sendo confiante na amizade (SIC). (Bardana – oficina 07)

Como explica Santos (2009, p.315-316)

Não restam dúvidas, porém, quanto ao papel de Horácio como amigo de Hamlet: totalmente dedicado a ele, digno de sua absoluta confiança, um pilar emocional para o príncipe, que é e se sente traído pelas pessoas que o cercam. A amizade de Horácio e Hamlet é tão grande que aquele ameaça abandonar o seu estoicismo, elogiado por este, a fim de se suicidar e morrer para evitar a dor da perda do amigo, e que só permanece vivo para servi-lo.

A profunda e sincera Amizade entre Horácio e Hamlet, destacada por Santos (2009), sustenta -se na confiança mútua entre os dois amigos. Como acentua Santos (2009), Hamlet vê em Horácio o apoio emocional necessário para continuar sua trajetória

existencial. O próprio Hamlet chega a duvidar em seu famoso solilóquio “ser ou não ser”, se é melhor viver ou morrer diante dos fortes golpes da vida. Ousamos dizer que foi pela Amizade de Horácio que Hamlet diz sim à vida, deixando sua história tomar seu rumo. Horácio não fez apenas o que se deve fazer a um amigo; ele foi mais além, como destaca Aristóteles (*E. N.*, III, 1163 b) “ a amizade exige das pessoas que façam tudo que podem, e não apenas o que devem”. Essa premissa foi vista ao longo da obra trabalhada. Objetivando reafirmar o laço de uma amizade entre Hamlet e Horácio, recorreremos mais uma vez a Santos (2009, p.316), ao afirmar que:

Hamlet não demonstra amor por ninguém, exceto por Horácio, e morre nos braços do amigo, não sem antes pronunciar o seu nome quatro vezes. A amizade de Hamlet e Horácio é tão forte e verdadeira que consegue sobreviver à podridão do estado da Dinamarca (SANTOS, 2009, p.316).

O bom propósito no amadurecimento da bela amizade entre os dois amigos revela o que Aristóteles (*E.N.* Livro VIII, 1159 a, 8) assegura que:

a Amizade consiste mais em amar do que ser amado, e são as pessoas que amam seus amigos que são louvadas, amar parece ser uma característica da excelência moral dos amigos, de tal forma que somente as pessoas em que tal característica está presente na medida certa são amigas constantes, e somente sua amizade é duradoura.

Esse é o motivo da amizade entre Hamlet e Horácio “sobreviver à podridão do estado da Dinamarca”, como aponta Santos (2009).

Para afastar qualquer ideia que se distancia de uma amizade, realmente sincera entre os dois amigos da peça, recorreremos a Oliveira (2008, p.32) ao ressaltar que “parece equivocada a identificação dessa relação com o homoerotismo. A meu ver, trata-se de um exemplo da idealização da amizade masculina, comum no humanismo renascentista”. O olhar desprovido de preconceitos deve ser sempre buscado quando se tem por objetivo viver a vida ética em uma comunidade de cidadãos.

Como amigos devem ser sinceros uns com os outros Hayter (1972) destaca que Horácio não concordava com todas as ações de Hamlet; porém, sendo um verdadeiro amigo, o alertava para as consequências de suas atitudes. Os adolescentes envolvidos na pesquisa apresentaram a importância da Virtude da Amizade, criando uma história como podemos ver a seguir:

Eu me chamo Everton, tenho 16 anos e estudo no colégio Bélgica, hoje entrou um menino novo na minha turma. Ele parece ser bem tímido. O nome dele é Bruno, no intervalo vejo alguns meninos mexerem com ele, eu fico querendo ir ajudá-lo, mas com medo eu vou embora.

No dia seguinte vi mais uma vez os meninos mexerem com Bruno, dessa vez criei coragem e o defendi. Ele me agradeceu e ficou muito feliz, começamos a conversar e ali eu pude ver que tínhamos muito em comum, como gostos musicais, matérias escolares entre outras coisas. Começamos a andar juntos, fazendo visitas em nossas casas, Bruno era muito inteligente e eu meio desinteressado. Ele via minhas dificuldades e me ajudava, eu via crescer ali uma verdadeira amizade. Os anos foram se passando, Bruno e eu conhecemos a Samantha uma menina que queria ter mais atenção que Bruno, pois isso foi fazendo com que eles se afastassem. Eu criei uma afinidade e carinho por Samantha, que em um belo dia resolvi eu sair para fazer um passeio com ela apenas, pois ela e Bruno tiveram uma briga e não estavam mais com a amizade de antes. Após acontecer isto, fui a casa de Bruno pedir a ele conselhos e ele me mostrou a verdadeira virtude da amizade. Ele foi até a casa de Samantha pedir desculpas, então Bruno com seu gesto provou ter uma amizade fiel tornando-se um amigo virtuoso.” Eu observei que a amizade é muito citada nos dois livros, tanto em Hamlet como em Otelo, a amizade é muito importante (SIC). (Oficina 2 - Palmeira, Violeta e Jatobá)

Acompanhando a trajetória dos alunos no envolvimento com as leituras shakespearianas, compreendemos ser possível trabalhar com os jovens da rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro as Virtudes aristotélicas. Trata-se de um profícuo caminho para o encontro com o outro, compartilhando da realidade de que o bom para um Eu precisa, como condição *sine qua non* ser bom para um Tu. Nessa dimensão, observamos a partilha e compreensão entre os alunos. Estes, valendo-se das leituras shakespearianas e do aprendizado das virtudes, limpam as lentes de seus óculos e começaram a contemplar a beleza de um verdadeiro encontro com o outro. Verdadeiro porque transparente, transparente porque se estabelece em relações virtuosas.

4.3 - Shakespeare e sua Contribuição para o Ensino/Aprendizagem de Ética para Alunos do Ensino Médio e a Aprendizagem Significativa²

“ De novo esse bagulho de virtudes e Shakespeare!” (aluno Eucalipto, em uma aula de inglês para o Ensino Médio)

Abrimos o presente tópico com a indagação do aluno Eucalipto por acreditarmos que a exclamação apresentada tem muito a oferecer no que buscamos mostrar nesta etapa. Refletir sobre aprendizagem significativa envolve comprometimento do educador, uma vez que se faz necessário o olhar atento para o todo do aluno como uma pessoa que merece ser respeitada como todo ser humano (SUCUPIRA LINS, 2014). Compreendemos aprendizagem significativa como aquela que acontece, valendo-se de uma interação entre o novo conteúdo apresentado ao aluno e o conteúdo por ele já adquirido (AUSUBEL, 1980). Este mesmo autor ainda destaca que não só a disposição de o aluno aprender precisa ser significativa para que a aprendizagem possa ocorrer, como principalmente a exposição feita pelo professor.

Contudo, não são suficientes para a aprendizagem significativa somente essas duas condições. Um outro elemento importante faz-se necessário: o material usado deve ser potencialmente significativo, de acordo com Ausubel (1980).

Falar sobre material potencialmente significativo pode parecer estranho, em um primeiro momento, quando se tem como instrumento de estudo as obras shakespearianas a serem trabalhadas com os alunos do Ensino Médio da rede pública de ensino relacionadas à aprendizagem e vivência de virtudes. Entretanto, o distanciamento inicial é desfeito quando o aluno começa a perceber que, por meio de uma leitura tão complexa, é possível tirar riquezas de seus personagens as quais o levam a refletir sobre sua atitude diante da vida. Tal fato ocorre porque as personagens apresentam histórias de vida semelhantes às dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

² CRUZ, L. C. Shakespeare e sua contribuição para o ensino/aprendizagem de Ética para alunos do Ensino Médio e a Aprendizagem Significativa. In: SUCUPIRA LINS, M. J. C.; CARDOSO, B. R. M. *Ausubel e Bruner: questões sobre aprendizagem*. Curitiba: CRV, 2018. cap. 7, p.85-97.

Conjugar os três elementos basilares, para que se tenha uma aprendizagem significativa como resultado do processo, parece constituir um grande desafio para o educador. Voltando à inquietação de Eucalipto, é de se notar que o aluno não tenha visto um conteúdo significativo para o vocábulo virtude. Em outras palavras, as virtudes não estão dentro de uma dimensão significativa para Eucalipto.

Acentuamos assim, que o esforço do educador deve ser contínuo com o objetivo de buscar meios para motivar o educando, de modo a destacar o valor de uma Aprendizagem Significativa. Esse esforço é também traduzido no empenho em despertar o interesse a longo prazo do educando sobre dois aspectos em questão: a vivência das virtudes e gosto pelas leituras shakespearianas. Ademais, como destaca Bruner (1978), trabalhar a motivação externa é imprescindível para que os alunos se esforcem no processo de aprendizagem. Estão em comunhão com este pensamento autores como Sucupira Lins (2015,2013, 2011), Malheiro (2016, 2014) e Dewey (1964) que enfatizam a ideia de que o esforço do aluno em aprender o leva a um maior comprometimento durante o processo de aprendizagem. É oportuno esclarecer que a expressão ‘processo de aprendizagem’ aqui utilizada significa

o conjunto de passos e procedimentos que separam um momento selecionado como ponto de partida e o seu ponto de chegada resultando em aquisição de algo que especificamente não havia no início. Há uma sequência de empreendimentos e acontecimentos que se organiza de modo coerente para que se possa denominar a totalidade em questão como um Processo (SUCUPIRA LINS, 2004, p.626).

É possível, portanto, se afirmar que enquanto o educando se envolve no processo de aprendizagem, vai interagindo de forma mais consciente com o conteúdo que lhe é apresentado pelo educador. Isto implica, de certo modo, o amadurecimento do aluno para a experiência da aprendizagem.

Ao falarmos em aprendizagem, estamos considerando as três fases que a envolve: Aquisição, retenção e generalização (SUCUPIRA LINS, 2004). Na primeira etapa, o educando passa a possuir um conhecimento que não lhe era familiar anteriormente. Entende-se, então que a frase que abre esta seção: “De novo esse bagulho de virtudes e Shakespeare!”, deverá ser modificada, ao se adquirir o conhecimento das virtudes, como é possível notar nas falas dos alunos que inicialmente partilhavam da mesma visão de Eucalipto:

Dália e Violeta: “Por meio das virtudes podemos nos tornar pessoas grandiosas e melhorar o nosso ser. (...) Na obra de Shakespeare, *Hamlet* percebemos que Horácio era uma pessoa amiga e tinha muitas virtudes (...) As pessoas podem se tornar melhores se observar os bons comportamentos” (SIC). (Oficina 05)

É importante destacar a profundidade das palavras de Dália e Violeta quando afirmam que o ser humano se torna melhor pela vivência das virtudes. Essa afirmação, aliás, remete a Aristóteles (2001) ao dizer que o ser humano só alcança a Felicidade por meio de uma vida virtuosa. No século XXI, o filósofo MacIntyre (2001) intensifica tal premissa, ao declarar que a virtude é o que oferece ao sujeito a capacidade de viver eticamente no mundo.

Voltemos à fala dos alunos:

Alfazema, Tamareira, Tulipa e Magnólia: Para construir uma amizade é preciso muitas virtudes. Devemos ser honestos, compreensivos, solidários a todo o momento para com nossos amigos. (...) ser solitário é uma das piores coisas que pode acontecer com alguém, pois sem a virtude da amizade a pessoa certamente não é feliz. Assim, na obra de Shakespeare a amizade de Hamlet e Horácio, que se mostra fiel e verdadeira durante toda a história (SIC) (Oficina 02).

Os alunos fazem uma reflexão amadurecida sobre a virtude da Amizade, dizendo que esta virtude não se sustenta sem o apoio das outras. No momento em que relatam a existência na obra de Shakespeare de uma amizade verdadeira entre Hamlet e Horácio durante toda a história, estão indo ao encontro do pensamento de Aristóteles (*Política*, V,1281a) quando diz: “a Amizade é a motivação do convívio”. Vemos assim que a familiaridade humana fortifica a virtude da Amizade.

Mais uma vez, observe-se a expressão de uma aluna:

Helicônia: Devemos ser mais verdadeiros e respeitadores com cada pessoa que passa pela nossa vida, como Cássio no livro de Otelo, que era uma pessoa muito justa, pois sempre estava disposta a ajudar os outros, sabendo ser verdadeiro e respeitador, vemos também no livro de Hamlet, o Horácio que era um amigo muito justo e leal a Hamlet. (SIC) (oficina 04)

Helicônia acentua ser a virtude da Justiça o caminho para se ajudar o outro.

Observamos que a nova informação sobre as virtudes foi acrescentada ao contexto da vida dos alunos. Além disso, “A Informação adquirida é o elemento central na aprendizagem e na própria ideia de Conhecimento, pois não há aprendizagem no vazio, não há aprendizagem sem um conteúdo, e este deverá ser adquirido” (SUCUPIRA LINS, 2004,

p.629). Nessa perspectiva, é capital deixar a conta bancária de informações para os alunos com saldo sempre positivo para ser usada pelo dono da conta quando este precisar. Dessa maneira, o educando vai aos poucos descobrindo a importância de se ter reservas visto que,

A aprendizagem por descoberta, pura e simplesmente entendida como atividade que dispensa o depósito da informação prévia no aluno é dispersiva, traz enorme gasto de tempo e por isso se torna antieconômica e leva à perda da motivação e do interesse por parte do sujeito que aprende (SUCUPIRA LINS, 2011, p.6).

Portanto, se o que se almeja é o caminhar seguro no longo percurso do processo de aprendizagem, dando sentido a cada uma de suas etapas, não se pode dificultar o percurso do aluno para que ele chegue ao segundo elemento do processo de aprendizagem: A Retenção.

Guardar por guardar uma informação adquirida é não ver o grandioso sentido da retenção no processo de aprendizagem. Uma vez alcançada, a informação precisa ser retida, mas ela só ganha expressão como algo de valor, nesse processo, no momento em que é partilhada, ou seja, utilizada, em diferentes contextos. Quando isso ocorre, já entramos na terceira etapa do processo: a Generalização. É neste ponto que teremos a efetivação do processo de aprendizagem como algo significativo. O aluno precisa não só utilizar amplamente, mas também partilhar seu conhecimento por meio da Generalização, uma vez que é nessa etapa que ele irá confirmar a validade do conteúdo que foi retido ao longo de todo o processo do qual ele participou ativamente. Essa premissa nos leva a afirmar que o educando faz essa caminhada nas três etapas por se encontrar diante de uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem em uma perspectiva significativa busca resgatar conceitos antigos e alinhá-los com novas informações oriundas de uma aprendizagem com sentido para a vida de cada educando. Observe-se que “chegamos a compreender o que o conceito propriamente significa somente através do *conhecimento* de seus atributos essenciais e seu significado. Isto por definição, é uma forma substantiva da aprendizagem significativa” (AUSUBEL,1980, p.46). Essa atitude demanda, inevitavelmente, um esforço do aluno (DEWEY, 1964) em querer aprender de modo significativo. Tal perspectiva exige do aluno não apenas passar por cada fase do processo de aprendizagem, mas vivenciá-lo de forma comprometida em três dimensões: Ele, o Educador e o conteúdo aprendido.

O entendimento do real significado de cada virtude aprendida pelos alunos, os leva a um crescimento cognitivo e afetivo necessários em uma aprendizagem significativa. Recorremos mais uma vez às afirmações feitas pelos alunos, revelando o resultado de uma aprendizagem por descoberta (BRUNER,1978) e simultaneamente uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1980).

Pinheiro, Jatobá, Loureiro e Mogno : Para ser humano não basta apenas ser de carne e osso, mas você passa por varias provações na vida e se torna de fato um ser virtuoso, mas não nascem virtuosos, precisamos aprender a nos tornar. No livro de Otelo podemos notar algumas destas características humanas nos personagens sejam elas boas ou ruins. Em Otelo podemos dizer que ele é virtuoso, porque em todo o livro ele se demonstra leal, corajoso, determinado, mas erra na hora de tomar decisões.

E tem Iago, apesar de mostra ser uma pessoa esperta, decide agir de má fé, prejudicando as outras pessoas para conseguir o que ele desejava. Os seres humanos por natureza muitas vezes são falhos, mas o ato de se arrepender e tentar mudar nos torna seres humanos melhores. (SIC) (oficina 03)

Ao afirmar que o ser humano passa por várias provações na vida para então se tornar um sujeito virtuoso, os alunos estão mostrando o processo pelo qual a pessoa deve percorrer para vivenciar as virtudes. Mais uma vez seguem o pensamento aristotélico que diz serem as virtudes aprendidas com o tempo por meio de repetições de atos bons (ARISTÓTELES, 2001). Ao apresentar as virtudes do personagem Otelo, os alunos dizem: “erra na hora de tomar decisões”. Esta afirmação deixa evidente que o personagem apontado não faz uso da Inteligência Emocional (GOLEMAN, 1995) de modo equilibrado: esta é definida como a capacidade de tomar decisões acertadas como destacam Goleman (1995). Nessa medida, afirmamos que viver virtuosamente é existir equilibrando Inteligência Emocional e Lógica.

Na fala dos educandos é possível encontrar o amadurecimento por meio das frases repletas de significados. As virtudes deixaram de ser “bagulho” e ganharam um sentido renovado, como se pode ler na afirmativa abaixo de um dos alunos.

Petúnia: “não nascemos virtuosos, precisamos aprender a nos tornar.”Um outro exemplo que mostra a relevância da aprendizagem da Virtude da Justiça é apresentado pelo aluno Jatobá:

pode-se dizer que uma pessoa justa é uma pessoa que exerce varias virtudes boas, tais como, coragem, sinceridade e justiça. Em alguns momentos da nossa vida passamos por situações que precisamos tomar uma decisão e pronto, ela poderia

afetar as pessoas que estavam vivenciando aquele momento. Exemplo, uma mulher e um homem começam a discutir por alguma coisa e você precisa intervir e falar quem está certo. Porém você não vai simplesmente escolher quem te convenha, aí você tem que demonstrar ser uma pessoa justa e ter a coragem de dizer: “Cara você errou” ou “Moça, você errou”. Uma experiência que eu passei foi em um ônibus quando eu e meu colega voltava para casa uma senhora estava em pé e meu colega deu um empurrão nessa moça que estava de pé e ali eles começaram a discutir e eu fiquei do lado do meu colega pelo fato dele ser meu colega. Não fui uma pessoa justa na hora de julgar (...). (SIC) (oficina 4)

O discurso de Jatobá revela a grandiosidade da vivência de uma aprendizagem significativa como algo capaz de provocar uma verdadeira mudança na vida de uma pessoa. O aluno em questão deu um salto positivo, marcando sua humanidade ao reconhecer: “Não fui uma pessoa justa na hora de julgar.” Essa afirmação reforça a ideia apresentada por AUSUBEL (1980) ao dizer que:

Na aprendizagem significativa, o processo de obtenção de informações produz uma modificação tanto na nova informação como no aspecto especificamente relevante da estrutura cognitiva com a qual a nova informação estabelece relação (AUSUBEL, 1980, p. 48).

Nesse foco, é preciso levar em conta a motivação e o entusiasmo dos alunos como elementos imprescindíveis quando se quer avaliar (SUCUPIRA LINS, 2016) como os educandos entendem Virtudes e Valores.

No desenvolvimento desse processo, o educando aos poucos toma consciência de que as modificações são necessárias e bem-vindas para o seu amadurecimento como pessoa que busca se aperfeiçoar a cada dia (SUCUPIRA LINS, 2014). Este entendimento leva ao aparecimento da Identidade Moral do educando, a qual “define uma pessoa em profundidade com referência ao domínio da ética e a consciência de si mesma. Alguém que chegue a construir a sua identidade ética sabe quem é e age de acordo com esta consciência” (SUCUPIRA LINS, 2009, p.639). Pensar e agir segundo tal premissa é viver uma vida plena de significado.

Cabe nesse momento destacar que a aprendizagem requer um processo de interação contínuo, obedecendo à capacidade de cada sujeito. O equilíbrio lógico entre os sujeitos, apontado por Piaget (1973), é fundamental nessa construção, pois como destaca SUCUPIRA LINS (2013, p.36):

As aprendizagens acontecem coerentemente às capacidades das estruturas existentes. Não adianta o professor oferecer um conteúdo inacessível, pois não

havendo estruturas apropriadas que permitam a realização do processo de equilíbrio, o sujeito não partirá para a interação. Do mesmo modo, se o conteúdo está aquém de suas possibilidades, não há uma busca, pois se o sujeito já o incorporou a suas estruturas, de modo algum irão se lançar num processo de interação.

Nessa concepção, promover significado à necessidade de se vivenciar uma vida virtuosa para jovem do século XXI parece constituir um grande desafio, posto que “a aprendizagem significativa pressupõe que o aluno manifeste uma disposição para a aprendizagem significativa – ou seja, uma disposição para relacionar de forma não arbitrária e substantiva, o novo material à sua estrutura cognitiva” (AUSUBEL, 1980, p.34). Isso é exposto pelos educandos, o que vemos ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa. À medida que o educando vai se conhecendo melhor em sua própria caminhada existencial, descobre que é bom ser amigo, honesto, justo, por exemplo, e começa a dar um novo significado a sua vida e a de seus colegas de turma. Ser virtuoso é indispensável para se relacionar de modo harmonioso com os diferentes sujeitos da história da humanidade (ARISTÓTELES, *E.N.*). Essa é uma explicação fundamental.

Vejamos mais algumas afirmações dos alunos que aconteceram durante as oficinas, as quais revelam o resultado da aprendizagem significativa:

Tulipa e Magnólia: “Devemos apresentar as virtudes para aqueles que não as conhecem. Assim como aconteceu na obra *Hamlet*, quando Horácio influencia Hamlet a ter a virtude da coragem para enfrentar o seu tio.” (SIC) (oficina 05)

Essas alunas deixam transparecer o valor dos exemplos na aquisição das Virtudes.

Helicônia e Orquídea: “A edificação é a forma mais concreta de construir no outro a ideia de transformação, passando a transmitir através de seus atos a verdadeira virtude que é notória em Otelo, que passa a edificar a vida de Desdêmona. Essa edificação que Otelo transmite para Desdêmona é através de suas histórias e contos que passa coragem, confiança e conhecimento do mundo. (...).Portanto, ao ser edificada a pessoa passa por várias mudanças em sua vida, buscando a ter a verdadeira virtude, não só de ouvir, mas pôr em prática suas mudanças da edificação virtuosa.” (SIC) (oficina 05)

É curioso observar que as afirmações das alunas se aproximam muito das anteriores no quesito exemplo. Ainda destacam a edificação do outro como essencial para a vivência ética.

Lavanda: Ser justo vai além de somente diferenciar o que é certo e o que é errado. Para sermos justos é preciso saber usar a ética e suas virtudes assim como Horácio na obra de “Hamlet” de William Shakespeare. Horácio assim como o próprio Hamlet mostrou como ser justo. Apesar de como Hamlet levou a situação, Horácio continuou sendo fiel ao amigo sem trair seu reino. Ele soube manter suas virtudes amizade e fidelidade sem prejudicar e trair ninguém (SIC) (oficina 04).

Lavanda mostra o entendimento da proposta apresentada na pesquisa ao dizer “ser justo não é uma questão de certo ou errado somente”. Ela dá um passo mais além: ser justo é “saber usar a ética e suas virtudes.” De outro modo, é possível dizer que para se alcançar a Justiça é fundamental levar uma vida ética. A proposição feita pela aluna tem base em Sucupira Lins (2010, p. 56) que afirma:

Ética na sociedade não é um código de leis, faça isto, não faça aquilo, mas o exercício da vontade livre de cada cidadão que visa o bem comum e procura se esforçar para que a justiça prevaleça em todas as situações. Na prática do bem se encontra a chave da ética na sociedade.

É exatamente isso o que Lavanda busca expressar.

Helicônia, Hortência, Jasmim, Lavanda, Mímica: Ser simplesmente um ser humano é buscar a cada dia ser racional, melhorar nosso interior, ter uma índole na qual nos preocupamos com o próximo, sabendo ouvir, respeitar, entre outros. Nós, seres humanos, temos que buscar a cada dia melhorar nosso interior, para possuir virtudes e praticar o bem, como por exemplo vemos na obra de Shakespeare, livro Hamlet, onde Horácio possuía virtudes na qual tornava ele amigo, bondoso, fiel e companheiro das pessoas. (SIC) (oficina 03).

Vemos que, na realidade, as alunas fazem uma inversão daquilo que pretendem falar: que as Virtudes que, em sua prática, tornam o ser humano melhor. O conteúdo dessa inferência é confirmada no momento em que as referidas alunas afirmam: “onde Horácio possuía virtudes na qual tornava ele amigo, bondoso, fiel e companheiro das pessoas.”(SIC)

As afirmações feitas pelos alunos mostram o quanto a leitura das obras shakespearianas foi significativa para eles.

Somente quando a aprendizagem tem um significado, permanece na ação do educando, pois na aprendizagem automática não há a aquisição de novos resultados e esta será rapidamente extinta pela ausência de reforços. (AUSUBEL, 1980). O novo resultado se torna visível quando o aluno o usa em sua vida, como é possível observar em cada excerto apresentado acima. O que interessa não é o educando memorizar uma lista com as virtudes aristotélicas para simplesmente aplicá-las nos personagens shakespearianos tal qual Ausubel (1980) exemplifica ao falar que não vale a pena gravar uma lista de pares de adjetivo de modo não significativo para o aluno.

O que buscamos é promover a vivência das virtudes de modo que tenha sentido ao agir do aluno no mundo. Esta compreensão se concretiza nas palavras de cada educando ao afirmarem:

Ipê: Ser justo hoje em dia é ter uma mente sábia para saber ter um parcial, ser justo é uma qualidade rara. É tratar todos de uma só maneira, mesmo que algumas pessoas estejam mais próximas a você do que outras, outro exemplo, é como um patrão pode tratar seus funcionários, se ele deseja que os funcionários o trate de tal maneira, ele tem o dever de tratar da mesma forma, deve haver reciprocidade. Ser justo não é usar movidas ou algo do tipo, é dar o que eu quero receber, é ser razoável, não exatamente fazer justiça, mas sim tratar todos da mesma maneira (SIC). (oficina 04)

A fala de Ipê, embora confusa por apresentar algumas estruturas particulares como “ter um parcial”, “usar movidas”, revela a preocupação do aluno com o que é ser justo: “tratar a todos da mesma maneira, mesmo que algumas pessoas estejam mais próximas de você do que outras.” Uma inferência possível da premissa apresentada é que não se pode fazer distinção de pessoas, ou seja, a justiça é para todos. Outra ideia plausível é não tomar atitudes emotivistas uma vez que estas primam pelas preferências pessoais (MACINTYRE, 2001). Logo, agir de modo emotivista é praticar injustiça com outrem.

Bambu: No cenário de Shakespeare, podemos destacar a obra de Hamlet o personagem Claudio que vive nas injustiças e por isso vive nas preocupações (SIC). (oficina 04)

Nessa perspectiva, é possível deduzir que: viver virtuosamente é existir sem preocupações ou com o mínimo de preocupações.

Magnólia: Ser justo nos tempos atuais é você lutar pelo que realmente é a verdade, mesmo que isso não te favoreça. Defender uma pessoa que esta sendo agredida de algum jeito sem motivo é um ato de justiça, deixar com que as pessoas se expliquem, terem a chance de se defender é um ato de justiça. No livro

Otelo, ao ler podemos observar o ato de justiça que Desdemona teve, ao tentar ajudar Cássio para que ele contasse o seu lado da história para Otelo. Cássio preferiu contar a verdade e ser justo, mesmo que isso tenha o prejudicado. (SIC) (oficina 04)

É notável a preocupação com o outro quando a aluna tenta definir o que é ser justo. Magnólia não coloca a justiça como dar ao outro o que a ele pertence no plano exclusivamente financeiro, mas há em seu discurso a inquietação com o outro em sua totalidade como uma pessoa que merece respeito. Ela ainda ilustra suas palavras, ao apontar a personagem Desdêmona como tendo uma atitude de justiça com Cássio. Ressalta, ainda, que este último preferiu ser justo a prejudicar outrem. Esta visão revela seu amadurecimento.

Os alunos passam pela aprendizagem representacional para, então, atingir a aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1980). Não basta apenas os educandos saberem o que é, por exemplo, a virtude da coragem; é indispensável que eles compreendam o seu real valor e a vivenciem em seu agir no mundo. É exatamente este fato que concretizará o resultado de uma aprendizagem significativa na percepção de vida de cada educando.

É necessário que o educando aprenda primeiro o referente, isto é, o conceito, para só então aplicá-lo na vida prática. Quando o entendimento das virtudes começa a fazer parte da rotina do aluno, este já está preparado para entender as palavras de Ausubel (1980), ao afirmar que “Chegamos a compreender o que o conceito propriamente significa somente através do conhecimento de seus atributos essenciais e seu significado. Isso, por definição, é uma forma substantiva de aprendizagem significativa” (AUSUBEL, 1980, p.46). Tal perspectiva reforça a ideia de que é primordial para os alunos terem um conjunto de informações e conteúdos para que possam escolher a maneira pela qual queiram utilizá-los. Quanto ao problema da significação, observe-se que o ser humano “goza de um poder de escolha, que surpreende e o satisfaz. Quando ainda não consegue vivenciar esta capacidade, fica estranho, desfigurado” (MALHEIRO, 2017, p.99). Esse parece ser também o estado do aluno quando não vê significado naquilo que lhe está sendo oferecido. É como se ele fosse impedido de fazer escolhas. Tal premissa carrega em si um estado de desmotivação por parte do aluno, uma vez que se vê limitado em uma oferta que não lhe agrada, mas contra a qual não pode lutar, pois não é capaz, como já apontado, de fazer escolhas. Nessa concepção, surge uma indagação: Aquilo de que os alunos dizem gostar é, de fato, o que

eles gostam? Se uma única alternativa é oferecida como é possível dizer que é disso que gostam ou querem?

Dar variadas opções de aprendizagem ao aluno é vê-lo como uma pessoa que merece respeito. Impor-lhe o certo e o errado sem que ele tenha capacidade de julgar, discernir por meio de uma aprendizagem significativa, é o mesmo que fazer dele um instrumento de manipulação, isto é, um objeto. Quando o educador consegue contemplar em seu educando a pessoa preciosa (VON HILDEBRAND, 2009) que ele é, o processo educacional começa a ganhar um sentido positivo o qual se direciona a uma aprendizagem repleta de significado para ambos os agentes educacionais.

As assertivas feitas pelos alunos abaixo revelam mais uma vez a concretização de uma aprendizagem significativa sobre as virtudes:

Lavanda: não é possível ser feliz sendo desonesto nas ações e palavras, machucando ambos que tentam levar uma vida ética. Na obra de Otelo, Iago não leva uma vida ética ao tentar prejudicar Cássio por inveja do seu cargo de general dado por Otelo. A desonestidade pode afastar muitas pessoas que te amam por não levar uma vida boa e brigar por motivos que se tornam bobos. (SIC) (oficina 6)

A aluna Lavanda deixa claro o entendimento da falta da virtude da honestidade representada pelo personagem Iago. Ainda é destacado pela aluna a consequência da ausência dessa virtude para o ser humano. Seguindo essa ideia, diz que “a vida boa” é para os que vivem a Honestidade. Este fato marca a compreensão da educanda sobre o valor da Virtude Honestidade:

Mimosa: Para uma sociedade funcionar com pessoas diferentes é preciso saber conviver e usar a ética, pois atrás dela podemos viver como pessoas racionais, sabendo respeitar uns aos outros, tendo sabedoria e usando sempre as virtudes. (SIC) (Oficina 6)

Mimosa sublinha a importância do Respeito para com os diferentes sujeitos como condição para uma vivência ética na sociedade. Ela afirma que é por meio da ética que se é possível viver, como seres humanos dotados de racionalidade que somos. Tal premissa revela a maturidade da aluna diante do julgamento da situação analisada. Podemos inferir

que a educanda vivenciou bem a fase da heteronomia no processo de aprendizagem significativa, uma vez que:

Os julgamentos no âmbito da heteronomia são baseados em regras impostas internamente. Eles refletem o poder de uma autoridade: pais, educadores, especialistas, etc. Já os julgamentos voltados para a autonomia da pessoa são baseados em regras autoconstruídas as quais refletem normas de reciprocidade entre os pares (MOSHMAN, 2005, p.15).

Os debates realizados em aula entre Mimososa e seus colegas de turma tiveram como consequência a modificação necessária na vida prática da aluna. Nessa medida, para que “uma mudança seja resultado de um desenvolvimento amadurecido do educando, ela não deve acontecer apenas em um período de tempo significativo, mas ela precisa ser autorrefletida e autogerida constantemente por um agente capacitado para fazê-lo” (MOSHMAN, 2005, p. 28). O transitar por uma aprendizagem com significado ofereceu oportunidade para Mimososa alcançar a fase de autonomia no processo ensino/aprendizagem. Como sublinha Sucupira Lins (1999, p.104) “é no processo de heteronomia que a Educação Moral encontra seu maior campo de ação a partir da qual será possível a construção desse fundamental estágio que posteriormente deverá ser superado, passando o adolescente a viver plenamente a autonomia moral.” É essa autonomia que dará, a cada aluno, a possibilidade de agir eticamente no mundo.

A ideia de um processo educacional repleto de valor é fundamental em uma aprendizagem significativa, pois

Educação é fato e valor. Ser e dever ser. Realidade e norma. Além disso, vem sendo fortalecida uma concepção de educação que reconhece tanto a permanência quanto a mudança; experiência registrada como a experiência direta; o domínio das ideias quanto o domínio da matéria, (...) SUCUPIRA LINS, 2013 p. 36).

Nesse entendimento, a aprendizagem significativa promove uma interação entre as novas informações e as ideias preexistentes na estrutura cognitiva do aluno (AUSUBEL, 1980) o qual imerso em uma educação alicerçada no valor, terá promovido sua emancipação como cidadão virtuoso ciente de sua responsabilidade no mundo.

Jatobá: Honestidade é essencial para uma vida harmoniosa em sociedade. Temos por exemplo a personagem Desdêmona que em todo momento no livro de

shakespeare é descrita como uma jovem de beleza esplêndida, era justa, simpática e honesta com todos que viviam com ela, por conta de sua honestidade e simpatia todos ao seu redor eram cativados. (SIC) (oficina 08)

Jatobá enfatiza a virtude da Honestidade como fundamental na prática de uma vida harmoniosa. Ele aponta a personagem Desdêmona como exemplo de tal virtude na obra. Observe-se a seguir o comentário de mais outra aluna.

Magnólia: Na obra Otelo, a cena em que podemos observar uma atitude de honestidade, é quando Emília conta para Otelo que ela foi quem achou o lenço de Desdêmona, e ingenuamente entregou para Iago. Sendo assim, Desdêmona não havia entregue o presente que tinha ganhado de seu marido Otelo, para Cássio. Situação esta que levou com que Otelo matasse sua esposa, achando que ela havia o traído. Se a personagem de Emília tivesse contado antes, que tudo não passou de uma armação de Iago, certamente existiria uma harmonia entre os personagens, gerando assim um final diferente do que o que a obra teve. (...)a honestidade é o que traz a harmonia nas relações e também em todas as outras coisas. As situações ocorridas nas obras, poderiam ter sido evitadas caso os personagens tivessem sido honestos desde o início e assim, proporcionando uma vida harmoniosa para todos. (SIC) (Oficina 08)

Magnólia também destaca a importância da vivência da Virtude da Honestidade como central para a condução de uma vida harmoniosa. Reforça a ideia, ao afirmar que o fim da obra seria outro, se os personagens fossem virtuosos. Reconhecemos, nas falas de Nectarina e Magnólia o envolvimento de cada um deles com o significado da virtude Honestidade. Os alunos estão aptos a distinguir aquilo que MacIntyre (2001, p.345) acentua como virtude e não virtude ao dizer “o que chamam de virtude com relação a um bom membro de comissão, um bom administrador, um apostador ou um jogador de sinuca são capacidades profissionais empregadas de maneira profissional nas situações em que podem ser eficazes, não são virtudes” (MACINTYRE, 2001, p.345). Salientar ser por meio de uma vida harmoniosa que o sujeito exerce a virtude da Honestidade é antes de mais nada reconhecer o valor dessa virtude em sua própria vida. Isto nada mais é do que o resultado de uma aprendizagem significativa do conteúdo.

No exemplo abaixo, a aluna faz uma profunda reflexão sobre a importância da virtude da Honestidade:

Flor de Lotus: Os personagens de Shakespeare, apesar de serem fictícios, têm uma grande ligação com os defeitos e qualidades que os seres humanos têm, como a falta de caráter de Iago (sub oficial de Otelo) e Cláudio (tio de Hamlet), a

inocência de Desdêmona (esposa de Otelo) e Ofélia (amada de Hamlet) e a busca por vingança de Otelo (Mouro de Veneza) e Hamlet (príncipe da Dinamarca). Conseguimos ver nas duas obras que Cláudio e Iago não foram pessoas virtuosas, foram pessoas desonestas, falsas, mentirosas e egoístas. Acharam que podiam conseguir o que queriam, mesmo que fosse de uma forma ruim e desonesta. E isso realmente acontece fora dos livros, pessoas são tomadas pela luxúria e inveja, querendo sempre ser uma mais poderosa que a outra, e acabam desviando-se do caminho certo, acabam perdendo o caráter e machucando as pessoas. Pessoas como Cláudio e Iago não conseguem ter uma vida boa, porque não são bons, não são honestos, não são justos, não tem empatia. O mundo precisa de pessoas com atitudes boas e sensatas ou sempre haverá tragédias como as dos livros (SIC) .(oficina 07)

Flor de Lotus, em uma longa explanação, nos mostra seu amadurecimento moral, ao distinguir quais são os personagens virtuosos e quais não o são. Ela ainda chama a atenção para o fato de que as pessoas reais também cometem os mesmos erros dos personagens da obra. Esse pensamento encontra respaldo em MacIntyre (2001), ao esclarecer que os personagens:

são os representantes morais de sua cultura, e o são devido ao modo como as ideias e as teorias morais e metafísicas assumem, por intermédio deles, uma existência incorporada no mundo social. Os *personagens* são as máscaras usadas pelas filosofias morais (MACINTYRE, 2001, p. 59).

Ao cotejar a vida dos personagens das obras de Shakespeare com os sujeitos da vida real, Flor de Lotus o faz por encontrar o sentido de uma aprendizagem significativa em todo processo de aquisição do conteúdo a ela apresentado.

Considerações sobre regras tais como “não bata”, não chute” ou não morda” capacitam os adolescentes a formularem questões éticas em geral” (MOSHMAN, 2005, p.18). Com o passar do tempo, o jovem vai buscar em sua memória estas aprendizagens. Já amadurecido moralmente saberá inferir que deve respeitar o outro. O mesmo se dá com as leituras shakespearianas em que o aluno se prepara para a concretização de tudo o que foi construído na vida fictícia apresentada nas obras. Uma vez que o educando reflita sobre o sentido do que leu e faça comparação com a realidade na qual está inserido, prepara-se para a mudança que é instaurada em sua vida, diante de uma aprendizagem significativa ativa.

É válido registrar o equívoco apresentado na frase da aluna quando afirma: ”pessoas são tomadas pela luxúria...” parece que ela almeja dizer **luxo e não luxúria**, pois a sua explicação seguinte confirma a ideia de luxo ao dizer: “querendo sempre ser uma mais

poderosa que a outra, e acabam desviando-se do caminho certo, acabam perdendo o caráter e machucando as pessoas.”

É pelo fato dos educandos já terem compreendido plenamente o atributo fundamental do significado das Virtudes que assumem a postura de pessoas amadurecidas moralmente em suas afirmações. Podemos dizer que depois de os alunos terem aprendido o que são as virtudes, eles foram capazes de fazer muitas coisas com estes conhecimentos (HILGARD,1975). Mas essas muitas coisas só ganharam sentido porque os alunos passaram por uma aprendizagem significativa (AUSUBEL,1980). Em contraponto, oferecer a cada aluno o caminho por uma aprendizagem por descoberta (BRUNER,1978) é fundamental para que ele se motive a buscar sempre algo novo e bom. Falando de uma outra forma, uma aprendizagem significativa por descoberta leva o educando a buscar o que é Verdadeiro, Belo e Bom (GARDNER, 2012). Uma vez tendo compreendido essa dimensão, o educando parte para novos desafios educacionais.

Sob esse olhar, o educando abre-se mais intensamente à realidade de que sua história existencial não é única e estará mais consciente de que “cada vida humana vai expressar, então, uma história, cuja forma dependerá do que se conta como mal e risco, e de como o êxito e o fracasso, o progresso e seu oposto, são entendidos e avaliados” (MACINTYRE, 2001, p. 246). Chegar a esse nível de entendimento requer uma trajetória de vida respaldada em um julgamento pleno de significado. Em outras palavras podemos dizer que “o desenvolvimento da competência do julgamento moral refere-se a mudanças intraindividual em uma complexa construção plena de significado” (BOOM & BRUGMAN, 2005, p.92). Esta é também uma forma de Aprendizagem Significativa.

Da mesma forma que é necessário “estabelecer uma correspondência significativa entre antigas palavras-conceito e os novos sinônimos ou equivalentes da língua estrangeira” (AUSUBEL,1980 p.46) quando se almeja aprender, é igualmente preciso organizar os novos conceitos das virtudes aprendidos para que se tenha motivação para dar continuidade ao aprendizado. Nessa perspectiva, se uma criança pode aprender o conceito de cachorro por meio de encontros sucessivos com cachorros (AUSUBEL, 1980) o mesmo dar-se-á com os adolescentes quando entrarem em contato diário com as virtudes. Aristóteles (*E.N*) já destacara tal possibilidade, ao afirmar que as virtudes são aprendidas à medida que são vivenciadas e não por meio de um categórico, autoritário.

O aluno necessita compreender profundamente o sentido daquilo que aprende para a sua vida prática, uma vez que na aprendizagem ativa significativa

“o aluno relaciona não arbitrariamente e substantivamente as proposições e soluções de problemas à sua estrutura cognitiva – não como o objetivo de compreender e memorizar seu conteúdo como um fim em si mesmo, mas com o objetivo de transformá-lo (em conjunto com a ajuda da bagagem de conhecimento) em modos alternativos de raciocínio que são potencialmente significativos para ele” (AUSUBEL, 1980, p.51).

O estabelecimento de tal concepção prepara o sujeito para tomadas de decisões conscientes de sua fundamental participação na história do mundo já que está ciente da necessidade de abrir-se à existência do outro. Voltando-se à filosofia, encontra-se posição semelhante, tal como se pode analisar na seguinte afirmação:

com o fenômeno da de-cisão, colocamo-nos diante da verdade originária da existência. De-cidida, a pre-sença se desentranha para si mesma em seu poder-ser de fato de maneira a ser este desentranhar e estar desentranhado. Pertence à verdade um ter-por-verdadeiro, que sempre lhe corresponde. O estar-certo é a apropriação explícita do que se abriu e se descobriu. A verdade originária da existência exige um estar certo igualmente originário, no sentido de ater-se ao que a de-cisão lhe abre (HEIDEGGER, 1996, p.99).

Podemos dizer que o amadurecimento da pessoa do educando está relacionado com sua capacidade de decidir, posto que este ato o leva a fazer escolhas. Quando se opta por este ou aquele caminho, por exemplo, na realidade, verifica-se qual dos trajetos tem um significado para que se possa dar continuidade à aprendizagem feita nesse caminhar. Nessa visão,

os novos significados são o produto de uma interação ativa e integradora entre novos materiais de instrução e ideias relevantes da estrutura de conhecimentos existente do aprendiz. As condições de aprendizagem pressupõem, além disso, a existência de uma situação de aprendizagem significativa no aprendiz e de materiais de aprendizagem potencialmente significativos. (AUSUBEL, 2003, p. 43)

Recorremos mais uma vez à percepção dos alunos quanto à motivação no envolvimento de uma aprendizagem, pois, a princípio, não encontravam significado como já apontado no início deste capítulo:

Rosa: No relacionamento de amizade, justo é apenas aquele que quer o bem do outro, que se sente feliz com a felicidade do próximo, que transmite aquilo que recebe, que não seja falso, mas sim recíproco. Nos livros retrata um pouco disso, uma pessoa justa no caso do livro de “Hamlet” a amizade dele com Horacio, sempre um confiando no outro, uma amizade sem mentiras e super transparente. Já no livro de “Otelo”, é a amizade dele com Cássio, ambos juntos um com o outro, não tinha segredos, uma amizade pura e transparente também, a única coisa que fez com que essa amizade entre eles fossem ferida, foi Iago falar para Otelo que Desdêmona estava tendo um caso com Cássio, e Otelo não confiou no amigo que tinha. (SIC) (oficina 04)

Alfazema, Tamareira, Tulipa e Magnólia: A amizade tem como base a compreensão, confiança, amor, compaixão e simpatia. Sem isso a amizade seria apenas uma coisa insignificante sem objetivo de amar ao próximo e de compreendê-lo. Nos dias atuais o amor está em falta junto a desunião que ronda ao nosso redor fazendo assim uma parte do ser humano que somos, menor, perdendo algumas das virtudes que possuímos. (SIC) (Oficina 2)

A compreensão dos alunos sobre a virtude da Amizade ganha significado à medida que os educandos entendem que:

ouvir com propriedade o clamor significa colocar-se de fato na ação. Só podemos conquistar uma interpretação plena e suficiente do que se clama no clamor quando se elabora e apresenta a estrutura existencial à base da compreensão que propriamente ouve o aclamar como tal (HEIDEGGER, 1996, p.84).

Partindo-se da premissa de que só se ouve com singularidade aquilo que tem sentido, é possível dizer que estamos diante de uma aprendizagem significativa, sendo esta fundamental na construção de uma aprendizagem na qual cada educando se veja como um ser humano capaz de se relacionar com o outro, admitindo como verdadeiras as palavras dos alunos Orquídea, Palmeira, Coqueiro e Violeta quando afirmam:

A virtude é o essencial na vida humana pois através das virtudes vivemos uma vida mais agradável. A virtude não é apenas um gesto e sim uma atitude sua. Lembre-se gentileza, gera gentileza. (SIC) (oficina 03)

Com os relatos dos alunos apresentados ao longo dessa tese, foi possível reconhecer o valor de uma aprendizagem significativa na vida concreta dos alunos.

É oportuno destacar que inicialmente o material apresentado aos alunos era por eles considerado arcaico, ultrapassado, fora do século no qual eles estavam vivendo. E a pergunta frequente era: “Estamos estudando, lendo este tal de Shakespeare por quê? São palavras que nós nunca ouvimos que esse cara fala. Não tem nada a ver com a gente”.

Como transformar esse pensamento para algo com significado na vida desses educandos? Este é um questionamento frequente, quando se busca trabalhar na expectativa de uma aprendizagem significativa. Nessa visão, é preciso saber que:

no curso da aprendizagem significativa, um estudante deve relacionar as partes componentes à sua estrutura cognitiva. O resultado é quase sempre alguma variação mínima entre a forma como o aluno internaliza a informação e como o professor percebe a informação (AUSUBEL, 1980, p.43).

É necessário que a palavra virtude se torne familiar aos alunos para que eles possam interpretá-la. Para Eucalipto, por exemplo, o vocábulo virtude não fazia sentido ainda para ele, uma vez que ele estava diante de algo que não lhe era familiar:

Nas crianças em estágio de desenvolvimento mais avançado as conotações da maioria das palavras, por exemplo, “divórcio”, “álcool”, “comunismo”, não adquiridas pela experiência imediata, mas são assimiladas a partir dos valores morais vigentes em seu meio cultural imediato (AUSUBEL, 1980, p. 45).

Diante da *desordem moral* (MACINTYRE, 2001) na qual os alunos estão imersos, motivar cada aluno para que mergulhe em uma Aprendizagem Significativa pode parecer impossível. Mas, como foi visto ao longo dessa apresentação, a história de vida deles pode ser mudada, se orientada por uma educação comprometida com o cuidado necessário à pessoa do educando, visando-se oferecer aprendizagem que lhe seja significativa.

5. A PESQUISA

Uma turma do terceiro ano do Ensino Médio, do turno da manhã, composta por 39 alunos, sendo 21 meninas e 18 meninos, foi selecionada para ser observada no ano de 2017 durante a aula de língua inglesa. Esses alunos foram colocados diante da provocação de ler duas obras de Shakespeare (*Otelo* e *Hamlet*) e participar de oito oficinas para que se pudesse trabalhar o ensino/aprendizagem das Virtudes. A escola escolhida é de estrutura média e está situada na zona Norte do subúrbio do Município do Rio de Janeiro. Os encontros se deram uma vez por semana. Os alunos tinham entre dezesseis e dezoito anos. A idade dos alunos condizia com os atributos necessários para a observação dos sujeitos da pesquisa analisados. Segundo Erikson (1968), a adolescência é o período em que os jovens

querem ser vistos pelos seus pares como alguém com potencialidades. Esses adolescentes da pesquisa estavam, de algum modo, mais abertos às discussões que envolveram os questionamentos pertinentes às suas indagações. Essa realidade foi fundamental para o bom andamento da pesquisa. À medida que os estudantes refletiam sobre a presença ou ausência das Virtudes dos personagens shakespearianos, observou-se que se abriam para falar de suas próprias Virtudes ou vícios. Este fato trouxe uma maior aproximação entre os alunos, visto que começaram a reconhecer as semelhanças de seus problemas.

Foram usados como fonte para as análises sobre Educação Moral e Virtudes autores como (MACINTYRE, 2001, 2012, SUCUPIRA LINS, 2007).

As observações ocorreram na escola da pesquisa, visando reunir elementos que favorecessem a avaliação dos alunos na escola e o desenvolvimento ético deles a partir do ensino/aprendizagem das Virtudes. As observações aconteceram dentro da sala de aula, nos corredores do colégio, na sala dos professores, no recreio e na apresentação dos conteúdos da aula de inglês. A coleta de dados ofereceu os meios necessários para que chegássemos a conclusões produtivas, as quais, por meio de adaptações adequadas, poderão ser usadas em outras disciplinas e escolas.

O material coletado foi de suma importância para as conclusões, exigindo da pesquisadora minuciosa análise de cada item estudado. Inicialmente foram feitas inferências (BARDIN, 2011), principalmente a partir da incidências de elementos. Com esse material partiu-se para a estruturação e sistematização de categorias. Os debates semanais ocorridos em sala de aula tornaram possível, para os estudantes, o entendimento do ensino/aprendizagem de ética por meio da presença ou ausência das Virtudes nos personagens shakespearianos.

Três alunos desistiram de participar da pesquisa, faltando um mês para o término da mesma. Esse fato, contudo, não trouxe problemas para o bom desenvolvimento da pesquisa, quer seja em seu andamento, quer seja na análise de seus resultados. A fala do aluno Eucalipto foi conservada nessa pesquisa, sendo ele um dos alunos desistentes, por sua relevância e contribuição dadas.

O critério de eleição da referida escola foi a presença da pesquisadora como docente da instituição. Ademais, a preocupação da direção do Colégio em formar alunos preparados para agirem eticamente na sociedade intensificou a opção pela escola escolhida.

Esses fatos facilitaram a execução dos propósitos do Método da Pesquisa-Ação com Maior Comprometimento (SUCUPIRA LINS, 2015), visto que nele o pesquisador se envolve com todo processo educacional visando alcançar a formação integral de seus alunos.

A pesquisadora motivou os educandos, por meio de diferentes posturas dos personagens das obras de Shakespeare, a participarem ativamente das discussões envolvendo o reconhecimento de algumas Virtudes presentes nos personagens das peças. Ao reconhecerem as Virtudes existentes nas obras, os alunos procuraram aplicá-la à realidade na qual se encontravam, buscando ser pessoas virtuosas como foi possível observar na fala da aluna Begônia:

Esse projeto de Shakespeare tem ajudado muito em minha vida, sempre que acontece alguma coisa no meu cotidiano, lembro-me dos personagens de “Hamlet” e as virtudes deles, como a honestidade; pratiquei essa virtude na escola, tinha um lápis em uma mesa e meu colega perguntou se era meu, e disse que não. Eu estava sem lápis algum, mesmo assim poderia falar que era meu e ficar com o lápis, outro acontecimento foi numa fila, na qual estava enorme, eu era a última, vi que várias pessoas furavam fila, e me deu uma enorme vontade de fazer aquilo também, mas vi que não era certo, mesmo com tantas pessoas aquele desrespeito, como falei, Shakespeare foi uma encantadora lição de vida, me ajudou em muitas coisas no meu dia a dia (SIC). (Questionário final da pesquisa)

O excerto apresentado pela adolescente confirma que, de fato, o ensino de ética se concretizou na vida dos alunos envolvidos na pesquisa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (BRASIL, 1997) colocam como proposta o ensino/aprendizagem de ética para o Ensino Médio como uma necessidade para a formação integral do aluno. Nessa perspectiva, a pesquisa realizada cumpriu sua função de colaborar para a formação de sujeitos virtuosos para atuarem na sociedade e no mundo, fazendo a diferença como cidadãos conscientes e responsáveis por suas ações, por meio da aula de inglês.

5.1 – Processo de Coleta de Dados

Os dados foram coletados por meio de: 1) dois questionários individuais com os alunos, um no início e outro ao término da pesquisa; 2) oito oficinas realizadas em sala de aula; 3) debates envolvendo diferentes contextos nos quais os vícios e as Virtudes dos personagens foram avaliados.

Os dois questionários aplicados apresentavam perguntas as quais colocavam os alunos diante de situações concretas da vida levando-os a refletir sobre as questões éticas do cotidiano escolar e de suas ações fora do âmbito escolar. O primeiro questionário pretendeu pesquisar o que os educandos traziam de entendimento sobre Virtudes e Ética. Diante das respostas desse primeiro questionário, foi possível observar como os adolescentes do Ensino Médio lidavam com as questões éticas na vida diária. No último dia da pesquisa, os alunos receberam e responderam o segundo questionário. O propósito desse último questionário foi constatar o que os estudantes somaram ou não, em suas vidas, com o trabalho da pesquisa desenvolvido com eles.

O método de construção de dados usando os dois questionários teve por objetivo perceber a evolução da aprendizagem sobre as Virtudes antes e depois do envolvimento dos estudantes na pesquisa. As oficinas foram os canais centrais para a vivência das Virtudes pelos educandos. Nelas, os alunos se colocaram diante das misérias e grandezas do ser humano, ao ler e debater sobre os personagens de Shakespeare. Os dados da pesquisa foram levantados pelo esforço de cooperação entre a pesquisadora e pesquisandos. Piaget (1973) destaca a importância do trabalho cooperativo para o bom andamento de um trabalho em equipe. Nessa perspectiva, cada uma das oito oficinas trabalhadas em sala de aula com os alunos teve um objetivo particular. O quadro a seguir mostra as oficinas desenvolvidas bem como o objetivo de cada uma delas.

OFICINAS	OBJETIVOS
Oficina 1 - “Colaborar na Construção de um Mundo Justo: o que nos falta?”	Compreender o sentido da palavra justo como ponto de partida para o entendimento e vivência do que é ser uma pessoa justa.
Oficina 2 – “Construindo a Virtude da Amizade”	Levar os alunos a entender o valor da construção da Virtude da Amizade como meio de aperfeiçoamento da pessoa e de um trabalho de cooperação. Reconhecimento da sua importância no relacionamento humano.
Oficina 3 – “ Vivenciar as Virtudes é permitir ser simplesmente humano	Contribuir para o aperfeiçoamento das relações humanas reconhecendo a preciosa presença do outro na sociedade.
Oficina 4 – “Ser uma Pessoa Justa”	Mostrar a importância e abrangência da Virtude

	da Justiça na condução da vida de cada pessoa para se atingir a vida harmoniosa.
Oficina 5 – “ A Edificação do Outro por meio de uma Vida Virtuosa”	Colaborar na construção de uma sociedade de pessoas virtuosas reconhecendo a dignidade do Outro.
Oficina 6 – “Pessoas Diferentes e a Vida Ética”	Desenvolver o respeito pelo outro valendo-se de atitudes as quais mostrem que a vida ética se enriquece na presença de pessoas diferentes.
Oficina 7 – “Os Personagens Shakespearianos Auxiliando na Vivência Ética”	Sistematizar as virtudes dos personagens das obras estudadas como ponto de reflexão para vivenciar as virtudes na vida real.
Oficina 8 – A Virtude da Honestidade e a Vida Harmoniosa	Compreender a dimensão da Virtude da Honestidade para que se possa viver de modo harmonioso no mundo.

É importante destacar nesse momento que em nenhuma das oito oficinas apareceu a Virtude da Coragem, como mencionado na introdução desta tese. O motivo de mantê-la deu-se pelo fato de que, embora ela não tenha se evidenciado nas oficinas, se fez presente em diferentes momentos da pesquisa. Verificamos, assim, que a Virtude Coragem foi parte integrante dos debates em aula. Ainda no questionário 2 da pesquisa, nas questões seis (6) e sete (7) os alunos registraram a importância dessa virtude. Vejamos algumas respostas à indagação: O que você entende sobre a Virtude da Coragem? (pergunta 6)

Magnólia: É uma virtude admirável e honrada. A coragem serve não só para enfrentar seus medos, mas também ter coragem para assumi-los e arcar com as consequências. (SIC)

Begônia: Entendo que a virtude da coragem é você vencer seus medos, vencer as barreiras que acontece em sua vida, como Hamlet, lutando contra o rei a todo momento em busca de Justiça pelo seu pai , sendo corajoso para driblar seus problemas. (SIC)

Violeta: Ser corajoso é abri mão de seu orgulho ou algo que não seja certo. Para trás em prol da vida de um amigo, irmão, ou até de um desconhecido. Ter coragem de falar a verdade, ter coragem de dizer não ao errado. (SIC)

Coqueiro: É você não ter medo na hora em que é preciso agir.

Loureiro: É quando você fez algo errado e você ter a coragem de olhar nos olhos daquela pessoas e pedir desculpas do que você fez. (SIC)

Tamareira: A coragem é algo que se possui desde o momento que se enfrenta os problemas mais difíceis da vida. (SIC)

A resposta para o questionamento sete (7) mostra igualmente a relevância da Virtude Coragem nesse estudo, como se depreende dos pronunciamentos, a seguir:

Pinheiro: Ter coragem de defender seu amigo diante de uma briga injusta. Ter coragem de falar a verdade mesmo que cause problema comigo. A coragem de se expressar de uma coisa ruim que eu fiz sabendo que eu vou ter consequência do meu ato. (SIC)

Jatobá: Usei a virtude da coragem quando tive que intervi em uma briga familiar. Quando agi por impulso e tive que ter a coragem para me desculpar. Quando eu disse que meu amigo estava errado por discutir com a mãe dele. (SIC)

Coqueiro: Um amigo maior que eu queria que eu lhe desse as respostas e mesmo com medo eu não dei.(SIC)

Bromélia: Quando assumi que fiz algo errado, quando defendi uma amiga em uma discussão e quando salvei uma criança de afogamento. (SIC)

Tulipa: Ajudei uma menina que estava sofrendo agressão verbal, enfrentei alguém que já me assustou e disse à uma pessoa que não estava feliz com a amizade. (SIC)

Alfazema: Fui contra à um rapaz que machucava um animal indefeso. Tive coragem para enfrentar meus medos. Tive coragem e me opus a algo errado, violência contra a mulher. (SIC)

O aluno Cajueiro no debate em sala de aula também apresentou o entendimento sobre a questão ao dizer:

Eu acho que o que a Mimosa quer falar, é que teve um momento que eles falaram (a outra equipe) que a coragem do Otelo foi matar a Desdêmona. Não é uma coragem (...) É como se o vício dele fosse maior que a virtude. A virtude dele acabou virando vício. (SIC) (Cajueiro)

5.2 – Análise do Material Obtido

Apresentaremos agora os dados da pesquisa com os alunos. A presente análise está dividida em três etapas, a saber: 1) questionários, 2) debates em sala de aula e 3) Oficinas.

No que tange às entrevistas dos alunos, as indagações feitas procuravam mostrar o conhecimento *a priori* e *a posteriori* dos educandos sobre as virtudes selecionadas nessa pesquisa. Vejamos agora as perguntas, as categorizações das mesmas e, por fim, a análise das informações obtidas. Como critério para uma melhor visualização dos resultados, dividimos as respostas dos questionários um e dois entre as respostas das meninas e respostas dos meninos para cada um dos questionários. Desse modo, como destacam Canen & Xavier (2005) esta é uma maneira de promover diálogos entre pensamentos divergentes,

estimulando a prática do respeito mútuo entre diferentes grupos participantes do processo da pesquisa. Esse é um caminho para vivenciar a virtude da Reverência. Como afirma von Hildebrand (1988, p.11), “sem essa atitude fundamental, não há nenhum amor verdadeiro, nenhuma justiça, nenhuma consideração, nenhuma auto-educação, nenhuma pureza, nenhuma veracidade; mas, sobretudo, nenhuma profundidade.” Em profundidade as respostas dos alunos serão aqui analisadas.

QUESTIONÁRIO 1 – MENINAS

Respondido por 19 alunas

O que é ser uma pessoa ética para você?

Análise da resposta pergunta 1

A análise das respostas mostra um certo grau de entendimento das estudantes sobre a questão ética. Pensamos que a pré leitura, de dois textos em inglês, sobre as virtudes aristotélicas auxiliou as alunas na hora de responderem ao questionário. Isso, contudo, não revela o amadurecimento das referidas alunas sobre ética, uma vez que as respostas dadas para essa pergunta não apresentam profundidade epistemológica. Observemos as respostas das alunas Girassol, Hortência, Iris, Petúnia, Sálvia. Elas não estão fundamentadas. Por exemplo, Salvia e Hortência dizem que ser uma pessoa ética é ser “boa para a sociedade/praticar o bem a sociedade.” Mas o que é ser bom? O que caracteriza uma pessoa boa na sociedade? Petúnia igualmente afirma que ser ético é “o respeito e a valorização” Mais uma vez a pergunta é: respeito e valorização de que, de quem? As quatro alunas que mais se aproximaram de uma resposta com maior entendimento sobre o assunto foram Dália, Lavanda, Flor de Lotus, Margarida e Violeta. Essas adolescentes avançaram em suas respostas, posto que expandiram a compreensão da questão ética. Vejamos:

Dália: Ser ético é se preocupar com o que é certo e errado.

Lavanda: É uma pessoa que tem um conjunto de valores.

Flor de Lotus: Uma pessoa com um caráter bom, educada, empática, que respeita os outros e com bom comportamento independente da situação.

Margarida: Ser uma pessoa ética é agir direito, proceder bem, sem prejudicar os outros. É ser altruísta, estar tranqüilo com a consciência pessoal.

Violeta: Quando vemos algo errado e denunciemos ou não compactamos com aquele ato.

Como afirmamos anteriormente, essas alunas não têm o conhecimento pleno do que é ser uma pessoa ética, mas já conseguem enxergar caminhos para se alcançar a vivência ética. Fica aqui demonstrado a pertinência do estudo sobre as Virtudes aristotélicas para as alunas antes do início da pesquisa. Ela serviu, de algum modo, como ponto de partida para que algumas alunas pudessem expressar suas ideias sobre a questão.

Análise da Resposta Pergunta 2

Nós já nascemos éticos ou nos tornamos éticos?

A resposta das alunas para indagação se nascemos éticos ou nos tornamos éticos confirma mais uma vez o valor da pré leitura sobre as Virtudes aristotélicas. Dezoito alunas responderam que “nos tornamos éticos”. Alfazema relativizou a questão ao dizer que “A resposta poderia ser ambas”. Essa aluna faz uma longa explicação de sua resposta. Embora afirme que “a resposta poderia ser ambas”, ela explica o contrário, dizendo ser o meio social que define se a pessoa será ou não ética. Observemos a resposta da aluna:

Alfazema: A resposta poderia ser ambas. Pois dependendo da educação boa ou ruim que a pessoa receba em casa, ela poderia ser ética quanto poderia não ser. Por exemplo, uma criança que nasce e é criada em uma comunidade carente, rodeada pelo trafico, poderia ela achar que aquilo é “correto” por ser criado por uma família onde drogas e armas sempre fizeram parte da casa, mas também poderia achar errado todo esse mundo e querer viver todo um mundo diferente onde ele sempre iria querer agir com ética, em suas ações. Assim como uma criança que nasce e é criada em um bairro classe alta e uma boa educação e em uma casa com uma família politicamente correta também poderia se filiar quando crescesse, mesmo tendo sido bem criado.

Sendo o meio social que determina o ser ou não ser ético da pessoa se pode afirmar que ela se torna ética. Dessa maneira, vemos confirmada as palavras de Aristóteles (2001) e Sucupira Lins (2007) ao afirmarem ser o hábito que torna o sujeito virtuoso. Apenas a aluna Iris diz que “já nascemos” éticos.

Análise da Resposta Pergunta 3

O que é ser uma pessoa virtuosa?

Nessa questão notamos que a maioria das alunas respondeu usando o definido na definição. Ser uma pessoa virtuosa é “ser honesta, generosa, corajosa, possuir diversas virtudes, valorizar a sua virtude” são alguns dos exemplos do definido entrando na definição, sem, contudo, dizer o que, de fato, seja uma pessoa virtuosa. A Virtude da Honestidade apareceu cinco vezes como referência do que se acredita ser uma pessoa virtuosa. Duas alunas afirmam que ser uma pessoa virtuosa é ser “uma pessoa com boas qualidades”. Mais o que caracteriza uma pessoa com “boas qualidades”?

A aluna Rosa fala que para ser uma pessoa virtuosa é necessário ter “o atributo individualista”: “É uma pessoa com qualidades construtivas, que tem esse atributo positivo individualista, é aquela pessoa a praticar o bem.” A ética não está voltada para o individualismo, antes respeita a individualidade de cada pessoa.

Análise da Resposta Pergunta 4

Podemos dizer que a amizade é uma virtude? Justifique.

Todas as alunas foram unânimes ao afirmarem que a amizade é uma Virtude. Mas algumas justificativas apresentadas negam a afirmação feita. Quatro alunas destacaram que para se ter uma amizade é necessário possuir outras virtudes (Dália, Hortência, Petúnia e Tulipa). Outras quatro (Girassol, Jasmim, Magnólia e Bromélia) apresentam pelo menos mais uma virtude como condição para vivenciar a Virtude da amizade. A ressalva levantada pelas alunas está coerente com a ideia aristotélica de que uma pessoa virtuosa carrega com ela várias virtudes (ARISTÓTELES, 2001). O estagirita também destaca, que há três tipos de amizades: 1) por prazer, 2) por interesse e 3) perfeita. Nessa medida, a aluna Violeta deixou claro o seu entendimento sobre esta virtude ao dizer que “tem amizades que te levam para o fundo do poço” e outras que te levam ao topo, temos apenas que saber qual tipo de amizade nos relacionar.” A aluna Alfazema distanciou-se da percepção da Virtude da Amizade, uma vez que confundiu essa com “amigável”. Também Helicônia se afastou da concepção dessa Virtude, haja vista que afirmou que para ser amigo basta mostrar

“carinho e afetividade”. Rosa mencionou a questão espiritual como necessidade para que a amizade se torne uma coisa boa. Já as educandas Hortência e Sálvia justificam ser a amizade uma virtude dizendo que essa virtude “faz (o) bem” sem contudo explicar que espécie de bem a Virtude da Amizade causa.

Identificar que a Amizade é uma Virtude não é suficiente para vivenciá-la. É preciso que ela adquira significado na vida dos amigos para que possa ser efetivada.

Análise da Resposta Pergunta 5

Em que momento você diz que uma pessoa é corajosa?

Alfazema, Flor de Lotus, Girassol, Íris, Magnólia, Tulipa e Violeta dizem que ser uma pessoa corajosa é “enfrentar seus medos.” Rosa fez a mesma afirmação usando uma outra estrutura linguística: “Quando o meu medo não me impede de agir diante de algo.” Aristóteles (*E.N.III*, 1117 b 9) ensina que o corajoso é “aquele que apesar do medo faz o que deve ser feito”. Nessa medida, não basta “enfrentar os medos” é necessário fazer o que tem que ser feito embora se tenha medo. Enfrentar o medo por enfrentar não é ser virtuoso. Nessa perspectiva, Dália, Lavanda e Petúnia compreenderam a dimensão do agir pela Virtude da Coragem, ao acentuarem que a pessoa virtuosa é aquela que “faz algo correto apesar do perigo.” Já as alunas Begônia, Margarida, Hortência, Bromélia, Orquídea e Sálvia revelaram grande imaturidade em relação à indagação feita, visto que “testar os seus limites para ver até onde ela é capaz”, “fazer algo que tem medo”, “acreditar em si mesma”, “tomar uma decisão importante mesmo com a insegurança e a incerteza do correto a se fazer”, “ela deixa sua própria vontade para agradar outras pessoas em qualquer momento ou lugar, sempre disposto para te agradar” e “fazer algo que não são todos que tem a coragem de fazer” não são características do agir orientado pela Virtude da Coragem. A aluna Jasmim parece ter confundido as virtudes, pois a definição de pessoa corajosa para ela é, na verdade, de honesta. Helicônia afirmou que ser corajoso é “quando a pessoa dá a vida pelo outro.” Essa explicação carece de um aprofundamento. Quando o “dar a vida pelo outro” pode ser visto como um agir corajoso? Nessa medida, fica evidenciado que as alunas ouviram falar sobre as Virtudes, mas não a vivenciam. Não basta apenas saber o que são as Virtudes; é necessário vivenciá-las de modo significativo (AUSUBEL,1980).

Análise da Resposta Pergunta 6

Quando você diz que uma pessoa é honesta?

Ser sincera aparece cinco (5) vezes nas respostas das alunas e *dizer a verdade* sete (7) para dizer que uma pessoa é honesta. É interessante observar que as alunas respondem usando outras virtudes como esteio para suas respostas. Nessa dimensão, algumas chegam a responder, usando a própria virtude utilizada na pergunta o que caracteriza o definido na definição e não esclarece suficientemente, ao que foi indagado. Magnólia afirma que a “pessoa honesta é aquela que age com justiça.” Tal argumento mostra que, segundo a aluna, honestidade e justiça são palavras ligadas, mas sem estabelecer o tipo de ligação. Orquídea define a questão de modo coerente ao dizer “Quando ela não se torna corrupta.”. Corrupção não é a postura de uma pessoa honesta. Violeta apresenta um amadurecimento para questão ao dizer que ser honesto é “Quando você vê algo errado, que pode te favorecer e mesmo assim resolver fazer o que é certo.” Esse argumento demonstra a intencionalidade moral da aluna guiada por uma reflexão oriunda da vontade. A intencionalidade é a marca da Virtude que é sempre consciente. Acrescentamos ainda que a aluna “compreende a *solenidade* inerente a qualquer afirmação, dado que nas suas afirmações o homem é chamado a dar testemunho da verdade” (VON HILDEBRAND,1988, p.38). Este é um dado fundamental quando se busca viver honestamente.

Análise da Resposta Pergunta 7 – Meninas

Que critérios você usa para dizer que uma pessoa é boa?

Onze alunas responderam, definindo uma pessoa boa como aquela que apresenta, pelo menos uma virtude; no entanto esse não é ainda o conceito aristotélico. Desse modo, para as entrevistadas, as virtudes que definiram uma pessoa boa foram: Honestidade (4), Justiça (3), Generosidade (3), Amizade (2), Humildade (2) e Respeito (2). Esses dados revelam a identificação das Virtudes na vida das alunas, mas não é garantia de que elas, de

fato, compreendem o valor que cada uma das Virtudes ou as pratiquem. As respostas indicam conceitos; contudo o que se pode dizer perante a vivência de atitudes éticas? Este foi o questionamento levantado nesse primeiro questionário, visto que as alunas, como já salientado, tiveram, antes do início da pesquisa, a oportunidade de estudar sobre as Virtudes aqui apresentadas, mas sem envolvimento prático com as mesmas.

Análise da Resposta Pergunta 8 – Meninas

Cite, pelo menos, três exemplos de atitudes de pessoas boas. Justificando-os.

Duas alunas, Jasmim e Petúnia, não responderam à questão. Semelhante à questão sete (7), as alunas responderam usando outras Virtudes. A aluna Alfazema apresenta uma definição distorcida da finalidade da vida ética, ao afirmar que ter Empatia é “estar disposto em lhe ajudar quem lhe ajuda.” Nessa concepção, ser bom está condicionado a receber algo em troca. Esta visão foge totalmente à proposta de uma prática virtuosa, pois o outro precisa ser tomado como uma pessoa humana que merece respeito, independentemente de qualquer outra coisa. Na relação Eu-Tu, vivida virtuosamente, não há o interesse da troca, posto que esta é sempre uma resposta a valores (VON HILDEBRAND, 2017).

As alunas Alfazema e Flor de Lotus também falaram sobre Empatia como uma atitude característica de uma pessoa boa, mas ambas não definiram esse tema. Observamos, assim, que as alunas parecem ter ouvido falar sobre Empatia, mas não a compreenderam.

Margarida diz ser a Humildade a atitude própria de uma pessoa boa, mas não a define corretamente. Ao afirmar que ser humilde é: “saber que somos iguais independente de nossas condições,” a aluna se prende a uma definição equivocada, pois ontologicamente todas as pessoas são iguais por pertencerem à espécie humana, mas em relação a outros aspectos, tais quais afetividade, capacidade cognitiva, por exemplo, somos diferentes (VON HILDEBRAND, 2017), e, ainda, assim essa ideia não explica.

Foi possível constatar que algumas alunas ainda usam o definido na definição para explicar o termo da pergunta. Essa atitude indica a falta de conhecimento do que foi indagado.

Insistimos em afirmar que o fato de as alunas terem realizado uma pesquisa sobre as Virtudes, antes do início da pesquisa, nesse primeiro questionário, lhes propiciou falar das Virtudes, sem, contudo, terem o sentido pleno das Virtudes usadas, como por exemplo, ao afirmarem “desejo de ajudar .“ As Virtudes são realizados por atos da vontade humana e decorrem da prática, não sendo fruto intelectual (ARISTÓTELES, *E.N*). É do exercício da Virtude que surge a intencionalidade moral, a qual move a pessoa para agir eticamente no mundo.

QUESTIONÁRIO 2 – MENINAS

Respondido por 20 alunas

Análise da Resposta Pergunta 1

Você se considera uma pessoa ética? Justifique.

Todas as alunas, com exceção de Sálvia, afirmaram manter atitudes éticas em seus comportamentos. A resposta negativa de Sálvia á pergunta se agia desse modo foi a seguinte: “Não, porque nem sempre sou educada e gentil com as pessoas” revela a reflexão feita pela adolescente que se reconheceu como uma pessoa não ética. Este é um fato relevante, pois, diante do que foi trabalhado durante a pesquisa, a aluna poderia ter amadurecido na Virtude e chegado à conclusão de que ainda precisa melhorar para seu crescimento como ser humano. É interessante salientar que a aluna, mesmo não se considerando uma pessoa ética, identifica duas Virtudes Honestidade e Lealdade como condições para ser amigo.

As respostas das alunas que se consideram éticas se diferenciaram na apresentação da resposta, mas como um todo revelaram o resultado positivo da aprendizagem proposta nessa tese. Vejamos algumas delas:

Alfazema: Sim. pois as minhas virtudes eu tento praticá-las todos os dias.

Jasmim: Sim porque tenho virtudes que me torna uma pessoa ética.

Bromélia: Sim, procuro sempre respeitar opiniões diferentes e arcar com o que faço.

Mímosa: Sim, pois sempre busco seguir uma vida ética, não me aproveitando dos outros, querendo o bem etc.

Begônia: Sim, me considero uma pessoa ética, mas com erros e falhas, porque nem sempre utilizamos a virtude da ética, como por exemplo, achar um celular e não devolver, são coisas assim na qual não paramos e pensamos que aquilo poderia ser melhor executado por nós a virtude da ética.

As alunas Flor de Lotus, Lavanda, Hortência, Rosa, Dália, Margarida, Violeta, Orquídea, Magnólia e Tulipa deram respostas semelhantes às alunas destacadas acima, como é possível verificar no questionário 2 nos anexos dessa tese. As alunas Iris e Bardana, responderam à indagação apenas com “sim”. A aluna Girassol foi a única que apresentou uma visão contraditória, ao afirmar ser uma pessoa ética. Diz ela, “apenas faço o que acho certo e pensando no melhor só para mim.” A contradição da resposta da aluna se encontra no fato de que, não é possível vivenciar a ética sem abrir-se à realidade do outro.

Viver eticamente não é ser uma pessoa perfeita, mas ser responsável por tudo o que faz perante o outro e o mundo numa perspectiva das Virtudes. Como esclarece von Hildebrand (1972, p.190), “a análise da natureza do homem à luz do universo dos valores é uma das tarefas mais essenciais da ética.” Esse é um dos principais compromissos do professor realmente interessado em seus alunos. A pessoa guiada pelos valores éticos permite o desenvolvimento de sua própria natureza humana, notadamente se há um professor que o ajude.

Análise da Resposta Pergunta 2

Ser colega é a mesma coisa que ser amigo?

Todas as alunas disseram “não” como resposta para esta pergunta. Cinco alunas afirmaram que é necessário confiar e ser fiel como característica para ser amigo. Vejamos:
Lavanda: Não, ser colega é somente conhecer; para ser amigo é preciso ter virtudes e uma grande confiança na pessoa.

Hortência: Não, porque amigo pra mim é uma pessoa de anos que eu possa confiar.

Rosa: Não, amigo de verdade é pai e mãe, e também aquela pessoa que você confia muito e pode contar nas horas que precisa. Colega é aquela pessoa que só está do nosso lado para se divertir não podemos contar para nada.

Bromélia: Não, ser amigo vai muito além de estar presente fisicamente, é ser companheiro, fiel, dar força sempre que seu amigo precisar.

Dália: Não, pois o colega é só uma pessoa agradável, o amigo é companheiro, fiel e nos ajuda.

Tulipa: Não. Colega é alguém que seu parceiro de escola ou trabalho, amigo é quem você pode confiar.

A aluna Lavanda fez uma análise profunda em sua resposta ao dizer que “ser colega é somente conhecer; para ser amigo é preciso ter virtudes e uma grande confiança na pessoa.” Observemos que a adolescente acentua, o uso do plural, a necessidade de ter outras Virtudes para poder ser amiga. Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco*, destacara tal condição para se vivenciar a ética. As alunas ainda fizeram a distinção entre os tipos de amizade destacados por Aristóteles, classificando colega, como entende a aluna Dália, por exemplo, como aquele que tem uma amizade por prazer: “o colega é só uma pessoa agradável”. Philippe (1999, p.61), nessa perspectiva, destaca que “a amizade se enraíza no que há de mais essencial em nós.” Isto é o que o filósofo diz sobre a Virtude da Amizade, a qual se conserva na medida em que é cultivada. Aristóteles intensifica o valor da confiança entre os amigos, ao afirmar que, “as pessoas também não poderão manter amizade umas com as outras ou ser realmente amigas enquanto um das partes não houver demonstrado à outra que é digna de amizade e não lhe tiver conquistado a confiança” (ARISTÓTELES, *E.N.* VIII, 1156 b 3). Concebemos, desse modo, o entendimento das alunas sobre a questão.

Três alunas, Orquídea, Alfazema e Jasmim, apenas disseram “não” sem justificar a escolha.

As alunas Margarida, Margarida, Iris, Helicônia, Flor de Lotus e Girassol acentuam a importância do estar próximo aos amigos. Essa e uma questão esclarecida por Aristóteles (*E.N.* VIII, 1157 b 5), quando salienta que “nada é mais característico dos amigos que o desejo de viver juntos.” Com muita frequência vemos os adolescentes buscarem a companhia de seus amigos para a realização de diferentes tarefas.

As alunas Magnólia, Begônia e Violeta enfatizaram a questão da profundidade e do conhecimento mútuo dos amigos. O conhecimento e a profundidade só pode nascer de uma

amizade na qual o outro é visto como pessoa. A relação da Amizade virtuosa proporciona a partilha de valores nobres. Baldini, seguindo o pensamento aristotélico, afirma que:

a amizade entre homens virtuosos oferece-lhes a possibilidade de melhorarem e aperfeiçoarem a si próprios, isto é, ela tem um valor em si mesma e *valoriza* ao mesmo tempo, ou seja, faz germinar aqueles valores que estavam presentes nos amigos, mesmo se no começo ficavam ocultos (BALDINI, 2000, p.15).

Nessa dimensão, as alunas reconheceram na Virtude da Amizade a possibilidade de serem pessoas melhores aptas para atuarem eticamente diante da vida.

Análise da Resposta Pergunta 3

É possível um colega se transformar em um amigo?

As adolescentes foram unânimes ao afirmar a possibilidade de um colega se transformar em amigo. A condição para que isso aconteça foi igualmente concorde, visto que a maioria disse ser o tempo o elemento fundamental para transformação de um colega em amigo, embora esse não seja a causalidade efetiva. Eis algumas respostas:

Dália: Sim, é possível, com o tempo podemos nos conhecer e criar uma forte amizade.

Hortência: Sim, porque ao passar do tempo nos conhece e considera.

Magnólia: Sim, com o passar do tempo e em meio a atitudes a amizade pode sim crescer e passar de colega para amigo.

Begônia: Sim, em inúmeras vezes conhecemos pessoas e aquela amizade com o passar dos anos e da convivência, se torna mais forte a amizade, porque conversamos mais, conhecendo seus costumes, crenças e depositando confiança.

Rosa: Sim. Com o tempo conhecemos a pessoa de verdade.

Observe-se que a categoria tempo não tem essa força expressa pelas alunas. As respostas apresentadas indicam a compreensão das alunas para com o pensamento de Aristóteles. Para o filósofo, o tempo é responsável para a vivência da ética, uma vez que é pelo exercício da Virtude neste, que a pessoa se aperfeiçoa. Para que aconteça o desenvolvimento da pessoa, na qual ocorre a *práxis* virtuosa.

As alunas Orquídea, Iris, Alfazema, Bardana e Jasmim não justificaram suas respostas. Mimosa parece não ter entendido a pergunta, posto que respondeu: “Sim, é possível, se ele for confiável e realmente um amigo.” A aluna responde aludindo às

características de amigo à colega. Tulipa também segue essa linha de pensamento dizendo que “sim, é possível, se ele for confiável e realmente um amigo.”

As alunas Sálvia e Girassol afirmaram ser colega uma etapa necessária para chegar a ser amigo. As alunas Flor de Lotus e Lavanda sublinham a relevância do conhecimento das Virtudes para melhor vivenciar a Virtude da Amizade. Aristóteles (*E.N*) explica que uma pessoa virtuosa experimenta outras Virtudes, isto é, a pessoa virtuosa assim o é pela vivência de várias outras Virtudes.

As alunas Bromélia, Helicônia e Violeta dizem ser a convivência um fator relevante para que um colega se transforme em um amigo. Como explica Aristóteles (*E.N*, IX, 1172 a) “A amizade das pessoas oportunas é conveniente e se aperfeiçoa através de sua frequente convivência.”

Análise da Resposta Pergunta 4

O que você considera necessário para ser um amigo?

É interessante destacar que, excetuando as alunas Hortência e Tulipa, todas as demais aludiram outras Virtudes como necessárias para poder ser amigo. Elas foram assim distribuídas: Fidelidade (7), Lealdade (7), Respeito (6), Companheirismo (6), Confiança (5), Honestidade (4), Sinceridade (4), Amor (2) e Paciência (2). Este dado mostra mais uma vez como se realiza a aprendizagem do pensamento aristotélico pelas adolescentes. Segundo Aristóteles, ao vivenciar uma Virtude todas as demais a acompanham.

Observamos uma nova compreensão do ser amigo entre os jovens. As alunas Lavanda e Margarida destacaram que para ser amiga é necessário “ter cumplicidade”. Nesse caso, cabe uma indagação: que crimes as alunas cometeram para que sejam cúmplices? Essa seria a pergunta, no entanto, quanto ao uso popular do termo, que se afastou do significado original. Na visão das alunas ser cúmplice não se aproxima da ideia aqui apresentada. O sentido é de grande intimidade que as levam, admitir qualquer coisa que o amigo faça por ser amigo. Como já apresentado, ser amigo não é agasalhar os erros daquele que se tem por amigo, mas se fazer uma presença que cuide do amigo, mesmo que ele esteja errado. Nessa perspectiva, um amigo deve ser olhado na dimensão de um outro

“eu”. Essa premissa só ganha sentido no momento em que os amigos se veem como um bem uns para os outros respeitando a liberdade de cada um. Como afirma Aristóteles (E.N. IX, 1166 a 4) “A existência é um bem para o homem dotado de excelência moral, e cada homem deseja para si mesmo o que é bom; ninguém daria preferência a possuir o mundo todo se tivesse antes de tornar-se outra pessoa.” Consideramos que a autenticidade entre os amigos é indispensável.

Análise da Resposta Pergunta 5

Cite três situações nas quais você agiu usando a Virtude da Honestidade.

Observamos nessa questão que quinze alunas (Orquídea, Sálvia, Girassol, Bromélia, Mimososa, Rosa, Hortêncina, Lavanda, Helicônia, Margarida, Iris, Bardana, Jasmim, Violeta e Tulipa) relacionaram a Virtude da Honestidade com devolução de dinheiro ou de celular perdido. Tal fato parece estar associado ao momento social e político no qual as jovens estão inseridas. Essa perspectiva é válida, mas constitui apenas uma parte do ser uma pessoa honesta. As alunas compreenderam a dimensão do agir pela Virtude da Honestidade, uma vez que não se limitaram nessa única ideia. Desse modo, completaram suas respostas apresentando outras características da pessoa honesta, tais como: “assumir um erro”, “falar a verdade”, “estar atento às necessidades do outro, mas mantendo a autenticidade”. Estes são aspectos importantes, em especial, quando o ensino/aprendizagem de ética é desenvolvido entre os adolescentes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino.

As alunas Helicônia, Tulipa e Girassol destacaram a Virtude da Bondade e da Amizade como necessária para agir usando a Virtude da Honestidade. Recorremos mais uma vez a Aristóteles (E.N), ao dizer que o virtuoso não é reconhecido por vivenciar uma única Virtude.

A aluna Alfazema mostra com sua resposta que para agir segundo a Virtude da Honestidade, é necessário ser pro ativo. De fato, a ação pro ativa deve estar presentes na pessoa honesta, pois a pessoa reativa age por impulso, o que é um obstáculo para a vivência ética.

A resposta da aluna Begônia marcou a relevância da pesquisa dessa tese para os alunos. Ela acentuou a importância do Projeto Shakespeare como responsável para que pudesse vivenciar a Virtude da Honestidade. Vejamos o que disse a referida aluna:

Begônia: “Esse projeto de Shakespeare tem ajudado muito em minha vida, sempre que acontece alguma coisa no meu cotidiano, lembro-me dos personagens de “Hamlet” e as virtudes deles, como a honestidade; pratiquei essa virtude na escola, tinha um lápis em uma mesa e meu colega perguntou se era meu, e disse que não. Eu estava sem lápis algum, mesmo assim poderia falar que era meu e ficar com o lápis, outro acontecimento foi numa fila, na qual estava enorme, eu era a última, vi que várias pessoas furavam fila, e me deu uma enorme vontade de fazer aquilo também, mas vi que não era certo, mesmo com tantas pessoas aquele desrespeito, como falei, Shakespeare foi uma encantadora lição de vida, me ajudou em muitas coisas no meu dia a dia” (SIC).

A Virtude da Honestidade ganhou importância na sua vida quando passou a ter um significado real em suas ações, como foi possível observar.

Análise da Resposta Pergunta 6

O que você entende sobre a Virtude da Coragem?

Nessa questão, as alunas mostraram uma maior compreensão sobre a Virtude da Coragem. Vejamos as respostas amadurecidas de algumas delas:

Magnólia: É uma virtude admirável e honrada. A coragem serve não só para enfrentar seus medos, mas também ter coragem para assumi-los e arcar com as consequências.

Lavanda: A virtude da coragem é mais do que viver aventuras, é saber o momento de fazer a coisa certa sem medo.

Girassol: Ser capaz de agir corretamente e lutar pelo que acredita, independente da opinião dos outros.

Violeta: Ser corajoso é abrir mão de seu orgulho ou algo que não seja certo. Para trás em prol da vida de um amigo, irmão, ou até de um desconhecido. Ter coragem de falar a verdade, ter coragem de dizer não ao errado.

Rosa: Ter caráter o suficiente para assumir os erros ou enfrentar algo.

Dália: Fazer o que é correto apesar do perigo.

É possível entender nas afirmações das alunas a compreensão da proposta apresentada por Aristóteles no que concerne à Virtude da Coragem. O filósofo esclarece

que as pessoas corajosas enfrentam “as coisas que são temíveis para um ser humano e assim parece a cada pessoa, porque agir desta maneira é nobilitante, e é ignóbil não agir assim (ARISTÓTELES, *E. N.*, III,8, 1117 a). A pessoa que age pelo ditame da Virtude da Coragem busca fazer o que deve ser feito ciente de estar fazendo algo honroso não só para si, mas igualmente para o outro.

Com essas palavras das adolescentes, fica ressaltada a importância da manutenção dessa Virtude em nossa pesquisa, ainda que a mesma não tenha feito parte de nenhuma oficina, como já foi apontado.

Análise da Resposta Pergunta 7

Cite, pelo menos, três situações nas quais você agiu usando a virtude da coragem.

O agir guiado pela Virtude da Coragem faz a pessoa enfrentar dificuldades e vencer desafios. Segundo Sucupira Lins (Youtube, 14/07/2018) agir motivado pela Virtude da Coragem é ter “a capacidade de analisar a situação e tomar a decisão apesar do nosso medo.” As respostas das jovens da pesquisa seguem essa ideia, como observaremos a seguir:

Bromélia: Quando assumi que fiz algo errado, quando defendi uma amiga em uma discussão e quando salvei uma criança de afogamento.

Alfazema: Fui contra à um rapaz que machucava um animal indefeso. Tive coragem para enfrentar meus medos. Tive coragem e me opus a algo errado, violência contra a mulher.

Violeta: Quando entrei no meio de uma discussão para defender uma amiga minha. Quando enfrentei meus problemas assumindo minha culpa. A terceira ainda não vivenciei ou não me recordo.

Tulipa: Ajudei uma menina que estava sofrendo agressão verbal, enfrentei alguém que já me assustou e disse à uma pessoa que não estava feliz com a amizade.

Aristóteles (*E. N.*, III,7, 1116 a) explica que “a pessoa que enfrenta e teme as coisas certas e por motivos certos, da maneira certa e na ocasião certa, e que é confiante nas condições pertinentes, é realmente corajosa”. Desse modo, as alunas se mostraram corajosas. Quando, por exemplo, Bromélia diz que assumiu que fez algo errado, defendeu

uma amiga em uma discussão e salvou uma criança de afogamento, agiu por motivos nobres, de maneira correta em momentos certos.

Caso contrário, o momento passaria e sua ação já não poderia ser tomada por um ato de coragem. Aristóteles (idem) acrescenta que “a pessoa corajosa sente e age de acordo com o mérito das circunstâncias e como manda a razão, e a finalidade de cada atividade é a conformidade com a disposição moral correspondente”. Nessa visão, a pessoa corajosa analisa a situação com prudência buscando o sentido de seu agir em uma ação nobre. Esse enfoque foi observado igualmente pelas alunas. Elas chegaram à compreensão de que a Virtude da Coragem as fortalece diante das demais Virtudes.

QUESTIONÁRIO 1 – MENINOS

Respondido por quinze alunos

Análise da Resposta Pergunta 1

O que é ser uma pessoa ética para você?

Os quinze alunos apresentam respostas superficiais, não sustentando suas respostas. Quatro alunos (Coqueiro, Loureiro, Jatobá e Eucalipto) destacaram o comportamento como a causa de ser uma pessoa ética. Essa ideia é errônea, pois comportamento é manifestação ou consequência e não origem. É necessário o conhecimento e a consciência do que se faz para que o agir seja ético como aponta von Hildebrand (2017). O aluno Nogueira diz que ‘ser ético é saber ser centralizado, pois isso faz bem’. Partindo-se dessa resposta do aluno, observamos que o estudo feito sobre o pensamento aristotélicos das Virtudes pode ter influenciado de algum modo, os alunos, posto que Aristóteles esclarece a importância da justa medida para vivenciar as Virtudes. É possível que a ideia de ser centralizado, para o aluno, expresse o meio termo aristotélico. O aluno Palmeira diz que “mudar algo que está errado” é o que faz uma pessoa ser ética sem, contudo, mostrar compreensão sobre a questão. Os alunos Jacarandá, Figueira, Jequitibá, Ipê, Pereira, Carvalho, Bambu e Pinheiro falam de “caráter”, “boa conduta”, “fazer bem para a sociedade”, “respeitar valores”, “ser constante nas ideias que acrescentam a vida do indivíduo”, não mostrando entendimento sobre a questão. O Damasqueiro disse não saber responder à pergunta.

Análise da Resposta Pergunta 2

Nós já nascemos éticos ou nos tornamos éticos?

Dez alunos afirmaram que nos tornamos éticos. Essa informação destaca outra vez a importância do estudo prévio das virtudes aristotélicas feito com os alunos antes do início da pesquisa. O aluno Nogueira diz que ser ético é “um dom” e por isso nós nascemos éticos: “Em minha opinião, nós nascemos éticos, porque ao longo do tempo vamos descobrindo e amadurecendo esse dom que nós temos e não sabemos.” O que o aluno Nogueira parece querer expressar é que o ser humano nasce com capacidade para ser ético, mas só o tempo faz com que esse “dom” seja demonstrado. Esse mesmo aluno ainda continua sua fala dizendo: “Mas têm casos a parte de pessoas que vão se tornando também”. Observamos com essa afirmação que o referido aluno ainda não consegue distinguir se nascemos éticos ou nos tornamos virtuosos. O aluno Bambu concebe ética como um processo que passa por estágios até se chegar à vivência da ética. Cabe destacar que o referido aluno fala em “ética humana” esquecendo-se de que só pode vivenciar a ética quem é humano.

Diz ele: “Nós nascemos com nossas imperfeições, apenas simples e ignorantes e a partir de nossa experiência terrenas passamos a concretizar as qualidades da vida virtuosa e modular-se na ética humana”. Desse modo, vemos que, embora o aluno não tenha falado explicitamente que “nós nos tornamos éticos”, sua resposta confirma o fato. O aluno Ipê segue esta linha de pensamento ao exprimir que “Nós nos tornamos éticos, com experiência que as pessoas e a vida nos proporcionam”. Por meio da resposta do aluno Ipê, podemos ressaltar, mais uma vez, a pertinência do estudo sobre as Virtudes aristotélicas que aconteceu antes das oficinas, do trabalho do método de intervenção e do questionário. A maioria dos adolescentes que afirmou categoricamente “nós nos tornamos éticos” não possuía anteriormente um conhecimento sobre a questão, mas eles conseguiram entender o caminho a ser percorrido. O aluno Damasqueiro, como na questão anterior, disse não saber responder ao que foi pedido. O aluno Carvalho, embora tenha falado que “Ética é algo gradativo que se constrói com bons exemplos...”, também não responde ao que foi solicitado.

Análise da Resposta Pergunta 3

O que é ser uma pessoa virtuosa?

Esta pergunta foi respondida por cinco alunos usando o definido na definição o que impede a clareza e a lógica da explicação. Vejamos alguns exemplos:

Coqueiro: É uma pessoa que tem e pratica as virtudes.

Jequitibá: Uma pessoa que pratica as virtudes, que faz o bem para a sociedade.

Loureiro: Pessoa virtuosa é aquela que demonstra uma virtude do dia a dia.

Pinheiro: É uma pessoa que apresenta qualidades boas da virtude.

Nogueira: É ser uma pessoa que saiba exercer virtudes (...)

Na realidade, esses 5 alunos não responderam à pergunta, pois usaram o termo da própria pergunta como resposta.

A resposta do aluno Damasqueiro foi a que mais se destacou nessa questão. O adolescente confundiu virtuoso com virtual como é possível observar a seguir:

Damasqueiro: “Uma pessoa virtuosa é uma pessoa que só fica ligado numa coisa virtual. Como por exemplo, o celular, a TV, etc”

Nessa faixa etária, o aluno já deveria ter um maior conhecimento sobre o que é ser uma pessoa virtuosa.

O aluno Bambu diz ser virtuosa a pessoa que “consegue externar sentimentos bons que a vida proporciona.” As Virtudes não são “sentimentos bons”, mas a realização de atos bons conscientes orientados pela reta razão.

Os alunos Carvalho, Jacarandá, Jatobá e Palmeira responderam à questão de modo vago. Já o aluno Figueira disse não saber responder à questão. O aluno Pereira, ao responder que ser uma pessoa virtuosa é “além de possuir qualidades, agir de acordo com o que é certo, beneficiando não só a si próprio, mas todos a sua volta,” mostra uma certa compreensão do que é agir guiado pelas virtudes, haja vista que a ideia do que é bom para mim deve ser bom para todos, se insere na ideia do bem comum que uma vida virtuosa oferece. Já o aluno Eucalipto, dizer que “Virtude é a disposição do indivíduo praticar o bem,” parece ter decorado uma das frases presentes nas leituras que antecederam à pesquisa.

Esses dados reforçam a necessidade do ensino/aprendizagem de Ética para os alunos do Ensino Médio.

Análise da Resposta Pergunta 4

Podemos dizer que a amizade é uma virtude? Justifique.

Doze alunos afirmaram ser a amizade uma Virtude o que é uma tautologia. As respostas dadas, entretanto, não indicam o pleno entendimento da amizade como Virtude. É o que podemos ver a seguir:

Carvalho: Sim, pois a amizade é um laço exemplar que alcança as pessoas dando apoio, coragem e determinação.

Ipê: Sim, pois amizade nos ajuda a superar coisas que sozinho, talvez nós não conseguíssemos passar por cima.

Bambu: Sim. Pois é um sentimento mútuo de troca entre pessoas. Um amigo é quem podemos confiar e dividir os nossos percursos e amenizá-los.

Eucalipto: Sim, porque eles fazem o bem.

Nogueira: Sim podemos. A amizade para mim é uma virtude muito importante, que nós temos que exercê-las de forma muito abrangente e crítica, porque hoje em dia, a amizade é uma forma “pejorativa”

Loureiro: Sim, é uma virtude de uma pessoa que ajuda a outra pessoa em qualquer momento.

Jequitibá: Sim. Uma amizade gentil e generosa é uma amizade virtuosa.

Jatobá: Não, porque o que você precisa fazer para conquistar essa amizade que é uma virtude de lealdade, sinceridade, coragem, etc.

Pinheiro: Sim. Porque a amizade é aquele que valoriza você como amigo, sem pensar nos bens materiais que você possui ou não, mas é seu amigo.

Ao falar sobre a Virtude da Amizade, os alunos se sentem mais confortáveis porque, de um certo modo, essa palavra vem sendo comentada em suas vidas desde a tenra idade. Contudo, seu real sentido parece não ser entendido.

Os alunos Jacarandá e Damasqueiro responderam apenas com um “sim” e um “não” respectivamente, sem justificar as opções. O aluno Figueira disse não saber responder à

questão. O aluno Palmeira diz que a amizade “vai muito além da confiança”, mas não esclarece o “ir além”. O adolescente ainda afirma que “, amizade e o amor é o carinho que um indivíduo tem pelo outro”. Carinho não é amizade, mas uma forma de expressar a mesma.

O aluno Cajueiro apresenta um certo entendimento sobre a questão, pois, ao afirmar que a Amizade constitui uma Virtude “A partir do momento em que cedem dos seus próprios interesses pelo de outras pessoas e utiliza diversas virtudes dentro delas”, o aluno está considerando que ao ceder “dos seus próprios interesses pelos os de outras pessoas”, vemos uma relação guiada pela Virtude do Respeito pela pessoa do outro. Isso, de algum modo faz parte de um vínculo de amizade.

O aluno Coqueiro dá um passo a mais ao afirmar: “Sim, pois a amizade nos ajuda a nos portarmos melhor (dependendo da amizade). Sua conclusão “dependendo da amizade” revela a existência de tipos de amizade. Aristóteles (Séc. IV. a. C. *E.N*, VIII) esclarece que há amizade por interesse, prazer e virtuosa. O filósofo ainda ressalta que somente a amizade virtuosa pode ser perfeita, pois como sublinha Philippe (1999, p.69) “a amizade perfeita, segundo a virtude, não conhece limites. Ela tem, nela mesma, sua estabilidade, crescendo sem cessar nas suas exigências.” As disposições dessa amizade tornam o ser humano mais atento às necessidades do amigo.

Análise da Resposta Pergunta 5

Em que momento você diz que uma pessoa é corajosa?

Nessa questão, as respostas de onze alunos (Carvalho, Bambu, Coqueiro, Figueira, Jacarandá, Jequitibá, Loureiro, Jatobá, Nogueira, Cajueiro e Pinheiro) indicam que eles não compreenderam o real sentido que faz com que a pessoa seja corajosa.

O aluno Palmeira apresenta uma resposta com uma das características da pessoa corajosa. Nesse sentido, ao dizer que a pessoa corajosa é aquela que “No momento em que o “mundo” diz não, e eu digo que sim”, significa dizer que se está diante de um ato de coragem sendo firme no propósito daquilo que se acredita. Essa parece ser também a linha de pensamento do aluno Cajueiro ao reconhecer que “Ter coragem, ou melhor, ser uma

pessoa corajosa é quando uma pessoa enfrenta os seus próprios medos por aquilo que quer.” Observamos que ambos os alunos compreendem parte do que é ser uma pessoa corajosa, mas não em sua plenitude, pois como já foi acentuado por Aristóteles (*E.N*), é necessário que ato seja nobre para ser virtuoso.

A resposta de dois alunos se distancia significativamente do real conceito do que é uma pessoa corajosa. Para o aluno Damasqueiro, ser uma pessoa corajosa é “bater em um policial.” Já para o aluno Eucalipto é “gritar na gaiola.” Sucupira Lins (youtube, 14 de Julho de 2018), em Falando sobre Ética com Sucupira Lins, explica que “a Coragem é a realização de um ato nobre com a consciência plena do que é a dificuldade em prol do outro sem o medo.”

Nessa perspectiva, observamos que os alunos estão usando o conceito de Coragem fora do seu significado real. Sucupira Lins (*idem*) ainda pontua que “exalta-se a coragem quando, na realidade há arrogância, falta de humildade, prepotência, petulância.” Não há como encontrar ato nobre nas respostas dos alunos Damasqueiro e Eucalipto. O aluno Ipê se aproxima de uma resposta mais coerente com a proposta da Virtude da Coragem, mas a desconstrói ao afirmar “Quando ela toma decisões difíceis com muita certeza do que esta escolhendo e querendo para si mesmo.” A Virtude da Coragem é difícil, pois para praticá-la, a pessoa precisa estar voltada para o outro e não “para si mesmo”, como ressalta o aluno Ipê.

Análise da Resposta Pergunta 6

Quando você diz que uma pessoa é honesta?

Essa questão foi respondida por quatro alunos ligando ser uma pessoa honesta com algo que envolva questões materiais, como dinheiro, por exemplo:

Eucalipto: Quando uma pessoa deixa cair cem reais na rua e a outra o devolver.

Jacarandá: Quando uma pessoa acha algo de alguém e devolve.

Damasqueiro: Quando a pessoa só fala a verdade, não pega o que não lhe pertence.

Pinheiro: Quando você confia nela com seus bens materiais e ela não rouba, isso é ser honesto.

Como aconteceu com as respostas das meninas, inferimos que o momento político e social no qual os alunos se encontram tenha influenciado suas respostas. Sabemos que ser Honesto não se limita a coisas materiais. Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco* não atribui um livro específico para falar sobre essa Virtude tal como o faz com a Virtude da Amizade. No entanto, como esclarece Sucupira Lins (A Virtude da Honestidade, Youtube, 2018) sendo a Honestidade uma Virtude, ela deve ser orientada pela consciência. Essa é que confere à ação a característica de ser virtuosa firmada na intenção do ato realizado.

O aluno Coqueiro não responde adequadamente à questão, posto que usa o definido na definição: “Quando ela é honesta mesmo tendo a oportunidade de fazer o contrario.” Já o aluno Ipê dá a resposta usando outra virtude: “Quando ele age de uma forma justa com tudo e com todos.” Esse aluno igualmente não responde à questão acertadamente, visto que não esclarece em que medida agir de forma justa é ser honesto. A mesma perspectiva pode ser considerada na resposta de Jequitibá: “Quando ela usa a sinceridade.”

Quatro alunos deram respostas sem refletir sobre a indagação proposta. Vejamos:

Figueira: Quando elas fazem as coisas certas para ajudar o próximo.

Loureiro: Quando ela fala que fez algo ruim para alguém e confessa para ela o que fez.

Palmeira: Eu acredito que sou honesto no momento em que eu aprendo a respeitar o meu próximo, quando eu ajudo, quando eu dou um sorriso em um simples bom dia.

Cajueiro: Uma pessoa que diz a verdade, que expressa seus atos de maneira verdadeira.

Ao afirmar que uma pessoa é honesta “Quando ela resiste na boa conduta diante da imoralidade, corrupção e males,” o aluno Carvalho apresenta apenas alguns dos aspectos de ser uma pessoa honesta. O adolescente usa a palavra imoralidade sem considerar o que é amoral, isto é, sem moral e o que imoral, ou seja, uma pessoa ou algo contrário aos princípios morais. O aluno Bambu oferece uma resposta que se ajusta um pouco ao que foi pedido na pergunta, embora com construções confusas, como por exemplo “fraudular”, o que o aluno parece querer dizer fraudar. “É quando o individuo enxerga a possibilidade de fraudular, ganhar vantagens e escolher seguir de forma correta eliminando a vantagem imprópria.” Enxergar a possibilidade de algo é, de certa forma, tomar consciência desse algo. Isso é fundamental quando se busca viver de modo virtuoso.

Para o aluno Jatobá uma pessoa é honesta quando sabe se manter firme diante das adversidades, escolhendo fazer o que é correto. O aluno Nogueira afirma que a pessoa

honesto é capaz de distinguir o certo do errado, sendo igualmente firme em suas decisões diante do outro e escolhendo fazer o que é correto. Observamos, desse modo, que ambos os alunos chegam a conclusões semelhante do que seja uma pessoa honesto.

Análise da Resposta Pergunta 7

Que critérios você usa para dizer que uma pessoa é boa?

O aluno Jacarandá apresenta uma resposta totalmente fora da perspectiva da pergunta ao dizer que “Quando alguém beija minha mão, é ser uma pessoa boa para mim.” As Virtudes, como já vimos, estão voltadas para o bem comum. Não se pode falar de vida virtuosa no individualismo. Há ainda nessa questão respostas sem a devida reflexão do que se está falando. Eis alguns exemplos:

Coqueiro: O jeito como a pessoa trata as outras pessoas.

Loureiro: Quando você ajuda uma pessoa em algo que ela não consegue.

Palmeira: Suas atitudes, seu modo de ser, na forma de falar, de agir, do entender, do pensar.

Eucalipto: Fazendo o bem sem olhar a quem.

Pinheiro: O jeito de agir diante dos menos afortunados.

Carvalho: A conduta moral de vida diz tudo sobre o indivíduo.

Parece que os alunos apenas colocam palavras no papel sem entender seus significados.

Os alunos Damasqueira e Figueira responderam a questão usando a Virtude da Honestidade como critério para dizer que a pessoa é boa. Respostas semelhantes foram as dos alunos Jequitibá e Jatobá que disseram ser uma pessoa boa aquela que generosa e honesto. Jatobá acrescenta mais virtudes para essa questão, como é possível observar a seguir:

Jatobá: Prezo muito as virtudes, conceituo-as sendo boas geralmente por sua lealdade, coragem, honestidade, sinceridade e respeito.

As respostas dos três alunos denotam um certo grau de entendimento sobre a questão proposta. Ao usarem as Virtudes como critério para definir uma pessoa boa, os alunos expressaram, de algum modo, a influência do estudo das Virtudes aristotélicas feito antes do início da pesquisa.

Os alunos Bambu, Cajueiro e Pinheiro colocam como critério para ser uma pessoa boa a abertura para o outro. Esse é um dado relevante, posto que não se concebe o ser bom sem o ir ao encontro do outro.

Análise da Resposta Pergunta 8

Cite, pelo menos, três exemplos de atitudes de pessoas boas, justificando-os.

As respostas dos adolescentes, para essa questão, se apresentam, em sua maioria, sem a justificativa solicitada na pergunta e, como aconteceu em outras respostas, sem um aprofundamento do que dizem. Os estudantes, entretanto, mostram sensibilidade pela dor do outro, o que é capital para a vivência ética.

Analisemos:

Carvalho: Ser correto, amar o próximo como a si mesmo, seguir uma conduta moral.

Eucalipto: Ajudar idoso, ajudar animais, ajudar a quem precisa.

Jacarandá: Fazer doações para as pessoas que precisam; quando alguém me presenteia; quando alguém doa algum alimento a quem necessita.

Palmeira: Devolver certos objetos perdidos que não me pertence, a pessoa que se preocupa com você, que tem uma preocupação.

O aluno Jacarandá ao afirmar, que uma das atitudes de uma pessoa boa seja “quando alguém me presenteia” está revelando a sua característica de adolescente, buscando se firmar entre as outras pessoas, como sublinha Muuss (1973). Observemos que o jovem não se limita a sua pessoa ao citar que “fazer doações para as pessoas que precisam” e doar “algum alimento a quem necessita.” Esta fato mostra um certo grau de compreensão sobre o que foi solicitado na questão.

Os alunos Bambu, Damasqueiro só citaram um exemplo de atitudes de pessoas boas e não três como a pergunta pede. Observamos que seis alunos responderam à questão intensificando o “ajudar ao outro” como atitudes da pessoa boa:

Eucalipto: Ajudar idoso, ajudar animais, ajudar a quem precisa.

Coqueiro: Tratar bem os outros, ajudar sempre que pode, é obediência.

Jatobá: Você esta vendo uma pessoa precisando de ajuda, e tem condições de ajudá-la com a virtude da compaixão e solidariedade com aquela pessoa.

Jequitibá: Caridade é quando uma pessoa sente prazer em ajudar ao próximo.

Bambu: Ajudar sem querer nada em troca.

Pinheiro: Uma pessoa com menos recursos e dinheiro ajuda uma pessoa que esta sem comer a dias.

Este é um fato importante, posto que ter vontade de ajudar o outro é tomar ciência de que o outro é digno de respeito.

A preocupação com o outro, em diferentes situações, também marcou positivamente essa questão, como é possível entender a seguir:

Figueira: Um dos exemplos de atitude boa; quando você esta em um ônibus cheio e entra um idoso ou uma gestante e a pessoa levanta para ceder seu lugar.

Ipê: Quando vejo a pessoa se preocupando com o próximo, tentando dar lhe uma palavra amiga, se importando com o próximo, porque muita das vezes nós só precisamos de uma palavra amiga.

Loureiro: Uma pessoa reutiliza o seu próprio lixo; uma pessoa vê a outra caída no chão e ela vai para ajudá-la a levantar; uma pessoa joga o lixo na rua e a outra pessoa fala que é errado, pedindo que ela jogue o lixo na lixeira.

O aluno Nogueira apresenta três Virtudes como atitudes da pessoa boa. São elas, Honestidade, Coragem e Gentileza, mas ao explicar o ato da pessoa boa que age usando a Virtude da Coragem, o adolescente não apresenta a atitude real da pessoa que age guiada por essa Virtude. Diz ele: “A coragem de uma pessoa enfrentar o assaltante para não roubar ela.” Nessa perspectiva, o aluno está apresentando uma atitude de alguém que é imprudente e não corajoso. Agir guiado pela Virtude da Coragem é agir por uma causa nobre.

QUESTIONÁRIO 2 – MENINOS

Respondido por sete alunos

Análise da Resposta Pergunta 1

Você se considera uma pessoa ética? Justifique

Todos os sete alunos responderam positivamente à questão. Foi possível observar em suas respostas a ideia de que ser uma pessoa ética não significa dizer que a pessoa não

possa errar em algum momento de sua vida, mas que o erro deve servir de alerta para se retornar à caminhada de uma vida ética. Vejamos as palavras dos alunos:

Jatobá: Sim. Porque assim como Otelo que apresentava muitas virtudes, mas erra em algumas decisões, eu me considero igual. Sendo assim, apresentando alguns vícios, porém sendo bastante virtuoso.

Carvalho: Sim, pois sou honesto, procuro sempre ser o mais justo possível mesmo falhando algumas vezes.

Coqueiro: Sim, pois eu me esforço muito para entender o próximo, para poder resolver problemas com honestidade e justiça.

Tamareira: Sim, pelo menos na maioria das coisas que tento fazer o certo e agir com clareza.

É interessante a resposta do aluno Jatobá, pois, ao mencionar a atitude do personagem Otelo, para a reflexão de sua própria vida, deixa claro a importância de se ter consciência da vulnerabilidade do ser humano (MACINTYRE, 2012), no momento de tomar decisões.

O aluno Loureiro destaca algo essencial para uma vida orientada pelas Virtudes: A consciência, ao afirmar: “Ser uma pessoa ética está mais ligado a consciência do que atitudes, você pode ter atitudes ruins porém isso não te faz uma pessoa não ética. Se você tem consciência das suas atitudes e tenta ser melhor sempre você é ético”.

Confirmamos que ter consciência é, sem dúvida, indispensável para o entendimento de que somente uma pessoa consciente de seus atos é capaz de viver com ética, como ensina von Hildebrand (2017). Reconhecemos desse modo a veracidade da afirmação do aluno. Isso significa dizer que o aluno Loureiro compreendeu o significado do que é ser uma pessoa ética.

O aluno Jacarandá se limitou a responder sim nessa questão. Já o estudante Pinheiro justificou ser uma pessoa ética porque respeita todas as pessoas. A Virtude do Respeito é, sem dúvida, imprescindível na condução de uma vida virtuosa.

Análise da Resposta Pergunta 2

Ser colega é a mesma coisa que ser amigo?

Como ocorreu na resposta anterior, todos os alunos, sem exceção, responderam positivamente à questão. Neste caso a de que ser colega é diferente de ser amigo.

Dois alunos afirmaram que ser colega é ser “alguém agradável”, “um amigo passageiro”

Carvalho: Não, pois o amigo é ajudador e companheiro, e o colega somente alguém agradável.

Pinheiro: Não. Porque colega é só um amigo passageiro já o amigo está ali pra tudo horas boas e ruins.

Essas informações são importantes, visto que Aristóteles no livro VIII em *Ética a Nicômaco* aponta os três tipos de amizade, os quais já destacamos na questão 7. Vemos, desse modo, que os alunos alcançaram a compreensão do que é ser amigo.

Segundo Sucupira Lins (2017,01/09- Youtube. A Virtude da Amizade), a Amizade é “uma Virtude que requer uma vivência em conjunto, frequência, partilha, cooperação” para que possa se firmar com tal. Nessa ótica, os alunos Jatobá, Carvalho, Loureiro entenderam essa dimensão. Vejamos:

Jatobá: Não. Colega é uma pessoa que você convive em um ambiente, mas não tem tanta proximidade. Já amigo, você tem uma certa intimidade e confiança.

Carvalho: “Não, pois o amigo é ajudador e companheiro...”

Loureiro: Não. Colega são aquelas pessoas que você não tem muita proximidade e ser amigo é você ter uma certa proximidade com a pessoa.

Piaget (1973) ressalta o valor do trabalho cooperativo nas relações humanas. A cooperação dos amigos os torna mais próximos e intensifica o respeito necessário para se firmar uma amizade virtuosa. Philippe (1999, p.70) elucida que “a verdadeira amizade implica o respeito do amigo e a vida em comum deve permitir aos amigos se reencontrarem e se comunicarem tudo o que eles levam em si de mais profundo”. Isso significa dizer que a consolidação de uma Amizade exige tempo, pois só desse modo crescerá a confiança mútua entre os amigos. Essa experiência foi evidenciada pelos alunos da pesquisa.

O aluno Jacarandá, igualmente na questão 1, se limitou a responder “não” sem a devida justificativa. O aluno Coqueiro afirmou que “Amigo é igual irmão”. Esse aspecto é

importante, uma vez que o estudante mostra o valor do amigo ao compará-lo a um irmão. O aluno Tamareira ressalta a relevância da confiança na relação entre os amigos ao dizer que: “colega seria aquele que você conversa diariamente que é diferente do amigo aquele que pode contar sempre em qualquer momento.” De fato, confiar no amigo é ter uma experiência pessoal com ele a qual torna a Amizade mais fortalecida. O filósofo Philippe ilustra esse pensamento, ao dizer que:

um verdadeiro amigo não escuta, jamais, o que os outros dizem do seu amigo, porque ele tem uma experiência pessoal a seu respeito, ele o conhece e ele o ama. O que os outros dizem dele não é mais que uma opinião – e a opinião nada é em comparação com a experiência pessoal; ela permanece sempre algo de exterior (PHILIPPE, 1999, p.69).

Essa é uma reflexão importante ao se considerar a Virtude da Amizade.

Análise da Resposta Pergunta 3

É possível um colega se transformar em um amigo?

A resposta positiva foi observada para todos os sete alunos. Excetuando o aluno Jacarandá, que mais uma vez só respondeu “sim”, os demais justificaram a possibilidade de uma colega se transformar em amigo como observaremos a seguir:

Jatobá: Sim. Toda amizade começa como a pessoa sendo colega, algumas atitudes dela que as fazem se tornar amigo.

Coqueiro: Claro que sim, basta a pessoa querer, se interessar pelo amigo.

Pinheiro: Sim. Conversando e tendo intimidade.

Carvalho: Sim, através das virtudes.

Tamareira: Sim, a partir do momento em que a confiança é passada para o outro.

Loureiro: Sim, conforme o tempo seu colega vai pegando a confiança em você e vai vira seu amigo.

Jatobá destaca que, para ser amigo, as atitudes dos amigos são fundamentais. Essas atitudes constituem as Virtudes salientadas pelo aluno Carvalho. Os alunos Tamareira e Loureiro aludem à confiança como a responsável pelo estabelecimento de uma amizade. Mas a confiança é fruto de um tempo necessário e requer, como pontua Carvalho, “intimidade”. Todas essas considerações só são possíveis pelo fato de a pessoa poder livremente escolher quem ela quer para ser amigo. Nessa compreensão, Philippe (1999, p.65) diz que “essa escolha não pode ser realizada a não ser na lucidez: sem lucidez não

pode existir livre escolha.” Essa é uma questão fundamental quando se busca ir ao encontro de um verdadeiro amigo.

Análise da Resposta Pergunta 4

O que você considera necessário para ser um amigo?

Dos sete alunos que responderam essa questão, três destacaram a necessidade de ter outras Virtudes para ser amigo. Este é um fato de valor, uma vez que, Aristóteles destaca na *Ética a Nicômaco*, que uma pessoa virtuosa assim o é por apresentar outras Virtudes.

Mais uma vez ressaltamos a compreensão dos alunos sobre a questão:

Jatobá: Além de uma boa conduta ética, precisa ser honesto, justo leal e verdadeiro.

Carvalho: Companheirismo, honestidade.

Tamareira: Confiança, honestidade, compreensão e amor.

Quatro alunos falam sobre a importância da convivência como necessária para ser um amigo. Vejamos:

Jacarandá: Tá comigo na melhor e na pior.

Coqueiro: Ser quase um irmão, estar ali quando o amigo precisar.

Pinheiro: Estar sempre ao seu lado nas horas boas e ruins da vida.

Loureiro: É você apoiar e estar junto nos momentos que a pessoa precisar.

Observamos que a participação efetiva dos amigos na vida uns dos outros é indispensável. Como sublinha Aristóteles (*E.N.*, 1159 b 8) “ a amizade depende da participação.”

Foi possível observar em sala de aula a prática da Virtude da Amizade entre os alunos. Pensamos que os adolescentes compreenderam o valor de ser e ter um amigo.

Análise da Resposta Pergunta 5

Cite três situações nas quais você agiu usando a virtude da honestidade.

Tal como aconteceu nas respostas das alunas, os alunos associaram a Virtude da Honestidade com devolução de dinheiro e coisas materiais como é possível constatar:

Jatobá: Quando achei dinheiro em casa que não era meu e eu fui perguntando de quem era. Quando um amigo estava passando por uma situação que ele errou e eu comecei a aconselhar ele. Quando eu estava com fome e peguei um biscoito do meu primo; assim que peguei falei com ele e expliquei.

Pinheiro: Um homem deixou sua carteira cair eu vi pequei e a entreguei. Meu amigo roubou a loja e o dono perguntou se eu o conheço e falo que sim e que foi ele que roubou. Quando você diz a verdade pro seu melhor sendo verdadeiro isso é ser honesto.

Tamareira: Devolução de grande quantia de dinheiro, devolver objetos e falar a verdade.

O aluno Coqueiro põe em prática a Virtude da Honestidade, ao dizer que viu os amigos na fila do lanche e preferiu ir para o final da fila a furá-la. Esse fato é muito importante, posto que na adolescência a camaradagem se confunde com a Virtude da Amizade. Nessa medida, o aluno Coqueiro mostrou seu amadurecimento moral ao preferir ir para o final da fila, respeitando quem chegara antes dele. O aluno Carvalho demonstra igualmente seu amadurecimento ético, ao dizer que se vê algo errado, não acha engraçado, nem busca promover o que é errado. O aluno Carvalho foi autêntico em sua posição. Esta é uma característica importante quando se busca vivenciar as Virtudes e também indica firmeza de caráter, pois a pessoa não se deixa levar pela opinião de outrem, como pontua von Hildebrand (2017). Semelhante postura foi a do aluno Loureiro, ao destacar: “Fui com meu amigo X pra loja comprar biscoito e vi ele pegando um biscoito sem pagar e avisei ao dono da loja. Minha prof me deu uma nota baixa e eu avisei minha mãe sobre a nota. Uma pessoa deixou cair uma nota na rua e eu peguei a nota e devolvi ao dono”.

O aluno Jacarandá respondeu dizendo ser o “Respeito ao próximo” a atitude da pessoa que age usando a Virtude da Honestidade.

Por meio de situações prática do dia a dia, os alunos mostraram a compreensão sobre a vivência da Virtude da Honestidade.

Análise da Resposta Pergunta 6

O que você entende sobre a virtude da coragem?

Segundo Aristóteles (*E.N*), a Virtude da Coragem impele aquele que a pratica a uma ação, tal como as demais Virtudes, de modo consciente e com um objetivo nobre em relação ao outro. Nesse entendimento, a pessoa corajosa age de modo prudente, guiada pela

escolha feita e a motivação do agir daquele modo e não de outro. Nessa visão, quando o aluno Coqueiro diz que “é você não ter medo na hora em que é preciso agir”, ele está sendo guiado por uma escolha responsável, pois poderia não agir se assim desejasse.

O aluno Jatobá destaca que fazer uso da “Virtude da Coragem é a pessoa saber do risco diante de uma situação e mesmo assim decide fazê-lo, não de forma imprudente, mas consciente de seu ato”. O aluno Pinheiro afirma que “a pessoa corajosa é aquela capaz de assumir seus erros diante do outro pedindo desculpas.” Essa é uma atitude nobre também e, por esse motivo, se firma como uma atitude corajosa. O aluno Carvalho sublinha que a “Virtude da Coragem leva o outro a vencer os medos”. Os alunos Loureiro e Tamareira oferecem respostas semelhantes, ao dizerem respectivamente que “não ter medo de agir nos momentos difícil” e “A coragem é algo que se possui desde o momento que se enfrenta os problemas mais difíceis da vida.”o que, é algum modo, vencer o medo, mas a Virtude da Coragem só se concretiza se, embora com medo a pessoa tomar a decisão de fazer o que deve ser feito por ser um ato nobre como ressalta Aristóteles em *Ética a Nicômaco*.

O aluno Jacarandá não respondeu à questão.

Notamos, de um modo geral, a efetivação da aprendizagem da Virtude da Coragem pelos alunos.

Análise da Resposta Pergunta 7

Cite, pelo menos, três situações nas quais você agiu usando a virtude da coragem.

O aluno Jatobá destaca três situações valiosas em sua resposta. A primeira é que ele teve coragem para intervir em uma briga familiar. A segunda quando ele agiu por impulso e teve a coragem de pedir desculpas. Nessa resposta observamos mais uma vez que o agir de uma Virtude leva à outra. Quando o aluno diz ter pedido desculpas, usou a Virtude da Humildade para descobrir que seu agir anterior não estava pautado em uma ação nobre, pois, para Aristóteles (*E.N*, III, 8, 1117 a) agir com coragem significa enfrentar “as coisas que são temíveis para um ser humano e assim parece a cada pessoa, porque agir desta maneira é nobilitante.” Na terceira situação, o aluno Jatobá afirma ter usado a Virtude da Coragem, quando disse ao seu amigo que ele estava errado por ter discutido. Nesse caso o aluno não se preocupou se iria agradar ou não o seu amigo; antes fez o que deveria ser feito

independentemente de quem fosse. O aluno Pinheiro se aproxima da resposta do aluno Jatobá quando explica que teve coragem de falar a verdade, mesmo sabendo que teria consequências. Igualmente podemos falar do aluno Coqueiro que, diante de uma amigo, que lhe pediu cola ele não a passou, ainda que com medo. Podemos também dizer que o aluno Carvalho compreendeu a dimensão da Virtude da Coragem, pois ele ressalta agir guiado por essa Virtude “quando me deparo com algo ameaçador mas venço meus medos.” Os alunos Tamareira e Loureiro conceberam a Virtude da Coragem deslocada do seu real significado, uma vez que para eles agir corajosamente significa respectivamente: “enfrentar um cachorro bravo” e “subir em cima de uma árvore muito alta e ter a coragem de pular.”Esses dois alunos foram, na realidade, imprudentes e não corajosos. Agir com a Virtude da Coragem é ter ciência de que se está fazendo, como destaca Sucupira Lins (2018, Youtube), diante da concretização de um ato nobre de modo consciente das dificuldades em prol do outro.

A presente questão não foi respondida pelo aluno Jacarandá.

Embora o número de alunos que responderam ao questionário 2 tenha sido reduzido para sete em relação ao questionário 1, ficou evidente o amadurecimento ético dos estudantes nesse segundo questionário conforme foi possível observar na análise das respostas dadas.

6. CONCLUSÃO

Ao finalizar esta tese, é válido sublinhar que a dinâmica empregada para a concretização das ideias aqui defendidas foi realizada tendo como preocupação o cuidado com a pessoa do outro (MOUNIER,1974,1963, 1958, VON HILDEBRAND, 2009, 1988,1953). Por meio de debates, entrevistas, oficinas e leituras das obras shakespearianas utilizadas ao longo da pesquisa, observou-se que o desenvolvimento de cada sujeito da pesquisa foi, de fato, respeitado em sua individualidade. Essa premissa levou os alunos/adolescentes a acreditarem em suas potencialidades como pessoas capazes de mudanças de pensamento e por conseguinte de atitudes diante da vida.

As transformações notadas só ganham pleno sentido quando ligadas às questões éticas/morais. O local privilegiado para o ensino/aprendizagem de ética, é a escola, sabido por educadores, instância fundamental da sociedade referente a essas indagações.

Partido-se das ponderações levantadas e explicitadas no início desta tese, efetuamos um trabalho pedagógico denso do método empregado. É possível reconhecer, ao analisar os dados obtidos, que os educandos, sujeitos participantes desta pesquisa, mudaram de postura resultante da reflexão da proposta apresentada. Nessa medida, os alunos começaram a respeitar mais seus colegas de turma chamando a atenção para a mudança necessária quando se busca vivenciar atitudes éticas. O comentário do aluno Jatobá feito durante a realização da oficina quatro (4) como destacada no corpo da tese, marcou sua transformação causada pela aprendizagem. As atitudes dos alunos revelaram que a aprendizagem de virtudes ocorreu, o que lhes proporcionou a vivência dessas.

Por meio desta pesquisa observamos o relevante papel dessa tese para auxiliar no desenvolvimento ético/moral de adolescentes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro. Atraídos pela novidade de aprender as virtudes valendo-se das leituras shakespearianas, a qual rejeitaram inicialmente, como se constata, os alunos foram pouco a pouco aproveitando o que se lhes ensinava por meio do recurso da Aprendizagem Significativa (AUSUBEL, 1980). No momento em que encontraram sentido no aprendizado das Virtudes para a sua vida prática, não conceberam mais as Virtudes como “bagulho”, termo utilizado pelo aluno Eucalipto conforme já nos referimos.

A hipótese estabelecida diz que: “O estudo de peças shakespearianas promove o ensino/aprendizagem de Ética para alunos do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro” e nos guiou e sustentou ao longo da tese. Mediante as respostas dos alunos nos diversos contextos trabalhados se consolidou essa premissa. Eis as palavras dos próprios alunos confirmando o fato:

(...) quando nascemos não apresentamos nenhuma virtude mas da forma que vamos crescendo podemos apresentar virtudes ou vicio isso não quer dizer que não vai ser virtuoso nos seremos humano podemos se tornar nos torna virtuosa deixando o vicio pra lá. As virtudes são as características de todos os seres humanos alguns são vícios.

No livro Otelo de Shakespeare, no personagem Otelo podemos dizer que ele é virtuoso ,porque ele demonstra ser leal e corajoso, mas erra na hora de tomar decisões. Também temos Iago que apresenta vicio inveja e avareza, apesar de ser muito esperto, decide agir de má fé, prejudicando as outras pessoas para

conseguir o que ele deseja. Os seres humanos por natureza são falhos, mas se arrependem e tentam mudar podem ser virtuosos. (Pinheiro, Jatobá, Loureiro, Mogno – oficina 3)

As concepções teóricas assumidas nesta pesquisa de tese (ARISTÓTELES, séc. IV a.C.; MACINTYRE, 2001; PIAGET, 1973; SUCUPIRA LINS, 2007; HABERMAS, 2002, 1990, 1987; ARENDT, 2011, 2000; AUSUBEL, 1980; BRUNER, 1978) contribuíram para o entendimento das questões e encaminharam os procedimentos práticos. Lembremos que deve ser continuado o estudo visando sempre a possibilidade, necessidade e pertinência da inclusão do ensino/aprendizagem de ética no contexto escolar do Ensino Médio. Isso reforça o valor das exigências de um ensino preocupado com a formação integral do aluno (SUCUPIRA LINS, 2014), para melhor atuarem na sociedade como cidadãos responsáveis. Os debates realizados em sala de aula com os alunos revelaram a dimensão da urgência da proposta do ensino aqui defendida.

Todo empenho empregado em torno de uma nova modalidade para o ensino/aprendizagem de ética no Ensino Médio fez com que os educandos atentassem para a importância do trabalho em equipe quando se quer vivenciar atitudes éticas. Como se sabe, Piaget (1975) destaca o valor da cooperação como algo imprescindível nas relações humanas e isso aconteceu no decorrer das oficinas. Nesse sentido, a vivência da Virtude da Amizade foi intensificada entre os alunos, pois como acentuaram ao longo da pesquisa, o companheirismo requer ajuda mútua e com isso se enriquece. O entendimento do pensamento de Aristóteles (sec. IV a.C) acerca da Virtude da Amizade se constituiu no grande alvo da pesquisa, não só do ponto de vista intelectual, como na vivência. No esforço de se constatar que a boa intenção de uma amizade se intensifica na cooperação, muitos diálogos surgiram. Começando por experimentar a Virtude da Amizade nos textos de Shakespeare, os educandos descobriram a beleza das outras virtudes ali presentes. Diante desse aprendizado ficou mais fácil a compreensão da prática das virtudes Coragem, Honestidade, Justiça, Respeito, Temperança e Humildade constituídas com o suporte da análise literária. Esta última Virtude, inclusive, não incluída na lista de Aristóteles, levou os alunos à reflexão de que é necessário ser pró - ativo e não reativo para se viver virtuosamente. Compreende-se pró-ativo como o sujeito que tem o caráter virtuoso e

também a iniciativa da prática do bem em diferentes situações. Já o reativo é a pessoa que responde aos estímulos.

Aprender ética, na Escola Pública no Ensino Médio na aula de inglês, se tornou realidade como podemos concluir. O cuidado com a pessoa do outro e a utilização de material pedagógico adequado comprometido com o processo educacional e seus agentes (SUCUPIRA LINS, 2001), se mostraram fundamentais para que os objetivos propostos fossem atingidos. Mediante as sugestões apresentadas por Bardin (2011) adotadas nessa pesquisa, encontramos respostas para a hipótese. A referida autora sugere análise das respostas do questionário inicial e final, estudo do conteúdo dos registros das oficinas, debates em sala de aula, discussões nos intervalos das aulas e conversas durante o horário do recreio, acrescentando-se a organização de inferências e categorias, entradas destacadas e tabulação. Todos esses procedimentos conduziram os educandos à aprendizagem de atitudes éticas visando uma relação social virtuosa. Esses comportamentos se viabilizaram durante todo o processo do desenvolvimento da pesquisa, quer fossem na relação educador-educando como entre os educandos. Tal constatação impulsionou os envolvidos na pesquisa a buscarem, a cada novo encontro, o aprofundamento da necessidade de se viver uma vida repleta de sentido por ser ética e voltada para o bem comum.

O Método de Pesquisa Sucupira Lins Com Maior Comprometimento (2015) trouxe extrema relevância para a atuação do pesquisador o qual não negligenciou a escrita dos registros dos dados de pesquisa da presente tese. Observou-se a forte colaboração desse método no desenvolvimento dos estudantes nos debates das obras shakespearianas e na prática de comportamentos éticos diante de ideias contrárias resultantes das discussões sobre as Virtudes percebidas em cada personagem em sala de aula. As informações, resultantes das observações feitas seguindo o rigor do comprometimento, proposto pelo método, nas ações realizadas, abriram oportunidades para se fazer inferências profícuas para as conclusões apontadas nesse momento da pesquisa.

A triangulação feita nesse estudo se pautou nas referências bibliográficas, nas respostas dos questionários e nos dados obtidos com os alunos. Esta concepção permitiu uma interpretação dos dados mais detalhadamente, posto que possibilitou a análise do material oriundo das oficinas, questionários e debates segundo as diretrizes

apresentadas no Método de Pesquisa Ação Sucupira Lins com Maior Comprometimento (2015).

A análise das informações alcançadas nesse estudo corrobora o cerne das teorias propostas pelos teóricos aqui estudados: Aristóteles (sec. IV a.C), MacIntyre (2001), Piaget (1973), Sucupira Lins (2007), Habermas(2002.1990;1987), Arendt (2011, 2000), Ausubel (1980) e Bruner (1978). Estes autores oferecem as ferramentas fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa e do consequente estudo no que diz respeito à aprendizagem de ética dos participantes da pesquisa e sua conduta moral. Nesse sentido, pode-se afirmar a contribuição relevante dessa tese para educadores voltados à formação de uma pessoa ética que se empenha para agir no mundo guiado pela prática de virtudes.

O Método Sucupira Lins (2015) perpassou todas as etapas dessa pesquisa, de modo que também os dados e o posicionamento do educador, foram interpretados seguindo essa proposta. Desse modo, uniram-se dados e literatura de forma comprometidas com os assuntos das oficinas, debates, bem como aos questionários utilizados antes e após a pesquisa.

Ao iniciar a pesquisa, havia uma grande distância dos alunos em relação à nova proposta apresentada. Este fato ficou bem mais acentuado na fala do educando Eucalipto em que faz a já conhecida afirmação: “de novo este bagulho de virtudes e Shakespeare?” Essa sensação de mal-estar fazia parte do pensamento de todos os educandos da turma, com já explicado. Partindo-se das apresentações das oficinas, foi possível, por meio das intervenções propostas pelo Método de Pesquisa Ação com Maior Comprometimento, envolver os alunos na nova proposta pedagógica. Os alunos começaram a se sentir responsáveis pelas palavras que usavam durante os debates das oficinas.

Os personagens de Shakespeare começaram a fazer parte da realidade dos estudantes, pois perceberam em suas ações muitas coisas em comum. Esse foi o gancho encontrado pela pesquisadora para provocar o ensino/aprendizagem de ética entre os jovens do Ensino Médio, o que foi altamente positivo. A partir das intervenções da educadora, comprometida com sua prática educacional, os alunos se sentiram confiantes em partilhar experiências morais, o que é uma excelente conclusão dessa tese. Este fato colaborou para o desempenho crítico e a maturidade ética dos alunos promovendo sua identidade moral pautada nos valores éticos universais.

Conclui-se que as narrativas históricas contidas nas obras *Hamlet* e *Otelo* contribuíram para reflexão de cada educando sobre o entendimento de se vivenciar a ética. Isto se deve ao fato de que as tragédias revelam a dependência e vulnerabilidade de seus personagens os quais se assemelham às pessoas da vida real. A partir das observações das virtudes e vícios dos personagens das obras, os alunos começaram a pensar sobre suas próprias condições de seres humanos buscando a excelência na prática da vida ética. Assim, as virtudes Amizade, Coragem, Honestidade e Justiça foram sendo incorporadas às narrativas de vida dos sujeitos da pesquisa.

O cotejo da vida dos personagens aproximava ou distanciava os alunos das ideias pretendidas. Reconheceram atitudes virtuosas como algo a ser seguido e os vícios como algo a ser trabalhado para viverem como seres humanos conscientes de seu papel no mundo. Esse processo culminou com a efetivação da aprendizagem da importância de se caminhar eticamente na sociedade. Dentro dessa perspectiva os alunos aprenderam a incluir o outro como parte necessária para o seu desenvolvimento humano e ético vendo nele um semelhante merecedor de respeito. Os educandos entenderam a proposta feita de se viver os valores éticos. A premissa dessa tese ganhou brilho justamente por esse fato, pois tiveram, como aconteceu com alguns poucos, a liberdade de dizer não ao convite feito, mas optaram pelo sim de uma vida ética que se concretizou nas ações dos alunos.

O amadurecimento ético dos alunos diante das reflexões apresentadas nessa tese promoveu seu olhar crítico sobre a sociedade na qual estão inseridos. Por conseguinte, conseguiram manter relações harmoniosas em sala de aula, respeitando-se mutuamente e buscando, embora com falhas naturais humanas, a excelência ética. Isso foi observado, com maior clareza, nos momentos dos debates em sala de aula e aparece no que escreveram nas oficinas. Houve uma intensa manifestação de respeito na medida em que cada um guardava sua vez de falar.

Observou-se o desenvolvimento da consciência moral dos educandos a partir das suas atitudes na relação educando-educador e educando-educando em cada etapa da pesquisa. Tomemos como exemplo um dos sujeitos da pesquisa ao afirmar: “eu errei na hora de julgar.” Isso marca mais uma vez o comprometimento ético dos alunos mostrando o aprendizado da ética e ao mesmo tempo o valor dessa tese. Ao expressar o julgamento de

Otelo, por exemplo, o aluno confirma a capacidade de discernir eticamente alicerçado não em preferências pessoais, mas antes em uma análise calcada na moral.

É preciso evidenciar a magnitude do estudo apresentado nessa pesquisa com foco no campo educacional bem como sua importância para sociedade pela construção ética dos pesquisandos. Ao realizarmos o ensino/aprendizagem de ética por meio das peças shakespeariana para os jovens do Ensino Médio da Rede Pública Estadual, notamos resultados mais que satisfatórios quanto ao aperfeiçoamento integral dos participantes. A escola assume a responsabilidade de devolver à sociedade cidadãos éticos uma vez que se compromete em auxiliá-los na construção de pessoas de caráter.

Vejamos uma relação prática do resultado dessa pesquisa com a vida cotidiana. Costumo dizer aos meus alunos a seguinte frase: “Quando vou ao supermercado e peço meio quilo de queijo minas; quero ter a certeza de que estou levando exatamente essa quantidade para casa por estar diante de um funcionário que deve ter atitude ética.

Concluindo, perguntamos: O que esta ideia implica aqui nessa tese?

A escola é o local, como já destacado, privilegiado para a formação plena dos sujeitos. É por meio dela que se intensifica o que se aprendeu sobre valores ou se aprende o que deveria ter sido ensinado e por algum motivo não foi. Deixar o educando sem essa formação parece ser uma atitude cruel. Afinal, se os sujeitos da sociedade exigem postura ética das pessoas quando se sentem injustiçados, é necessário que estas mesmas pessoas recebam uma formação ética para que possam vivenciar o agir ético em suas vidas. Assumir comportamento ético diante do outro é descobrir a chave que abre a porta para se viver em sociedade sem exclusões. Isso foi presenciado durante todo processo de pesquisa nessa tese.

Finalizamos, retornando à ideia inicial, reafirmando que o respeito à narrativa da pessoa do outro é fundamental, em especial no campo escolar, quando se busca oferecer aos educandos oportunidades iguais por meio do ensino/aprendizagem das Virtudes. Em uma postura ética comprometida, o que o outro apresenta como parte da razão de seu existir influencia a sociedade. Como a proposta dessa tese foi levar os alunos a se perceberem como sujeitos livres por viverem eticamente, por meio de duas obras de Shakespeare devolvemos à sociedade não cidadãos perfeitos, mas tão somente sujeitos conscientes de que a vida ganha significado quando vivida virtuosamente.

6.1 -Reflexões Finais e Recomendações:

O instrumento pedagógico aqui utilizado serve de ponto de referência para uso de educadores das diversas áreas do ensino. Como professora de língua inglesa vi nos escritos de Shakespeare a possibilidade de ensinar as Virtudes por meio de seus personagens, o que se concretizou como descrevemos ao longo desta exposição. Marcamos a relevância dessa pesquisa como ferramenta auxiliar na viabilização de postura ética na sociedade atual, a qual não permite que um Eu veja no Outro uma pessoa. E como já destacado inúmeras vezes nesta tese, é a pessoa que é colocada em evidência quando se busca trabalhar a ética. Cabe ressaltar, que a sociedade justa só se concretiza quando há pessoas conscientes de seu agir ético. A prática das virtudes escolhidas para esta tese, Amizade, Coragem, Honestidade e Justiça, efetivou-se valendo-se do material pedagógico organizado pela pesquisadora/educadora para essa pesquisa. O material utilizado deu oportunidade à vivência de virtudes em circunstâncias morais na sala de aula por meio de diferentes tarefas vinculadas à proposta da pesquisa. Durante este processo, criaram-se momentos para intervenção necessária da educadora cujo objetivo foi o de cooperar efetivamente para a formação ética/moral dos educandos.

Os resultados indicam que a novidade do ensino/aprendizagem de ética por meio das leituras de obras shakespearianas abre caminho para o surgimento de um ambiente social e moral. Há também o amadurecimento moral dos alunos partindo-se do ensino/aprendizagem de ética pela prática das virtudes. Diante do que foi exposto ao longo desta tese afirmamos que essa pesquisa respondeu à provocação da hipótese levantada e do objetivo proposto, como já explicamos.

Os resultados alcançados contribuem para motivar outros educadores a se voltarem para essa questão de modo que colaborarem de forma efetiva com um ensino que promova a maturidade ética dos alunos e conseqüentemente sua formação de uma identidade moral equilibrada.

Consideramos, igualmente, que o caminho aqui começado possa trazer contribuições para a realização de novas pesquisas admitindo a identificação com os resultados positivos atingidos. Outros pensadores serão capazes de preencher as lacunas

existentes na promoções de discussões e reflexões necessárias para formação ética dos alunos.

A proposta apresentada nesta tese mostrou como é possível o ensino/aprendizagem de ética para alunos do Ensino Médio tendo como instrumento de construção de estudo as peças shakespearianas. Este estudo foi uma tentativa de minimizar as consequências da falta do ensino/aprendizagem de ética na escola, em especial no Ensino Médio, uma vez que nessa fase os alunos já se encontram mais aptos para o início de uma reflexão filosófica a qual facilita o entendimento das virtudes aqui estudadas nessa. Nessa medida, deixamos como sugestão o envolvimento de outros educadores, independentemente de suas disciplinas, para que possam aprofundar a proposta aqui encaminhada com as adaptações necessárias às exigências de cada currículo para que tenhamos um número cada vez maior de educadores comprometidos com a pessoa do aluno. Desse modo, a escola, *locus* privilegiado para o ensino/aprendizagem das Virtudes, desempenhará sua mais importante função: formar a pessoa integral, consciente de seu papel no mundo mediante o seu agir ético. Este é o diferencial entre viver a vida com significado, isto é, praticando as Virtudes e passar pela vida seguindo o fluxo de uma pessoa sem participar efetivamente, como cidadão consciente, da sociedade na qual se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, T. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2005. IV volume, q. 49-114.

ARENDT, H. *Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 7ªed. São Paulo: Perspectiva, 2011a.

_____. *A Condição Humana*. 11ªed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b.

_____. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. *Política*. 3ª ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1997.

_____. *Ética a Nicômaco*. 4ªed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, et al. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

_____. *Retórica das Paixões*. Trad. Isis Borges B. Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AUSUBEL, D. *Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva*. Trad. Lígia Teopisto. 1ª.ed. Lisboa: Platano Edições Técnicas, 2003.

AUSUBEL, D. et al. *Psicologia Educacional*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BALDINI, M. *Amizade e Filósofos*. Trad. Antônio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BARBIER, R. *Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *Pesquisa-Ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro, 2007.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Trad. Luis Antero Retom Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASEHEART, M.C. *Person in the World: Introduction to the Philosophy of Edith Stein*. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 1997.

- BAUMAN, Z. *Globalização: as Conseqüências Humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BELLO, A. A. *Introdução à Fenomenologia*. Trad. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- _____. *Fenomenologia e ciências humanas*. Org. e Trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.
- BERTI, E. *Aristóteles no Século XX*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1997.
- BIELMEIER, M.G. *Shakespeare, Kierkegaard, and Existential Tragedy*. U.S.A: The Edwin Mellen Press, 2000.
- BOOM, J & BRUGMAN, D. *Measuring Moral Development in Adolescents*. In: VAN HAAFTEN, W. et al. *Moral Sensibilities and Education III: The Adolescent*. U.S.A: Concorde Publishing House, 2005.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- BRASIL, Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação do Tema Transversal Ética, 1997.
- BRUNER, J. O *Processo da Educação*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 7ªed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CANAU, V. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. In *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2. p240-255, Jul/Dez 2011.
- CANEN, A. & XAVIER, G. P. Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores: o caso das Diretrizes Curriculares para a Formação Docente 1. In: *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 333-344, jul./set. 2005.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Trad. Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CRUZ, L. C. Shakespeare e sua contribuição para o ensino/aprendizagem de Ética para alunos do Ensino Médio e a Aprendizagem Significativa. In: SUCUPIRA LINS, M. J. C.; CARDOSO, B. R. M. *Ausubel e Bruner: questões sobre aprendizagem*. Curitiba: CRV, 2018. cap. 7, p.85-97.

- CRUZ, P. *Antropologia e Razão Moderna no Pensamento de H.C. de Lima Vaz*. Pontificium Athenaeum Sanctae Crucis. Facultas Philosophiae. Thesis ad Doctoratum in Philosophia. Roma, 1997.
- DELILLO, D. *Cosmópolis*. Trad. Paulo Henrique Brito. São Paulo: Campanha das Letras, 2003.
- DEWEY, J. *Teoria da Vida Moral*. Trad. Leonidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1964.
- _____. *Experiência y Educación*. Trad. Buenos Aires: Editorial Losada, 1958.
- ERIKSON, E. *Identity, Youth and Crisis*. New York: Norton & Company, 1968.
- FONTENELE, T.O. Conceito de Educação na Filosofia Moral de Alasdair Macintyre. In: *SABERES*, Natal – RN, v. 1, n.4, jun 2010, p. 48-63.
- GARDNER, H. *O Verdadeiro, o Belo e o Bom Redefinidos*. Trad. Nivaldo Montigelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- GOLEMAN, D. *Inteligência Emocional*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GREEN, A. *Brincar e Reflexão na Obra de Winnicott*. Trad. João J. Freitas do Amaral. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- GOTO, T. & ZAMPIERI, M. Afetividade e Pessoa na Fenomenologia de Dietrich Von Hildebrand. In: *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, n° 1, v. 2 (2017), p.198-214.
- GUZMÁN, V. M. Historia y Responsabilidade. IN: Alvaréz, J. M. Díaz & Sáenz, M. C. López. *Fenomenologia e Historia*. Madrid: UNED, 2003, p. 33-47.
- HABERMAS, J. *Eras de Transições*. Trad. Flávio Beno Siebeneicheler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. *A Inclusão do Outro*. Trad. George Sperber, Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Pensamento Pós-Metafísico*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Trad: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. *The Theory of Communicative Action*. Translated by Thomas MacCarthy. Vol 2. USA: Beacon Press, 1987.

HAYTER, A. *Horatio's Version*. Great Britain: Faber and Faber Limited, 1972.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. trad. Trad. Paulo Meneses. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HELIODORA, B. *Shakespeare: o que as Peças Contam*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HILDEBRAND, D. *The Art of Living*. Ohio: Hildebrand Press, 2017.

_____. *Nature of Love*. Translated by John F. Crosby with John Henry Crosby. South Bend, Indiana. ST. AUGUSTINE'S PRESS, 2009.

_____. *Atitudes Éticas Fundamentais*. São Paulo: Quadrante, 1988.

_____. *Ethics*. Chicago: Franciscan Herald Press, 1972.

HILGARD, E, R. *Teorias da Aprendizagem*. São Paulo: EUP, 1975.

HIRST, P.H. *Moral Education in a Secular Society*. Great Britain: University of London Press, 1974.

HUSSERL, E. *Conferências de Paris*. Trad. António Fidalgo e Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. *Meditações Cartesianas*. Trad. Maria Gorete Lopes e Sousa. Porto: Rés, s/d.

JASPER, K. *Introdução ao Pensamento Filosófico*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2006.

IVENICKI, A. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. In: *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.26, n.100, p. 1151-1167, jul./set. 2018.

KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1964.

KNELLER, G.F. *Introdução à Filosofia da Educação*. Trad. Álvaro Cabral. 8ªed. Rio de Janeiro: Zahar,1984.

KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. London: Routledge and Kegan Paul, 1955.

KÖHLER, W. *Psicologia da Gestalt*. Trad. David Jardim. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1968.

LONERGAN, B. J. F. *Insight: A Study of Human Understanding*. Harper and Row Publishers. S. Francisco, 1978.

MACINTYRE, A. *Dependent Rational Animals*. Chicago: Open Court, 2012.

_____. *A Short History of Ethics. A History of Moral Philosophy from the Homeric Age to the Twentieth Century*. 2ª ed. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 2011.

_____. *Depois da Virtude*. Trad. Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. *Whose Justice? Which Rationality?*. USA: University of Notre Dame, 1988.

MALHEIRO, J. *Escola com Corpo e Alma: Manual de ética para pais, professores e alunos*. Curitiba: CRV, 2014.

_____. *Fortalecer a alma da escola: novas pinceladas educacionais*. Curitiba, PR: CRV, 2012.

MARÍAS, J. *Introdução à Filosofia Contemporânea*. Trad. Silvio Lima. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, s/d.

MARITAIN, J. *Rumos da Educação*. Trad. Inês Fortes de Oliveira. Rio de Janeiro: AGIR, 1959.

_____. *A Filosofia Moral*. Trad. Alceu Amoroso Lima. 2ªed. Rio de Janeiro:Agir, 1973.

- MENDES, D. T. *Existe uma Filosofia da Educação Brasileira?* In: SAVIEANI, D. et al. *Filosofia da Educação Brasileira*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.
- MONDIN, B. *Definição Filosófica da Pessoa Humana*. Trad. Jacinta Turolo Garcia. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- MOSHMAN, D. *Advanced Moral Development*. In: VAN HAAFTEN, W. et al. *Moral Sensibilities and Education III: The Adolescent*. U.S.A: Concorde Publishing House, 2005.
- MOUNIER, E. *O Personalismo*. Trad. João Bénard da Costa. 3ª ed. Lisboa: Martins Fontes, 1974.
- _____. *Introdução ao Existencialismo*. Trad. João Bénard da Costa. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1963.
- _____. *Sombras de Mêdo Sobre o Século XX*. Trad. Salústio de Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- MUUSS, R. *Teorias da Adolescência*. Trad. Instituto Wagner de Idiomas. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.
- OLIVEIRA, R. J. *Utopia e Razão: Pensando a Formação Ético-político do Homem Contemporâneo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- OLIVEIRA, S. OLIVEIRA, S, R de. *Hamlet: Leituras Contemporâneas*. Belo Horizonte: Tissitura, 2008.
- PADILHA, T. M. *Educação e Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1995.
- PHILIPPE, M-D. *O Amor: na Visão Filosófica, Teológica e Mística*. Trad. Celeste Magalhães Souza. Petrópolis- RJ: Vozes, 1999.
- PIAGET, J. *A Psicologia da Inteligência*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *Estudos Sociológicos*. Trad. Reginaldo Di Piero. São Paulo: Forense, 1973.

REORIENTAÇÃO CURRICULAR – Língua Estrangeira. Secretaria de Estado de Educação. Governo do Rio de Janeiro, 2006.

REIS, M. F.dos. *Úrsula*. Florianópolis:Ed. Mulheres, 2004.

RUSSELL, B. *Has Man a Future?* Great Britain: Penguin Books, 1961.

RUTHERFORD, A. *Selected Stories by Rudyard Kipling*. London: Peguin, 1987.

SACCONI, L. A. *Grande Dicionário Sacconi: da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova geração, 2010.

SANTOS, M.S. dos. *O Discurso Shakespeariano em Hamlet: da Importância de Horácio e Fortimbrás*. In: *Itinerários: Homenagem a Solange Ribeiro de Oliveira*. Org. Thaís Flores Nogueira Diniz e Lúcia Helena de Azevedo Vilela. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, pp. 313-323.

_____. *A Dramaturgia Shakespeariana*. In: LEÃO, L. de C & SANTOS, M.S (org). *Shakespeare: Sua Época e sua Obra*. Curitiba, PR: Beatrice, 2008, p165-206.

SELLÉS, J.F. *Hábitos y Virtudes*. Pamblona: Eurograf Navarra, 1998.

SCHELLING. F.W.J. *Investigações Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana*. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1993.

SHAKESPEARE, W. *Otelo*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *O Conto do Inverno*. Trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *O Mercador de Veneza*. Trad. Barbara Heliadora. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

_____. *Much Ado about Nothing*. Cambridge: CUP, 1997.

_____. *Hamlet: Prince of Denmark*. Cambridge: CUP, 1997.

_____. *Othello*. Cambridge: CUP, 1995.

STEIN, E. *Escritos Antropológicos Y Pedagógicos*. Madrid: El Carmen, 2003.

_____. *Philosophy of Psychology and the Humanities*. Translated by Mary Catherine Baseheart and Marianne Sawicki. Washington, D.C: ICS Publications, 2000a.

_____. *Knowledge and Faith*. Translated by Walter Redmond. Washington: ICS Publications, 2000b.

_____. *A Mulher: sua Missão Segundo a Natureza e a Graça*. Trad. Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

_____. *On the Problem of Empathy*. Translated: Waltraut Stein. Washington, 1989.

SUCUPIRA LINS. Formação de Professores e o desafio da ética. In: *Revista Diálogos* v. 20 n. 1 (2016), p.160-169.

_____. *Método de Pesquisa Ação com Maior Comprometimento*. In: *Rev. Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 07, n. 13, jan.-jun. 2015^a, p.52-74.

_____. *A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira*. Filosofia e Educação [rfe] – volume 7, número 2 – Campinas, SP: Junho-Setembro de 2015b – ISSN 1984-9605 – p. 19-46.

_____. Questões Conceituais de Ética em Educação. In: *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. 2, maio/ago.2013b, p. 91-106.

_____. Educação moral na encruzilhada – In: *Educação e contemporaneidade* – Revista da FAEBA, P.97-112, ano 8, n.12, jul/dez, 1999 –ISSN 0104-7043.

_____. Ética e Formação de Professores. In *V CINFE - Congresso Internacional de Filosofia e Educação*. Caxias do Sul – RS. Maio, 2010. ISSN 2177-644X.

_____. *Educação Moral na Perspectiva de Alasdair Macintyre*. Rio de Janeiro: ACCESS,2007a.

_____. Ética e Criatividade em Educação – in *Revista Escritos-* v. 4 n.º.2 julho/dezembro, 2007b. ISSN 1807 2038 – Faculdade Bagozzi – Pr.

_____. *Natureza da Educação e Filosofia da Educação*. In: *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 39, p. 31-39, jan./jun. 2013a.

_____. Educação integral e o desenvolvimento da pessoa humana. In: MALHEREIRO, João. *Escola com Corpo e Alma: manual de ética para pais, professores e alunos*, Curitiba, PR : CRV, 2014^a, p. 127 – 134.

_____. Pensando sobre valores em duas diferentes culturas. In: Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [49] – 148-162 setembro/dezembro 2014b.

_____. Ética e Educação Escolar. In: OLIVEIRA, Renato; SUCUPIRA LINS, (Org). *Ética e Educação: uma abordagem atual*. Curitiba, Editora CRV, 2009 a.

_____. *Maturidade Ética e Identidade Moral: a construção na prática pedagógica* Revista Diálogo Educacional, vol. 9, núm. 28, septiembre-diciembre, 2009 b, pp. 633-649. Pontificia Universidade Católica do Paraná, Brasil.

_____. *Agentes da Educação: A Relação Educador e Educando*. In: Communio- Revista Internacional de Teologia e Cultura. Volume XXVII, Número 2, (Edição 98): abril / junho 2008.

_____. *Avaliando o Processo de Aprendizagem*. In Revista *ENSAIO –CESGRANRIO* – n.42 v. 12 jan/mar 2004 - p.623-636.

_____. Compreendendo a teoria Social de Piaget – in *AGERE – Revista de Educação e Cultura* –n.3 – jun/jul - 2001 – UFBA, p. 67-90.

_____. *Uma Incrível Audácia: poemas*. Rio de Janeiro: ACCESS,1998.

SUCUPIRA, N. *Ética Hoje*. Revista: Presença Filosófica. V. VI, nº04. Rio de Janeiro: Out/Dez. 1980, p.28-42.

TEIXEIRA, A. *Pequena introdução à filosofia da educação - escola progressiva ou a transformação da escola*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

TODOROV, T. *Em Face do Extremo*. Trad. Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papirus, 1995.

VAZ, H. C. de L. *Ética e Direito*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Escritos de Filosofia I: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1993.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 5ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZITKOSKI, J.J. *O Método Fenomenológico de Husserl*. Porto Alegre:EDIPUCRS, 1994.

ZUBEN, N. A. *Martin Buber: cumplicidade e diálogo*. Bauru, SP:EDUSC, 2003.

WEIL, S. *Opressão e Liberdade*. Trad. Tradução Ilka Stern Cohen. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. *A Gravidade e a Graça*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WELLS, *William Shakespeare: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

WHITEHEAD, A. N. *The Aims of Education*. New York: Free Press, 1929.

APÊNDICES – 1

Resumo da obra *Otelo*

Personagens:

- 1 – Otelo – mouro, general de Veneza
- 2 – Iago – subordinado a Otelo
- 3 – Desdêmona – mulher de Otelo
- 4 – Emília – camareira de Desdêmona e mulher de Iago
- 5 – Brabâncio – senador veneziano, pai de Desdêmona
- 6 – Cássio - tenente, assistente direto de Otelo
- 7 - Duque de Veneza
- 8 - Ludovico – parente de Brabâncio
- 9 – Rodrigo – apaixonado por Desdêmona
- 10 – Bianca - amante de Cássio

A peça começa em Veneza com Iago, instigando Rodrigo, apaixonado por Desdêmona, a despertar o senador Brabâncio no meio da noite para dizer que sua filha está casada com Otelo. Iago, nessa cena, descreve Otelo com os piores termos, insistindo na sua cor. Ciente de tal fato, Brabâncio pede a prisão de Otelo. Na segunda cena do ato I, Otelo fala de modo contrastante com tudo o que Iago havia dito a seu respeito. Em um diálogo travado com Otelo, Iago finge empenho em sua defesa. Otelo não se abala com as acusações e é convidado para ir ao senado para receber a incumbência de defender a posição veneziana da ilha de Chipre de um ataque dos Turcos.

Otelo é indicado para comandar a defesa da ilha. Brabâncio, que seguira Otelo, interrompe a discussão e o acusa de ter usado de feitiço para conquistar sua filha Desdêmona. Otelo responde com dignidade, dizendo que o próprio Brabâncio o convidava para ir a sua casa com frequência, sempre pedindo que narrasse as aventuras de sua vida. Desdêmona, inebriada com suas histórias, quis ser a esposa daquele homem admirado por Brabâncio e que a encantou. Ela chega ao senado, confirma seu amor ao marido e pede para ir com ele a Chipre. O ato termina quando Otelo deixa Desdêmona sob os cuidados de Iago.

Todo o resto da ação se passa em Chipre. Na viagem, há uma tempestade. A nau que leva Desdêmona é a primeira a chegar. Cássio, ao vê-la, beija sua mão em sinal de saudação e respeito. O gesto sugere a Iago a ideia de acusar Desdêmona, posteriormente, de traição. Otelo, finalmente, chega são e salvo a Chipre.

Cássio fica de guarda e Iago sabendo que ele é fraco para bebidas, insiste com ele que beba para festejar a destruição da frota turca pela tempestade. Cássio fica bêbado e Iago aproveita para induzir Rodrigo a brigar com este, o que gera uma enorme balbúrdia. Otelo aparece indignado e busca saber o motivo da confusão. Iago acusa Cássio, indiretamente, de ter sido o responsável pela situação. Cássio é destituído de seu posto e Iago assume o comando da guarda.

Iago começa a arquitetar a suposta traição de Desdêmona. Com malícia aconselha Cássio a procurar Desdêmona para que o defenda junto a Otelo. Iago insinua uma relação amorosa entre Cássio e Desdêmona; diante das palavras do homem que considerava como o “honesto Iago”, o general se vê tomado de ciúmes. Desdêmona intercede por Cássio, mas Otelo desconversa. Ela insiste, sem saber que, aos olhos do marido, estava defendendo o próprio amante.

Iago age rápido e pede a sua mulher, Emília, um lenço bordado de Desdêmona que ela deixara cair. Iago esconde esse lenço no quarto de Cássio e fala com Otelo sobre o lenço. Otelo pede prova da traição de Desdêmona, e Iago pede a Otelo que se esconda para ouvir a conversa que terá com Cássio. Falando sobre Bianca, Iago conduz o diálogo com muito riso e deboche, fazendo Otelo acreditar que estão falando sobre Desdêmona.

De Veneza, chegam enviados do duque, comunicando que Otelo foi transferido para outro comando e que deve deixar Cássio em seu lugar em Chipre. Iago trama com Rodrigo a morte de Cássio, mas Rodrigo apenas fere o tenente. Este revida a agressão e também o fere. Ouvindo o chamado de socorro de Rodrigo, Iago entende o que aconteceu e fingindo examinar Rodrigo, o mata.

Para completar seu plano, Iago convence Otelo de que a única solução é matar Desdêmona. Otelo pede a Desdêmona para ir a seu quarto e na cama do casal, Otelo a sufoca com um travesseiro. Cumprido seu intento, Otelo ouve Emília que bate à porta, entra, escuta o gemido de Desdêmona e acusa Otelo de assassinar a mulher pura e inocente. Apenas no momento em que Otelo afirma que Iago pode testemunhar que Desdêmona é culpada, afinal fora ele quem lhe revelara tudo, é que Emília compreende os fatos. Aterrorizada, ela comprova que o marido foi capaz de criar uma mentira vil e denuncia o marido. Sem pestanejar, Iago a mata. Otelo tenta matar Iago, mas falha e é preso. Ao perceber seu erro em relação a Desdêmona e Cássio, Otelo faz uma notável declaração aos embaixadores tentando se explicar e ao mesmo tempo, se incriminando. Concluídas suas palavras, Otelo se mata. A ação termina com Ludovico restaurando a ordem no governo de Chipre e ordenando a prisão de Iago que se recusa a falar. Cássio é nomeado governador. (Resumo elaborado a partir da obra: HELIODORA, B. *Shakespeare: o que as Peças Contam*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014. Revisão final de Marlene Soares dos Santos)

APÊNDICES - 2

Resumo da obra – *Hamlet*

Personagens:

- 1 – Hamlet – príncipe da Dinamarca
- 2 – Fantasma de Hamlet pai, que era o rei
- 3 – Polônio – conselheiro do reino
- 4 - Cláudio – tio de Hamlet, o novo rei
- 5 – Gertrudes – viúva do rei, mãe de Hamlet, mulher de Cláudio
- 6 – Ofélia – filha de Polônio
- 7 - Laertes – filho de Polônio
- 8 - Horácio – amigo de Hamlet
- 9 – Rosencrantz e Guildenstern – colegas de Hamlet
- 10 – Fortimbras – príncipe da Noruega

A peça se inicia na plataforma do castelo do rei, quando os guardas trazem Horácio para ver o Fantasma de Hamlet, o rei morto, que já lhes aparecera por duas vezes. O Fantasma torna a surgir, e Horácio decide comunicar o fato ao seu filho Hamlet. No castelo, Cláudio, o novo rei, irmão do morto, está aparecendo formalmente pela primeira vez já casado com Gertrudes. O novo rei condena Hamlet por cumprir um luto excessivo, mesmo ciente de que o pai do jovem tinha falecido há apenas dois meses. Hamlet se afasta e faz o primeiro monólogo no qual revela a dor da morte do pai e o choque do casamento tão rápido da mãe, com o seu tio.

Hamlet é avisado pelos guardas e Horácio sobre a visita do Fantasma de seu pai e decide montar guarda para ver o Fantasma que aparece e diz que sua morte não tinha sido provocada por uma mordida de cobra. Na verdade, o rei tinha sido assassinado pelo irmão. O primeiro ato acaba com Hamlet jurando vingança e pedindo aos amigos que não comentem nada se o virem apresentar algum tipo de comportamento estranho dali em diante. A suposta loucura de Hamlet começa a aparecer e preocupa a rainha e o novo rei. Dois colegas de Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern, são chamados para tentar descobrir a causa da tristeza do príncipe.

Hamlet refletia sobre a dor da morte do pai quando uma companhia de atores chega à corte e oferece uma apresentação. Hamlet os indaga se é possível acrescentar alguns versos de sua autoria à peça que irão representar.

No ato seguinte, Cláudio e Polônio fazem planos para observar Ofélia sozinha na sala com Hamlet. Eles buscam confirmar se a loucura de Hamlet era por amor a Ofélia, como Polônio afirmara. Nesse momento Hamlet declama o famoso solilóquio: “ser ou não ser.” O príncipe percebe que está sendo espionado no encontro com Ofélia e torna-se agressivo e cruel com ela. Este fato destrói a ideia do pai de Ofélia e de Cláudio de que a causa da loucura de Hamlet seria o amor não correspondido pela moça.

A peça dentro da peça começa. Antes de os reis chegarem para assistir ao espetáculo na corte, Hamlet pede ao amigo Horácio que observe seu tio Cláudio. Ele sabia que o espetáculo teria uma cena na qual seriam apresentadas as mesmas circunstâncias da morte de seu pai: um rei sendo assassinado com veneno derramado no ouvido e, em seguida, a viúva se casando com o assassino. Ao ver a cena Cláudio se levanta e sai. A peça é interrompida e Hamlet confirma a culpa do tio.

Cláudio, perturbado com o que assistira, decide rezar. A caminho dos aposentos da mãe, que o mandara chamar, Hamlet vê Cláudio rezando e não o mata, pois julga que dessa forma não estaria vingando a morte do pai porque a alma de Cláudio iria diretamente para o céu. Hamlet chega ao quarto da mãe e começam a conversar. Polônio está escondido e ouve parte da conversa. Hamlet percebe que há alguém ali, pensa ser Cláudio espionando-os, e mata o espião.

Rejeitada pelo príncipe e com o pai assassinado por ele, Ofélia enlouquece. Laertes, irmão de Ofélia, sabendo da morte do pai, volta da viagem à França e descobre a loucura da irmã. Cláudio envolve Laertes em uma nova trama para matar Hamlet. O plano está em curso quando Ofélia morre afogada. Hamlet volta da Inglaterra na ocasião do enterro e diz que amava Ofélia, brigando com Laertes na hora do sepultamento.

Hamlet conta a Horácio a ordem de Cláudio para matá-lo usando como meios os supostos amigos: Rosencrantz e Guildenstern. Durante a conversa, Hamlet recebe a proposta de duelar com Laertes e aceita. Horácio pede ao amigo para desistir da ideia, mas Hamlet não concorda. Durante o duelo, Cláudio oferece a Hamlet uma taça de vinho, que ele envenenara, mas Hamlet não aceita. A rainha, entretanto toma a bebida e morre. O rei tenta disfarçar, mas Gertrudes ainda consegue dizer que o vinho estava envenenado. Na luta, Laertes fere Hamlet, que ao perceber a ponta da arma desprotegida, troca-a com a sua e fere Laertes, que cai mortalmente ferido, revelando o plano de envenenar a espada para matar Hamlet e acusando o rei.

Hamlet, em seus últimos momentos de vida, mata o tio executando assim, a sua vingança e , indicando que Fortimbras, príncipe da Noruega, teria seu voto para ser rei da Dinamarca já que se trata de uma monarquia eletiva. Hamlet ainda pede ao fiel amigo Horácio que esclareça a todos sobre os acontecimentos contando a sua história.

(Resumo elaborado a partir da obra: HELIODORA, B. *Shakespeare: o que as Peças Contam*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014. Revisão final de Marlene Soares dos Santos)

ANEXOS

QUESTIONÁRIO 1 – Meninas

Anexo 1

	1. O que é ser uma pessoa ética para você?
1 - ALFAZEMA	É ser uma pessoa correta, em suas ações e seus afazeres. Onde ela sempre iria agir de uma maneira mais correta, independente de qualquer acontecimento, como por exemplo, ela assistir a um roubo seja ele qual for, e imediatamente relatar este crime as autoridades.
2 - BEGONIA	É ser uma pessoa com princípios, com uma postura respeitadora diante do próximo, que conheci a si mesma
3 - DÁLIA	Ser ético é se preocupar com o que é certo e errado.
4 - LAVANDA	É uma pessoa que tem um conjunto de valores
5 - MARGARIDA	Ser uma pessoa ética é agir direito, proceder bem, sem prejudicar os outros. É ser altruísta, estar tranqüilo com a consciência pessoal.
6 - FLOR DE LOTUS	Uma pessoa com um caráter bom, educada, empática, que respeita os outros e com bom comportamento independente da situação.
7 - GIRASSOL	É respeitar os direitos e deveres de todos.
8 - HORTÊNCIA	Uma pessoa que pratica o bem a sociedade.
9 - IRIS	É agir com a moral
10 - JASMIM	Ética é a pessoa saber o seu lugar na sociedade, saber respeitar o direito das pessoas
11 - HELICÔNIA	É uma pessoa honesta e integra, pois independente de tudo sempre fará tudo com respeito

12 - MAGNÓLIA	É ter atitude justa e ter bom senso perante a sociedade
13 - BROMÉLIA	Uma pessoa ética em meu análise, é uma pessoa com senso, aquela que sabe se portar diante de situações do dia-a-dia, situações essas que exigem respeito, seriedade, malemolência, etc.
14 - ORQUIDEA	Uma pessoa que vive de maneira correta, não fraudando as leis e seguindo seu papel de cidadão
15 - PETUNIA	É o respeito e a valorização
16 - ROSA	É uma pessoa que respeita suas regras, ela pode fazer, mas não quer, ou quer, mas não deve fazer
17 - SALVIA	Uma pessoa boa para a sociedade.
18 - TULIPA	Uma pessoa ética é alguém que possui seus valores e bons atos feitos a sociedade
19 - VIOLETA	Quando vemos algo errado e denunciemos ou não compactamos com aquele ato

Anexo 2

2. Nós já nascemos éticos ou nos tornamos éticos?	
1 - ALFAZEMA	A resposta poderia ser ambas. Pois dependendo da educação boa ou ruim que a pessoa receba em casa, ela poderia ser ética quanto poderia não ser. Por exemplo, uma criança que nasce e é criada em uma comunidade carente, rodeada pelo tráfico, poderia ela achar que aquilo é “correto” por ser criado por uma família onde drogas e armas sempre fizeram parte da casa, mas também poderia achar errado todo esse mundo e querer viver todo um mundo diferente onde ele sempre iria querer agir com ética, em suas ações. Assim como uma criança que nasce e é criada em um bairro classe alta e uma boa educação e em uma casa com uma família politicamente correta também poderia se filiar quando crescesse, mesmo tendo sido bem criado
2 - BEGONIA	Tornamos-nos éticos de acordo com nossas atitudes e acima de tudo com a ajuda da família, que nos ensina a ser uma pessoa melhor a cada dia.
3 - DÁLIA	Não, pois e com o tempo e com a aprendizagem que nos tornamos éticos, aprendendo o certo e o errado.
4 - LAVANDA	Tornamos-nos
5 - MARGARIDA	Tornamo nos

6 - FLOR DE LOTUS	Tornamos-nos
7 - GIRASSOL	Tornamos-nos.
8 - HORTÊNCIA	Tornamos-nos através do crescimento.
9 - IRIS	Já nascemos
10 - JASMIM	Ao longo da vida nos tornamos uma pessoa ética
11 - HELICÔNIA	Tornamos-nos, pois ao longo dos anos aprendemos como devemos tratar e respeitar uns aos outros
12 - MAGNÓLIA	Tornamos-nos éticos ao longo da vida, conforme vamos vivendo e presenciando momentos na sociedade.
13 - BROMÉLIA	Tornamos-nos, pois vamos aprendendo com essa experiência no passar dos anos.
14 - ORQUIDEA	Tornamos-nos éticos
15 - PETUNIA	Tornamos-nos éticos ao longo do tempo de convivência, e com as pessoas ao nosso redor
16 - ROSA	Nós nos tornamos éticos
17 - SALVIA	Tornamos-nos éticos
18 - TULIPA	Nós nos tornamos éticos
19 - VIOLETA	Tornamos-nos éticos

Anexo 3

3. O que é ser uma pessoa virtuosa?	
1 - ALFAZEMA	É ser uma pessoa com boas qualidades. Uma pessoa inteligente, corajosa, gentil, educada, amigável, e com todas as outras qualidades que a maioria das pessoas anseiam em ser.
2 - BEGONIA	Uma pessoa virtuosa é ser honesta, ter complexidade, ser generosa, ter liberalidade em ajudar ao próximo e não esperar nada em troca, ser verdadeira em suas opiniões e ter humanismo com as demais pessoas.
3 - DÁLIA	Disposição de caráter relacionado com a escolha relativo a nós como principio nacional ditado de sabedoria e prática
4 - LAVANDA	Pessoa virtuosa é uma pessoa que tem princípios positivos e que o segue utilizando as virtudes.
5 - MARGARIDA	Ter boas atitudes
6 - FLOR DE LOTUS	Uma pessoa que faz o bem, sem querer algo em troca.
7 - GIRASSOL	Uma pessoa com uma boa conduta moral, tanto no aspecto social, quanto no religioso.
8 - HORTÊNCIA	Ser honesta, feliz, dedicada e generosa.
9 - IRIS	É possuir diversas virtudes
10 - JASMIM	Ser uma pessoa virtuosa é botar em prática a sua virtude, é valorizar a sua virtude
11 - HELICÔNIA	É ser alegre, feliz, honesta, respeitadora, sábia e além de tudo saber perdoar os erros dos outros
12 - MAGNÓLIA	É ter bons valores, saber o que é certo e errado, ter amor ao próximo. Ter um caráter digno e ser justo
13 - BROMÉLIA	Uma pessoa virtuosa é aquela que contém qualidade moral, com características positivas e que pratique o bem.
14 - ORQUIDEA	Pessoas com as maiores qualidades do mundo

15 - PETUNIA	A disposição de praticar o bem
16 - ROSA	É uma pessoa com qualidades construtivas, que tem esse atributo positivo individualista, é aquela pessoa a praticar o bem.
17 - SALVIA	É ser uma pessoa do bem, que transmite amor, felicidade, honestidade, entre outros.
18 - TULIPA	As virtudes são usadas para nomear as qualidades de um indivíduo, logo, uma pessoa virtuosa é uma pessoa de boa índole, que possui boas características, como por exemplo, a bondade e a honestidade
19 - VIOLETA	Uma pessoa com boas qualidades

Anexo 4

4. Podemos dizer que a amizade é uma virtude? Justifique.	
1 - ALFAZEMA	Podemos, pois ser amigável é uma virtude.
2 - BEGONIA	Sim, é uma forma de virtude, ter amizade é essencial para a vida, é onde um ajuda ao outro, que predomina o respeito e a sinceridade.
3 - DÁLIA	Sim, a amizade consiste em várias outras virtudes como, honestidade, gentileza, prodigalidade. Além disso, a amizade é uma virtude de quem é amigo, que esta sempre pronta para ouvir e ajudar.
4 - LAVANDA	Sim. Uma pessoa que tenha companheirismo e amor se torna virtuosa
5 - MARGARIDA	Sim é uma ótima qualidade, amizade faz bem as pessoas.
6 - FLOR DE LOTUS	Sim, quando começamos uma amizade estamos oferecendo fazer o bem para aquela pessoa, sem querer nada em troca só o bem que as pessoas nos trazem.
7 - GIRASSOL	Sim, porque em uma amizade tem-se amor e respeito acima de tudo
8 - HORTÊNCIA	Sim, porque a amizade faz bem.
9 - IRIS	Sim. Porque junto com a virtude da amizade, vem outras como a honestidade e lealdade. Em alguns casos

10 - JASMIM	Sim, a amizade é uma coisa que constrói ao longo da sua vida, é quando o seu amigo sabe respeitar o seu espaço e entender o que é ser amigo
11 - HELICÔNIA	Sim, pois através dela mostramos nosso carinho e afetividade
12 - MAGNÓLIA	Sim, pois a amizade é baseada em lealdade, uma das virtudes que existem. Ter um amigo é agir com companheirismo e amor, características que são virtuosas.
13 - BROMÉLIA	Sim, pois na amizade temos que ser verdadeiros, ter compromisso e conduta para tratar o outro com respeito.
14 - ORQUIDEA	Sim, porque dentro de uma amizade existem vários conceitos de virtudes como o afeto e amor
15 - PETUNIA	Sim. Em uma amizade tem tantas virtudes, como por exemplo, a honestidade, a lealdade, a confiança, o companheirismo, a educação, o bom humor, entre outros. Todas estas virtudes dentro de uma só e que sim, podemos e devemos considerá-la uma virtude.
16 - ROSA	Sim. Pois quando a amizade faz com que crescemos espiritualmente ela se torna uma coisa boa em nossa vida, nos levando a progredir cada vez mais
17 - SALVIA	Sim, porque faz o bem.
18 - TULIPA	Sim, podemos. Porque a amizade é uma das mais belas virtudes qual alguém pode ter. A amizade possui dentro delas muitas coisas boas, ela permite que uma pessoa ajude a outra, dê assistência a tudo que outro individuo precise.
19 - VIOLETA	Sim. Dependendo da amizade, “tem amizades que te levam para o fundo do poço” e outros que te levaram ao topo, temos apenas que saber qual tipo de amizade nos relacionar

Anexo 5

5. Em que momento você diz que uma pessoa é corajosa?	
1 - ALFAZEMA	No momento em que, mesmo que ela esteja sentindo um medo descomunal, ela segue em frente e assim enfrentando seu medo através de si mesmo em qualquer situação como, enfrentar um grande problema seu, encarar novos desafios em suas vidas, etc.
2 - BEGONIA	Quando ela enfrenta os seus desafios e testa os seus limites para ver até onde ela é capaz.
3 - DÁLIA	Quando a pessoa faz algo correto apesar do perigo.

4 - LAVANDA	Quando ela tem coragem de seguir seus valores sem prejudicar ninguém, lutar pelo que é certo.
5 - MARGARIDA	Quando ela faz algo que tem medo
6 - FLOR DE LOTUS	Quando encaro meus medos para alcançar meus objetivos
7 - GIRASSOL	Quando enfrentam seus medos.
8 - HORTÊNCIA	Quando ela é capaz de acreditar em si mesma
9 - IRIS	Quando ela enfrenta seus medos
10 - JASMIM	Quando a pessoa tem oportunidade de fazer alguma coisa errada e não faz. Como por exemplo, o fato da pessoa ver o dinheiro de outra perdida e não pegar para si.
11 - HELICÔNIA	Quando a pessoa dá à vida pelo outro
12 - MAGNÓLIA	No momento em que ela enfrenta um medo ou problema mesmo que a pessoa tenha um bloqueio muito grande para enfrentá-lo
13 - BROMÉLIA	No momento em que tom uma decisão importante mesmo com a insegurança e a incerteza do correto a se fazer
14 - ORQUIDEA	Quando ela deixa sua própria vontade para agradar outras pessoas em qualquer momento ou lugar, sempre disposto para te agradar
15 - PETUNIA	Quando tem a determinação de fazer aquilo que é correto ou aquilo em que algum momento a impedia
16 - ROSA	Quando o meu medo não me impede de agir diante de algo.
17 - SALVIA	Quando ela faz algo que não são todos que tem a coragem de fazer
18 - TULIPA	A partir do momento que a pessoa não tem medo do que pode estar por vir e encarar o problema de frente
19 - VIOLETA	No momento em que ela enfrenta a “situação” mesmo com medo. Ainda mais, se for para salvar a vida de alguém.

Anexo 6

	6. Quando você diz que uma pessoa é honesta?
1 - ALFAZEMA	Quando ela se dispõe a sempre contar à verdade que ela lhe cabe, determinado assunto, sendo sincera, sem medo das conseqüências da sua total honestidade
2 - BEGONIA	Quando ela é verdadeira, que tem prudência dentro de si, tendo humanismo com o próximo e tendo nela o respeito próprio.
3 - DÁLIA	Quando ela tem pureza, decência e sinceridade.
4 - LAVANDA	Quando diz a verdade independente do que possa ser.
5 - MARGARIDA	Quando ela age com a verdade, com a sinceridade
6 - FLOR DE LOTUS	Quando podemos confiar, sabendo que aquela pessoa não mentiria para você.
7 - GIRASSOL	Quando ela é sincera.
8 - HORTÊNCIA	Quando ela tem seus objetivos de vida e cumprir
9 - IRIS	Quando ela se preocupa em ser verdadeira
10 - JASMIM	Quando uma pessoa é generosa, humilde, honesta, carinhosa, respeitosa e amorosa.
11 - HELICÔNIA	Quando independente da situação seja ela boa ou ruim, a pessoa sempre atua com a verdade
12 - MAGNÓLIA	Quando ela age com justiça e senso, para ajudar alguém ou até mesmo sabendo que pode prejudicar a si próprio.
13 - BROMÉLIA	Quando me porto pensando no outro, não só no meu bem estar.
14 - ORQUIDEA	Quando ela não se torna corrupta
15 - PETUNIA	Quando a pessoa expressa suas atitudes e seus atos de uma forma verdadeira.

16 - ROSA	Quando torno as minhas atitudes pensando no próximo e não apenas no meu bem estar
17 - SALVIA	Quando a pessoa é verdadeira, sincera comigo ou quando ela devolve algo que eu perdi
18 - TULIPA	Pode- se dizer que uma pessoa é honesta quando ela cumpriu com o que é certo, desde que não faça mal ou prejudique alguém.
19 - VIOLETA	Quando você vê algo errado, que pode te favorecer e mesmo assim resolver fazer o que é certo

Anexo 7

7. Que critérios você usa para dizer que uma pessoa é boa?	
1 - ALFAZEMA	Critério que uma pessoa deve ter para ser considerada boa, ela deve ter empatia, ser honesta, ter discernimento completo do bem e do mal, saber que todas as suas escolhas tem conseqüências e lidar com isso de uma forma ética. Nunca incentivar qualquer violência e nenhum tipo de discriminação.
2 - BEGONIA	Os critérios de uma pessoa boa são: a honestidade, o respeito próprio, uma pessoa que pratica a humildade
3 - DÁLIA	Pelo caráter e personalidade, a maneira como ela trata o próximo.
4 - LAVANDA	Uma pessoa precisa ser honesta, generosa, educada e amiga
5 - MARGARIDA	Ter boas atitudes, uma boa índole.
6 - FLOR DE LOTUS	Uma pessoa que oferece o bem, que não pensa apenas nela.
7 - GIRASSOL	Quando ela é honesta.
8 - HORTÊNCIA	A pessoa ser sincera, carinhosa, ser pontual e saber respeitar
9 - IRIS	Quando ela é verdadeira e boa com as pessoas
10 - JASMIM	Justiça: quando a pessoa faz justiça, mas sem pisar nas pessoas; Autoconfiança: quando a pessoa acredita em você.
11 - HELICÔNIA	Através do modo de tratar os outros, quando distribui amor para a pessoa que nem se quer conhece e sempre eram dispostos a ajudar os outros sempre com amor no coração

12 - MAGNÓLIA	A pessoa para ser boa tem que ter: compaixão, solidariedade, espírito de equipe, senso e justiça
13 - BROMÉLIA	Uso meus critério positivos como ser generosa, amigável e justa.
14 - ORQUIDEA	Pessoas que ama o próximo
15 - PETUNIA	Quando estas têm boas intenções, têm caráter e opinião própria, generosidade, reconhecimento voluntario de ajudar e que não tem má vontade, bom humor, comportamento exterior apropriado, humildade a simplicidade de pensar no próximo.
16 - ROSA	Os critérios mais positivos e pensando no bem de todos também.
17 - SALVIA	Que ela é carinhosa, simpática e educada
18 - TULIPA	Uma pessoa boa é definida por suas atitudes, porém sua atitude “deve” ser de bom caráter, ser disposta a ajudar e fazer o bem as pessoas
19 - VIOLETA	Quando vejo uma pessoa sempre disposta a ajudar sem querer nada em troca. Não faz por interesse e sim por bondade

Anexo 8

8. Cite, pelo menos, três exemplos de atitudes de pessoas boas justificando-os.	
1 - ALFAZEMA	Ter empatia pelo próximo, ou seja, estar disposto em lhe ajudar quem lhe ajuda. Ser gentil e não maltratar qualquer pessoa intencionalmente. Ter ética, onde não inicia e nem espalha qualquer forma de violência
2 - BEGONIA	A pratica da honestidade, gentileza, humanismo, cada uma delas é essencial para qualquer individuo.
3 - DÁLIA	Os três exemplos são: veracidade, quando a pessoa é verdadeira com o próximo; prudência, virtude; gentileza, virtude de quem é honesto e gentil com as pessoas.
4 - LAVANDA	Ajudar o próximo mesmo que você não goste não criar problemas com todo mundo, seguir seus valores corretamente não fazendo mal a ninguém
5 - MARGARIDA	Honestidade: ser verdadeiro com o próximo; Solidariedade: ajudar a quem precisa; Humildade: saber que somos iguais independente de nossas condições
6 - FLOR DE LOTUS	Empatia, porque ela pensa nas suas atitudes, pensa se aquilo pode afetar outras pessoas alem dela; Respeito, uma pessoa que tem respeito pelo próximo, sabe como usar as palavras e tomar atitudes corretas; Educação, a pessoa que tem educação nunca vai

	desrespeitar o próximo
7 - GIRASSOL	Sinceridade: ser sincero mesmo quando a verdade não é tão boa; Caridade: quando a pessoa ajuda a outra, é solidaria; Compaixão: quando a pessoa pensa também no bem estar de outras pessoas que lhe cercam
8 - HORTÊNCIA	Carinhosa: por tratar bem, recebendo carinho; Respeito: respeitar a si mesmo e ao mundo que vivemos; Bondade: ajudar as pessoas carentes.
9 - IRIS	Ajudar as pessoas, ser leal e ser honesto. Ser leal as pessoas e ser honesto em tudo que for feito
10 - JASMIM	
11 - HELICÔNIA	Pessoas que saem de madrugada para ajudar pessoas sem moradia; quando a pessoa doa um órgão para alguém que precisa por estar entre a vida e a morte; quando sabemos tratar os outros com bondade
12 - MAGNÓLIA	Ajudar na alfabetização de alguém, isso mostra uma solidariedade ao próximo, desejo de ajudar; defender uma pessoa vítima de violência, demonstrando atos de justiça e coragem
13 - BROMÉLIA	Uma pessoa generosa, pois sempre quem mais precisa. Uma pessoa justa, pois sabe sempre defender o certo, sem pensar em seus laços. Uma pessoa que tem gratidão, pois sempre é grata por aquilo que possui
14 - ORQUIDEA	Pessoas que ajudam o próximo com alimentos e roupas; pessoas que não olham o próximo com maus olhos; pessoas que tratam com educação, porque são pessoas assim que fazem bem ao mundo
15 - PETUNIA	
16 - ROSA	Uma pessoa justa, que mantém sua dignidade diante de qualquer situação, e defendendo sempre o que é certo; uma pessoa sincera que mantém essa personalidade acima de tudo e sabendo usar de forma construtiva; aquela pessoa amiga, que esta sempre disposta a ajudar o próximo seja em momentos bons ou ruins, aquela que esta sempre a dispor para ajudar
17 - SALVIA	Ajudar ao próximo como a doação de sangue; uma pessoa carinhosa; uma pessoa caridosa, a qual ajuda alguém que não tem nenhum alimento para si
18 - TULIPA	Quando uma pessoa se disponibiliza a doar um pouco de seu tempo para pessoas necessitadas de carinho, atenção a fim de ajudá-las em suas dificuldades ou simplesmente ouvi-las, isto caracteriza uma pessoa boa. Podemos dar um incentivo, uma alegria á crianças que estão passando por momentos difíceis. Ter a capacidade de ver o lado da outra pessoa e dar alguma quantia para instituições de pessoas com grande necessidade, como orfanatos, hospitais e asilos
19 - VIOLETA	Alguém que ajuda que acolhe que tem preocupação com o próximo

QUESTIONÁRIO 2 – Meninas

Anexo 9

	1. Você se considera uma pessoa ética? Justifique.
A - ORQUÍDEA -18a	Sim, porque pratico virtudes construída grande ensinamentos
B - MAGNÓLIA - 18a	Sim, pois tento agir sempre com ética. Tento sempre que der (sic), agir corretamente e justamente, conforme a ética.
C - SÁLVIA - 18a	Não, porque nem sempre sou educada e gentil com as pessoas.
D - FLOR DE LOTUS - 18 ^a	Sim, porque eu tento fazer o que é certo, sem prejudicar ninguém, tento fazer o bem e só peço que a pessoa me devolva o mesmo.
E - BEGÔNIA -18a	Sim, me considero uma pessoa ética, mas com erros e falhas, porque nem sempre utilizamos a virtude da ética, como por exemplo, achar um celular e não devolver, são coisas assim na qual não paramos e pensamos que aquilo poderia ser melhor executado por nós a virtude da ética.
F - LAVANDA - 18a	Sim, pois cumpro os valores ensinado pelos meus pais, sou honesta e sempre assumo meus erros.
G - HORTÊNCIA - 18a	Sim, porque faço ao bem a todos.
H - GIRASSOL - 16a	Sim, pois apenas faço o que acho certo e pensando no melhor só para mim.
I - MIMOSA - 18a	Sim, pois sempre busco. Seguir uma vida ética, não me aproveitando dos outros, querendo o bem etc
J - ROSA - 17a	Sim, aprendi desde de pequena que se devemos respeitar sempre o próximo, assumir as minhas atitudes e sempre mostrando quem eu sou de verdade.
K - BROMÉLIA - 17a	Sim, procuro sempre respeitar opiniões diferentes e arcar com o que faço.
L - HELICÔNIA - 18a	Sim. Pois tento fazer de tudo para ser uma pessoa ética. Trato as pessoas com respeito mesmo que não as conheço, respeito a opinião dos outros e tento sempre entender meu próximo.

M - DÁLIA - 18a	Sim, sempre fui bem educada e ética em tudo que acontece.
N - MARGARIDA - 18ª	Sim. Não passo por cima de ninguém, não pratico algo bom esperando a pessoa fazer de volta e etc.
O - ÍRIS - 17a	Sim,
P - ALFAZEMA - 18a	Sim. pois as minhas virtudes eu tento praticá-las todos os dias.
Q - BARDANA - 16a	Sim
R - JASMIM - 18a	Sim porque tenho virtudes que me torna uma pessoa ética.
S - VIOLETA - 17a	Sim. Apesar das minhas falhas, procuro ver o melhor para mim e para outras pessoas e melhorar naquilo que não vou bem, tratando as pessoas da forma que gostaria de ser tratada.
T - TULIPA - 18a	Sim, pois sempre costumo agir corretamente e não sendo má com pessoas.

Anexo 10

2. Ser colega é a mesma coisa que ser amigo?	
A - ORQUÍDEA -18a	Não.
B - MAGNÓLIA - 18a	Não. Ser colega é algo mais fraco, sem muito laço afetivo. Ser amigo é mais profundo, envolve laços afetivos e muita consideração.
C - SÁLVIA - 18a	Não, amigo está contigo a qualquer momento e colega só está contigo quando você está bem.
D - FLOR DE LOTUS - 18ª	Não, amigos são aqueles que você considera como um irmão, que você pode contar para todos os momentos; colegas são apenas pessoas com quem temos afinidade, mas não é íntimo.
E - BEGÔNIA -18a	Não, porque um colega é apenas um conhecido, na qual não temos muito conhecimento sobre a pessoa.
F - LAVANDA - 18a	Não, ser colega é somente conhecer; para ser amigo é preciso ter virtudes e uma grande confiança na pessoa.
G - HORTÊNCIA - 18a	Não, porque amigo pra mim é uma pessoa de anos que eu possa confiar.
H - GIRASSOL - 16a	Não. Amigos tem mais intimidade e conhecimento uns dos outros.
I - MIMOSA - 18a	Não, pois amigo é algo mais forte, mas íntimo, neto todos podemos chamar de amigos.

J - ROSA - 17a	Não, amigo de verdade é pai e mãe, e também aquela pessoa que você confia muito e pode contar nas horas que precisa. Colega é aquela pessoa que só está do nosso lado para se divertir não podemos contar para nada.
K - BROMÉLIA - 17a	Não, ser amigo vai muito além de estar presente fisicamente, é ser companheiro, fiel, dar força sempre que seu amigo precisar.
L - HELICÔNIA - 18a	Não. Porque o amigo é como se fosse um irmão, o qual podemos contar, sempre em qualquer situação é aquele que quando caímos, estende a mão para nos levantar, esse é o amigo de verdade. O colega só é uma pessoa conhecida que você conversa de vez enquanto, mais sem nenhuma intimidade.
M - DÁLIA - 18a	Não, pois o colega é só uma pessoa agradável, o amigo é companheiro, fiel e nos ajuda.
N - MARGARIDA - 18ª	Não. Amigos são mais próximos e íntimos que colegas
O - ÍRIS - 17a	Não, colega é quando as pessoas não tem tanta intimidade assim, já amigos são quando eles se entendem e criam uma intimidade.
P - ALFAZEMA - 18a	Não
Q - BARDANA - 16a	Não, colega é aquele que encontramos na rua e cumprimentamos, amigo é aquele que sempre está presente, está no ciclo familiar.
R - JASMIM - 18a	Não
S - VIOLETA - 17a	Não. Pois amigos de verdade, vão estar ao seu lado na luta na fase difícil. Você pode estar cercado de pessoas que considera amigo e, em um probleminha que aparece ao longo do tempo você vai descobrindo quem é seu amigo de verdade. Colegas, você pode ter um monte, de festas, de trabalho, de escola.
T - TULIPA - 18a	Não. Colega é alguém que seu parceiro de escola ou trabalho, amigo é quem você pode confiar.

Anexo 11

3. É possível um colega se transformar em um amigo?

A - ORQUÍDEA - 18a	Sim.
B - MAGNÓLIA - 18a	Sim, com o passar do tempo e em meio a atitudes a amizade pode sim crescer e passar de colega para amigo.
C - SÁLVIA - 18a	Sim, porque antes da pessoa se tornar nosso amigo, ela é colega.
D - FLOR DE LOTUS - 18 ^a	Sim, mas para isso é preciso que as pessoas tenham conhecimento das virtudes da amizade.
E - BEGÔNIA - 18a	Sim, em inúmeras vezes conhecemos pessoas e aquela amizade com o passar dos anos e da convivência, se torna mais forte a amizade, porque conversamos mais, conhecendo seus costumes, crenças e depositando confiança.
F - LAVANDA - 18a	Sim, é possível se as pessoas em questão criar vínculos e virtudes dentro do relacionamento amigável.
G - HORTÊNCIA - 18a	Sim, porque ao passar do tempo nos conhece e considera.
H - GIRASSOL - 16a	Sim, pois na verdade, antes de se tornar amigos, são apenas colegas.
I - MIMOSA - 18a	Sim, é possível, se ele for confiável e realmente um amigo.
J - ROSA - 17a	Sim. Com o tempo conhecemos a pessoa de verdade.
K - BROMÉLIA - 17a	Sim, ainda mais quando as pessoas convivem, a convivência pode formar um laço muito forte de amizade.
L - HELICÔNIA - 18a	Sim, porque muitas pessoas se tornaram amigas de verdade pelo simples fato de serem colegas, pois começam a ter intimidade e conversar mais.
M - DÁLIA - 18a	Sim, é possível, com o tempo podemos nos conhecer e criar uma forte amizade.
N - MARGARIDA - 18a	Sim. Para virar amigo antes de torna colega.
O - ÍRIS - 17a	Claro
P - ALFAZEMA - 18a	Sim, é possível.
Q - BARDANA - 16a	Sim
R - JASMIM - 18a	Sim
S - VIOLETA - 17a	Sim. Porque vão trocando experiências, histórias, passando a conviver mais juntos e surge uma amizade que talvez possa levar para o resto da vida.
T - TULIPA - 18a	Claro! Qualquer pessoa que for bom, companheiro, pode se tornar amigo.

Anexo 12

4. O que você considera necessário para ser um amigo?

A - ORQUÍDEA - 18ª	Lealdade.
B - MAGNÓLIA - 18ª	Ser verdadeiro fiel e companheiro. Estar por perto nas horas boas e ruins.
C - SÁLVIA - 18ª	Considero necessário para ser um amigo é honestidade e lealdade.
D - FLOR DE LOTUS - 18ª	Saber respeitar, ouvir, dar bons conselhos, ser sincero, ter companherismo, entre várias outras coisas.
E - BEGÔNIA - 18ª	O necessário para ser um amigo, é ser fiel conosco, ser confiante, ter bom caráter e acima de tudo respeito.
F - LAVANDA - 18ª	Confiança, lealdade, cumplicidade, verdade.
G - HORTÊNCIA - 18ª	Aquela pessoa que está sempre comigo.
H - GIRASSOL - 16ª	Amor, lealdade e sinceridade.
I - MIMOSA - 18ª	Ser confiável, ser fiel, leal, está ao lado em qualquer situação.
J - ROSA - 17ª	Confiança e respeito.
K - BROMÉLIA - 17ª	É necessário ter confiança, ser fiel, companheiro, ser paciente e respeitar a opinião do seu amigo.
L - HELICÔNIA - 18ª	Para ser um amigo é preciso acima de tudo fidelidade, companherismo e acima de tudo respeito.
M - DÁLIA - 18ª	Honestidade, fidelidade, companherismo
N - MARGARIDA - 18ª	Amor, cumplicidade e intimidade
O - ÍRIS - 17ª	Companheirismo
P - ALFAZEMA - 18ª	Honestidade, sinceridade, gentileza, lealdade, etc.
Q - BARDANA - 16ª	Ser honesto, sempre está do lado em qualquer situação, dar conselhos, abrir os olhos quando necessário, ter uma amor recíproco.
R - JASMIM - 18ª	E preciso lealdade, fidelidade de construir uma amizade.
S - VIOLETA - 17ª	Confiança, respeito, sinceridade, integridade e principalmente paciência.
T - TULIPA - 18ª	É preciso estar do lado do amigo em todas as situações e apoiá-lo

Anexo 13

	5. Cite três situações nas quais você agiu usando a virtude da honestidade.
A - ORQUÍDEA - 18a	Na hora de entregar o troco certo, quando sou honesta falando a verdade para minha mãe explicando para onde vou, quando alguma acha um celular na rua e devolvo para pessoa.
B - MAGNÓLIA - 18ª	Ajudei uma pessoa que estava sofrendo agressões verbais sem motivo aparente. Assumi um erro, mesmo que tenha me prejudicado. Fugi escondido para sair, porém depois contei a verdade.
C - SÁLVIA - 18a	Quando devolvo o dinheiro que a pessoa por engano me deu a mais, quando devolvo um dinheiro que achei, quando sou leal aos meus amigos.
D - FLOR DE LOTUS - 18ª	Quando me ofereceram coisas erradas e eu neguei, pois sabia que não era certo e podia me prejudicar; quando vi uma pessoa fazendo algo muito errado e falei para alguém para tentarmos ajudá-la a fazer o certo; uma vez menti para minha mãe para poder sair, mas contei a verdade, porque poderia acontecer algo ruim e ela não saberia, conversamos e nunca mais menti para ela.
E - BEGÔNIA - 18a	Esse projeto de Shakespeare tem ajudado muito em minha vida, sempre que acontece alguma coisa no meu cotidiano, lembro-me dos personagens de “Hamlet” e as virtudes deles, como a honestidade; pratiquei essa virtude na escola, tinha um lápis em uma mesa e meu colega perguntou se era meu, e disse que não. Eu estava sem lápis algum, mesmo assim poderia falar que era meu e ficar com o lápis, outro acontecimento foi numa fila, na qual estava enorme, eu era a última, vi que várias pessoas furavam fila, e me deu uma enorme vontade de fazer aquilo também, mas vi que não era certo, mesmo com tantas pessoas aquele desrespeito, como falei, Shakespeare foi uma encantadora lição de vida, me ajudou em muitas coisas no meu dia a dia.
F - LAVANDA - 18a	Quando eu pego comida das pessoas e logo depois assumo. Quando vejo algo de errado sendo feito. Quando vejo um celular perdido e sempre devolvo.
G - HORTÊNCIA - 18ª	Desenvolver a força do caráter, respeitar o próximo e devolver um celular.
H - GIRASSOL - 16a	Quando levantei-me no ônibus para uma senhora sentar, quando corri atrás de um senhor que havia deixado o dinheiro cair.

I - MIMOSA - 18a	1º achei uma carteira e devolvi ao dono, 2ª falei a verdade em uma situação que eu deveria mentir, 3ª não enganei a pessoa e falei o que eu realmente sentia por ela
J - ROSA - 17a	Nunca peguei o que não era meu. Sempre devolvi o que não me pertencia, sempre procuro a melhor possibilidade para entregar ao dono aquilo que não é meu.
K - BROMÉLIA - 17a	A primeira e segunda vez foi quando eu devolvi dinheiro, na primeira a uma senhora que tinha deixado cair e na segunda o troco do mercado que me deram a mais, a terceira foi quando devolvi um celular.
L - HELICÔNIA - 18a	Quando eu dou lugar para as pessoas idosas, especiais, grávidas. Quando eu faço doação para quem passa necessidade e uma vez que eu achei um celular e devolvi ao dono.
M - DÁLIA - 18a	Quando falo a verdade, quando me perguntam, algo, quando algo me incomoda e eu falo a verdade sendo honesta.
N - MARGARIDA - 18ª	Nas três devolvi à outras pessoas o que por engano estava em minhas mãos.
O - ÍRIS - 17a	Quando devolvi duas vezes dinheiro, uma na padaria perto da minha casa e outra em uma barraquinha de doce que fica em frente da onde eu estuda no fundamental. E quando devolvi ao caixa dois reais que estavam perto do mesmo.
P - ALFAZEMA - 18a	Houve uma discussão e eu não me deixei me levar pela ira.
Q - BARDANA - 16a	Ao achar um celular no banheiro, esperei o responsável ligar para devolver-la. Quando assumi meu erro e pedi desculpas. Trato todos da mesma forma.
R - JASMIM - 18a	Quando eu vi o que não era meu e deixei ali. Quando fui honesta com minha família, sendo fiel e confiante. Quando meu amigo estava errado, eu defendi ele por ele ser meu amigo, tive honestidade de carácter de ser
S - VIOLETA - 17a	Quando comprei um lance e perguntei se podia pagar quantia a moça confiou em mim e deixou, assim que consegui a quantia passei lá e paguei. Outra vez o dinheiro de um senhor caiu no chão, e vi, corri para entregá-lo, ele sorriu e ficou muito contente. A terceira ainda não vivenciei.
T - TULIPA - 18a	Contei a verdade para uma pessoa mesmo que a verdade doesse. Devolvi dinheiro para um senhor que esqueceu a carteira. Ajudei um amigo quando ele mais precisou.

Anexo 14

6. O que você entende sobre a virtude da coragem?	
A - ORQUÍDEA - 18 ^a	E o que me empulsa a não temer.
B - MAGNÓLIA - 18 ^a	É uma virtude admirável e honrada. A coragem serve não só para enfrentar seus medos, mas também ter coragem para assumi-los e arcar com as consequências.
C - SÁLVIA - 18 ^a	Entendo que é ser destemido, enfrentar os problemas da vida sem esmorecer.
D - FLOR DE LOTUS - 18 ^a	É quando deixamos nossos medos de lado e conseguimos alcançar, que antes por medo, não conseguimos.
E - BEGÔNIA - 18 ^a	Entendo que a virtude da coragem é você vencer seus medos, vencer as barreiras que acontece em sua vida, como Hamlet, lutando contra o rei a todo momento em busca de Justiça pelo seu pai , sendo corajoso para driblar seus problemas.
F - LAVANDA - 18 ^a	A virtude da coragem é mais do que viver aventuras, é saber o momento de fazer a coisa certa sem medo.
G - HORTÊNCIA - 18 ^a	Lutar pelo o que quero.
H - GIRASSOL - 16 ^a	Ser capaz de agir corretamente e lutar pelo que acredita, independente da opinião dos outros.
I - MIMOSA - 18 ^a	Entendo que em meio a situação difícil e de medo, você toma coragem por atingir algo que em meio a essa situação outra pessoa não conseguiria
J - ROSA - 17 ^a	Ter caráter o suficiente para assumir os erros ou enfrentar algo.
K - BROMÉLIA - 17 ^a	Eu entendo que é você assumir e arcar com nossos erros de cabeça erguida.
L - HELICÔNIA - 18 ^a	Eu entendo que a coragem é uma das virtudes mais bonitas, pois é através dela que nos amadurecemos ainda mais e nos tornamos mais forte a cada jornada em nossa vida.
M - DÁLIA - 18 ^a	Fazer o que é correto apesar do perigo.
N - MARGARIDA - 18 ^a	A coragem é necessária para fazermos coisas que temos medo.
O - ÍRIS - 17 ^a	Que coragem é quando nós enfrentamos nossos medos e encaramos a situação.
P - ALFAZEMA - 18 ^a	Que é uma virtude cujo necessária para enfrentar nossas dificuldades diariamente.

Q - BARDANA - 16ª	Ter virtude é necessário para uma vida melhor através dela o convívio com o outras pessoas se torna mais gratificante
R - JASMIM - 18ª	Pra mim coragem e quando luto por aquilo que você acredita.
S - VIOLETA - 17ª	Ser corajoso é abri mão de seu orgulho ou algo que não seja certo. Para trás em prol da vida de um amigo, irmão, ou até de um desconhecido. Ter coragem de falar a verdade, ter coragem de dizer não ao errado.
T - TULIPA - 18ª	Coragem é a virtude de não ter medo de fazer algo seja qualquer a situação.

Anexo 15

7. Cite, pelo menos, três situações nas quais você agiu usando a virtude da coragem.	
A - ORQUÍDEA -18a	Quando não desisto dos meus sonhos por causa de ninguém e continuo firme em meus projetos, quando passo por cima do meu orgulho e peço desculpas a uma pessoa que não me trata bem, quando canta na minha igreja na frente de 300 pessoas.
B - MAGNÓLIA - 18a	Tive coragem para sair pela primeira vez sozinha. Usufrui da virtude da coragem para assumir um erro. Utilizei da coragem para confrontar uma pessoa que estava maltratando um animal.
C - SÁLVIA - 18a	Não respondida.
D - FLOR DE LOTUS - 18ª	Quando eu tive a coragem de ir à montanha-russa e percebi que não era tão ruim assim. Quando tive coragem para tirar minha falecida cachorrinha da Avenida Brasil; quando criei coragem para dizer à minha mãe que o bo(SIC) dela à traia.
E - BEGÔNIA -18a	Não respondida.
F - LAVANDA - 18a	Quando defendo meus amigos pelo o que é certo.
G - HORTÊNCIA - 18a	Em nunca desistir do que precisa, enfrentar lugares bem perigosos e enfrentar qualquer tipo de situação.
H - GIRASSOL - 16a	Quando defendi minha amiga de um homem que a queria agredir e quando enfrentei meu medo de altura.
I - MIMOSA - 18a	1} em uma situação de medo tive a coragem de tomar atitude contra aquilo, 2º na perca de um primo, consolei a família fazendo todos entender o real motivo daquilo, 3º em meio a um tiroteio pulei na casa de uma senhora para me proteger.
J - ROSA - 17a	Quando eu sei que estou errada, eu assumo aconteça o que acontecer, costumo encarar meu medo e ir atrás do que desejo sou sincera com todos.

K - BROMÉLIA - 17a	Quando assumi que fiz algo errado, quando defendi uma amiga em uma discussão e quando salvei uma criança de afogamento.
L - HELICÔNIA - 18a	Quando eu enfrentei os problemas que ocorreram na minha família e mesmo assim não me abati e deixei que me atingisse e quando eu tomei coragem para fazer a prova da Marinha.
M - DÁLIA - 18a	Quando corri para não ser assaltada, quando um cachorro tentou me atacar e fiz de tudo para conter, quando minha amiga estava nervosa e eu também mas tentei acalmá-la pois ela estava mais.
N - MARGARIDA - 18ª	Não respondida.
O - ÍRIS - 17a	Quando enfrentei meu pânico de barata e matei uma, quando assumo meus erros, mesmo sabendo que aquilo pode não ser a melhor solução, quando enfrento coisas que me deixam extremamente amedrontada.
P - ALFAZEMA - 18a	Fui contra à um rapaz que machucava um animal indefeso. Tive coragem para enfrentar meus medos. Tive coragem e me opus a algo errado, violência contra a mulher.
Q - BARDANA - 16a	Resgatei um gatinho do alto da árvore. Evitei uma discussão e assumi meu erro.
R - JASMIM - 18a	Quando luto pelo o que era meu. Quando vejo uma situação , e usei as virtude de tenho. Quando você luta por quem você ama.
S - VIOLETA - 17a	Quando entrei no meio de uma discussão para defender uma amiga minha. Quando enfrentei meus problemas assumindo minha culpa. A terceira ainda não vivenciei ou não me recordo.
T - TULIPA - 18a	Ajudei uma menina que estava sofrendo agressão verbal, enfrentei alguém que já me assustou e disse à uma pessoa que não estava feliz com a amizade.

QUESTIONÁRIO 1 – Meninos

Anexo 16

	1. O que é ser uma pessoa ética para você?
1 - CARVALHO	Ter um bom senso de moral e ser constantes nas idéias que acrescentam a vida do individuo e das pessoas a sua volta mantendo a conduta boa e correta sem se corromper
2 - BAMBU	É respeitar os valores de si e dos próximos um sentimento transcendental
3 - COQUEIRO	É uma pessoa que sabe se portar bem em meio à sociedade.
4 - DAMASQUEIRO	Não sei
5 - EUCALÍPITO	Tudo aquilo que esta relacionada com o comportamento moral do ser humano
6 - FIGUEIRA	Uma pessoa ética é uma pessoa determinada com objetivos na vida
7 - JACARANDÁ	É uma pessoa que faz o bem para a sociedade
8 – IPÊ	Uma pessoa de bom caráter
9 - JEQUITIBÁ	Uma pessoa que acredita no bem da humanidade
10 - LOUREIRO	É uma pessoa que sabe se comportar em lugares de necessidade
11 - JATOBÁ	Uma pessoa ética é aquela que segue uma boa conduta e tem respeito com os outros
12 - PALMEIRA	Mudar algo que esta errada

13 - NOGUEIRA	Uma pessoa ética para mim é ter vários atributos bons que ajudam a sociedade e se torna unida, responsável, etc. esse individuo possui e põe em pratica virtudes em que a sociedade não sabe por em pratica ou que não quer. E saber ser centralizado, faz bem
14 - CAJUEIRO	Em minha opinião, uma pessoa ética é aquela que faz de acordo com o que é certo
15 - PINHEIRO	Uma pessoa que sabe agir diante das pessoas com caráter e principio.

Anexo 17

2. Nós já nascemos éticos ou nos tornamos éticos?	
1 - CARVALHO	Ética é algo gradativo que se constrói com bons exemplos que através de virtudes passadas se tornam uma conduta exemplar
2 – BAMBU	Nós nascemos com nossas imperfeições, apenas simples e ignorantes e a partir de nossa experiência terrenas passamos a concretizar as qualidades da vida virtuosa e modular-se na ética humana.
3 - COQUEIRO	Tornamo-nos éticos
4 - DAMASQUEIRO	Não sei
5 - EUCALÍPITO	Tornamo-nos éticos
6 - FIGUEIRA	Nós nos tornamos éticos
7 - JACARANDÁ	Tornamo-nos
8 – IPÊ	Nós nos tornamos éticos, com experiência que as pessoas e a vida nos proporcionam
9 - JEQUITIBÁ	Tornamos-nos
10 - LOUREIRO	Nós já nascemos éticos

11 – JATOBÁ	Tornamo-nos éticos
12 - PALMEIRA	Tornamos-nos éticos
13 - NOGUEIRA	Em minha opinião, nós nascemos éticos, porque ao longo do tempo vamos descobrindo e amadurecendo esse dom que nós temos e não sabemos. Mas têm casos a parte de pessoas que vão se tornando também.
14 - CAJUEIRO	Acredito que nos tornamos éticos a partir do momento em que aprendemos o certo
15 - PINHEIRO	Tornamos-nos éticos

Anexo 18

3. O que é ser uma pessoa virtuosa?	
1 -CARVALHO	Alguém que desenvolve talentos exemplares do qual são passadas com bons exemplos
2 – BAMBU	É ter dentro de si e conseguir externar os sentimentos bons que a vida proporciona.
3 - COQUEIRO	É uma pessoa que tem e pratica as virtudes.
4 - DAMASQUEIRO	Uma pessoa virtuosa é uma pessoa que só fica ligado numa coisa virtual. Como por exemplo, o celular, a TV, etc.
5 - EUCALÍPITO	Virtude é a disposição do individuo de praticar o bem
6 - FIGUEIRA	Não sei responder
7 - JACARANDÁ	Uma pessoa muito inteligente
8 – IPÊ	É ser uma pessoa boa, com intenções boas com o próximo
9 - JEQUITIBÁ	Uma pessoa que pratica as virtudes, que faz o bem para a sociedade
10 - LOUREIRO	Pessoa virtuosa é aquela que demonstra uma virtude do dia a dia

11 – JATOBÁ	É uma pessoa que exerce qualidades durante algum período de sua vida
12 - PALMEIRA	Ser virtuoso é demonstrar uma elegância, ou seja, ser gentil, educado, ser um cidadão intelectual e respeitador.
13 - NOGUEIRA	É ser uma pessoa que saiba exercer virtudes que diferenciam eles das demais pessoas, não deixa que a pessoa te influencie nas suas escolhas e atos.
14 - CAJUEIRO	Ser uma pessoa virtuosa é além de possuir qualidades, agir de acordo com o que é certo, beneficiando não só a si próprio, mas todos a sua volta
15 - PINHEIRO	É uma pessoa que apresenta qualidades boas da virtude

Anexo 19

4. Podemos dizer que a amizade é uma virtude? Justifique.	
1 - CARVALHO	Sim, pois a amizade é um laço exemplar que alcança as pessoas dando apoio, coragem e determinação
2 – BAMBU	Sim. Pois é um sentimento mútuo de troca entre pessoas. Um amigo é quem podemos confiar e dividir os nossos percursos e amenizá-los.
3 - COQUEIRO	Sim, pois a amizade nos ajuda a nos portarmos melhor (dependendo da amizade).
4 - DAMASQUEIRO	Não
5 - EUCALÍPITO	Sim, porque eles fazem o bem
6 - FIGUEIRA	Não sei responder
7 - JACARANDÁ	Sim
8 – IPÊ	Sim, pois amizade nos ajuda a superar coisas que sozinho, talvez nós não conseguíssemos passar por cima

9 – JEQUITIBA	Sim. Uma amizade gentil e generosa é uma amizade virtuosa
10 - LOUREIRO	Sim, é uma virtude de uma pessoa que ajuda a outra pessoa em qualquer momento
11 – JATOBA	Não, porque o que você precisa fazer para conquistar essa amizade que é uma virtude de lealdade, sinceridade, coragem, etc.
12 - PALMEIRA	Sim, pois a amizade vai muito além da confiança; amizade e o amor é o carinho que um indivíduo tem pelo outro
13 - NOGUEIRA	Sim podemos. A amizade para mim é uma virtude muito importante, que nós temos que exercê-las de forma muito abrangente e crítica, porque hoje em dia, a amizade é uma forma “pejorativa”
14 - CAJUEIRO	Sim. A partir do momento em que cedem dos seus próprios interesses pelo de outras pessoas e utiliza diversas virtudes dentro delas.
15 - PINHEIRO	Sim. Porque a amizade é aquele que valoriza você como amigo, sem pensar nos bens materiais que você possui ou não, mas é seu amigo

Anexo 20

5. Em que momento você diz que uma pessoa é corajosa?	
1 - CARVALHO	Quando ela tem coragem de ajudar de ajudar as pessoas, se manter honesta diante do que é errado mesmo quando as consequências são desastrosas
2 – BAMBU	Uma pessoa que persiste em caminhar mesmo com tantos obstáculos no caminho.
3 - COQUEIRO	Quando ela é corajosa mesmo estando com medo.
4 - DAMASQUEIRO	Bater em um policial

5 - EUCALÍPITO	Gritar na gaiola
6 - FIGUEIRA	No momento em que a pessoa vai à busca dos seus objetivos sem ter medo de dar errado
7 - JACARANDÁ	Quando uma pessoa arrisca uma coisa perigosa
8 – IPÊ	Quando ela toma decisões difíceis com muita certeza do que esta escolhendo e querendo para si mesmo
9 - JEQUITIBA	Quando a pessoa expressa o que sente a outra
10 - LOUREIRO	Quando uma pessoa anda na rua e vê a outra sendo maltratada e vai até ela para ajudá-la
11 – JATOBÁ	Nos momentos em que preciso tomar uma decisão ou falar algo, muitas vezes errada
12 - PALMEIRA	No momento em que o “mundo” diz não, e eu digo que sim
13 - NOGUEIRA	No momento em que a pessoa não tenha medo de encarar seus desafios ou os medos que ela adquirir ao longo do tempo, ser uma pessoa que aceite e que vença os desafios impostos pela vida
14 - CAJUEIRO	Ter coragem, ou melhor, ser uma pessoa corajosa é quando uma pessoa enfrenta os seus próprios medos por aquilo que quer.
15 - PINHEIRO	Quando ninguém mais vir possibilidade de salvar aquela pessoa, então aparece aquele (a) para te salvar, isso que é ser corajoso

Anexo 21

	6. Quando você diz que uma pessoa é honesta?
1 - CARVALHO	Quando ela resiste na boa conduta diante da imoralidade, corrupção e males
2 - BAMBU	É quando o indivíduo enxerga a possibilidade de fraudular, ganhar vantagens e escolher seguir de forma correta eliminando a vantagem imprópria.
3 - COQUEIRO	Quando ela é honesta mesmo tendo a oportunidade de fazer o contrário.
4 - DAMASQUEIRO	Quando a pessoa só fala a verdade, não pega o que não lhe pertence.
5 - EUCALÍPTO	Quando uma pessoa deixa cair cem reais na rua e a outra o devolver
6 - FIGUEIRA	Quando elas fazem as coisas certas para ajudar o próximo
7 - JACARANDÁ	Quando uma pessoa acha algo de alguém e devolve
8 - IPÊ	Quando ele age de uma forma justa com tudo e com todos.
9 - JEQUITIBÁ	Quando ela usa a sinceridade
10 - LOUREIRO	Quando ela fala que fez algo ruim para alguém e confessa para ela o que fez
11 - JATOBÁ	Quando ela vê algo errado ou que todos estão fazendo, mas não se mistura com ela; ou quando ela pode se beneficiar com algo errado, mas ela escolhe seguir o correto
12 - PALMEIRA	Eu acredito que sou honesto no momento em que eu aprendo a respeitar o meu próximo, quando eu ajudo, quando eu dou um sorriso em um simples bom dia.
13 - NOGUEIRA	Quando a pessoa sabe o que é certo e errado. Mas praticam o bem é claro. Saber não ser influenciado e ter pulso firme em suas decisões
14 - CAJUEIRO	Uma pessoa que diz a verdade, que expressa seus atos de maneira verdadeira

15 - PINHEIRO	Quando você confia nela com seus bens materiais e ela não rouba, isso é ser honesto
---------------	---

Anexo 22

7. Que critérios você usa para dizer que uma pessoa é boa?	
1 - CARVALHO	A conduta moral de vida diz tudo sobre o indivíduo
2 – BAMBU	Quando ela se importa com o próximo como a si mesmo. Deste modo, "o próximo" é tudo que se pode imaginar. Logo, amar o próximo é amar a si mesmo, pois o verdadeiro amor é um sentimento mútuo e se amamos não há como sermos amados. Portanto, para sermos bons precisamos amar.
3 - COQUEIRO	O jeito como a pessoa trata as outras pessoas.
4 - DAMASQUEIRO	Honestidade
5 - EUCALÍPITO	Fazendo o bem sem ver a quem
6 - FIGUEIRA	O critério da honestidade, isso é o maior critério de uma boa pessoa
7 - JACARANDÁ	Quando alguém beija minha mão, é ser uma pessoa boa para mim
8 – IPÊ	Quando eu percebo que a pessoa também pensa no próximo, e não só em si mesma
9 - JEQUITIBA	Quando a pessoa é generosa, honesta, etc.
10 - LOUREIRO	Quando você ajuda uma pessoa em algo que ela não consegue
11 – JATOBÁ	Prezo muito as virtudes, conceituo-as sendo boa geralmente por sua lealdade, coragem, honestidade, sinceridade e respeito

12 - PALMEIRA	Suas atitudes, seu modo de ser, na forma de falar, de agir, do entender, do pensar.
13 - NOGUEIRA	Os meus critérios são: saber ajudar uma pessoa quando ela precisar, ou seja, ajudar o próximo fizer decisões que ajudem a humanidade
14 - CAJUEIRO	Que tem um bom coração, que zela por sua própria vida e das pessoas a sua volta
15 - PINHEIRO	O jeito de agir diante dos menos afortunados

Anexo 23

8. Cite, pelo menos, três exemplos de atitudes de pessoas boas justificando-os.	
1 - CARVALHO	Ser correto, amar o próximo como a si mesmo, seguir uma conduta moral
2 – BAMBU	Ajudar sem querer nada em troca, pois aquele que ajuda com o sentimento de apenas melhorar a vida do próximo é um ser virtuoso.
3 - COQUEIRO	Tratar bem os outros, ajudar sempre que pode, é obediência
4 - DAMASQUEIRO	Devolver o celular de uma pessoa que deixou cair.
5 - EUCALÍPITO	Ajudar idoso, ajudar animais, ajudar a quem precisa
6 - FIGUEIRA	Um dos exemplos de atitude boa; quando você esta em um ônibus cheio e entra um idoso ou uma gestante e a pessoa levanta para ceder seu lugar.
7 - JACARANDÁ	Fazer doações para as pessoas que precisam; quando alguém me presenteia; quando alguém doa algum alimento a quem necessita.
8 – IPÊ	Quando vejo a pessoa se preocupando com o próximo, tentando dar lhe uma palavra amiga, se importando com o próximo, porque muita das vezes nós só precisamos de uma palavra amiga

9 - JEQUITIBÁ	Caridade é quando uma pessoa sente prazer em ajudar ao próximo, inclusive, é uma das coisas mais lindas que alguém pode ter; Generosidade é quando um amigo abre mão do que é dele para ajudar o amigo que precisa; Gentileza é quando, por exemplo, tem um idoso em pé no ônibus e cedemos nosso lugar a ele
10 - LOUREIRO	8. Uma pessoa reutiliza o seu próprio lixo; uma pessoa vê a outra caída no chão e ela vai para ajudá-la a levantar; uma pessoa joga o lixo na rua e a outra pessoa fala que é errado, pedindo que ela jogue o lixo na lixeira
11 - JATOBÁ	Uma pessoa no fila de um supermercado encontra um amigo que deseja furar a fila ficando em sua frente, mas ele tem a coragem de falar que não vai deixar por respeito aos que já estavam esperando; Você esta em um jogo em que muitos ganham por trapacear, mas você prefere jogar conforme as regras, você precisa ser honesto para este momento; Você esta vendo uma pessoa precisando de ajuda, e tem condições de ajudá-la com a virtude da compaixão e solidariedade com aquela pessoa.
12 - PALMEIRA	Devolver certos objetos perdidos que não me pertence, a pessoa que se preocupa com você, que tem uma preocupação
13 - NOGUEIRA	A honestidade de uma pessoa que viu uma carta, que caiu no chão, que estava cheia de dinheiro, de uma bolsa de uma mulher, devolveram para ela; A coragem de uma pessoa enfrentar o assaltante para não roubar ela; A gentileza de uma pessoa tratar as demais igualmente
14 - CAJUEIRO	Ter humildade é ser uma pessoa simples, isso é bom a partir do momento em que a pessoa vive com o que é necessário; ser solidário, fazer o necessário para quem precisa; ser sincero, dizer a verdade, aquilo que peça para a pessoa, isso é bom a partir do momento em que você nos ilude uma pessoa
15 - PINHEIRO	Uma pessoa com menos recursos e dinheiro ajuda uma pessoa que esta sem comer a dias; Uma pessoa que vê que você esta passando dificuldade e sempre esta a seu lado para ajudar; Uma pessoa que não importa quanto o que ela ganha muito ou pouco ela sempre ajuda

QUESTIONÁRIO 2 – Meninos

Anexo 24

	1. Você se considera uma pessoa ética? Justifique.
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Sim
B - JATOBÁ 18 ANOS	Sim. Porque assim como Otelo que apresentava muitas virtudes, mas erra em algumas decisões, eu me considero igual. Sendo assim, apresentando alguns vícios, porém sendo bastante virtuoso.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Sim, pois eu me esforço muito para entender o próximo, para poder resolver problemas com honestidade e justiça.
D - PINHEIRO 18 ANOS	Sim. Porque eu respeito todos à minha volta.
E - CARVALHO 18 ANOS	Sim, pois sou honesto, procuro sempre ser o mais justo possível mesmo falhando algumas vezes.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Sim, pelo menos na maioria das coisas que tento fazer o certo e agir com clareza.
G - LOUREIRO 17 ANOS	Ser uma pessoa ética está mais ligado a consciência do que atitudes, você pode ter atitudes ruins porém isso não te faz uma pessoa não ética. Se você têm consciência das suas atitudes e tenta ser melhor sempre você é ético.

Anexo 25

	2. Ser colega é a mesma coisa que ser amigo?
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Não
B - JATOBÁ 18 ANOS	Não. Colega é uma pessoa que você convive em um ambiente, mas não tem tanta proximidade. Já amigo, você tem uma certa intimidade e confiança.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Não. Amigo é igual a um irmão.
D - PINHEIRO 18 ANOS	Não. Porque colega é só um amigo passageiro já o amigo está ali pra tudo horas boas e ruins.
E - CARVALHO 18 ANOS	Não, pois o amigo é ajudador e companheiro, e o colega somente alguém agradável.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Não, colega seria aquele que você conversa diariamente que é diferente do amigo aquele que pode contar sempre em qualquer momento.
G - LOUREIRO 17 ANOS	Não. Colega são aquelas pessoas que você não tem muita proximidade e ser amigo é você ter uma certa proximidade com a pessoa.

Anexo 26

	3. É possível um colega se transformar em um amigo?
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Sim.
B - JATOBÁ 18 ANOS	Sim. Toda amizade começa como a pessoa sendo colega, algumas atitudes dela que as fazem se tornar amigo.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Claro que sim, basta a pessoa querer, se interessar pelo amigo
D - PINHEIRO 18 ANOS	Sim. Conversando e tendo intimidade.
E - CARVALHO 18 ANOS	Sim, através das virtudes.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Sim, a partir do momento em que a confiança é passada para o outro.
G - LOUREIRO 17 ANOS	Sim, conforme o tempo seu colega vai pegando a confiança em você e vai vira seu amigo.

Anexo 27

4. O que você considera necessário para ser um amigo?	
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Tá comigo na melhor e na pior.
B - JATOBÁ 18 ANOS	Além de uma boa conduta ética, precisa ser honesto, justo leal e verdadeiro.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Ser quase um irmão, estar ali quando o amigo precisar.
D - PINHEIRO 18 ANOS	Estar sempre ao seu lado nas horas boas e ruins da sua vida.
E - CARVALHO 18 ANOS	Companheirismo, honestidade.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Confiança, honestidade, compreensão e amor.
G - LOUREIRO 17 ANOS	É você apoiar e estar junto nos momentos que a pessoa precisar.

Anexo 28

5. Cite três situações nas quais você agiu usando a virtude da honestidade.	
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Respeito ao próximo
B - JATOBÁ 18 ANOS	Quando achei dinheiro em casa que não era meu e eu fui perguntando de quem era. Quando um amigo estava passando por uma situação que ele errou e eu comecei a aconselhar ele. Quando eu estava com fome e peguei um biscoito do meu primo; assim que peguei falei com ele e expliquei.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Na fila do lanche, onde meus amigos estavam na frente eu preferi ficar no final.
D - PINHEIRO 18 ANOS	Um homem deixou sua carteira cair eu vi pequei e a entreguei. Meu amigo roubou a loja e o dono perguntou se eu o conheço e falo que sim e que foi ele que roubou. Quando você diz a verdade pro seu melhor sendo verdadeiro isso é ser honesto.
E - CARVALHO 18 ANOS	Quando me perguntam a verdade, quando eu vejo algo e não fico omitindo a verdade, quando vejo que algo é errado e não acho engraçado e nem busco promover.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Devolução de grande quantia de dinheiro, devolver objetos e falar a verdade.
G - LOUREIRO 17 ANOS	Fui com meu amigo X pra loja comprar biscoito e vi ele pegando um biscoito sem paga e avisei ao dono da loja. Minha prof me deu uma nota baixa e eu avisei minha mãe sobre a nota. Uma pessoa deixou cair uma nota na rua e eu peguei a nota e devolvi ao dono.

Anexo 29

6. O que você entende sobre a virtude da coragem?	
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Não respondida.
B - JATOBÁ 18 ANOS	Coragem é quando você sabe do risco se você fizer alguma coisa, seja boa ou ruim, e mesmo assim você decide fazer.
C - COQUEIRO 18 ANOS	É você não ter medo na hora em que é preciso agir.
D - PINHEIRO 18 ANOS	É quando você fez algo errado e você ter a coragem de olhar nos olhos daquela pessoas e pedir desculpas do que você fez.
E - CARVALHO 18 ANOS	A virtude da coragem é quando você vence seus medos.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	A coragem é algo que se possui desde o momento que se enfrenta os problemas mais difíceis da vida.
G - LOUREIRO 17 ANOS	Não ter medo de agir nos momentos difícil.

Anexo 30

	7. Cite, pelo menos, três situações nas quais você agiu usando a virtude da coragem.
A - JACARANDÁ 18 ANOS	Não respondida.
B - JATOBÁ 18 ANOS	Usei a virtude da coragem quando tive que intervi em uma briga familiar. Quando agi por impulso e tive que ter a coragem para me desculpar. Quando eu disse que meu amigo estava errado por discutir com a mãe dele.
C - COQUEIRO 18 ANOS	Um amigo maior que eu queria que eu lhe desse as respostas e mesmo com medo eu não dei.
D - PINHEIRO 18 ANOS	Ter coragem de defender seu amigo diante de uma briga injusta. Ter coragem de falar a verdade mesmo que cause problema comigo. A coragem de se expressar de uma coisa ruim que eu fiz sabendo que eu vou ter consequência do meu ato.
E - CARVALHO 18 ANOS	Quando me deparo com algo ameaçador mas venço meus medos, uma vez num passeio aconteceu um tiroteio e ajudei duas garotas a fugir, mesmo com medo.
F - TAMAREIRA 18 ANOS	Enfrentar um cachorro bravo, defender uma mulher
G - LOUREIRO 17 ANOS	Meu pai queria bater no meu irmão e eu intervi. Uns garotos queriam bater no meu amigo e eu fui protege-lo. Eu estava em cima de uma árvore muito alta e tomei coragem e pulei.

OFICINAS

Anexo 31

OFICINA 1: COLABORAR NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR:

O QUE NOS FALTA?	
Menino 1 CARVALHO	Um mundo justo começa pelo individuo, a grandes conquistas a ser conquistadas por pessoas valentes e virtuosas, coisas que não se conquistam só por bens materiais, mas sim por princípios éticos tornando se capaz de estabelecer correntes de boas energias. O que nos falta para colaborar na construção de um mundo justo e influenciadas com bons costumes, boas histórias que acrescentam virtudes gradativamente a todos indivíduos despertando pensamento participativo ético e moral.
Menino 2 BAMBU	Otelo nos ensina o amor. Calunia, calunia e calunia O que seria do homem sem amar Que a heterogenia não impeça o amor É preciso ser igual para amar? Um homem pobre simplório em virtudes A vida é nobre é banhada em contemplo A fortuna sombreiam as virtudes? Se nós amamos, fugiremos Sairemos de tantos tormentos Que a felicidade impere nas controvérsias Se amas, não se importe com falácias O amor deve ser mantido Que as diferenças não o deixe escondido O branco, o negro, o pobre e o rico

Menino 3 COQUEIRO	Virtude e caráter são as coisas mais importantes para se construir uma sociedade e quando se tem isso, a sociedade é construída, a sociedade se desenvolve, a sociedade cresce, mas no momento em que esses valores são perdidos, a sociedade se desfaz e vai perdendo com o passar dos tempos.
Menino 4 DAMASQUEIRO	Honestidade, recentemente, pois de esperteza onde política é escala para ficar da noite para o dia. Onde se pune a verdade e glorifica a mentira incentivando aos nossos jovens que roubar vale apenas. Honestidade neste país é sinal de pobreza, pois onde a esperteza nem pensa em ser útil onde a justiça cega não vê, onde o lixo vira comida nesse rico Brasil país em que a fome e a pobreza são companheiras
Menino 5 EUCALIPTO	Há um princípio básico de sinceridade consigo mesmo e com os outros, um valor fundamental na existência humana que se soma a verdade interior: a honestidade, ela mostra a atitude de uma pessoa que é fiel a si mesmo e a qualquer contexto. Uma pessoa honesta não finge ser alguém que na realidade não é.
Menino 7 JACARANDÁ	Unificar o mundo é uma tarefa difícil para pessoas sem virtudes e conhecimento e algo que devemos sem passar adiante porém é algo “inútil” se não tivermos as virtudes necessárias para fazer com esse conhecimento de um mundo melhor, sem preconceito e com menos desigualdade
Menino 9 JEQUITIBÁ	Apenas desenhou
Menino 10 LOUREIRO	Para nos construirmos um mundo melhor e mais justo, devemos abrir a mão para as pessoas que são diferentes de nós como negra, parda, russa etc. Nos dias de hoje o mundo está sendo muito preconceituoso com as cores das pessoas negras, pois são bastante discriminadas pelas pessoas brancas e estas pessoas têm poucas igualdades sociais, por isso devemos nos juntar para que este preconceito com as etnias e cores diferentes acabe, pois cada ser humano é igual, ninguém é diferente do outro. Todos devem se unir para fazer este mundo um lugar melhor de se viver sem discriminação.
Menino 11 JATOBÁ	Um mundo mais justo não deveria haver desigualdade e individualismo. Vivemos em um mundo em que os preconceitos pairam sobre a sociedade, julgam você por causa de sua etnia, gênero, sexualidade e doutrina que você segue, por mais que uns ou outros não aceitem isso, deve se ter o respeito e a solidariedade, esse são um dos passos para o processo de um mundo mais justo.

<p>Menino 13 NOGUEIRA</p>	<p>Após a leitura do primeiro ato da obra de Shakespeare, cujo nome é Otelo, pude observar que existe diversos temas abordados que causam uma grande reflexão em minha mente. Além disso, pude ver que uma forte comparação com algumas relações do mundo real.</p> <p>Personagens como Iago que demonstrou uma enorme falta de virtude durante o ato, sendo falso, desonestos e tendo diversas atitudes que infelizmente condiz com varias pessoas em nossa sociedade.</p> <p>Posso então definir, o que falta no mundo é então, uma redução das pessoas, para que incorporem a virtude, a ética e a moral, de forma que seja essencial para o convívio.</p> <p>O quê falta no mundo é simples e puramente amar o próximo</p>
<p>Menino 14 CAJUEIRO</p>	<p>Em um mundo em construção para ser justo, democrático e ético, nos falta ter ética e virtudes que nos ajudem e diferenciem de cada indivíduo presente na sociedade.As virtudes são qualidades ou aspectos que cada um tem dentro de si e que praticamos ou não com frequência, que quando praticamos nos tornamos pessoas melhores.Todos nós queremos um mundo que seja bem democrático, justo, bonito de viver, que todos cumpram com seus deveres. Mas, hoje a sociedade que nós vivemos e nos orgulhamos, não pratica a ética e a moral, porque a sociedade hoje só pensa em si mesmo.Temos varias "doenças" que se chamam ego, egoísmo, inveja, violência. Nós não aceitamos que os outros com seu reconhecimento sejam superiores para nós.</p>
<p>Menino 15 PINHEIRO</p>	<p>O mundo justo que nos falta é um mundo desigual e mais justo com nenhuma discriminação, respeitar o próximo, ser solidário e honesto, mas o mundo vai mudar com só essas palavras escritas depende das pessoas se estão disposta a mudar para que o mundo seja igualitário e justo</p>
<p>Menino 16 ABACATEIRO</p>	<p>Um mundo justo começa quando começa, mas a nos importar com as personalidades da pessoa e não com que a pessoa tem, porque muitas das vezes a pessoa pode ter tudo o que um ser humano queria ter, mas não tem uma boa índole como uma pessoa que não tem a metade do que ela tem.</p> <p>Às vezes julgamos muito as pessoas que não tem uma boa aparência, que não esta vestida devidamente, etc.; mas o que essa pessoa tem por dentro e ama coisa bonita, as vezes coisas mais bonita que o nosso interior.</p>
<p>Menino 17 TAMAREIRA</p>	<p>Nos dias de hoje nos falta a compaixão, compreensão, o mundo em si vive numa desordem e que se não for feito algo irá perder seus verdadeiros valores que alguns ainda possuem, mas o que realmente falta é a virtude do perdão junto com a compaixão, aos poucos vão sendo perdidas se possuir a capacidade do perdão uma bela parte do mundo poderá mudar vendo assim começando a viver num lugar melhor.</p>

<p>Menino 18 CAJUZEIRO</p>	<p>Para um mundo honesto e mais justo é fundamental a participação de todos os seres humanos, porem é algo impossível de se fazer, então o que podemos fazer é conseguir o máximo de pessoas dispostas a fazer um mundo mais justo e melhor, podemos conseguir pessoas dispostas a isto por meio das virtudes, a literatura é um bom meio de conquistar e conscientizar as pessoas de que no fundo todos nós queremos e precisamos de um mundo melhor.</p>
--------------------------------	--

Anexo 32

OFICINA 2 - CONSTRUINDO A VIRTUDE DA AMIZADE

<p>Helicônia, Hortência, Jasmim e Lavanda</p>	<p>Um amigo de verdade. A virtude da amizade não é apenas ter um amigo, mas sim, fazer esses amigos de um grande irmão tratá-lo como irmão demonstrando carinho, amor, respeito, generosidade e acima de tudo companheirismo. Quando reconhecemos que alguém é nosso amigo de verdade vemos apenas pelos modos em que somos tratados e também por tudo que a pessoa é capaz de fazer pela outra demonstrando sempre uma amizade. Precisamos entender que amizade são assim feitas de altos e baixos, na real o amigo é aquele que abre portas, conhece seu choro, as suas lutas. A amizade cresce em cada luta e companheirismo, o sentir da palavra amizade é muito além do que as pessoas pensam, amizade é uma virtude que muitos sabem que existem, alguns descobrem, mas poucos reconhecem a confiança como uma arma de boa amizade. Quando a amizade é sincera o esquecimento é impossível. A confiança tal como a arte, não duvida de termos resposta para tudo, mas de estarmos abertos para todas as perguntas a dor alimenta a coragem. Construimos uma amizade verdadeira, necessitamos ter varias virtudes, como a sinceridade, lealdade e bondade, pois hoje em dia é muito difícil ter uma amizade como a de Otelo e Cássio.</p>
---	--

Alfazema, Tamareira,
Tulipa e Magnólia

Amizade verdadeira: Dádiva da vida.

Como construir uma amizade verdadeira? Talvez seja uma das perguntas mais difíceis de responder. Não é da noite para o dia e nem mesmo é necessário uma medida de tempo. Trata-se de confiança entre duas pessoas, lealdade e muita gentileza, pois são virtudes como estas que fazem duas pessoas sentirem a vontade uma com a outra. Claro que muitas vezes uma amizade pode ser feita através de uma diversidade ou de um acontecimento incomum.

Acontece em muitas situações que a necessidade pode aproximar mais as pessoas do que a própria estabilidade. Você precisa confiar, entender, estar ali presente, e principalmente escutar e poder ter a chance de falar.

Para construir uma amizade é preciso muitas virtudes. Devemos ser honestos, compreensivos, solidários a todo o momento para com nossos amigos.

A amizade tem como base a compreensão, confiança, amor, compaixão e simpatia. Sem isso a amizade seria apenas uma coisa insignificante sem objetivo de amar ao próximo e de compreendê-lo.

Nos dias atuais o amor está em falta junto a desunião que ronda ao nosso redor fazendo assim uma parte do ser humano que somos, menor, perdendo algumas das virtudes que possuímos.

Amizades surgem e vão, depende apenas das pessoas saberem cultivá-las bem. Veja que ser solitário é uma das piores coisas que pode acontecer com alguém, pois sem a virtude da amizade a pessoa certamente não é feliz.

Saber que temos uma pessoa para contar nas horas boas e ruins com certeza torna tudo mais fácil de lidar. Ter uma amizade verdadeira é uma dádiva da vida.

Como por exemplo, podemos observar nas obras de Shakespeare; Hamlet e Otelo. Na primeira obra, temos a amizade de Hamlet e Horácio, que se mostra fiel e verdadeira durante toda a história. Podemos observar que Horácio se manteve todo o tempo ao lado de Hamlet, ajudando-o a vingar a morte de seu pai.

Na obra de Otelo vemos a amizade entre ele e Cássio, que se mantém firme até o momento em que se instaura uma nova intriga para os dois. Porém, antes do ocorrido, antes eram muito amigos e estavam sempre dispostos a ajudar um ao outro, sendo assim, bons amigos e companheiros

<p>Palmeira, Violeta e Carvalho</p>	<p style="text-align: center;">Amizade verdadeira</p> <p>A amizade sem duvida é uma das virtudes mais bonitas em um mundo com tantas falsidades. A amizade prevalece contra a maldade, todas parecem querer se beneficiar e quando isso não acontece da origem a um circulo de ódio, guerras, mentiras e intrigas.“ Eu me chamo Everton, tenho 16 anos e estudo no colégio Bélgica, hoje entrou um menino novo na minha turma. Ele parece ser bem tímido. O nome dele é Bruno, no intervalo vejo alguns meninos mexerem com ele, eu fico querendo ir ajudá-lo, mas com medo eu vou embora. No dia seguinte vi mais uma vez os meninos mexerem com Bruno, dessa vez criei coragem e o defendi. Ele me agradeceu e ficou muito feliz, começamos a conversar e ali eu pude ver que tínhamos muito em comum, como gostos musicais, matérias escolares entre outras coisas. Começamos a andar juntos, fazendo visitas em nossas casas, Bruno era muito inteligente e eu meio desinteressado. Ele via minhas dificuldades e me ajudava, eu via crescer ali uma verdadeira amizade. Os anos foram se passando, Bruno e eu conhecemos a Samantha uma menina que queria ter mais atenção que Bruno, pois isso foi fazendo com que eles se afastassem. Eu criei uma afinidade e carinho por Samantha, que em um belo dia resolvi eu sair para fazer um passeio com ela apenas, pois ela e Bruno tiveram uma briga e não estavam mais com a amizade de antes. Após acontecer isto, fui a casa de Bruno pedir a ele conselhos e ele me mostrou a verdadeira virtude da amizade. Ele foi até a casa de Samantha pedir desculpas, então Bruno com seu gesto provou ter uma amizade fiel tornando-se um amigo virtuoso.”Eu observei que a amizade é muito citada nos dois livros, tanto em Hamlet como em Otelo, a amizade é muito importante.Porém, no Hamlet eu observei que existe mais lealdade e eles exercem mais a virtude da amizade, já em Otelo é mais tragédia, mas também tem amizade.</p>
<p>Jacarandá, Salvia, Jequitibá e Girassol</p>	<p style="text-align: center;">Todos por um.</p> <p>Um grupo de amigos resolveu se juntar para um show de uma cantora famosa saíram cedo para pegar um bom lugar perto da cantora, chegando perto da hora da abertura do show uma participante deste grupo sentiu-se mal por conta do lugar que estavam, pois eram abafado. Ao notar que Ashley estava passando mal, o grupo se mobilizou para ajudá-la, exceto Tiffany que pouco se importava para Ashley, Tiffany não via a hora de Ashley sair dali para pegar seu lugar, que era mais próximo do palco. Evelyn como a mais responsável do grupo convenceu Ashley a ir ao posto médico mais próximo do local.</p> <p>- Amiga, você não precisa ficar aqui passando mal, irei lhe acompanhar ao posto médico. Disse Evelyn com ar de preocupação e medo de sua amiga ter um desmaio</p> <p>- Não, eu não quero perder o meu lugar. Disse Ashley quase caindo para trás.</p> <p>O restante do grupo permaneceu no local para guardar o lugar de Ashley e enfim ela resolveu ir ao posto médico. Seus amigos ao perceber que Tiffany queria tomar o lugar de Ashley não deixou que ela agisse daquela maneira astuciosa, Tiffany com raiva por que seu plano não deu certo, se afastou do grupo e sumiu no meio da multidão. Ashley voltou para seu lugar de inicio, mas para sorte do grupo ela melhorou e pode assistir ao show tranquilamente.</p> <p>Do livro temos o exemplo de Iago, que queria ficar com o posto de Otelo, tentando colocá-lo contra seus amigos, para</p>

	<p>que todos ficassem ao lado dele, assim poderia ficar no lugar de Otelo</p>
<p>Dália, Coqueiro, Abacateiro e Orquídea</p>	<p>Cassiano, um menino feliz, simples, inteligente e admirável, dava valor a todas as suas coisas e seu amor pela família e amigos era incrivelmente lindo. Porém, na sua adolescência, suas qualidades fizeram com que desacreditassem de seu valor. Ele confiava em muitas pessoas no mesmo momento em que as conheciam, começou a se apegar de mais a essas novas pessoas, que no entanto, descobriu que elas faziam piadas e caçoavam afim de conseguir constrange-lo sempre. Quando ele havia desistido de acreditar nas pessoas, o garoto conheceu um rapaz que estava sempre sorrindo. No começo, o garoto começou a sentir inveja pelo rapaz que estava sempre alegre, mas ainda sim, continuou a se aproximar dele. Tempo depois, viu que estava sorrindo também, não demorou para notar que se sentia bem com seu mais novo melhor amigo, percebeu que antes estava apenas com pessoas de poucas qualidades e no lugar errado. “A amizade é uma relação linda entre as pessoas e sentimento transformado em ações, é sentir o carinho, é respeitar o espaço e esta sempre junto em momentos bons e ruins” Em Hamlet o personagem principal passa por certas coisas, dificuldades que o deixam muito abatido e meio confuso, porém tem um verdadeiro amigo que o ajuda neste momento. Já em Otelo o personagem principal acha que tem um verdadeiro amigo, porém acaba descobrindo que era uma amizade falsa e seus amigos o traiu. É isto que significa a virtude da amizade, apoiar um ao outro em momentos bons e ruins, porém a amizade verdadeira que é muito difícil de encontrar porque muitas amizades são só por interesse.</p>

<p>Bromélia, Rosa, Iris Bardana</p>	<p style="text-align: center;">Receita da Amizade</p> <p>Amizade não nasce feita muito menos perfeita Temos que construir para aos poucos evoluir Um pouco de amor, respeito e carinho Nada disso pode faltar Capriche bem na receita Para no fim certo dar Um pouco de compreensão e simplicidade Não pode faltar nas duas partes As partes que se completam E se tornam eternas Desafio você vai enfrentar Tempestades vão passar Se mantenha no firme e forte No final vocês terão sorte Sorte de ter uma amizade sincera Mas sempre com cautela Viver a reciprocidade Boa para ambas as partes</p>
---	--

Anexo 33

OFICINA 03 – VIVER AS VIRTUDES É PERMITIR SER SIMPLEMENTE HUMANO

<p>Alfazema, Tamareira, Tulipa, Magnólia, Bardana, Flor de Lotus e Margarida</p>	<p>O que nos torna humanos são as nossas virtudes e o caráter que construímos ao longo de toda a vida. Ser humano é saber respeitar as diferenças, ajudar ao próximo, saber seus direitos e deveres. É saber que não existe só você no mundo e suas propriedades, é saber viver em consenso com milhares de pessoas. O humano é aquele que sabe aceitar e também sabe se impor. É saber dividir o pouco que tem, com aqueles que precisam. É viver em harmonia com milhares de pessoas que você não conhece, apenas pelo bom estar de todos O mínimo que precisamos para viver em harmonia com os outros, é respeito e ter empatia, agir de uma forma boa, mesmo que</p>
--	--

não te beneficie em nada. Ser humano é ter um bom caráter, é saber doar e receber coisas simples, boas e naturais; não é só pensar no superficial, não é só viver de aparência. Ser humano é cometer vários erros, entretanto, aprender com cada um deles e quere ser melhor com eles, não é querer ser perfeito, mas querer ser uma pessoa cada dia melhor sem precisar diminuir os outros e sim ajudar todos a serem melhores também.

É fazer o bem, é saber respeitar, é ser educado, é saber ser sincero, é ter compaixão, é perdoar. Ser humano é ter um turbilhão de emoções e não ter medo de sentir, porque sabe que é com ela que crescemos.

Somos todos seres humanos, mas o que realmente nos faz humanos são nossas atitudes, nossa índole, nossa capacidade de praticar coisas boas principalmente com o próximo assim como ajudar a quem precisa, sermos unidos uns com os outros, sentir a dor do próximo mesmo sem conhecê-lo, fazer sempre o bem sem olhar para quem, ajudar um animal que não sabem se defender, aceitar as diferenças, pegar o que temos de muito e doar para quem tem de menos... E varias outras atitudes que nos torna seres humanos de bem e que vai alem da ciência.

No nosso analyse a forma de agir, pensar, falar e expressar vai variando nos tornando diferentes um dos outros, alguns de nós temos “facilidades” de seguir as regras da vida aprendendo uma virtude diferente de cada vez como por exemplo o AMOR, sem ele a vida seria sem graça, sem cor, o que realmente nos tona humanos é a capacidade de compreender e ser compreendido. De ser ensinado e ensinar com esses simples sentimentos o que sem ele as metades das ações do ser humano não seriam feitas.

O que nos torna humanos e não animais; total capacidade de discernir o certo e o errado, a nossa ética sendo influenciada pelo meio onde vivemos ou não, a solidariedade, o conceito básico daquilo tudo o que nos separa de sermos apenas animais irracionais.

É uma pergunta tão difícil de responder, pois o fato de sermos humanos necessariamente não nos torna repletos de humildade, já que tantas tragédias que acontecem hoje em dia são cometidas pelo homem, sem humanidade.

Em Hamlet e Otelo, nós temos situações que possam ser bem representadas sobre o tema proposto. As tragédias que ocorreram em ambas a obras, mostram que nos tornar humanos depende muito de nossa forma de agir diante de diversidades sendo racionais e também condescendes. Pois quanto mais se penso no que fazer a respeito de qualquer situação principalmente se for perigosa, melhor é a resposta. Nas duas obras a irracionalidade do ser humano acabou falando mais alto, sem pensar eles agiram sendo movidos pelo ódio, ciúmes, e sede de vingança. Claro que também foram influenciados por disvirtuosos.

<p>Helicônia, Orquídea, Jasmim, Bardana, Mimosa e Jequitibá</p>	<p>As virtudes são atitudes guiadas por nossa razão, com isso, uma pessoa que pratica o bem é considerada virtuosa, por esse fato que as virtudes fazem um homem parecer mais humano ou melhor do que o outro. Existem virtudes que nos fazem ter atitudes humanas e facilitam o conviver entre as pessoas. São importantes porque formam a base para a compreensão das atitudes e opiniões das pessoas, desde crianças aprendemos o que é certo ou errado, bom ou mau, e que toda a ação de má forma terá uma consequência. As virtudes humanas proporcionam sempre um novo impulso para nos desenvolvermos com o homem de bem. Praticando o bem, possuindo virtudes é nos tornar uma pessoa íntegra na qual tem um pensamento e caráter próprio para pensar e agir de forma correta, não transformando toda essa bondade em um vício como por exemplo na obra de Shakespeare, no livro Otelo, onde ele mata a sua esposa por acesso de amor, tornando-o vicioso. Ser simplesmente um ser humano é buscar a cada dia ser racional, melhorar nosso interior, ter uma índole na qual nos preocupamos com o próximo, sabendo ouvir, respeitar, entre outros. Nós seres humanos temos que buscar a cada dia melhorar nosso interior, para possuir virtudes e praticar o bem, como por exemplo vemos na obra de Shakespeare, livro Hamlet, onde Horácio possuía virtudes na qual tornava ele amigo, bondoso, fiel e companheiro das pessoas</p>
<p>Orquídea, Palmeira, Coqueiro, Violeta</p>	<p>A virtude é o essencial na vida humana pois através das virtudes vivemos uma vida mais agradável. Zelando um pelos outros, assim como vimos no livro de Otelo, percebemos que o livro começou com uma certa injustiça, mas no final tudo se resolveu, assim como no livro, nossas vidas, nossa sociedade também é assim, injustiças, inveja do próximo, mas quando conseguimos mostrar a virtude da gentileza do amor, o mundo e nossa sociedade se torna mais uma vez, mais amáveis, a virtude não é apenas um gesto e sim uma atitude sua. Lembre-se gentileza, gera gentileza. A sensibilidade da verdade, de exercer uma conduta buscando sua atuação no mundo através da ética priorizando uma convivência de forma humilde para saber respeitar o próximo. O ser humano com certeza não nasce sabendo. Por isso é necessário uma educação onde a criança aprende desde pequena. Quando a gente entende que pegar algo de outro sem pedir permissão é errado, já começamos a nos tornar mais humanos. Todos os dias quando acordamos temos a chance de nos tornarmos mais humanos com nossas atitudes.</p>
<p>Pinheiro, Jatobá, Loureiro e Mogno</p>	<p>Para ser humano não basta apenas ser de carne e osso, mas você passa por várias provações na vida e se torna de fato um ser virtuoso, mas não nascem virtuosos, precisamos aprender a nos tornar. No livro de Otelo podemos notar algumas destas características humanas nos personagens seja ela boa ou ruim. Em Otelo podemos dizer que ele é virtuoso, porque em todo o livro ele se demonstra leal, corajoso, determinado, mas erra na hora de tomar decisões. E tem Iago, apesar de mostra ser uma pessoa esperta, decide agir de má fé, prejudicando as outras pessoas para conseguir o que ele desejava. Os seres humanos por natureza muitas vezes são falhos, mas o ato de se arrepender e tentar mudar nos torna seres humanos melhores.</p>

Anexo 34

OFICINA 4 - SER UMA PESSOA JUSTA NO SÉCULO XXI

Iris	<p>Ser uma pessoa justa é ter a honestidade como uma de suas virtudes. É ter o senso de fazer o que é certo. E no século XXI, na minha percepção, esta um pouco em falta esta virtude. As pessoas, boa parte das vezes, só pensam em si mesmas, deixando de ser pessoas justas.</p> <p>Assim como podemos ver em “Otelo”, quando Iago só pensava em si mesmo. Até incriminar Cássio para que Otelo brigue com seu amigo, e começa e pensar que sua esposa estava o traindo com o mesmo, Iago fez, traindo todos a sua volta, pensando apenas em si e em conseguir o trono de ser o novo rei.</p> <p>Já em “Hamlet” podemos ver que Horacio era uma pessoa justa, ele sempre tenta fazer o que é certo para ele e para seu amigo Hamlet.</p>
Flor de Lotus	<p>Como ser justo nos tempos de hoje, com tanta desonestidade entre as pessoas?</p> <p>Na minha opinião, se justo nunca teve a ver com época ou lugar que a pessoa vive; para ser uma pessoa justa, precisamos ser honestos, sinceros, precisamos ser virtuosos, agir com sabedoria, pensando não só no seu benefício, mas como agir com todos igualmente.</p> <p>Ser uma pessoa justa é bem difícil, precisa equilibra seu emocional e racional, as vezes até mesmo seu racional, com que não soube agir corretamente.</p> <p>Em Hamlet o rei, tio de Hamlet, foi agir de forma injusta e em Otelo, Cássio foi justo e honesto, todos deveram ser como Cássio.</p>
Jacarandá	<p>Ser uma pessoa justa é quando uma pessoa estiver sentada no ônibus e uma pessoa grávida ou com deficiência chegar, doar o lugar para ela sentar. Isso é ser uma pessoa justa, não só isso como uma pessoa fazer uma entrevista de trabalho e ser escolhida por causa que conhecia a pessoa, assim era Horacio justo.</p>
Helicônia	<p>Ser uma pessoa justa nos dias de hoje é saber respeitar o próximo. Vivemos num mundo muito injusto, onde crianças moram nas ruas e bandidos moram em casas e apartamentos luxuosos, na minha opinião as pessoas deveriam abrir os olhos para nossa realidade, pois o mundo já esta cheio de pessoas injustas, mentirosas, devemos ser mais verdadeiros e respeitadores com cada pessoa que passa pela nossa vida, como Cássio no livro de Otelo, que era uma pessoa muito justa pois sempre estava disposta a ajudar os outros, sabendo ser verdadeiro e respeitador, vemos também no livro de Hamlet o Horacio que era um amigo muito justo e leal a Hamlet.</p>

Salvia	<p>Ser uma pessoa justa no século XXI é não passar por cima de ninguém, nem ganhar vantagem em cima das pessoas para conseguir algo, é preciso competir lado a lado de uma forma justa.</p> <p>Precisa ser leal e verdadeira com as amizades como Horacio foi com Hamlet, é ser honesto com as pessoas, entregar as pessoas o que é dela e não pegar nada de ninguém.</p>
Mimosa	<p>A virtude da justiça é algo que poucas pessoas possuem no século XXI. Mas no meio de poucas, encontramos virtuosos que nos fazem refletir sobre essa qualidade. Paramos para refletir, vemos que ser justo não é nascer com caráter e personalidade exemplar, é sim buscar ser a cada dia uma pessoa melhor, são atitudes e costumes que nos torna racionais. Ser justo verdadeiramente é obter qualidades na qual se torna uma pessoa integra, tal forma que você trate uma pessoa ao seu redor da mesma forma sem fazer exceção de ninguém, não se aproveitar do próximo para se dar bem, agir de uma forma equilibrada, dar ao próximo o que é dele por direito, entre outros. Com vontade buscamos sempre ser justo, pois somos justos raramente em algo e com as pessoas. Como exemplo o personagem Horacio do livro de Hamlet, um personagem justo, na qual era fiel amigo, prestativo, fazia o bem e possuía um bom caráter.</p>
Jatobá	<p>Ser justo no século XXI, pode-se dizer que uma pessoa justa é uma pessoa que exerce varias virtudes boas, tais como, coragem, sinceridade e justiça. Em alguns momentos da nossa vida passamos por situações que precisamos tomar uma decisão e pronto, ele poderia afetar as pessoas que estavam vivenciando aquele momento. Exemplo, uma mulher e um homem começam a discutir por alguma coisa e você precisa intervir e falar quem esta certo. Porém você não vai simplesmente escolher quem te convenha, ai você tem que demonstrar ser uma pessoa justa e te a coragem de dizer: “Cara você errou” ou “Moça, você errou”. Uma experiência que eu passei foi em um ônibus quando eu e meu colega voltava para casa uma senhora estava em pé e meu colega deu um empurrão nessa moça que estava de pé e ali eles começaram a discutir e eu fiquei do lado do meu colega pelo fato dele ser meu colega. Não fui uma pessoa justa na hora de julgar e isso poderia acabar com piorando a situação. No personagem Otelo vimos que era um personagem com muitas virtudes, porém falhava na hora de lidar condições assim sendo facilmente manipulado por Iago que fez ele matar a própria esposa e brigar com o amigo. Otelo era justo em algumas situações e pecava em algumas.</p>

Loureiro	<p>Ser uma pessoa justa no século XXI é agir com os outros da mesma forma com que gostaríamos que agisse com a gente. Exemplo de ser uma pessoa justa é um dia caminhando pela rua um senhor a minha frente deixou cair um talão de cheques e eu devolvi, isso é ser uma pessoa justa.</p> <p>Nós tentamos ser justos o máximo possível, mas já vivi situações em que a justiça foi desconsiderada pelos outros, ou simplesmente fingiram que ela não era necessária naquele momento. O sentimento de justiça é muito ruim, revoltante. Bom, é muito difícil ser justo em tudo e em todas as ocasiões que ninguém é justo 100% pois eu não sou justo 100%, embora eu tente ser.</p> <p>No livro de Shakespeare, Hamlet uma pessoa justa que é a Ofélia que é uma mulher forte e determinada, ou seja, a sua luta entre e força social e a natural. Ofélia é uma mulher de bom coração quando ela via alguém sendo maltratado ela ia e defendia essa pessoa em um ato de justiça.</p>
Tulipa	<p>È necessário a virtude da justiça para agirmos em sociedade e ter uma boa convivência com todos. Infelizmente, não é notório ver pessoas justas nos dias atuais. Há muitas pessoas que só vêm a si próprio e apenas se beneficiam, fazendo com que outras pessoas não tenham o seu reconhecimento. Ser justo é ter a capacidade de agir como uma pessoa correta, que diz a verdade, para que enfim os indivíduos vivam com mais integridade. Podemos ver muitos exemplos no cotidiano. Um político que não cumpre com as promessas que ali foi proposta para o benefício de todos. Ou então, uma pessoa que rouba um celular, seja qualquer coisa, de outra. É preciso se esforçar para conseguir alcançar nossos objetivos. Na obra de Hamlet, vimos que houve justiça na parte em que Hamlet se vingou de seu tio por te matado o seu pai e conseguir ser rei. Já em Otelo, o único ato de justiça foi a de Cássio ao assumir o erro, contando a verdade para Otelo.</p>
Magnólia	<p>Nos dias atuais o que mais vemos é a injustiça. Percebemos que a virtude da justiça vem se perdendo com o passar dos séculos. Ser justo no século XXI, muitas vezes, é visto como uma atitude “boba” e até sem valor.</p> <p>Ser justo nos tempos atuais é você lutar pelo que realmente é a verdade, mesmo que isso não te favoreça. Defender uma pessoa que esta sendo agredida de algum jeito sem motivo é um ato de justiça, deixar com que as pessoas se expliquem, terem a chance de se defender é um ato de justiça. Na obra “Hamlet”, de Shakespeare podemos ver que Hamlet teve um ato de justiça em querer vingar a morte do pai, que foi assassinado injustamente.</p> <p>Também de Shakespeare, no livro Otelo, ao ler podemos observar o ato de justiça que Desdemona teve, ao tentar ajudar Cássio para que ele contasse o seu lado da historia para Otelo. Cássio preferiu contar a verdade e ser justo, mesmo que isso tenha o prejudicado. Ser justo no século XXI é algo extremamente raro e virtuoso. A justiça é grande, mas podemos combata-la.</p>

Rosa	<p>Nos dias de hoje esta difícil encontrar pessoas na qual se possa confiar, aquela pessoa justa que saiba agir da melhor maneira diante do certo e o errado, que não faça com que os outros aquilo que ela não gostaria que fosse feita com a mesma. Não é impossível encontrar uma pessoa justa, mas é bem difícil, tem que conhecer bastante para depois confiar.</p> <p>No relacionamento de amizade, justo é apenas aquele que quer o bem do outro, que se sente feliz com a felicidade do próximo, que transmite aquilo que recebe, que não seja falso, mas sim recíproco.</p> <p>Nos livros retrata um pouco disso, uma pessoa justa no caso do livro de “Hamlet” a amizade dele com Horacio, sempre um confiando no outro, uma amizade sem mentiras e super transparente. Já no livro de “Otelo”, é a amizade dele com Cássio, ambos juntos um com o outro, não tinha segredos, uma amizade pura e transparente também, a única coisa que fez com que essa amizade entre eles fossem ferida, foi Iago falar para Otelo que Desdêmona estava tendo um caso com Cássio, e Otelo não confiou no amigo que tinha.</p>
Lavanda	<p>Em pleno século XXI, o conceito da palavra justiça vem se desgastando cada vez mais com todas as questões políticas e sociais do nosso tempo. Hoje em dia muitos acreditam que ser uma pessoa justa é impossível, porém ainda tem como sermos justos. Ser justo vai além de somente diferenciar o que é certo e o que é errado. Para sermos justos é preciso saber usar a ética e suas virtudes assim como Horacio na obra de “Hamlet” de William Shakespeare. Horacio assim como o próprio Hamlet mostrou como ser justo. Apesar de como Hamlet levou a situação, Horacio continuou sendo fiel ao amigo sem trair seu reino. Ele soube manter suas virtudes amizade e fidelidade sem prejudicar e trair ninguém.</p>
Bambu	<p>A justiça as vezes se afasta de nossas concepções devido a tantas discrepâncias sociais e dos ordenadores políticos. Todavia, a justiça é uma virtude que deve ser mantida mesmo em meio de tormentadoras disputas entre fazer o certo e o errado.</p> <p>Segundo a terceira lei newtoniana, para toda ação há uma reação. Logo, um ser que age de forma justa atrairá para si contemplações mensuráveis e de relutância vivera sem preocupações.</p> <p>Porém há pessoas que insistem em viver nas injustiças abusando de ser autoritarismo para obter falsas conquistas, contudo esses são paupérrimos em virtudes.</p> <p>Em síntese, a justiça vai além de julgar o errôneo e o correto é focar também na maneira construtiva de qualquer pertencimento. No cenário de Shakespeare, podemos destacar a obra de Hamlet o personagem Claudio que vive nas injustiças e por isso vive nas preocupações.</p>

Pinheiro	<p>No século XXI que estamos uma pessoa justa tem que saber se impor diante de uma situação sendo seu amigo ou não, mas sendo justo do ato que aquele individuo. Em momentos da nossa vida temos que tomar uma decisão como por exemplo: você esta em uma situação que um casal esta brigando nesse o homem é seu amigo, mas a mulher não é sua amiga, você simplesmente não pode escolher o lado do homem só porque ele é seu amigo, você tem que escutar os dois lados e assim opinar de quem esta certo mesmo que isso prejudique sua amizade ou não isso é ser justo.</p> <p>Como na obra de Shakespeare, a personagem Desdemona não foi justa ao Otelo ela deveria ser justa enquanto ao que ela fez.</p>
Carvalho	<p>A justiça tem se tornada algo quase incansável nos dias atuais, devido os vícios o livro de Otelo da relatos sobre a injustiça sofrida por Desdêmona.</p> <p>A justiça é cega e não se beneficia a ninguém pois olha ambos os lados.</p> <p>Ser uma pessoa justa no século XXI é uma tarefa nada fácil, a justiça equivalente julga cada um segundo suas ações de justo, é respeitar ambos os lados julgar com argumentos.</p> <p>Alcançar a justiça não é algo muito estimado pelas pessoas. No Hamlet, Horacio se mostra um amigo leal e justo.</p>
Dália	<p>Ser alguém justo no século XXI é ter boas virtudes e qualidades que expressam uma personalidade agradável as pessoas, como apresentar voracidade, respeito ao próximo, ser ético imprudente e leal. Na peça de “Hamlet”, Horacio, melhor amigo de Hamlet, sempre caminha ao seu lado, mostrando-se fiel, honesto e perseverante durante toda a obra, ele foi justo com seus parceiros, por mais que soubesse de seus problemas e crise psicológica que Hamlet temia, ele não o deixou e sempre tentava o ajudar, Horacio apresentou-se um homem justo e determinado a ficar ao lado de Hamlet, não só ele, mais também como muitos da peça como por exemplo a mãe de Hamlet, Gertrudes.</p>
Alfazema e Tamareira	<p>Ser justo atualmente vai muito mais alem de como e onde você foi criado. A justiça vem precisamente de seu caráter e de sua ética ela precisa ser expressa em momentos verdadeiramente conturbantes. Ela pode salvar vidas, mudar pessoas e transformar suas obras em ser justo e poder criticar e julgar políticos e ladrões, mas apenas se você for uma pessoa justa, como por exemplo, não violar as leis. É também você ter a capacidade de conseguir denunciar o errado e defender o certo, a qualquer custo. Em obras mundialmente com Otelo e Hamlet, é preciso ver como a justiça prevalece e como ela funciona, mas certamente a vingança pode não ser justificada através da justiça como também ambas as provas dadas nas obras. Não se pode corrigir o errado com mais coisas erradas ainda. Pois nada sairá disso, apenas tragédias que poderiam grandemente terem sido em ambas as obras.</p>

Bardana	<p>Ser justo é ter reconhecimento do ato cometido por ser certo ou errado, enfrentar seus sentimentos ambiciosos, de interesse que impede tal virtude.</p> <p>no século XXI, o dinheiro e o poder estão valendo mais que a vida de outros, seja matar, violentar, oprimir não comove mais ninguém.</p> <p>Ser justo é não menosprezar, não oprimir nem privilegiar, não subvalorizar e tampouco supervalorização. Saber dividir sem roubar e sim encontrar um equilíbrio que satisfaz ou sacrifica, por igual. Ser justo é pensar certo e agir correto e da mesma forma com o público vendo ou não.</p> <p>Na peça de Shakespeare o príncipe Hamlet e sua amizade com Horácio é reconhecida com justa e sincera.</p> <p>Na peça de Shakespeare “Otelo”, Cássio era fiel, honesto, justo com seu amigo Otelo era o que mais possuía a confiança do general.</p>
Nogueira	<p>Ser uma pessoa justa na sociedade atual é muito difícil, as pessoas são ludibriadas por tantas idéias que hoje lhes são apresentadas de forma errada, que confunde o seu entendimento sobre o certo e o errado, todo esse exemplo de informação que é passado torna complicada a sua percepção.</p> <p>Mas como saber o que é certo ou errado a final, quando na verdade você não sabe? Como conseguir discernir corretamente as coisas certas para cada pessoa? A resposta para essas perguntas é através das virtudes que devem ser passadas dos pais para os filhos durante a fase de aprendizagem.</p> <p>Ainda assim, com todas as idéias do mundo, das influências daqueles que conhecem, manter tudo aquilo ensinando a tornar-se quase possível. Otelo, personagem do livro de Shakespeare é um exemplo clássico disso, sendo claramente influenciado pelas idéias de pessoas a sua volta, por esse motivo, apesar de ter aprendido as virtudes nós as manteve em alguns momentos, quando por exemplo, quando ele mata uma pessoa durante a trama.</p>
Coqueiro	<p>Ser uma pessoa justa no século XXI é muito difícil, pois ser justo em meio a tantas injustiças é muito difícil, pois muitas das vezes os que são justos e honestos são taxados como bobo, porém mesmo sendo taxados como bobos muito na sociedade preferem ser justo ao invés de se contaminarem com as injustiças da sociedade. Um livro que muito fala sobre justiça e injustiça é “Hamlet”, onde o rei é um injusto que matou seu próprio irmão para se tornar rei. Porém tem também muitos personagens justos como por exemplo Horácio, Ofélia ..., que muitas vezes ao longo do livro mostram justiça</p>

Bromélia	<p>Nos dias de hoje esta faltando indivíduos justos. É muito comum vermos pessoas aceitando o suborno em troca da própria integridade, temos casos em varias áreas, uma delas é o direito, onde vemos casos de juizes aceitando muito dinheiro para fazer esse tipo de coisa.</p> <p>Ser justo nada mais é do que ser neutro, não ter um lado preferido, é não escolher, é não optar por laços seja ele sanguíneo ou afetivo, é apenas verificar os lados e aplicar a lei adequada para o caso que estarás julgando ou vendo de longe.</p> <p>Como nas duas obras de Shakespeare (Otelo e Hamlet) temos personagens que são justos. Em Hamlet temos o personagem Horacio que se manteve sempre justo, observando sempre os detalhes. Em Otelo temos Cássio, um personagem amigável, honesto e justo.</p> <p>Na vida, muitas vezes cobramos as pessoas e esquecemos-nos de olhar para nós mesmos, a chave é, estamos sendo aquela pessoa que exigimos do próximo? Se sim, ótimo, se não, é um ponto que devemos melhorar.</p>
Petúnia	<p>Segundo o filosofo Aristóteles, para o ser humano ser capaz de fazer justiça, teria que desenvolver a “virtude”, virtude esta de praticar o bem.</p> <p>Existem duas modalidades de virtudes: as intelectuais e as morais. As primeiras devem, no seu desenvolvimento ou ensino, adquirindo experiência e tempo; enquanto que as virtudes morais são adquiridas em um resultado de habito, ou seja, em nosso cotidiano.</p> <p>Podemos notar a aquisição da virtude quando descrevemos o caráter de alguém. Não dizemos que se trata de alguém capaz de entendimento, e sim como alguém moderado, destacando a continuidade das ações. A coragem, verdade, fidelidade e perseverança são algumas características de virtudes morais.</p> <p>De forma pratica, a construção de um individuo justo esta relacionado com ações e paixões, e cada uma delas é acompanhada por prazer ou sofrimento.</p> <p>Podemos citar o personagem Hamlet da peça de Shakespeare como um homem virtuoso na qual em determinado momento da trama se vêem sofrimento. Devido as atrocidades que seu tio cometeu para pegar o trono de seu pai. Hamlet então busca justiça através da vingança, contudo, na maior parte da obra ele se questiona se vale a pena abrir mãos de suas virtudes em prol da vingança.</p> <p>Este personagem é um grande exemplo de um homem virtuoso, justo, mas devido a tantas conseqüências, ganância e corrupções a sua volta o resulta em uma pessoa perturbada um ser humano que não foi forte o suficiente e deixou-se levar pela tristeza, angustias e incertezas.</p> <p>E isso ainda é visto em nossa sociedade atual. Onde o individuo mesmo praticando as virtudes, em algum momento em sua trajetória, ira se deparar por situações incertas na qual este poderá escolher entre o caminho certo e o errado.</p>

Orquídea	<p>Ser uma pessoa justa trás consigo uma punição até mesmo crítica para alguns pois o justo busca pela verdade através da justificativa de seus atos como ser uma pessoa do século XXI e não deixa a justiça corromper a real realidade trazendo sabendo executar o outro aliado seus pensamentos e culturas lidando com suas diferenças, fazendo com que o outro tenha a real essência da lealdade, pois mostra em si ser justa com a as pessoas. Horácio é um bom exemplo de lealdade pois mostrava em seus atos diferentes a Hamlet como forma de cuidado mesmo não concordando com certas atitudes de Hamlet, como fazer uma peça narrando um pouco de traição de seu tio. Mesmo com todo acontecimento da peça Horácio não desiste de Hamlet e busca ensinar a essência de ser justo a Hamlet como um verdadeiro amigo.</p>
Violeta	<p>Ser justo é uma qualidade difícil, ainda mais em líderes ou relacionamento do cotidiano. Ainda no século XXI, para ser uma pessoa justa tratar todos da mesma forma, você não vai ser uma pessoa justa se ficar fazendo acepção de pessoas, favorecendo mais um do que o outro.</p> <p>Foi quando percebi que na obra de Shakespeare “Otelo” o personagem chamado Cássio, ele era muito amigo de Otelo e procurava ajudá-lo em certas situações ele exerceu as virtudes da justiça mal de um outro personagem com Otelo e foi muito justo, sempre o ajudava e o alertava de certas coisas.</p> <p>Temos que procurar sempre ser uma pessoa justa, os dias atuais não estão fáceis é muitas pessoas corruptas e injustas. Mas não precisa nos igualar a eles. Sabendo o que é certo e o que é errado, vamos fazer a diferença.</p>
Ipê	<p>Ser justo hoje em dia é ter uma mente sábia para saber ter um parcial, ser justo é uma qualidade rara. É tratar todos de uma só maneira, mesmo que algumas pessoas estejam mais próximas a você do que outras, outro exemplo, é como um patrão pode tratar seus funcionários, se ele deseja que os funcionários o trate de tal maneira, ele tem o dever de tratar da mesma forma, deve haver reciprocidade.</p> <p>Ser justo não é usar movidas ou algo do tipo, é dar o que eu quero receber, é ser razoável, não exatamente fazer justiça, mas sim tratar todos da mesma maneira.</p> <p>Ser justo é como Hamlet, que mesmo ouvindo de espanto que seu tio teria matado seu pai, resolveu esperar para agir de forma correta é justa, e não somente agir por impulso de algum ato violento visando só a vingança pela morte de seu pai.</p>

<p>Begônia</p>	<p>Ser uma pessoa justa no século XXI, uma questão que hoje raramente encontrada entre a sociedade. Pessoas que cometem injustiça no trabalho, entre os amigos e até mesmo familiares, que tiram a vez do outro para beneficiar a si mesmo, como por exemplo no Brasil, políticos que roubam o a população a cada dia, sem nenhuma vergonha, sem nenhum pudor. Injustiçanfo quem mais precisa e com isso a população reage contra isso, reagem em formas de processo, ora para ter seus benefícios garantidos, ora para processar contra as injustiças que estão passando no seu dia a dia, outro exemplo de injustiça e o personagem do livro de Shakespeare “Hamlet”, Cláudio, irmão do pai de Hamlet que mata o rei para tomar posse do seu poder. São muitos acontecimentos que poderia ser resolvido com a virtude da justiça, ser uma pessoa justa, ser um mundo justo, seria um mundo cabível a todos.No nosso dia a dia, mesmo que seja rara, encontramos estás pessoas com essas virtudes da justiça. Pessoas que se preocupam com o bem estar do outro, que praticam o humanismo com o mesmo que o indivíduo mesmo precisando de algo, ele tem consciência de não se envolver o que é do outro. Horácio do livro de Hamlet consiste em ter essa virtude em todo o progresso da obra, cumprindo seus deveres e praticando a justiça.Voltando ao conteúdo sobre virtudes, um exemplo muito forte e muito importante e da mesma obra de Shakespeare o livro de “Otelo”, que um de seus personagens é Iago um indivíduo que não tem sensibilidade, mentindo, que tenta de tudo destruir o amor de Otelo por Desdêmona, uma pessoa com base descrito acima, vingativo, articulador que não média as consequências de seus atos e deixando a parte mais importante de si, suas essência.</p>
<p>Hortência</p>	<p>Ser justo é uma qualidade difícil é rara tanto em líderes quanto no relacionamento do cotidiano. Embora o mundo não seja apenas preto e branco, certo ou errado, é possível aumentar a chance de ser justo em todos os tipos de situação. Tratar todo mundo da mesma maneira, estabelecer regras claras, não deixe as decisões profissionais serem afetadas pelas opiniões pessoais, pedir desculpas, ser necessário, pois todos erram, não se esgote, ser compreensivo, ser um bom exemplo. Como Horácio era com seu amigo fiel Hamlet, apesar de tudo eles sempre foram verdadeiros e ajudava um ao outro.</p>

OFICINA 5 - A EDIFICAÇÃO DO OUTRO POR MEIO DE UMA VIDA VIRTUOSA

<p>Tulipa e Magnólia</p>	<p>A virtude é necessária para que todos os indivíduos da sociedade possam viver em conjunto. É claro que não nascemos virtuosos e sim nos tornamos, mas para isso é preciso ser bondoso, justo, corajoso tudo que torna uma pessoa boa.</p> <p>as virtudes que possuímos podem servir como influência na vida de outras pessoas. Se uma pessoa não esta agindo com virtude, podemos influenciá-la com as nossas. Devemos apresentar as virtudes para aqueles que não as conhecem.</p> <p>Assim como ocorreu na obra de Hamlet, quando Horacio influencia Hamlet a ter a virtude da coragem para enfrentar seu tio e vingar a morte de seu pai.</p> <p>Na obra de Otelo, vemos o mesmo ato acontecer quando Cássio se influencia pela virtude da sinceridade de Otelo, e decide admitir seu erro para ele, sendo assim, exercendo uma virtude.</p>
<p>Bardana, Margarida e Flor de Lotus</p>	<p>Ser virtuoso requer muito “trabalho”, porque em certas situações é bem difícil agir de uma forma virtuosa; por mais que seja difícil, não nos arrependemos depois das atitudes que tomamos.</p> <p>Quando somos virtuosos fica bem mais visível para as pessoas ao nosso redor, e com isso, conseguimos influenciar essas pessoas a serem virtuosas também, até mesmo nas atitudes mais simples, conseguimos influenciar os outros a serem virtuosos porque a beleza de nossas atitudes acaba sendo visível a olho nu, e todos querem ser bonitos não só por fora, mas também por dentro; como Desdemona que era uma pessoa virtuosa e todos se encantavam por ela, é o que acontece, pessoas virtuosas encantam o mundo a sua volta.</p>
<p>Salvia e Jacarandá</p>	<p>Edificação é uma forma de se concretizar e forma em outra pessoa as diferentes idéias sobre a vida, através de gestos e conceitos a verdadeira virtude de amor. Como aconteceu com Otelo que passa e edificar a vida de sua amada esposa Desdêmona.</p> <p>Essa edificação acontece do inicio ao fim nessa trama, uma historia de amor, coragem, desentendimento e arrependimento.</p> <p>Então ao ser edificada essa virtude nos faz passar por mudanças em nossas vidas buscando a verdadeira virtude e mudando algumas praticas.</p>

Dália e Violeta	<p>Por meio das virtudes podemos nos tornar pessoas grandiosas e melhorar nosso ser, edificando hábitos constantes que levam ao bem e qualidades essenciais tratando-se de uma verdadeira inclinação.</p> <p>Nas obras de Shakespeare percebi em “Hamlet” que Horacio era uma pessoa amiga e tinha muitas virtudes e aprendi muito com isso, as pessoas podem se tornar melhores ao observar os bons comportamentos. Horacio sempre foi um amigo leal a Hamlet e assim, vindo as atitudes dele, as suas virtudes acho que pode sim tirar como exemplo e levar para vida toda.</p>
Pinheiro, Palmeira e Carvalho	<p>Edificar é ajudar por meio de uma vida virtuosa sendo virtuoso, fazendo com que você veja que a virtude esta presente nas boas ações, ajudar o próximo é construir uma vida virtuosa se dedicarmos pela aquela ou aquele mesmo você não conhecendo, como por exemplo a virtude da empatia, da generosidade, da humildade e da benevolência, com a construção do outro por meio de uma vida virtuosa não só se torna virtuosa ou virtuosa como também instiga as pessoas a praticar tornando ele ou ela virtuoso, no livro de Hamlet um belo exemplo de uma pessoa edificante é o Horacio se mostrando sempre fiel ao seu amigo mesmo diante da adversidade.</p>
Helicônia e Orquídea	<p>A edificação é a forma mais concreta de construir no outro a idéia de transformação, passando a transmitir através de seus atos a verdadeira virtude que é notória em Otelo, que passa a edificar a vida de Desdêmona. Essa edificação que Otelo transmite para Desdêmona é através de suas historias e contos que passa coragem, confiança e conhecimento do mundo, então através dessas virtudes Desdêmona se apaixonou por Otelo. Portanto ao ser edificada a pessoa passa por varias mudanças em sua vida, buscando a ter a verdadeira virtude, não só de ouvir, mas por em pratica suas mudanças da edificação virtuosa.</p>

Anexo 36

OFICINA 6

Flor de Lotus	<p>Podemos ver que cada pessoa é totalmente diferente uma da outra, tem a criação diferente, opiniões, etc. Mas se cada pessoa tiver noção e saber respeitar as divergências dos outros, todos podem viver em harmonia.</p> <p>A forma que conseguimos conviver socialmente diz muito sobre a nossa ética, porque lidar com pessoas diferentes não é fácil, mas se houver respeito e empatia, tudo pode melhorar, porém tudo depende da forma que agimos e das atitudes que tomamos.</p> <p>Em Otelo, conseguimos ver que as atitudes de Iago (sub oficial de Otelo) foram ruins, ele não soube respeitar Otelo (mouro de Veneza), nem as decisões de Desdêmona (esposa de Otelo) ao aceitar se casar com Otelo e fez com que acontecesse um episódio triste na vida de todos.</p>
Palmeira	<p>Tudo que fazemos hoje refletirá daqui a uns dez anos, para muitas pessoas e difícil ser humano, e difícil ser diferente, no livro de Otelo a Cássio foi uma pessoa justa até certo ponto, foi diferente, mais foi influenciado por te uma cabeça fraca, uma vez eu e um amigo saímos num final de semana nós deparamos com uma moça pedindo ajuda para um rapaz, logo esse rapaz ignorou a moça, eu e ele tomamos atitude e fomos ajudá-la, logo ela ficou muito agradecida e disse: "no mundo que vivemos não se pode contar com todos, todos só vêem seu individual"</p>
Violeta	<p>No mundo temos que suportar uns aos outros e ao convivermos com pessoas diferentes conhecemos a personalidade, as características e outros aspectos. A ética as vezes está mais ligada ao nosso interior, ou seja, nossa mente. Do que das próprias atitudes. Por exemplo, as atitudes de uma pessoa podem ser antiéticas, mas, no interior, na consciência daquela pessoa, ela sabe e tem plena ciência de que , aquilo é errado.</p> <p>O ser humano as vezes comete erros, mas sabendo que aquilo era errado. Em Hamlet, Cláudio, o rei, assassinou o próprio irmão, para casar com a cunhada e ficar com a coroa. Pode-se dizer que ele matou por amor e também por inveja de seu irmão. Ele é uma pessoa ambiciosa, que não que mede consequências para conseguir o que quer. Mas será que por algum momento possa ter passado algum arrependimento pela sua cabeça? Algo pode ter incomodado ele por dentro. Porém, já era tarde para voltar atrás</p> <p>O mundo é tão grande e há tantas pessoas por aí, para conhecer e o que nos torna diferentes é justamente a forma de pensar e agir, enquanto algumas pessoas agem com ética e prudência, outras seguem a vida vivendo de uma maneira egoísta e errônea.</p>

Magnólia, Alfazema, Tulipa, Tamareira, Bardana e Margarida	Pessoas diferentes desde a sua forma de agir e se vestir ou o que comem, é o que compõem a nossa vasta cultura diversificada. Muitas vezes justamente por pessoas diferentes acabarem se envolvendo de qualquer forma como seja, há muita probabilidade de gerações de conflitos, por falta de ética de não terem a capacidade de conviver com suas diferenças, sejam elas diferenças culturais ou pessoais. Em Hamlet e Otelo, há formas de resolverem diferenças pessoais com ética, mas em nenhum momento isto fora realizado, apenas mencionado raríssimas vezes. Respeitar as diferenças do outro é um dos principais fundamentos da ética.
Dália	Podemos ser diferente através da ética, esse é o fator essencial na tessitura da vida social. Suas atitudes seus comportamentos e suas ações definindo se elas são boas ou mais. A ética sempre será presente no comportamento humano. É notório que em Otelo, Desdêmona é um exemplo de uma pessoa ética, Sempre verdadeira com seu marido, cheia de docilidade e ingenuidade, com grande dote e beleza, desejada por muitos mais nunca infiel ao Otelo. Todas essas virtudes fazia com que ela fosse diferente.
Orquídea	Todos nós somos diferente, seja em cor , pensamentos e até opinião , porém ser ético também e saber viver com pessoas diferentes , porque ser ético cada ser humano escolhe ser E isso é muito abordado em Otelo , um homem negro com um perfil diferente que se mantém por meio da virtude em meio à sociedade de Veneza , porém sua virtude e o que faz de Otelo em toda história ser quem realmente ele e sem mentiras mais sabendo ser liderado por seus sentimentos e princípios . Um espelho de justiça para sua sociedade
Iris	Ser diferente na sociedade acaba sendo difícil, as pessoas são preconceituosas com você apenas por não compartilharem das mesmas coisas. E muitas vezes pessoas preconceituosas acabam faltando com a ética, e até com as virtudes. Podemos ver um exemplo disso em Hamlet, quando Ofélia começa a agir de uma maneira diferente das pessoas, por causa da morte de seu pai, e todos começam a encara – lá de maneira estranha. Mesmo que isso tenha acontecido pelo fato dela ter “enlouquecido”, é um bom exemplo de como as pessoas se assustam com o diferente, e por não aceitar o mesmo, criticam e julgam. Sendo assim faltando com a ética.
Lavanda	Pessoas ignorantes, violências, mentirosas e invejosas não é digna de confiança e prejudica sua vida e das pessoas ao seu redor, não é possível ser feliz sendo desonesto nas ações e palavras, machucando ambos que tentam levar uma vida ética. Na obra de Otelo, Iago não leva uma vida ética ao tentar prejudicar Cássio por inveja do seu cargo de general dado por Otelo. A desonestidade pode afastar muitas pessoas que te amam por não levar uma vida boa e brigar por motivos que se torna bobos.

Loureiro	<p>Pessoas diferentes e a Vida Ética a ética faz parte da vida dos ser humano, todos os homens tem comportamentos diferenciados e únicos. A ética é um princípio que casa indivíduo traz consigo desde a infância. É um valor adquirido na sua relação familiar, e cotidiano de sua existência.</p> <p>Você pode ter alguns valores éticos próprios, enquanto outra pessoa pode ter alguns valores éticos próprios, enquanto outra pessoa pode ter outros valores éticos totalmente diferente e cada um agir da sua própria maneira, sem que nenhuma esteja necessariamente errada. Como por exemplo um grupo de pessoas no trabalho se compromete que nenhuma irá de carro na quinta-feira porque querem ajudar a preservar o meio ambiente. Elas estabeleceram um valor ético e ninguém foi trabalhar de carro na primeira quinta feira .</p> <p>Nossas limitações humanas não vão nós permitir que a gente aja sempre corretamente isso é natural. O otelo e um exemplo de pessoa ética pois ele mesmo vendo pessoas maltratadas ele sempre se intrometia para ajuda-la isso e uma pessoa de vida ética que ele sempre que fazer o bem para todos . Mais ele nem sempre faz ações boa ele também pode fazer ações ruins.</p>
Bromélia	<p>Ética é um tipo de postura e que se refere a um modo de ser. É uma maneira de lidar com situações da vida e relações com outras pessoas.</p> <p>Ter responsabilidade é sempre pensar no outro, lidar de uma maneira positiva em sociedade, saber se comportar, ter princípios e valores.</p> <p>Temos que ser correto e verdadeiro, isso é o essencial para nosso crescimento e para o desenvolvimento da humanidade, exercer nossos deveres sem tirar vantagem, ser generoso, isso tudo é ser ético.</p> <p>Em uma sociedade existe muitas pessoas diferentes, temos que saber ouvir e entender todos, ajudar sempre é principalmente respeitar cada indivíduo.</p> <p>Nas obras de Shakespeare podemos perceber alguns personagens que são éticos e que vivem com pessoas diferentes. Um deles é Cássio, que sempre respeita e ajuda quem está ao seu redor, é um belo exemplo a ser seguido.</p>
Mimosa	<p>Para uma sociedade funcionar com pessoas diferentes é preciso saber conviver e usar a ética, pois através dela podemos viver como pessoas racionais, sabendo respeitar uns aos outros, tendo sabedoria e usando sempre as virtudes</p> <p>Isso nos torna diferentes, pois possuímos qualidades na qual pessoas sem ética não possui, através de nossas atitudes, tratamento e personalidade diferenciado nos tornamos pessoas "destacadas", pois temos uma vida ética</p> <p>Vemos o personagem Horácio da obra Hamlet onde tinha caráter e era ético, se tornando diferente. Vemos também Rosencrantz e Guildenstern que eram diferentes por fazerem seu papel de amigo onde pensava no bem de Horácio...</p>

Begônia	<p>Vivemos em uma sociedade, que cada um pensa diferente, age diferente, onde os valores morais e éticos são levados em consideração, principalmente, em relação as escolhas religiosas, políticas e de educação. porém pouco compreendemos sobre o significado de valores, de moral e principalmente de ética, o individuo tendo em vista a ética na sua vida é complementar, isso ajuda e facilita as pessoas a compreenderem o conceito que está por trás de determinadas palavras.</p> <p>A sociedade é movida de costumes, e o que é costume? é o jeito que o homem inventou de viver na natureza, na qual a sociedade repete várias vezes ao dia, e então cada sociedade tem os seus costumes e esses são baseados em valores, somos orientados dentro de cada sociedade a julgar o que é certo e errado.</p> <p>Sendo assim nossos valores foram construídos ao longo de nossas vidas, através principalmente dos nossos pais ou das pessoas que nos educaram enquanto pequenos. além da educação sofremos influencia da nossa escola, da família, da experiência da vida e por ai vai , valores não mudam, eles seguem reforçando.</p> <p>Tendo como base o texto acima, veremos alguns exemplos de pessoas que impõe a ética em suas vidas e as que não impõe, tendo como exemplo a obra de shakespeare , "OTELO", o personagem Iago, que é um sinonimo de ciúme , intriga e inveja, que cobiça aquilo que não lhe pertence, promove intrigas contra otelo, para destruir seu amor por desdemonia, terminando em um final trágico, outro exemplo é o da obra de "HAMLET", na qual o rei láudios , que envenena o próprio irmão, para roubar seu trono e se casar com sua cunhada, e com sua sede de ganancia, ainda pretendia matar seu sobrinho, filho do irmão, personagens que tinham prazer em ver a derrota dos outros, articulando e manipulando a todos, para ter o sucesso e a vitória.</p>
---------	--

Rosa	<p>Desde sempre é um pouco difícil lidar com pessoas diferentes, porém não é impossível. Todos nós temos os comportamentos e pensamentos diferenciados e únicos, por isso temos que saber respeitar os princípios do próximo, temos que ter ética, pois ela é o princípio que cada indivíduo traz desde a infância. É um valor adquirido na relação familiar e no dia a dia também.</p> <p>Nós seres humanos estamos aqui para aprender cada vez mais com o próximo, mas nunca ser iguais, somos diferentes desde a forma de agir à personalidade. Cada pessoa possui seus valores individuais.</p> <p>Somos tão diferentes que em certas coisas achamos que estamos certos e a outra pessoa está errada, porém não existe verdade absoluta, o que é certo para um, pode ser errado para outro, pois nossos valores vêm de berço, são construídos quando somos crianças ainda.</p> <p>Por tanto, ser diferente e ter uma vida ética é ser responsável por suas atitudes, sempre mostrando seu lado bom para contribuir para uma sociedade melhor, seja com atitudes, sendo honestos em qualquer situação e ter coragem de assumir nossos erros e decisões.</p> <p>E nas duas obras de Shakespeare não é diferente. Os personagens têm uma vida totalmente diferente um dos outros, com personalidades diferentes, mesmo um querendo fazer mal para o outro é não assumir aquilo que faz, eles mostram que são bem diferentes e não se deixam levar e nem fazer as mesmas coisas que o próximo, isso mostra uma vida ética bem diferente.</p>
Pinheiro	<p>Pessoas com características diferentes possuem ética não importa se o indivíduo seja negro ou branco, pobre ou rico e bom ou ruim saiba que ele ou ela possui uma vida ética, não é só porque você veio de uma classe média não quer dizer que você não é ético até mesmo pode ser ao contrário pode ser de uma classe superior e não é ético. Cada pessoa diferente possui ou não uma vida ética, pessoas éticas têm consciência do que é errado e o certo.</p> <p>No livro Otelo de Shakespeare, a personagem Desdêmona era bondosa com todos e leal ao marido, e também podemos citar o personagem Cássio leal, companheiro e amigo, sendo enganado pelo Iago e errado com Otelo e tendo coragem de pedir desculpa para Otelo. Esses dois personagens sendo pessoas diferentes e apresentando características diferentes, possuindo uma vida ética.</p>
Jasmim	<p>Não preciso ser igual a você para ter coisas que você tem, acredita pessoas nascem com um propósito, e cada um tem um. Por que será que você na sociedade precisa ser igual a outra, quando tem oportunidade de ser diferente fica com medo do julgamento.</p> <p>Hamlet fez a escolha de ser uma pessoa diferente mas não foi para o bem, quis ser considerado a tragédia.</p> <p>no mundo escolhemos quem vamos ser na vida bem ou mal a gente que se torna uma pessoa diferente.</p>
Sálvia	<p>As pessoas que têm uma vida ética são diferentes, costumam ser elegantes, educadas, honestas e gentis. A ética é um princípio que cada indivíduo traz consigo desde a infância, é um valor adquirido na sua relação familiar e cotidiano de sua existência.</p> <p>A pessoa que adquire o comportamento ético, que rege suas atitudes na sociedade em que vive. O comportamento ético conduz a pessoa a fazer o que considera importante em sua vida. Desdêmona foi ética na história sendo fiel e transparente com Otelo.</p>

OFICINA 7: OS PERSONAGENS SHAKESPEARIANOS AUXILIANDO NA VIVÊNCIA ÉTICA

<p>Loureiro</p>	<p>Um dos personagens de shakespeariano na vivência ética e o personagem Iago pois ele era um vilão que gostava de usar as pessoas ao seu redor. Iago é considerado honesto pelos outros que o cercam. As outras pessoas em sua volta são marionetes em sua mão. Iago foi um dos personagens que auxilio na vivência ética pois encontramos diversas pessoas com a mesma características de Iago, que usam seus amigos para seus afazeres.</p> <p>Desdêmona se apresentou gentil, dedidaca ,bondosa e leal. Logo desdêmona se demonstrou, mentirosa, invejosa e ambiciosa fazendo de tudo para prejudicar Otelo por não ter dado o que ela queria. Desdêmona auxilio na vivência ética pois não importa se nois conhecermos pessoas gentil e bondosa em algum momento essa pessoa irá mostra seu lado escuro.</p> <p>Brabâncio apresentou-se bastante racista por uma pessoa negra como Otelo esta em um relacionamento com sua filha Desdêmona. Cássio se demonstrou leal, companheiro e amigo, mas assim como Otelo foi ingênuo sendo enganado por Iago. Em Hamlet podemos falar de Horacio ele se demonstrou amigo de Hamlet no desenrolar de toda a trama.</p>
<p>Palmeira</p>	<p>Sabemos que ter uma vida ética e muito importante nos dias de hoje, pois o mundo de hoje em dia tá tão Desigual, tão sujo, mais pessoas com a moral ética pode transformar passa uma ideia nova para a sociedade, no livro de Shakespeare existem diversas virtudes, uma delas é a lealdade, lealdade nos dias de hj e muito importante pois não é em todo mundo que se pode confiar, certa vez me decepcionei com uma amiga pois contei coisas da minha vida para ela, e ela não foi leal a mim, mesmo assim eu tiver a virtude do perdão e perdoei ela, foi um aprendizado para ela e para mim amadurecemos</p>
<p>Mimosa</p>	<p>Nos livros vemos personagens que possuem virtudes tais quais os torna diferenciados, que poderiam ajudar no século em que vivemos Virtudes que poucas pessoas possuem no nosso dia-a-dia e precisam muito das vezes de incentivos ou até uma pessoa como "espelho" para que passem a pratica-las.</p> <p>Possuindo qualidades na qual os fazem ser eticos,os personagens Horácio, Rosencrantz,Guldenstern, Ofélia,Cássio entre outros ,possuem, sabedoria amor ao próximo, caráter ,personalidade,lealdade etc, auxiliariam na convivência da nossa sociedade ,pois faria pessoas passar a refletir e pensar em cada atitude e no próximo ,se conscientizar de cada atitude de mà fé,mudando seu comportamento e tendo o prazer de querer te uma vida ética , na qual positivamente mudaria seu interior e caráter, diminuindo fatos negativos logo após viria a melhora da diminuição de muitos fatos negativos.</p> <p>A convivência entre os seres humanos melhoraria se tais virtudes que esses personagens possuem fossem vivenciadas no século XXI</p>

Flor de Lotus	<p>Os personagens de Shakespeare, apesar de serem fictícios, tem uma grande ligação com os defeitos e qualidades que os seres humanos têm, como a falta de caráter de Iago (sub oficial de Otelo) e Cláudio (tio de Hamlet), a inocência de Desdêmona (esposa de Otelo) e Ofélia (amada de Hamlet) e a busca por vingança de Otelo (Mouro de Veneza) e Hamlet (príncipe da Dinamarca).</p> <p>Conseguimos ver nas duas obras que Cláudio e Iago não foram pessoas virtuosas, foram pessoas desonestas, falsas, mentirosas e egoístas. Acharam que podiam conseguir o que queriam, mesmo que fosse de uma forma ruim e desonesta. E isso realmente acontece fora dos livros, pessoas são tomadas pela luxúria e inveja, querendo sempre ser uma mais poderosa que a outra, e acabam desviando-se do caminho certo, acabam perdendo o caráter e machucando as pessoas. Pessoas como Cláudio e Iago não conseguem ter uma vida boa, porque não são bons, não são honestos, não são justos, não tem empatia.</p> <p>O mundo precisa de pessoas com atitudes boas e sensatas ou sempre haverá tragédias como as dos livros.</p>
Hortência	<p>Auxiliando por moral se entendem os bons costumes e por ética, a ciência da moral , mas vivência moral e a ética de interpenetram e interconectam entre elas. Às vezes, uma é causa ou efeito da outra. E elas, com as devidas exceções, são instáveis. Apesar da ética se nortear, geralmente pela moral , ambas, como decorrer dos tempos se modificam, assumindo a ética um papel mais ativo, enquanto a moral é se torna mais passiva. É a moral é mais objetiva.</p> <p>Hamlet é o príncipe da Dinamarca, filho do já morto Rei hamlet e sobrinho do presente Rei dinamarquês, Cláudio. Cláudio é rei da Dinamarca, eleito ao trono após a morte de seu irmão, o Rei Hamlet .Cláudio casou-se então com Gertrudes, esposa do seu falecido irmão.</p> <p>Polônio é o primeiro ministro, conselheiro do Rei Cláudio.</p> <p>Laertes é o filho do Polônio , e está retornando de Paris para Elsinore.</p> <p>Ofélia é a filha de Polônio, é irmã de laertes, que vive com seu pai em Elsinore. Ela é apaixonada pelo príncipe Hamlet, e podemos dizer que por fim morreu de amor.</p>
Orquídea	<p>Os personagens do livro de shakespeare tem como auxílio passar uma realidade em sua vida ética, porém também mostra as falhas dos personagens,uma lembrança disto é Otelo onde busca sempre a virtude . Mais por meio de tanto ciúme acaba matando sua amada , e até mesmo a Emília mulher de Cássio quando deu o lenço para Iago só pensando em seu bem , sem ao menos pensar duas vezes antes de entregar o que não é seu por direito</p> <p>A vida ética tem que está em pratica porque a ética e um firme propósito entre pessoas , para se viver melhor</p> <p>Mais era o que Iago não queria , um homem que só pensa conquista , passando por cima de otelo deixando seu orgulho falar mais alto , capaz de atingir a otelo no seu ponto fraco , que e o amor a Desdêmona , sendo infiel a sua amizade , ferindo a ética</p> <p>Cássio um bom amigo de Otelo acaba sendo ferido pelas armadilhas de Iago</p> <p>E o que a etica sempre presa menos conflitos , para que possamos viver melhor</p>

Magnólia

Ética é aquilo que pertence ao caráter, ou seja, você age com ética conforme o seu caráter. Ambos são construídos com o passar dos anos e da vida de uma pessoa. Agir com ética é agir de forma justa e correta, ir além das suas próprias prioridades. Ética é olhar não somente para si, mas também para o outro. É enxergar o certo e agir conforme ele.

Emília, personagem do livro Otelo, decide utilizar de sua ética para dar conselhos a Desdêmona. A personagem diz para a amiga que ela deve confrontar o marido Otelo, e que a mesma não deveria ser submissa a ele. Já Desdêmona, demonstra sua ética ao confirmar para seu pai, Brabâncio, que sim, ela tinha se apaixonado por Otelo e que não houve bruxaria nenhuma, e que a cor de sua pele não interferia no que ela sentia por ele. Já Cássio, com toda sua ética e honestidade perante ao rei, mesmo sofrendo uma calúnia feita por Iago, e perdendo seu posto de tenente, se mantém firme e não deixa suas virtudes de lado. Cássio fica no lugar de Otelo, após a morte do mesmo.

No livro Hamlet, o personagem principal, filho do rei morto, usufrui de sua ética para fazer com que o tio, confesse que matou o rei para tomar seu lugar. Todo o plano foi planejado de forma racional e cautelosa. A mãe de Hamlet, Gertrudes, utiliza-se de sua ética para enfrentar o atual marido e defender seu filho, afirmando que o mesmo não estava louco e somente estava sofrendo pela morte súbita do pai.

Todas as atitudes dos personagens de Shakespeare citados acima, podem servir de exemplos para auxiliar em uma vivência ética.

Iris

Iago - Tinha falta da virtude da honestidade. Ele era mentiroso e pensava apenas em si. Como fez com Cássio e Rodrigo. Contando mentiras para Otelo, para que o mesmo brigasse com o amigo. E como fez com Rodrigo, pegando suas coisas para si ao invés de dá-las para Desdemôna.

Polônio – Possuía a virtude da fidelidade, por ser fiel e companheiro á Claudio. Essa virtude é uma das mais importantes, na minha opinião, até porque, ser fiel é ser verdadeiro.

Horácio – Possui a virtude da amizade, pelo o mesmo ser tão amigo de Hamlet, o apoiando sempre em suas ações. A virtude da amizade é importante, porque ela te possibilita a criar laços fortes por alguém.

Emília – Também possui a virtude da fidelidade. Até roubar o lenço de sua amiga, Desdemôna, para ser fiel á seu marido, Iago, á mesma fez.

Desdemôna – Possui a virtude do amor. Amava tanto seu esposo, Otelo, que foi contra ao seu próprio pai para ficar ao lado de seu amado. A virtude de amar é se permitir ter um carinho mais forte por alguém, é até muitas vezes, fazer coisas pensando apenas em seu amado.

Desdemôna- Suas atitudes de lealdade e sinceridade do amor por Otelo que foi rompido por Iago através de mentiras e invejas levando a morte por seu verdadeiro amor ao general veneziano.

Cássio- General de Veneza e amigo leal de Otelo, foi acusado injustamente de ter traído Otelo por Iago que não aceitava o cargo de general dado pela amizade, achando assim que deveria ser entregue para a pessoa que esta mais tempo.

Emília- Ao Iago induzir Emília a roubar o lenço de Desdemôna dizendo assim que havia presenteado Cássio o seu suposto amante para Otelo, com um plano cruel com Iago para obter o cargo de general sendo desleal com sua amiga Desdemôna.

Hamlet- Queria justiça por seu pai ter sido envenenado por seu tio para tomar seu trono e sua mulher.

Horácio- sincero e leal com sua amizade com Hamlet sempre apoiando as decisões e sendo confidente na amizade.

Alguns personagens das obras de Shakespeare, nos mostra exatamente como viver com ética, outros nos mostra o que não devemos fazer em momento algum, podemos tirar muito conhecimento dos livros, conhecimento esse, muito importante para levarmos conosco.

Hamlet se mostrou ético e amigo dos outros, isso é um belo exemplo que pode nos ajudar muito. O personagem de Iago nos mostrou tudo aquilo que não devemos fazer de jeito nenhum. A querida Desdemôna, sempre muito fiel, gentil, bondosa e muito amiga, sempre disposta a ajudar o próximo, um exemplo e tanto a ser seguido, Horácio muito amigo de Hamlet um belo exemplo de lealdade, por fim, Cássio, sempre amigo e honesto.

Todos esses personagens nos mostra e nos ajuda, o que levamos e o que não levamos para vida, lendo Shakespeare temos muito auxílio do que é uma vida ética

Jasmim	<p>Vivencia ética tem haver com valores morais, responsabilidade , democracia e ética.vivencia ética fundamentais para a formação do cidadão e devem ser preocupação constante no processo ensino aprendizagem.</p> <p>Horácio era um amigo e leal o que ele auxiliando na vida ética amizade leal , um espelho de amizade .</p> <p>Laertes foi um homem sábio e verdadeiro em tão poucas palavras.</p> <p>Cassio era muito amigo de Otelo , ele era companheiro e sendo fiel .</p> <p>Hamlet sempre mostrando respeito e generosidade ,aonde auxilia demais na vida ética.</p> <p>Otello tinha um grande coração , e era um homem de bom coração com todos que precisava dele .</p> <p>Desdemona tinha um amor puro e sincero por Otelo ,cada um teve uma ética no livro, cada um teve um exemplo a esse seguir</p>
Tulipa	<p>Shakespeare traça um paralelo entre suas histórias e a realidade. Podemos dizer que os personagens Shakespeareanos são caricaturas da humanidade, versões exageradas em emoções e sentimentos, de forma que possamos refletir sobre a nossa própria ética. Não é raro nos depararmos com personagens exageradamente rancorosos, ciumentos, possessivos, apaixonados, dentre outras definições, era desta forma que Shakespeare traçava um paralelo entre a literatura e a realidade.</p> <p>Em muitas das histórias, podemos também nos identificar com certo sentimento, atitude ou gesto, com o jeito exagerado e ciumento de Otelo em mostrar seu amor por Desdemona, e é com esse contrato social entre autor-leitor que Shakespeare nos fazia refletir sobre questões, por vezes, diárias e mundanas. Com seus jeitos e formas exageradas, seus personagens de Otelo e Hamlet eram frutos da realidade da época, da sociedade daquele determinado momento.</p>

Begônia

Temos muitas pessoas, que nos ajudam em inúmeras coisas em nossas vidas , pessoas que nos dão bons conselhos, auxiliando na nossa aprendizagem como os professores, nossos pais nos educando, como na vida real temos essas pessoas que nos ajudam a ser melhores. Esses mesmos ensinamentos estão em livros de shakespeare "OTELO", uma história com um final trágico, mas com muitos ensinamentos valiosos, citarei tres personagens do livro Otelo que presenciaram a ética em sua vida, o primeiro deles é Otelo, com sentimentos nobres por sua bela Desdemona.

Mesmo tendo preconceitos em relação a sua cor, Otelo não mudava sua postura diante disso, ele nos mostra que nós (sociedade em geral) não devemos se enfraquecer diante de nossos problemas. o segundo personagem é Desdemona, uma bela moça, delicada , gentil e bondosa com todos , e era inteiramente fiel a Otelo, Desdemona auxilia em nossa vida, por meio da gentileza, tratando todos igualmente, a bondade, ajudando quem mais precisa e o mais importante, ser fiel a quem amamos, ser verdadeiro, ter cumplicidade e confiança. e o terceiro é Cassio, que tinha relações amigáveis com Otelo e Desdemona, Otelo tinha confiança em Cassio, porque Otelo sabia que cassio era um rapaz do bem.

Mas Cassio se vingou de Iago por conta de suas artimanhas, temos em conta que isso não foi um ato apropriado, mas Cassio tem suas virtudes e uma delas é a confiança, porque quando temos confiança em alguém, conseguimos nos desabafar, conversar, cassio nos auxilia que mesmo sendo injustiçado, devemos manter nossa confiança em nós, na qual aconteceu , cassio acusado de estar com fins amorosos com Desdemona, mesmo assim Cássio, possui o cavalheirismo e o respeito.

Outro livro da mesma obra de shakespeare "HAMLET" , na qual um personagem que possui virtudes marcantes é Horácio, que é amigo do príncipe hamlet, ele ajuda hamlet que está ficando enlouquecido pela morte de seu pai, Horacio ajuda ele em conselhos, sendo fiel a seu amigo, ele nos auxilia em ser éticos, ter uma boa conduta de si mesmo, tendo confiança em nós mesmos, sendo respeitadores, u, individuo com cada um desses elementos tem o poder de edificar o outro e promover a ética a esta pessoa e com isso o mundo será melhor e mais democrático.

Alfazema	<p>Os personagens das obras de Shakespeare, em Otelo e Hamlet poderiam conseguir fazer uma relação entre os acontecimentos ocorridos atualmente, pois o que foi retratado nas duas obras também continuam sendo assuntos recorrentes do nosso dia a dia. Ciúmes. Inveja. Soberba. Traição. Deslealdade. Cobiça. E claro além de muitos outros. Mas onde é que os personagens éticos tanto de Otelo quanto Hamlet iriam atuar nesse meio atualmente? Ofélia e Horácio com seus corações repletos de virtudes iriam conseguir através da gentileza e sinceridade resolver conflitos e apaziguar situações terríveis. Mãe de Hamlet mesmo tendo sido desleal ao seu marido e o ter traído, ainda assim foi leal com seu filho e tentou salvá-lo uma última vez, nunca deixando seu papel de mãe para trás. Ela poderia ajudar dando exemplos as mães do cotidiano que nunca deve abandonar seus filhos. Emília mesmo cometendo o erro em possuir algo que não era dela, como o lenço da formosa esposa de Otelo, não teve a malícia por trás e acabou confessando depois, Emília é um grande exemplo que mesmo cometendo erros acidentalmente é preciso coragem para confessa-los independente das consequências, o que é uma grande forma de mostrar aos políticos corruptos que cometem crimes com a consciência disto, ou não. Desdêmona com seu coração tão gentio, sereno, limpo de toda a iniquidade é perfeita para mostrar que mesmo sendo injustiçada, humilhada, e com toda sua vida sendo arruinada foi correta e ética tentando mostrar a sua inocência e nunca desistindo da sua absolvição, o que ajudaria a todos os injustiçados a sempre buscarem por suas vidas livres e completamente justas. Todos esses personagens também tiveram falhas, mas seus acertos falaram mais altos, pois a ética prevaleceu em seus corações.</p>
Rosa	<p>Alguns personagens dos livros mostram uma vida tão honesta, tem outros que nos mostram coisas contrárias que nos fazem pensar que não devemos fazer o mesmo, aprendemos desde pequenos que devemos ter respeito ao próximo e acima de tudo ser honesto, saber assumir seus erros, reconhecer o que fez e colocar a cara a tapa por aquilo que fez. Saber defender seu posto de vista sem desrespeitar o outro e jamais fazer algo que sabemos que vamos prejudicar algo ou alguém. Devemos agir de forma que não prejudique ninguém, que acrescente coisas boas para sociedade.</p> <p>Nas obras de Shakespeare uns mostram uma boa coisa de sua vida, tem outros como "Iago, no Livro Otelo" que faz de tudo para prejudicar o próximo, acreditamos que jamais devemos ser assim, devemos fazer para nós, mas sempre pensando no próximo também. No livro de "Hamlet", Desdemona sempre amiga, gentil com os outros, Hamlet sendo sempre amigo e corajoso, Horácio muito leal a Hamlet e tem o Cassio também, sempre amigo das pessoas, sempre honesto, esses sim acrescentam muito em minha vida.</p>
Pinheiro	<p>No livro pode se notar que os personagens apresentam virtudes e vícios, os vícios são coisas muito ruins mas auxiliaram na minha vivência ética como o personagem Otelo podemos ver que a virtudes dele complementaram e me auxiliaram a ter coragem e podemos ver que o personagem Iago mesmo tendo vícios me auxiliou a não ser invejoso e avarezo com as pessoas a minha volta, também podemos citar o personagem o príncipe Hamlet que é justo diante de saber eu ai o rei Hamlet foi morto pelo seu tio, a personagem que também posso citar é a Desdêmona se como ser bondoso com todos e leal com os outros e também o personagem Cássio pela sua coragem. Os personagens me auxiliaram a mais ser virtuosos e ficar de olhos abertos sobre os vícios que são uma coisa ruim para a vivência ética.</p>

Violeta	<p>Dêsdemona e Ofélia são personagens de obras diferentes, mas tem algo em comum, são apaixonadas por seus príncipes. Dêsdemona uma mulher íntegra, mesmo com Iago plantando discórdias e intrigas para ficar com ela, continua leal ao seu marido. Ofélia tão sofrida depois da morte de seu pai e do afastamento do príncipe. Então ela própria enlouquece. Emília que ao final do livro de Otelo confessa toda verdade sobre seu marido. Ela teve um ato de coragem e ética, pois podia ter escondido as coisas que seu marido havia feito de ruim. Vou levar para minha vida inteira essa grande atitude. Um bom exemplo do que não seguir são as atitudes de Iago, um homem corrupto e falso, manipulador. E Cláudio, que tirou uma vida para conseguir o que queria e ainda pior, de seu próprio irmão. Absorvi coisas boas e as ruins me serviram de exemplos e lição.</p>
Helicônia	<p>Otelo, Desdemona, Cássio, Hamlet e Horácio A ética é uma das coisas mais importantes em forma de respeito, parceria, amizade e no convívio social, para um bom relacionamento na vida de todos, precisa-se de ética nos dias atuais, pode ser considerado como uma forma de atitudes pois é ela quem moldará nosso caráter, nossos valores é ela que nos ensinará a seguir regras e é ela que nos dá referências. por isso escolhi esses cinco personagens dos livros de Shakespeare, começando com Otelo um grande homem com um coração muito bom para com todos, Desdemona com um amor lindo e puro por Otelo, sem olhar para as diferenças entre eles, Cássio melhor amigo de Otelo, sendo fiel respeitador, Hamlet um príncipe corajoso e muito justo e Horácio grande amigo de Hamlet mostrando sempre respeito e generosidade</p>

Carvalho	<p>A ética se refere á boa conduta humana do bem e do mal, do certo ou errado, de acordo com cada costume, comportamento e cultura de cada região. Na história de Otelo, o Mouro, Emília, esposa de Iago, sabendo que sua senhora fora assassinada revelou a Otele, Ludovico e Montano que tudo isso foi tramado por seu marido e que Desdêmona jamais fora infiel. Relativo à vivência ética, é possível afirmar que Emília é um exemplo, pois em nome da honra de seu senhora ela enfrenta o marido, revelando a Otelo que Yago o está enganando. Podemos perceber que devemos ter atos de Coragem e Honra para sermos verdadeiros e justos assim como Emília que no final ganha importância.</p> <p>A ÉTICA SE REFERE Á BOA CONDUTA HUMANA DO BEM E DO MAL, DO CERTO OU ERRADO DE ACORDO COM CADA COSTUME, COMPORTAMENTO E CULTURA DE CADA REGIÃO. NA HISTORIA DE OTELO O MOURO EMÍLIA, ESPOSA DE IAGO, SABENDO QUE SUA SENHORA FORA ASSASSINADA REVELOU A OTELO, LUDORICO E MONTANO QUE TUDO ISSO FOI TRAMADO POR SEU MARIDO E QUE DESDÊMOMA JAMAIS FORA INFIEL. RELATIVO Á VIVÊNCIA ÉTICA, É POSSÍVEL AFIRMAR QUE EMÍLIA É UM EXEMPLO, POIS EM NOME DA HONRA DE SUA SENHORA ELA ENFRENTA O MARIDO, REVELANDO A OTELO QUE YAGO O ESTA ENGANANDO. PODEMOS PERCEBER QUE DEVEMOS TER ATOS DE CORAGEM E HONRA PARA SERMOS VERDADEIROS E JUSTOS ASSIM COMO EMÍLIA QUE NO FINAL GANHA IMPORTÂNCIA</p>
Jatobá	<p>Ao longo de nossas vidas notamos que todos temos características diferentes. Com as obras shakesperiana notamos que alguns personagens tem atitudes, características ou virtudes que temos ou podemos tirar proveito.</p> <p>No livro Otelo, o personagem Otelo, de caráter, atitudes e sentimentos nobres foi bastante discriminado por conta de sua aparência e cor, o personagem se demonstrou muito ingênuo ao cair na lábia de Iago. Desdêmona se apresentou gentil, delicada bondosa e leal, sendo sempre bondosa com os outros e leal ao seu marido(Otelo). Iago demonstrou ser vil, mentiroso, invejoso e ambicioso fazendo de tudo para prejudicar Otelo por conta de não ter dado o cargo que ele pensava ser merecedor. Cássio se demonstrou leal, companheiro e amigo, mas assim como Otelo foi ingênuo sendo enganado por Iago. Em Hamlet podemos falar de Orácio ele se mostrou amigo de Hamlet no desenrolar de toda trama. Algumas virtudes são essências para uma vida ética e outros vícios que podemos descartar, em si as obras de Shakespeare trás grandes reflexos para nossa vida, fazendo ter uma perspectiva melhor da nossa vida ética.</p>

Bardana	<p>Desdêmona- Suas atitudes de lealdade e sinceridade do amor por Otelo que foi rompido por Iago através de mentiras e invejas levando a morte por seu verdadeiro amor ao general veneziano</p> <p>Cássio- General de Veneza e amigo leal de Otelo, foi acusado injustamente de ter traído Otelo por Iago que não aceitava o cargo de general dado pela amizade, achando assim que deveria ser entregue para a pessoa que esta mais tempo.</p> <p>Emília- Ao Iago induzir Emília a roubar o lenço de Desdêmona dizendo assim que havia presenteado Cássio o seu suposto amante para Otelo, com um plano cruel com Iago para obter o cargo de general sendo desleal com sua amiga Desdêmona .</p> <p>Hamlet- Queria justiça por seu pai ter sido envenenado por seu tio para tomar seu trono e sua mulher.</p> <p>Horácio- sincero e leal com sua amizade com Hamlet sempre apoiando as decisões e sendo confidente na amizade.</p>
---------	--

Anexo 38

Oficina 8: A VIRTUDE DA HONESTIDADE E A VIDA HARMONIOSA

Palmeira	<p>Te uma vida bem sucedida com estabilidade na família, no mundo que vivemos dá um simples sorriso ou um bom dia isso pode ser muito gratificante para o próximo é a si mesmo se edifica de coisas boas ter uma calma na alma, saber o momento certo de prática a virtude da justiça com pulso forte e sinceridade, no livro de Otelo a Cássio e bem sucedido um cara de responsabilidade porém ele tem a cabeça fraca, te a cabeça fraca hoje em dia isso pode ser ruim pois qualquer um pode chegar e influenciar a mim ou até você mesmo, nossa sociedade precisa se edifica de coisas boas, ter umas moral ética.</p>
Jatobá	<p>Ser honesto significa escolher não mentir, roubar, enganar ou trapacear de modo algum. Quando somos honestos, desenvolvemos a força de caráter que irá nos permitir prestar grande serviço ao próximo. Tendo em vista que a honestidade nos torna apto para trabalharmos em grupo. Honestidade é essencial para uma vida harmoniosa em sociedade. Temos por exemplo a personagem Desdêmona que em todo momento no livro de shakespeare é descrita como uma jovem de beleza esplêndida, era justa, simpática e honesta com todos que viviam com ela, por conta de sua honestidade e simpátia todos ao seu redor eram cativados.</p>

Pinheiro	<p>A honestidade é ser digno de confiança aos olhos das pessoas ao nosso redor, a honestidade implica em tratar tudo e todos com a verdade quando somos verdadeiros com as pessoas descobrimos que somos verdadeiro consigo mesmo; ser “honesto” geralmente exige coragem e sacrifício especialmente quando outros tentam persuadir-nos ao comportamento desonesto. Por outro lado, se formos desonesto em nossas palavras ou ações e se roubarmos, enganarmos e trapacearmos vamos nos prejudicar e magoar outras pessoas nossos relacionamentos com familiares e amigos, e descobriremos que as pessoas não confiam mais em nos perderemos nosso respeito próprio, a honestidade resulta em paz duradoura com as pessoas e consigo mesmo sua vida se torna harmoniosa. Uma vida harmoniosa é ser feliz aproveitar a vida estar conectada a natureza como por exemplo: as árvores as plantas o meio ambiente em si estar conectada a ela é uma ótima forma de vida harmoniosa esta com harmonia na natureza, mas também esta com harmonia entre as pessoas entender profundamente elas não magoá-las, respeita-las, não brigar por bobagens, não ser egoísta e não ser desonesto. Mesmo quando estiver passando por uma situação ruim na vida estar feliz e melhor forma de passar desta situação ruim não é só estar com harmonia com as pessoas e a natureza mas é estar de harmonia consigo mesmo. No livro Hamlet de Shakespeare, o personagem Horácio é um grande amigo do príncipe Hamlet demonstra que é verdadeiro quando diz ter visto o fantasma de seu pai Hamlet acredita mas queria ver com seus olhos e viu, Horácio foi verdadeiro e honesto em ter dito a verdade isso e se honesto.</p>
Loureiro	<p>A virtude da Honestidade significa ser uma pessoa sincera, verdadeira e sem falsidade com as pessoas ao seu redor o tempo todo se formos honestos em todos os aspectos, teremos paz em nossa consciência e manteremos o respeito próprio. É sermos dignos de confiança aos olhos das pessoas ao nosso redor.</p> <p>A honestidade é uma virtude que está dentro de cada um, nascemos e morremos assim mas podemos muito bem aniquilá-la a medida que agimos contrariamente. Um personagem de Shakespeare que possui a virtude da honestidade é o Cássio que se demonstrou honesto aos seus companheiros e amigos</p> <p>A vida Harmoniosa significa viver feliz ao seja a harmonia é uma sensação de estarmos junto um com os outros mas também junto de si mesmo. Torna-se uma pessoa feliz e traz a harmonia.</p> <p>Para termos harmonia interior, devemos aceitar o dukkha ao seja nossos momentos infelizes ou até felizes como parte integral do ser humano.</p> <p>Para nós seres humanos alcançarmos a harmonia devemos criar a harmonia e isso acontece dentro de nós mesmo. Isto não requer nenhuma situação especial, mas pode ser feito por meditação, criar um sentimento harmonioso em nós depende de estarmos contentes. De outra forma haverá desarmonia</p>

Orquídea	<p>A honestidade e o leve pensamento de entender o caráter de uma pessoa e o que me faz entender a vida da forma que ela é seja ela qual for a classe que estiver</p> <p>Honestidade e o que vc passa aprender o que é certo e errado juntamente com a harmonia da vida , não apenas com a vida mais com seus sentimentos e aprender a respeitá-los para viver uma vida melhor respeitando o espaço do outro sem nenhuma troca de favor a entendendo a prioridade de uma vida virtuosa</p> <p>A sensibilidade de otelo e de Desdêmona de se casarem foi a pura Harmonia de amor , sendo honesto com seus sentimentos mesmo de maneira surpresa</p> <p>Honestidade e sim a harmonia para se viver uma vida repleta de virtude É muito amor</p>
Hortência	<p>Honestidade significa escolher não mentir, roubar, enganar ou trapacear de modo algum. Quando somos honestos, desenvolvemos a força de caráter que irá nos permitir prestar grande serviço alguém e ao próximo na vida harmoniosa e saber agir para o bem de todos, ela tem rato para lidar com as mais diversas diferenças entre as pessoas .</p> <p>O príncipe Hamlet era muito inteligente, apaixonado, covarde, orgulhoso, vingativo, ambicioso e honesto. Hamlet tem um destino a cumprir precisa cumprir sua palavra e vingar a morte do pai. Mas Hamlet questiona-se , hesita antes de agir, mostra-se, uma vez corajoso e decidido, e outras medroso e indeciso. Talvez seja essa ambiguidade e que torna Hamlet tão próximo do público.</p>
Salvia	<p>A virtude da honestidade não limita os nossos caminhos, nos da liberdade de escolher e caminhar. A desonestidade nos afasta de amigos e familiares que se sentem envergonhados quando escolhemos não ser honestos.</p> <p>Acredito que seja difícil viver em paz sendo desonesto, pois quando somos honestos temos a verdade do nosso lado e não aceitamos mentiras e estamos longe de maldade. Assim como Iago não foi honesto com sua própria esposa Emília, usando ela para tramar contra Otelo.</p>
Violeta	<p>E, quantas vezes não contamos aquela mentirinha pequena achando que não fosse dar em nada? Eu, muitas vezes e já me decepcionei bastante por conta disso. Pois me incomodou bastante interiormente aquela "mentirinha". E entendi que por mais que a mentira venha nos trazer algum benefício devemos sempre ser honestos, tanto com os outros , para uma relação mais harmoniosa com as pessoas ao nosso redor , quanto para nós mesmos.</p> <p>Ao ler o livro de de Otelo, de Shakespeare havia um personagem chamado Iago, ele era muito habilidoso em manipular as pessoas. Ao decorrer da peça, Iago vivia com a máscara da honestidade, mas na verdade, ele é desonesto. E sua maldade levou o pobre Otelo a ruína. Se Iago ficou arrependido depois do que fez, eu não posso fazer dizer</p> <p>Mas sei que todo esse acúmulo de ódio e inveja não faz bem a ninguém. Achei interessante esse final , pois nos mostrou que nem todo final é feliz.</p>

Flor de Lotus	<p>Podemos ver que cada pessoa é totalmente diferente uma da outra, tem a criação diferente, opiniões, etc. Mas se cada pessoa tiver noção e saber respeitar as divergências dos outros, todos podem viver em harmonia.</p> <p>A forma que conseguimos conviver socialmente diz muito sobre a nossa ética, porque lidar com pessoas diferentes não é fácil, mas se houver respeito e empatia, tudo pode melhorar, porém tudo depende da forma que agimos e das atitudes que tomamos.</p> <p>Em Otelo, conseguimos ver que as atitudes de Iago (sub oficial de Otelo) foram ruins, ele não soube respeitar Otelo (mouro de Veneza), nem as decisões de Desdêmona (esposa de Otelo) ao aceitar se casar com Otelo e fez com que acontecesse um episódio triste na vida de todos.</p>
Magnólia	<p>Sabe-se que uma das virtudes essenciais para se ter uma vida harmoniosa, é a honestidade, pois ela serve de base para todas as outras virtudes. A harmonia entre pessoas, por exemplo, tem-se como foco uma relação a base da sinceridade e honestidade.</p> <p>No livro Hamlet, temos uma cena em que a honestidade de Laertes, golpeado por Hamlet, fala mais alto. Quando ambos estão caídos no chão, feridos, após uma luta de espadas, Laertes conta para o personagem principal, todo o plano assassino planejado pelo rei Claudius. Se esta confissão tivesse ocorrido antes dessa luta que terminou em uma tragédia, certamente a convivência entre os personagens poderia ter sido em harmonia.</p> <p>Na obra Otelo, a cena em que podemos observar uma atitude de honestidade, é quando Emília conta para Otelo que ela foi quem achou o lenço de Desdêmona, e ingenuamente entregou para Iago. Sendo assim, Desdêmona não havia entregue o presente que tinha ganhado de seu marido Otelo, para Cássio. Situação esta que levou com que Otelo matasse sua esposa, achando que ela havia o traído.</p> <p>Se a personagem de Emília tivesse contado antes, que tudo não passou de uma armação de Iago, certamente existiria uma harmonia entre os personagens, gerando assim um final diferente do que o que a obra teve.</p> <p>Como podemos ver nos dois livros citados acima, a honestidade é o que traz a harmonia nas relações e também em todas as outras coisas. As situações ocorridas nas obras, poderiam ter sido evitadas caso os personagens tivessem sido honestos desde o início e assim, proporcionando uma vida harmoniosa para todos.</p>
Iris	<p>Na minha opinião ser honesto é ser verdadeiro, é fazer as coisas da maneira certa, sem pensar nas recompensas.</p> <p>Como quando você vai comprar algo, e devolvem dinheiro a mais, e você por saber que é o certo, devolve.</p> <p>Mas ser honesto não é apenas isso, podemos ver alguns outros exemplos disso nas obras de Shakespeare.</p> <p>Cássio sempre foi honesto e tentando ajudar Otelo e a todos.</p> <p>Já em Hamlet, temos Horácio, melhor amigo de Hamlet, o mesmo era sincero e verdadeiro com seu amigo, tentando o ajudar sempre.</p>
Bardana	<p>Ser honesto é saber o que é certo e errado, e saber diferencia-los para ter uma vida mais agradável para você e para as pessoas ao seu lado. Ser desonesto com ações pode prejudicar, muitas das vezes magoar o próximo que espera tanto de você mas no fim se decepciona. Felicidade é a chave para abrir as portas para um belo futuro através de virtudes sendo mais harmoniosas. Como Desdêmona que seu amor por Otelo lhe trazia felicidade, por parte sendo honesta em todas as atitudes.</p>

Jasmim	<p>Honestidade, respeito, honra e Confiança envolve a palavra honestidade está ligada em outras. honestidade é uma das coisas mais linda que uma pessoa pode ter . honestidade é lutar por aquilo que você ê disse ou pensa , honestidade é a expressão de viver a verdade honrar as sua virtudes.</p> <p>Hormoniosa é preciso ser feliz com voce mesma,saber lidar com todas as pessoas na sua volta.</p> <p>Horácio era honesto porque o amigo dele estava errado é ele não defendeu só porque era amigo.</p> <p>Desdemona teve uma vida harmoniosa , porque ela tinha um amor pura e sincero .</p>
Iris	<p>Devemos sempre buscar a honestidade para termos uma vida harmoniosa.</p> <p>Ser honesto tem muitas vantagens,além de se manter virtuoso e no caminho do bem, ganhando a confiança das pessoas que vivem ao nosso redor.</p> <p>Hoje em dia tá muito difícil viver em harmonia por causa de outras pessoas,tudo influencia nosso dia-a-dia,por isso temos que pensar em melhorar,para nós mesmos e para os outros também ,assim contribuimos para um mundo melhor para conviver em sociedade.</p> <p>Podemos aprender a ser honesto e viver em harmonia,na obra de Shakespeare (Otelo) temos um personagem que podemos tirar muitas coisas boas,Cássio,sempre foi honesto e sempre viveu em harmonia com os demais,ele é um bom exemplo a ser seguido</p>
Mimosa	<p>Parando para pensar,vemos q uma coisa auxilia na outra,pois vc possuindo a virtude da honestidade vc vive em harmonia com seu proximo</p> <p>.A virtude da honestidade é uma das mais difíceis de se achar em alguém hj em dia é uma qualidade que esta faltando em muitas pessoas</p> <p>,mas ao buscar ser honesto a pessoa passa q ter um carater bom,melhora o seu eu e o convívio com o proximo, sendo verdadeiro ,correto ,digno ,passando a não fraudar, não mentir e não enganar ninguém.Ao possuir essa virtude a vida em harmonia se torna mais pratica pois a honestidade não será só com si msm e sim com o seu proximo, com isso a vivência tem um resultado de paz,os conflitos diminuem ,a concordância de opiniões e sentimentos entre as pessoas se torna harmônica e equilibrada</p> <p>Vemos os personagens do livro Hamlet onde se destaca Horácio,um personagem honesto com seum melhor amigo,por ser honesto tinha e vivia em harmonia com seu melhor amigo Hamlet</p>
Tulipa	<p>A honestidade é uma das virtudes que todo indivíduo na sociedade deve ter. Ela é, sem dúvida, a mais importante pois sendo honesto todos conseguem viver bem em conjunto, e é isso que as pessoas estão precisando, serem honestos, dizerem a verdade umas para as outras - mesmo que esta possa doer.</p> <p>Um exemplo de honestidade, em Hamlet, é quando Laertes conta para Hamlet a verdade sobre o plano arquitetado pelo Rei Claudius para matá-lo. Outro exemplo presente em Otelo, quando Emília confronta Iago e conta para o Otelo que foi ela que pegou o lenço de Desdêmona, para provocá-lo.</p>

Alfazema	<p>A honestidade é como uma âncora, você precisar estabelecer e fixa-lá dentro de você. Precisa exercita-la todos os dias, sempre praticando-a. Porque sempre haverá pessoas que irão se opor contra isto, que irão ir contra a sua honestidade. E é seu dever ir em frente à isto, pois se não você será levado junto a maré. A vida harmoniosa é composta por muitos fatores, é difícil você conseguir ter a vida harmoniosa todos os dias da sua vida mas assim como a honestidade, você precisa tentar, precisa colocar em pratica pois o mundo não será cada vez melhor se as pessoas esquecerem esses dois valores altamente importantes. Como em Otelo nós podemos observar claramente o quão é sombria e devassa a vida de Iago, pois a inveja e a discórdia tomou posse de seu coração por completo. Assim o personagem tenta de várias formas tomar o posto de Cássio, inventando mentiras sobre a integridade do rapaz. Causando discórdia dentro do casamento de Desdêmona e Otelo, pois tem conhecimento dos complexos que Otelo sofre e usou o seu conhecimento para o mal. A honestidade que ele poderia usar para apenas dizer o quanto ele se sentia mal por não ter conseguido o cargo, ele foi ao contrario disto e causou toda uma tragédia sem fim. A honestidade e a vida harmoniosa que poderia ter sido exercitado na história foi esquecida por completo. Como em Hamlet é notório que a vida harmoniosa que ali havia foi tirada brutalmente, pois seu tio desonesto e invejoso assassina o próprio irmão de forma silenciosa para usurpar ao trono. E não foi honesto para assumir a barbaridade que havia realizado.</p>
Dália	<p>A honestidade significa ser verdadeiro, respeitando ao próximo e a si próprio. Dentro dessa linda virtude podemos destacar outras também: a Honra, a dignidade, a lealdade, a sinceridade e a integridade. Isso tudo nos leva a ter uma vida harmoniosa, sentindo a sensação de estar junto, respeitando as pessoas e os seus espaços, além de tudo, ser virtuoso com elas. Em Otelo, podemos ver que em um momento da peça, todos tem uma vida harmoniosa. Desdemona tem como suas principais virtudes a ingenuidade e a honestidade, que faz acreditar na bondade do mundo. Depois de tantas invejas e narcisismo de Iago, buscando destruir todas as virtudes, Desdemona ainda sim foi fiel, bondosa e honesta com seu marido Otelo, não deixava de tentar ajudar e ser verdadeira para conseguir uma vida harmoniosa com ele e com os demais da obra.</p>

Begônia	<p>A honestidade é a virtude divina que nos permite honrar conscientemente nossas verdades. O ser honesto é aquele que manifesta ações coerentes com suas intenções, que honra aquilo que diz e pensa, e que está integralmente pronto para assumir as consequências de seus atos.</p> <p>A honestidade é uma das virtudes mais importantes para aqueles que ocupam posições de liderança seja na família, no trabalho ou na sociedade, a honestidade é a expressão viva da verdade , e todos aqueles que buscam construir relações duradouras e evolutivas, devem concentrar-se em vivenciar esta atitude sincera de honrar a verdade, que no nosso dia a dia cada um de nós possa manifestar honestidade em nossos pensamentos, na qual sempre mantendo o foco em realizar o bem maior para si mesmo e para todos os seres.</p> <p>Nós seres humanos , quando possuímos essa virtude da honestidade, vivemos de bem com a vida, temos uma vida harmoniosa, aproximando pessoas e com isso somos melhores a cada dia. Na obra de Shakespeare "Hamlet", Horacio , amigo de hamlet ,vive essa virtude em todo o prolongar da obra, uma pessoa amigável com todos, sendo honesto com seu amigo hamlet, ao guardar seus segredos, e obedecendo ao rei que matou o pai de hamlet, um personagem, de bem com si mesmo e sempre sendo símbolo de confiança.</p>
Rosa	<p>Sei que devo sempre ser honesta para ter uma via mais harmoniosa, manter minha consciência tranquila e o meu respeito próprio. Sendo assim, sempre serei digna da confiança das pessoas que vivem ao meu redor. Por outro lado, se eu for desonesta em minhas palavras e atitudes, vou me prejudicar e muitas vezes magoar outras pessoas também, assim, perderei meu respeito próprio, relacionamento com familiares e amigos, deixarei de passar confiança para as pessoas.</p> <p>Ser honesta exige coragem. A honestidade é muito mais valiosa que o alívio momentâneo de segurar para o lado errado. Sendo honesta terei uma grande chance de ter uma vida harmoniosa e cheia de felicidade.</p> <p>Nossas vidas geralmente se estraga porque nos deixamos levar por coisas bobas, ser feliz é a chave de tudo, mas devemos ter caráter, honestidade e respeito a todos para ter uma vida harmoniosa. O primeiro passo em criar harmonia acontece dentro de nós mesmos.</p> <p>Na obra de Shakespeare (Otelo) cassio nos mostra uma vida honesta, harmoniosa e ética, sempre ajudando todos que estão ao seu redor e sendo muito sincero e honesto. E isso nos mostra que ele é um bom exemplo de pessoa no qual deve ser seguido.</p>

<p>Carvalho</p>	<p>HONESTIDADE DESIGNA O ATO DE SER HONESTO, É SER VERDADEIRO E CORRETO ACIMA DE TUDO, HONRAR A SI MESMO E AO PRÓXIMO, A HONESTIDADE É UM FATOS IMPORTANTE PARA SE VIVER EM EQUILÍBRIO E TER UMA VIDA HARMONIOSA. PERCEBE SE O OPOSTO DE HARMONIA NAS HISTORIAS DE OTELO O MOURO E HAMLET. A HONESTIDADE DE EMÍLIA NA HISTORIA DE OTELO MOSTROU SE DE EXTREMA IMPORTÂNCIA PARA A HARMONIA E DESFECHO DA HISTORIA. EM HAMLET A FALTA DE HONESTIDADE GERA GUERRA, ÓDIO E VINGANÇA , NA VIDA TAMBÉM DEVEMOS PROCURAR SER HONESTOS PARA VIVERMOS UMA VIDA HARMONIOSA E NÃO ATRAIR DESAVENÇAS, É POSSÍVEL AFIRMAR QUE AMBAS HISTORIAS TEM TERRÍVEIS TRAGEDIAS PELA FALTA DA VIDA ÉTICA E A VIRTUDE DA HONESTIDADE, SE YAGO EM OTELO O MOURO FOSSE VIRTUOSO E NÃO INVEJOSO A HISTORIA PODERIA SER DIFERENTE.</p>
<p>Helicônia</p>	<p>A virtude da honestidade é uma das mais importantes pois é através dela que vemos e conseguimos conhecer as pessoas.a honestidade não é so falar verdades para as pessoas que não tem aonde morar e o que comer é rir em hospitais e fazer doação seja sanguinea ou de roupas e comidas. ser honesto é algo muito gratificante tanto pra Você do que para os outro, pois a Honestidade muda a pessoa ,tornando mundo praticassem a virtude da honestidade as pessoas viveriam uma vida mais harmoniosa , sem brigas , sem Desrespeito, sem ódio do seu próximo,vivemos num mundo muito melhor com amor,amizade, respeito, generosidade e tudo que há de bom em cada pessoa.como no livro Hamlet seu amigo Horácio era muito honesto para Hamlet pois mesmo ele sendo muito amigo , o Horácio sempre falava a verdade para Hamlet quando ele estava errado</p>